This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

F 274 (Finch)

# THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

# COLLECÇÃO

# DAS OPERAS

## PORTUGUEZAS,

Que se representárão nas Casas dos Theatros públicos do Bairro Alto, e Mouraria,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

## PECUNIA ARGENTINA

Por * * *

## TOMO QUARTO

Contém { Filinto. / Encantos de Circe. / Semiramis. / Encantos de Merlim. }

LISBOA.

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1792.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros*

*Vende-se na mesma Officina.*

Foi taxado este Livro em papel a trezentos e vinte reis. Meza 29 de Outubro de 1792.

*Com tres rubricas.*

# FILINTO
## PERSEGUIDO, E EXALTADO.

Opera que se representou na Casa do Theatro público da Mouraria.

---

### ARGUMENTO.

*Policrates Rei dos Samios, Pai de Filinto e Adastro, por ser mais amante deste, que do outro, o pretendia collocar no Real Throno, não obstante ser filho segundo: o que não levando a bem Filinto, não quiz estar pelo juramento, e por isso julgado por desobediente, era aborrecido do Pai. Elle amava a Irene, Princeza da Persia, que no mesmo Palacio assistia em habitos de homem, e com o nome de Carpio; para ter melhor occasião de matar a Policrates, o que sempre Filinto embaraçava, noticiando a ElRei, que guardasse a vida, por haver traidor occulto; e ElRei julgando pela passada desobediencia ser o mesmo filho o traidor, o mandou prender, e ultimamente matar; do que se livrou por conjuração da plebe, que o acclamou Rei dos Samios. Tudo o mais se verá da contextura da mesma Obra.*

## SCENAS DO I. ACTO.

I. *Templo com Ara, e Simulacro do Sol.*
II. *Camera com hum bofete.*
III. *Gabinete.*

## SCENAS DO II. ACTO.

I. *Parque Real.*
II. *Sala Regia com cadeiras.*

## SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Carcere.*
III. *Praça Real com apparato para a coroação.*

A Scena se representa em Seleucia, Provincia sujeita ao Imperio da Persia.

# INTERLOCUTORES.

Policrates, *Rey dos Samios, amante de Eſtella.*

Filinto, *Primogenito de ElRey, amante de Irene.*

Adaſtro, *Filho ſegundo de ElRey.*

Alicandro, *General das Armas, e amigo de Filinto.*

Irene, *Princeza da Perſia, em habito de homem, com o nome de Carpio.*

Eſtella, *Irmã de Alicandro, e amante de Filinto.*

Pedreneira, *Criada de Eſtella.*

Deſenfado, *Gracioſo, Criado de Irene.*

Macaco, *Sevandija de Palacio.*

Soldados.

ACTO

# ACTO I.

## SCENA I.

*Perſpectiva de Templo conſagrado ao Sol com Ara, e Simulacro do meſmo, no qual eſtará ElRei, e Filinto, Adaſtro, Deſenfado, e Macaco.*

CORO.

Do throno a eleição
Examine Febo,
E as luzes inſpire
Para os acertos.

*Rey.* FIlhos bem ſabeis, que deſte Reino não ſou menos Pai do que voſſo. A vós vos devo o affecto, e o Reino hum juſto ſucceſſor, que ſeja digno Athlante deſta Monarquia. Hoje he o deſtinado termo da minha eleição.

*Mac.* Se Voſſa Mageſtade quer fazer eleição, ahi tem já dous irmãos.

*Deſ.* E ſe forem preciſos mais para a meza, aqui eſtou eu.

*Adáſt.* Do teu querer, Senhor, ſó pende a minha ſórte.

*Mac.*

*Mac.* Ora esperem; eu cuidava, que isto era por eleição, mas já vejo que he por sorte.

*Filint.* E a qual de nós approva o teu affecto?

*Rey.* Estão tão conformes os vossos meritos, que não divisa preferencias o meu exame. Dissimularei o amor de Adastro. *á part.* Mas para que consiga a minha eleição o effeito, quero, por evitar discordias, que ambos jureis nesse dia guardar constante fé, e real vassallagem a quem for o feliz objecto dos meus votos. Esta he a Ara, aonde a vossa obediencia seja o desempenho do meu gosto; e este o Numen, que será testemunha dos vossos protestos.

*Def.* Ui, senhores, nós somos as testemunhas, e elles são os que jurão? *Para Mac.*

*Mac.* Sim, senhor; querem que vejamos, para não jurarmos falso. *Para Defenf.*

*Filint.* Eu, que do Throno sou primogenito, dar juramento tal não consinto. *á part.*

*Adast.* Seja, Senhor, a minha promptidão abono da minha obediencia. Sem duvida ao Throno hoje o seu amor me eleva. *á part.*

*Ajoelha diante da Ara do Sol, e canta o seguinte.*

RECITADO.

Nas tuas aras, sagrado Numen,
Protesta Adastro, e jura de consagrar
Ao futuro Monarca rendimento, e fé;

E quando falte ao que promette,
Se lhes transformem em opacas trévas
Os raios, que luminoſo gyras. *Levanta ſe.*

*Deſ.* Arre como jura!

*Rey.* Amado filho, chega aos meus braços: e tu, Filinto, examina na obediencia de teu menor irmão a ſatisfação cabal do meu deſejo. *Abraça a Adaſtro.*

*Mac.* He muito bom enſino de Pai, ver peccar o filho, e dar-lhe os amães! Se elle lhe dera a mão para o levantar da culpa, lá tinha deſculpa. *á part.*

*Adaſt.* Duvidoſo ſe calla. *á part.*

*Rey.* Que vacillas? Não cumpres o meu mando? Em, que te demoras? *Para Filint.*

*Deſ.* Antes por elle cumprir com os mandamentos, hé que não jura. *á part.*

*Filint.* Senhor..... eu..... não.....

*Mac.* Parece que não affina. Eſte fim, que guarda os preceitos á riſca, o primeiro faça o que quizer; mas o ſegundo não jurarás. *á p.*

*Rey.* Promptamente obedece.

*Filint.* Em fim, Senhor, queres que eu jure? E dize-me, com que razão eſpira ao Solio Adaſtro? Ignoras por ventura, que ficão os ſeus annos inferiores á minha idade? Não ſabes os triunfos que deve a tua Coroa á minha eſpada? Em que te ſervio Adaſtro, para lograr comigo os privilegios da competencia? Lograr os teus agrados, pódem fim fazello

mais

mais venturoso, mas não mais benemerito; que as honras do destino não devem tirar a gloria á heroicidade. Pois se nada ignora a tua intelligencia, superfluo imagino o juramento.

*Mac.* Quando elle não tivesse outro jus, bastava-lhe o de *jure jurando*, *juxta textum in lege*.... mas não vai a ostentar.

*Rey.* Não só, ingrato, vive na minha memoria impresso o que me narras, mas ainda na esféra da lembrança estão mais vivos outros cuidados. Lembra-me que a inimiga Irene amaste: lembrão-me os suspiros, que exhalaste, quando da minha mão a sua morte viste: e julgo que se ainda hoje vivêra, faltáras ao meu decoro, sómente por satisfazer aos teus affectos.

*Def.* Pois que vai? ElRei cuida que minha Ama está morta; que faria, se soubesse que anda em Palacio feita homem. *á part.*

*Mac.* Eu supponho que os dous vem conjurados. *á part.*

*Filint.* Apague, Senhor, o teu poder, apague esse amoroso incendio, que te inflamma no peito Adastro: sejão os teus affectos degráos por onde suba ao Throno. Mas eu sei que a plebe....

*Rey.* Como, atrevido, tens temeridade para os ameaços?

*Def.* Isto parece-me que não para aqui; mas com effeito não quero ver no que topa: vou-me esgueirando a contar á machafemea

de

de minha Ama o que ſe paſſa; pois quiz fazer-me neſta eleição andador de novas.

*Mac.* Ah Senhor, eſpere, que poderá ſervir para teſtemunha; que iſto ſempre parará em morte. *Para Deſenfado.*

*Adaſt.* Rei, Pai, e Senhor, ſuſpende as iras: ſeja de Filinto o Reino, que eu para timbre da minha gloria muito conſigo no favor que logro.

*Rey.* Não: para caſtigo do ſeu atrevimento farei que neſte dia te veja a ti ſó conſtituido Monarca do meu Reino, por ver ſe póde collocallo a plebe á eminencia de que o priva a minha graça. *Vai-ſe.*

*Deſ.* Eu ſupponho que ElRei quer tirar os olhos ao Principe; pois dizer-lhe que neſte dia o ha de ver ſó Monarca, he certo que o quer cegar; mas eu vou dizer a minha Ama, que venha evitar eſta cegueira. *Vai-ſe.*

*Filint.* Em fim, temerario, podes, ſem que te embargue o pejo, ainda ſer objecto da minha viſta.

*Adaſt.* Aſſim fallas, ſoberbo, com o teu Monarca? Não ſabes que dos meus decretos vive pendente a brevidade da tua morte? Procura pois no ſilencio os privilegios á tua vida; ou a minha eſpada.... *Empunha.*

*Mac.* Tenha mão. Ui, Senhor, Voſſa Alteza mais pequena quer ſer Principe, ou Rei de armas?

*Filint.* Que intentas, traidor? Ainda na tua fren-

frente não assentou a tyrannia a Coroa. Muito ufano te tem a idéa de huma esperança; mas considera que na tua escolha ainda ha o prazo de hum dia para o arrependimento.

*Mac.* Sim, senhor, elle já está arrependido, senão aqui estou eu por elle, que todos somos peccadores.

*Sahe Irene em trage de homem com o nome de Carpio, e Desenfado.*

*Des.* Senhor Carpio Itenico, he isto que lhe digo: ElRei está muito assanhado, e quer cegar ao Senhor Filinto, se não se oppoem a esta desgraça, ficará sem a menina dos seus olhos.

*Iren.* Calla-te, não manifestes quem sou. *a Desenfado.* Princípes, cesse o vosso enfado; que não he justo offuscar a Selencia os jubilos, que hoje goza esse apaixonado certamen, que em vós se encerra.

*Des.* Ahi vai minha Ama apregoar as pazes. *á part.*

*Adast.* Dissimularei. *á part.* Esse sómente he o meu designio; porém não devo á sorte essa ventura.

*Filint.* Que fingida modestia! *á part.*

*Mac.* Não, o Senhor Adastro por si he hum coitadinho: o outro he que he mais traquinas.

*Filint.* Que dizes, atrevido?

*Mac.* Digo, que Vossa Alteza he mais resingueiro, e o seu manito he mais medroso.

*Adast.*

*Adaſt.* Calla-te, ou te matarei.

*Mac.* Ainda que me mate, verá ſe não fallo.

*Iren.* Patente he á minha experiencia a decoroſa humildade de Adaſtro.

*Filint.* Ai, caro amigo, e como ignoras que he rebuço da traição aquella caricia!

*Adaſt.* Ouves aquelles écos? Pois julga pelas chammas que no ſemblante atêa, o irado lume que no peito guarda.

*Deſ.* Ainda não ha de eſtar eſcaldado. *á part.*

*Iren.* Báſta, Principe: parte deſte lugar: não faças, que a impaciencia chegue a romper os decoros á tua ſoberania.

*Adaſt.* Satisfaço o teu goſto; mas peço-te, que lhe intimes as veras, com que extremoſo o adoro: dize-lhe, que nelle reconheço o meu Monarca, e que venturoſo lhe obedeço como Soberano. *Vai-ſe.*

*Deſ.* Ora vá-ſe andando lo' ſalſinha.

*Mac.* Bello era eſte Adaſtro para ſer mulher; porque tinha o eſſencial que he ſer mudavel. Quem viſſe as furias, com que elle eſtava, havia cuidar que elle era alguma couſa por eſſes ares; no cabo he hum patera. Ora vamos chegando para palacio. Se ſerão já horas? Ah Senhor, iſto ſerá já tarde? *Para Deſenſado.*

*Deſ.* Não: porque, voſſa mercê não vê alli o Sol? *Apontando para o Simulacro.*

*Mac.* Ah, ſim, já vejo que he tarde.

*Deſ.* Porque?

*Mac.*

*Mac.* Porque aquillo he Sol posto.
*Def.* E vossa mercê vê isso?
*Mac.* Sim, senhor.
*Def.* Então não ha mais ir á India.
*Mac.* Pois, Senhor, regale-se, e adeos.
*Def.* Vossa mercê quer companhia?
*Mac.* Não, senhor, porque eu não sou Capitão. *Vai-se.*
*Def.* Sim: mas alvora como hum Sargento.
*Filint.* Bella, e adorada Irene....
*Iren.* Suspende a voz: calla o meu nome, e chama-me Carpio, que não quero communicar ainda ás paredes deste Palacio aquelle arcano, de cuja ignorancia só estão livres os nossos peitos.
*Filint.* Ninguem nos ouve, mais que esse Criado, cuja fé serve de deposito a este segredo. Sabes, querida Irene, que intenta meu Pai usurpar-me o merecido Solio?
*Iren.* Já Desenfado me deu essa noticia. Mas dize-me; que obstaculo intentas á sua tyrannia?
*Def.* Ainda mais? Disse que lhe havia arrancar os olhos fóra, só para que não visse o outro feito Monarca.
*Filint.* E que posso eu fazer?
*Iren.* O que? Quanto aspirar o teu desejo. Ansioso te venera o povo: elle póde na correcção deste delicto dar satisfação a duas queixas, á minha vingança, e á sua ustiça.
*Filint.* Ai meu bem, e que me pedes?
*Def.* Se ella lhe dá o remedio, pede-lhe a apaga. *Iren.*

*Iren.* Sabes quem ſou?

*Filint.* Venturoſo não ignoro que és a melhor parte da minha alma.

*Deſ.* Sim, que eſta Irene he os ſeus peccados. *á part.*

*Filint.* Sei que da Perſia és a ſoberana Princeza.

*Iren.* Sabes que do violento impulſo de Policrates foi meu Pai deſpojo? Sabes que avarento do meu ſangue, deſprezando os troféos do meu Reino, quiz fazer alvo das ſuas tyrannias o meu peito?

*Deſ.* Eis-alli o que he ter os peitos brancos, que logo todos querem atirar ao alvo. *á part.*

*Iren.* Pois ſabe, que o traje que obſervo, he hum diſſimulado para o ſeu eſtrago: hoje renderá o aleivoſo alento, que reſpira.

*Filint.* Deoſes, que eſcuto! Meu Pai! He poſſivel, que quando es o extremoſo mimo dos ſeus agrados, recompenſes com huma tyrannia tantos affectos?

*Deſ.* Não fora elle mulher. *á part.*

*Iren.* Gratifico-lhe as honras como Carpio, e aborreço-o tyranno como Irene.

*Filint.* Ai infeliz! Em fim que determinas?

*Deſ.* Ella he determinada. *á part.*

*Iren.* Se intentas com amoroſo vinculo unir a minha alma aos teus affectos, tu meſmo has de ſer o defenſor da minha injuria; a ElRei has de dar a morte.

*Filit.* A meu Pai? Em vão o intentas.

*Iren.* Pois, ingrato, ſe o teu braço me nega

o desempenho da vingança, outro tenho já na minha defensa, a cujo extremo gostosa recompenso com a minha mão: tu perderás sem remedio neste dia hum Pai tyranno, e huma esposa amante.

*Filint.* Ah falsa, são estas as finezas, que me protestastes? Para que me disseste, que á minha presença te conduzia amor, se, a pezar da experiencia, só em ti examino odio?

*Iren.* Em quanto foi justo, ElRei occultava o odio; mas quando o vejo para comtigo ingrato, rompe os laços a desesperação.

*Filint.* Eu Parricida! He premio este para quem te adora?

*Iren.* Basta de adular-me, que já sei me não amas.

*Filint.* Que dizes? Não és tu o idolo que idolatro?

*Def.* He bem herege! *á part.*

*Iren.* Aqui se encaminha Estella; e pois os teus favores logra, ella te responderá.

*Filint.* Não he amor o agrado, que a Estella mostro: sei que meu Pai a adora; e na attenção, que lhe guarda, a hum inimigo lisongeo.

*Sahem Estella, e Pederneira.*

*Iren.* Oh que ditosa foi, Senhora, a tua vinda, pois eximiste de hum damno a quem na tua ausencia só vive dos suspiros!

*Estel.* Quando Carpio o affirma, será o meu credito mais divida, que jactancia.

*Def.*

*Deſ.* Ai, ai, que lá vem Pederneira fuzilando como hum raio! *á part.*

*Ped.* Oh, cá eſtá o meu Deſenfado muito divertido. *á part.*

*Iren.* Filinto, que te idolatra, melhor ſaberá dizer-te o que padece.

*Filint.* Piedoſos Ceos! Que violento eſtilo he eſte de matarme? *á part.*

*Eſtel.* Em fim, Senhor, pôde na luta dos affectos conſeguir o meu amor os rendimentos? He poſſivel, que no teu peito eſtão memorias minhas? *Para Filinto.*

*Iren.* Só tu és o enleio goſtoſo dos ſeus cuidados.

*Filint.* Quem? Eſtella? *Para Irene.*

*Iren.* Calla-te, perjuro. *Para Filinto.*

*Ped.* E como eſtará minha Ama ſofa! *á part.*

*Deſ.* Ah Pederneira, quem te tocará a fogo! *á part.*

*Eſtel.* Oh, como no ſilencio, que inculca, deſapprova os ſuſpiros, que me exaggeras! *Para Iren.*

*Iren.* Sabe que de teus raios he amante gyraſol Filinto, e aquella mudez, que argues, he mais abono de que te idolatra. Não ſabes, que a formoſura ao tempo que anima, tambem ſuſpende? Deixa que negue agora ás ſuas vozes o goſto que entrega á ſua elevação.

*Deſ.* Muito empenhada eſtá minha Ama neſtes amores. *á part.*

*Eſtel.* Por mais que as tuas expreſsões queirão

cortar os fios á minha duvida, o deſvio dos ſeus olhos he manifeſto indicio para o meu cuidado.

*Iren.* Eſſe retiro he preciſo effeito do ſeu pejo; talvez que a minha auſencia lhe eſtrague a cobardia.

*Ped.* Sim, aquillo nelle he vergonha, que eu bem lha conheço.

*Filint.* Ai, meu bem, e como he falſo o que proferes! *Para Irene.*

*Iren.* Tudo he verdade, traidor. *á part.* Não duvides pois, Senhora, dos ſeus rendimentos, quando eu ſou fiel teſtemunha dos ſeus cuidados; e para que te deſenganes, eu me auſento, e verás ſe não leva a ſua fineza muitos exceſſos á minha intimativa.

*Eſtel.* Oh, e como temo, que me deſengane!

*Iren.* Não quero criminar-te eſſe receio, por te não uſurpar a prova de que a Filinto eſtimas; mas ſabe, que á minha experiencia ſobra o conhecimento da ſua conſtancia.

ARIA.

A fé de todo o amante
He ſempre mal ſegura;
Chora, promette, e jura;
Mas logo o ſeu querer,
Se he facil em morrer,
Se guia a enganar,
Depois diz, quando ingrato
Já de adorar ſe cança:

Não

Não he huma mudança
Defeito no adorar. *Vai-ſe.*

*Def.* Ora minha Pederneira até logo.

*Ped.* Vai-ſe? Mas diga-me, aonde quer que nos vejamos?

*Def.* Eu te procurarei na caixa da iſca. *Vai ſe.*

*Eſtel.* Agora, amado bem, que a falta de Carpio concede com mais deſafogo o indulto ás tuas vozes, falla, não te ſuſpendas: declara-me eſſe goſtoſo incendio em que te abrazas.

*Ped.* Senhora, não tens que fazer com elle, que eu ſei, que tem muita vergonha; mais repara-lhe tu nos beiços, e verás como eſtão encarnados.

*Filint.* Que importuna! Eſtella, ſe amante o meu deſcanço eſtimas, no eſquecimento deſſe amor, que dizes, acharás o antidoto ao meu tormento; vê que ſimulacro és aos cultos de Policrates; e ſe ſoubeſſe que nas tuas aras aceitavas outra victima, talvez que na pyra de ſeu peito as chammas amoroſas ſe trasladaſſem em iradas labaredas para a vingança; e aſſim.....

*Eſtel.* Embarga o ſuſto; fia do meu cuidado eſſa incumbencia; e verás como a gloria, a que aſpiro, não paſſa os foros do noſſo ſegredo.

*Filint.* Sim; porém Carpio....

*Eſtel.* Carpio he fiel, e approva o noſſo amor.

*Filint.* Muitas vezes differe o coração dos labios, e ſe não temêra....

*Ped.* Ei-lo-ahi, como he tão perfeito, por força havia de ter algum ſenão.

*Eſtel.* Se outro embaraço não tens para adorar-me, já podes conceder-me a gloria, que ſolicito.

*Filint.* Ainda outro obſtaculo he remora dos meus deſejos.... Eſtella adeos.

*Eſtel.* Eſpera, relata-me qual ſeja: porque o não expreſſas?

*Filint.* Por te evitar hum enfado, e por me eximir a hum pejo.

*Pel.* Eu apoſtarei, que he falta de vontade; pois iſto de querer he ſó do que ſe compõem; mas como elle tem pejo, talvez que o mova. *á part.*

*Eſtel.* E pretendes que fique duvidoſa?

*Ped.* E qual he a duvida.

*Filint.* Não, não: mas devo auſentar-me.

*Eſtel.* Em vão o intentas, ſem que primeiro diſſolvão as minhas duvidas os teus acentos.

*Ped.* Ai, Senhora, elle não aſſenta em couſa certa, porque quer que fique a duvida em pé.

*Filint.* Em outra occaſião....

*Eſtel* Superflua he toda a inſtancia para a eſcuſa.

*Ped.* Não tem que fazer; ha de dar-nos o goſto de o ouvirmos.

*Filint.* Pois já que a tua curioſidade quer indagar os intimos archivos de meu peito, ſabe que nas luzes de outros raios vivo amante maripoſa; outro norte ſigo; não te quero, e já me canço de ouvir-te: a eſperança, que te dou de amar-te, he o deſengano de não querer-te.

*Ped.* Elle andou como hum negro, mas eu não vi fallar mais claro. *á part.*

ARIA

ARIA.

*Filint.* Se te promette acaſo
O meu ſemblante affecto,
Vê que te mente o aſpecto,
Vê que te engana, ſim.
Se a outro bem adoro,
A ti ſó te aborreço,
E ſe eu de ti me eſqueço,
Eſquece-te de mim. *Vai-ſe.*

*Ped.* He bom arrevimento! Ai, Senhora, elle deſpede ſe como quem vai de caminho.

*Eſtel.* Soberanos Deoſes, que he o que por mim paſſa! Eu ſendo objecto dos deſprezos a *hum* ingrato, que ſempre foi a imagem dos meus cultos? Mas que aguardo, que não gaſto na vingança o tempo, que permitto á queixa! Morra Filinto no meu peito; farei que o odio de Policrates lhe deſtrua a máquina da ſua ſoberba; direi que contra o *ſeu decoro* ſolicita os meus affectos; e farei que meu irmão Alicandro ſe offereça ao partido de Adaſtro.

*Ped.* Ai, Senhora, deixa-te de paixões, e dize-lhe que o leve o diabo, e mais quem lhe quer bem.

*Eſtel.* Que dizes? Tu não vês, que eu ſou quem o idolatra?

*Ped.* Eu, Senhora, não te rogo as pragas a ti, ſenão áquelle norte, que elle ſegue, que ſuppenho ama tanto a tal menina, que bebe por ella os ventos. *Eſtel.*

*Eſtel.* Calla-te, que ſuppoſto que ingrato, he tanto o que lhe quero, que julgo me ſocegará, ſe nas aras das minhas queixas rendeſſe o ſeu amor por victima do aggravo.

*Ped.* Oh, pois ella para victima he muito boa rez.

*Eſtel.* Porém como me eſqueço do ſeu deſprezo? Vença a minha ſoberania ao meu affecto: morra, tornó a dizer, morra Filinto.

*Sabe Alicandro.*

*Alic.* Querida irmã, tempo ha que te buſca a minha diligencia com algum cuidado.

*Eſtel.* He tão opportuna a occaſião em que chegas, que ſupponho a regulaſte pelos meus deſejos.

*Alic.* Nunca mais anciоſo procurei a tua preſença.

*Eſtel.* Nem já mais a tua me foi tão neceſſaria. Sabe pois. . . .

*Alic.* Eſcuta: ElRey, cego do amor de Adaſtro pretende preferillo no Throno a Filinto; a Plebe toda em bandos dividida murmura a injuſtiça: tu, que de ElRey dominas o alvedrio, pódes compaſſiva, e juſticeira fazer, com que o ſeu acordo melhore tantos damnos.

*Pedr.* Sim: lá o vai elle agora acordar. Ora o diacho não tem ſono. Não, olhe Senhor Alicandro, dahi dormir.

*Alic.* Faze pois, Senhora, que ſeguindo a razão, eleve ao Solio o ſoberano Filinto, em cujo heróe ſuſtente o pezo eſta Monarquia.

*Eſtel.*

*Eſtel.* Que dizes? Filinto heróe! Hum ſoberbo, que imagina, que quanto a impulſos do deſtino goza, tudo he tributo, que ſe lhe paga?

*Alic.* Que mudança he eſta, que encontro nas tuas vozes? E crês....

*Eſtel.* Creio preciſo o ſeu eſtrago para o noſſo credito.

*Ped.* Faz como mulher honrada. *á part.*

*Eſtel.* Proxima eſtá a occaſião da ſua deſgraça: não te opponhas tu de alguma ſórte á ſua ruina.

*Alic.* E quem póde, Senhora, mudar o teu peito para tantas iras?

*Eſtel.* Não te pertence o exame do que callo.

*Alic.* Sim, mas julgarão pouca eſtabilidade no teu genio.

*Eſtel* A's vezes he prudencia, avariedade.

*Ped.* Se iſſo fora verdade, ninguem era mais prudente, que as mulheres, porque ninguem mais mudavel, que ellas; mas como a prudencia he parte do juizo, não para nós que todas ſomos humas varias. *á part. Vai-ſe.*

*Eſtel.* Vê o que te encommendo, e fio o deſempenho na obrigação do teu ſangue. *Vai-ſe.*

*Alic.* Fruſtrado he o ſeu intento contra a minha divida: fiel ſerei a Filinto; que não devo manchar hum amor tão certo nas contingencias de ſer, ou não juſtificada a tua queixa.

ARIA.

A' onda, que inconſtante
Se move a todo o inſtante;
Ao vento, que ordinario
Tem por firmeza o vario,
Excede na mudança
O feminil ardor.
Ai de quem triſte eſpera
No voſſo amor certeza,
Se tendes ſó firmeza
Em nunca ter amor! *Vai-ſe.*

## SCENA II.

*Camera de ElRey com boſete. Sahe Deſenſado.*

*Deſ.* ORa vamos ver ſe Pederneira vélo já para caſa; pois como são horas de ferir lume queria periſcar com ella o meu bocado. Ai negra rapariga, trazes-me tão cego, que te não poſſo ver! Mas como hei de eu ver, ſe me falta a menina dos meus olhos? Mas eſperem: que venho eu cá fazer ſem os traſtes, què ella me pedio? Vamos andando, antes que ella por ahi venha: mas não, eſperemos, que para tudo haverá deſculpas; em a gente tendo fazenda, logo tem muito remedio. Mas aqui ſinto paſſos, ſe ſerá ella? E's tu minha...

*Sahe Filinto com huma carta na mão.*

*Filint.* Quem eſtá aqui! Porém que vejo o criado de Irene! Alguma traição receio *á part.*

*Deſ.* Ai deſgraçado de mim! Lá vai o meu credito com o diacho. Elle certamente cuida, que eu vinha dormir com ſeu Pai, pois na ſua camera não tinha mais que fazer; mas a culpa tem Pedreneira, que me mandou vir a eſte quarto, para agora me fazerem a cama. *á part.*

*Filint.* Não reſpondes? A que entraſte neſte ſitio?

*Deſ.* Quem dera diſſo para hum empenho.

*Filint.* Que dizes?

*Deſ.* Os traſtes de Pedreneira que.....

*Filint.* Não te entendo.

*Deſ.* Pois he hum aſno. *á part.*

*Filint.* E dize-me, (Ai de mim! Se ſerá ccuſa de Irene? *á part.*) tu vieſte ſó?

*Deſ.* Sim, Senhor, eu ſou ſó o cáqui.

*Filint.* Aparta-te pois deſte lugar.

*Deſ.* Qual, não me vou: ſe eu quero eſperar por ella: aſſim era eu aſno, que perdeſſe a tolá.

*Filint.* Vai-te, ou te matarei.

*Deſ.* Ui, Senhor, ſe eu tenho neceſſidade de eſtar aqui, hei de cá vir ſem fazer meus feitos?

*Filint.* Já a impaciencia.....

*Deſ.* Ora tenha mão: eu me vou, mas ſaiba que me auſento porque me manda, ſenão, não

não lhe havia obedecer. ( *Retira-se ao Baptidor.* ) Mas daqui verei o que faz, que supponho quererá esperar por Pederneira; qué a tolice foi dizer-lhe eu ao que vinha. *á part.* Ah Senhor do arame, puxe-me aqui para este baptidor. *Esconde-se.*

*Filint.* Sem offender ao bem, que adoro, venho cumprir com as obrigações do sangue. Nos mudos caracteres deste papel ( *Tira hum papel* ) veja meu Pai o perigo, a que está exposto: o damno lhe communico, mas que he Irene o author lhe occulto. Aqui pois..... Mas que vejo? ElRei se encaminha á sua habitação: que farei? Se chega a ver-me, sabe que o aviso he meu, e ha de constrangerme a declarar-lhe o réo: aqui me occultarei.

*Põem o papel sobre o bofete, retira-se ao baptidor, e sabe Desenfado.*

*Def.* Ai, que historia he esta? Sua Alteza jogando as cartas só! Se será ella fradinho da mão furada? Ora vamos ver, que trata da he esta, que talvez me sirva de alguma cousa. ( *Sabe* ) Ah não me enganei, aqui estão letras, então já posso comprar a Pederneira o que ella quizer. Mas aqui vem ElRei, verei se me quer rebater a divida. *Pega nos papeis.*

*Filint.* Que vejo? Sahirei a castigar-lhe a ousadia: mas ElRey... *Faz que sabe, e retira-se, á part.*

*Sa-*

*Sahe ElRei, ſem ver a Deſenfado.*

*Rey.* Que pertenda hum filho ingrato pôr ſujeições aos meus decretos! Não ſei como a impaciencia me não mata. *á part.*

*Deſ.* Senhor, aqui eſtá o filho da folha. *Com o papel na mão.*

*Sahem Eſtella, e Pederneira.*

*Rey.* Mas que vejo! Que motivo, meu bem, te obriga a conceder-me a gloria de ver-te neſta eſtancia? *Para Eſtella.*

*Eſtel.* Agora vinganças. *á part.* O procurar na tua preſença aſilo para tanto inſulto, que ainda não baſta neſte Palacio conſeguir os teus favores para eximirme de atrevidos aggravos.

*Deſ.* ElRei, como percebeo que iſto era couſa de letra, faz ouvidos de Mercador. *á part.*

*Rey.* E quem he o ſacrilego, que offende na tua deſatenção o meu reſpeito? Que delicto encontrou em ti a ſua barbaridade?

*Ped.* Cá eſtá Deſenfado, verei ſe me traz o que lhe pedi. *á part.*

*Eſtel.* O delicto, que o move, he a minha conſtancia para os teus affectos.

*Ped.* Ora vejão minha ama como mente. *á p.*

*Rey.* Manifeſta-me o traidor, e verás no ſeu eſtrago o deſempenho da minha ira.

*Eſtel.* Hum filho teu procura com repetidas inſtancias uſurpar o ſocego ao meu deſcanço: ſolícito amante me perſegue, e eſcuto os amea-

ameaços da minha morte, quando os meu
enfados dão a reſpoſta aos ſeus deſvélos.
*Filint.* Deoſes, que ouço! *á part*
*Ped.* Ai Senhor, hontem eſtava elle de fórte
que punha os olhos em alvo. *Para ElRey*
*Deſ.* E a ti nada te paſſa em claro.
*Rey.* Do meu querido Aluſtro não póde ſer
offenſa: Filinto he o falſo.
*Eſtel.* Não ſe enganou, Senhor, a tua idéa
Filinto he o que importuno amante me ſegue
vê que he Principe, e conſidera o remedio
preciſo para tão grande aſſalto.
*Deſ.* O verdadeiro he deixar-lhe avançar
brecha. *á part*
*Filint.* Ai infeliz, tudo ſe conjura contra
minha ſorte. *á part*
*Deſ.* Talvez que iſto ſeja alguma Carta de amo
res, que elle deixaſſe aqui para que ella
viſſe; mas ElRei premiará a minha lealdade
Senhor.... *Para ElRey*
*Rey.* Como permittis, ſoberanos Deoſes, ta
atrevimento? Suſpende, Senhora, o teu cuida
do, que eu darei no ſeu caſtigo ſatisfação
rantas queixas; farei... mas baſta, tu o verás
*Filint.* Dura pena! *á part*
*Eſtel.* Não foi a minha induſtria fruſtrada idé
para a minha vingança. *á part*
*Deſ.* Senhor, Voſſa Mageſtade não ouve?
*Rey.* Ah ingrato filho! Mas quem eſtá aqui
*Para Deſenfad*
*Deſ.* Eu Senhor, que eſtou com eſta petiçã
eſperando que Voſſa Mageſtade acabe d
deſ-

deſpachar: aqui verá a minha fé, e os meus ſerviços.

*Dá o papel a ElRey, o qual o lê para ſi.*

*Eſtel.* Se eu pudera, Senhor, executar o ſeu caſtigo.... Mas que myſterioſo papel lhe traslada as côres para o ſemblante, que ao examinallo attento, o vejo abſorto? *á part.*

*Deſ.* Não digo eu? São ciumes; hoje andará tudo azul, ainda que elle eſtá-ſe fazendo de mil cores. *á part.*

*Ped.* Que papel ſerá aquelle? Deve ſer algum deſafio. E como eſtá deſmaiado! Ora não ha couſa como o medo, que faz ter cara de homem branco. *á part.*

*Rey* Piedoſos Ceos, ha mais infortunios, que ſe conſpirem contra a minha vida? Ha mais infauſto dia?

*Deſ.* Olhe, ahi verá o que me deve Veſſa Mageſtade.

*Eſtel.* Que ſubito motivo occaſiona, Senhor, os teus cuidados?

*Rey.* Vem cá, dize-me, quem te deu eſte papel? *Para Deſenſado.*

*Deſ.* Iſſo he curioſidade minha.

*Sabe Adaſtro.*

*Adaſt.* Pai, e Senhor: mas que vejo? Tu com aſpecto alterado?

*Rey.* Ouve, amado filho, e perde as duvidas no ſuſto. *Lê ElRey a Carta.* Policrates, quem preſumes amigo, caviloſo arma ciladas á tua vi-

vida. Neſte dia ſe te prepara o golpe: morrerás, ſe os que mais amas, não deſvias da tua preſença: quem te aviſa he fiel; crê-o, e vive.

*Eſtel.* O horror me paſma!

*Deſ.* Ai que eſtou perdido! *á part.*

*Ped.* Lá vai Deſenfado com a breca! *á part.*

*Rey.* Dize, traidor, quem me enviou eſte papel, ou perderás a vida. *Para Deſenfado.*

*Deſ.* Eu Senhor, vim.... peguei no papel.... (Ai que hoje me leva o diabo!) *á part.*

*Ped.* Deſenfado eſtá galante papel! *á part.*

*Filint.* Miſero Pai! *á part.*

*Adaſt.* Alviçaras, induſtrias, não percão as minhas traças eſta occaſião. *á part.* Se queres que te defenda, calla-te. *Para Deſenfado.*

*Deſ.* Oh lá ſe quero: ſim ſenhor, mas olhe não me pregue o calo. *Para Adaſtro.*

*Rey.* Não falla Adaſtro? Eſtella emmudece? E tu traidor te callas?

*Eſtel.* A confuſão me embarga as vozes *á part.*

*Adaſt.* Senhor ſe até agora callou eſſe criado, foi por querer com o ſilencio illuſtrar a tua fé; e ſe as minhas vozes te não expreſſárão logo ſer eſſe papel artificio da minha vigilancia, foi por te occultar o réo, que tanto eſtimas.

*Deſ.* Eis-alli a verdade, e por final que eſtava ſobre aquelle bofete.

*Rey.* Que dizes?

*Adaſt.* Delirio he, Senhor, aquelle do ſeu ſuſto; que eu ſou o author deſſe aviſo, e do ſeu ſegredo quiz fiar eſta incumbencia.

*Filint.*

*Filint.* Ah falſo! Ah mentiroſo! *á part.*

*Rey.* Tu conheces o réo, e ainda negas ás minhas iras eſſe deſafogo?

*Deſ.* Agora que eſtão ás razões, me vou ſem fazer bulha. *á part. e vai-ſe.*

*Ped.* Como ſe foi Deſenfado, vou ſaber da minha encommenda. *á part. e vai-ſe.*

*Adaſt.* Adorado Pai, ſeja a tua clemencia caſtigo do imaginado arrojo. *Ajoelha.* Baſta que fique ſegura a tua vida com o arrependimento de quem buſcava a tua morte: não queiras manchar o teu ſangue com a tua eſpada: Filinto he, Senhor, o réo; vê que he teu filho, e meu irmão. Aſſim grangearei a Filinto mais odios de ElRei. *á part.*

*Filint.* Pezares, como me não eſtragais a tolerancia? *á part.*

*Rey.* Levanta-te, Adaſtro, e dize-me quem te communicou eſſe ſegredo?

*Adaſt.* O meſmo Filinto. Elle convidando me por ſocio para os teus eſtragos, me deſcubrio ſeu peito; e vendo que da ſua traição recuſava a companhia á minha fidelidade, jurou na minha preſença a tua morte. Eu levado do ſuſto, e prezo da piedade, quiz neſſe papel noticiar-te o golpe, ſem te dizer o braço.

*Sabe Filinto.*

*Filint.* Adaſtro mente, que eſſe papel he feito por Filinto.

*Adaſt.* Porém que vejo? *á part.*

*Eſtel.* Que examino? *á part.*

*Rey.*

*Rey.* Filinto occulto no meu quarto? *á part.*
*Adaſt.* Importa-me esforçar o engano para conſeguir a Coroa. *á part.* Prova he esta, Senhor, do seu delicto.
*Filint.* Mentes, traidor, que a minha fé só me rege os passos á sua vista: o empenho de salvar-te, foi quem me deteve neste sitio. Vê, Senhor, que hum vassallo, que estimas, procura incessante a tua mortal ruina.

*Sabe Irene.*

*Iren.* Quem for traidor ao meu Monarca, achará na resistencia do meu braço hum obstaculo para os seus intentos.
*Filint.* Só a presença de Irene faltava para o meu martyrio. *á part.*
*Rey.* Ai caro amigo, vê nesse papel as penas, que o fado me destina.

*El Rey dá o papel a Irene, e esta o lê.*

*Iren.* Dissimularei o meu delicto. *á part.* De quem he, Senhor, este aviso? Sabes o author do crime? *Para El Rey.*
*Adaſt.* Esta noticia deve Policrates á minha fé.
*Filint.* Esse falso te engana: eu fui, Carpio, o author daquelle aviso.
*Iren.* Ah falso! *á part.*
*Rey.* Pois que te dilatas, que o réo me não publicas?
*Filint.* Não me permitte a sorte esse privilegio.
*Iren.* Com essa industria pretendes, fementido, dar desculpas ao teu engano? Em que repa-

ras?

ras? Se o delicto diſſeſte, para que o author nos occultaſte? A fidelidade já eſtá quebrada; dize pois, ou ás minhas mão.... *Ajoelha aos pés de ElRey.* Senhor, deſculpa os meus exceſſos, pois o teu amor me guia os paſſos, que eu não te aggravo, quando por teu reſpeito aſſim me altero. *Levanta-ſe.*

*Eſtel.* Que valor!

*Rey.* Ai verdadeiro amigo, quanto te devo!

*Iren.* Oh quanto te enganas na fé, que em mim preſumes! *á part.*

*Rey.* Aprende, ingrato filho, naquelle peito nobre a ſer fiel, Elle, ſendo eſtrangeiro, move-o o meu favor; e tu, ſendo meu filho, eſqueces-te do ſangue.

*Filint.* Oh como ignora, que Irene he o maior inimigo da ſua vida! Porém o amor me obriga a que me calle. *á part.*

*Adaſt.* Falla: quem tem por aſilo a innocencia não emmudece.

*Filint.* Defender-me não poſſo; porém ſem culpa vivo.

*Iren.* A minha preſença o ſoffoca. *á part.* Falla traidor. *para Filint.*

*Filint.* Tambem Irene goſta de matar-me? *á p.*

*Rey.* Adaſtro, aquelle ſilencio he clara confiſſão do ſeu delicto.

*Adaſt.* Nunca Adaſtro mente, quando comtigo falla.

*Iren.* Se hum mentiroſo buſcas, em Filinto o encontras.

*Filint.* Muito me supporto. Carpio, basta de apurar-me, tu queres.....

*Iren.* Quero que ao teu Rei eximas dos cuidados, declarando o agressor de tanto insulto.

*Filint.* Dize-me, e que posso eu dizer?

*Iren.* Dirás, tyranno, que eu sou o ingrato contra o meu Rei. Dirás que tu és o fiel, e eu o traidor, exime-te da culpa, e põem em mim a nota. Não dizes isto?

*Rey.* Pouco importára, que elle mo differa, quando a minha experiencia he testemunha da tua fidelidade.

*Iren.* Oh se o coração de Filinto fora tão sincéro!

*Rey.* Traidor o reconheço, pois nem risca a suspeita, nem o perdão me rogà.

*Filint.* Defender-me não posso; porém sem culpa vivo.

*Adast.* Vive sem culpa, quem nega a hum Pai a obediencia para o juramento?

*Estel.* Não te crimina a ousadia de perseguir-me amante?

*Rey.* Ver-te no meu quarto occulto não he indicio da tua traição?

*Iren.* Não te accusa escrever hum papel, e callar-te absorto, quando agressor te inquiro?

*Filent.* Todos me arguis de traidor, e a resposta que tenho, he o sentimento com que lido. Sou fiel, e mais não digo.

ARIA.

Tyranna a minha ſorte
A minha morte ordena;
Hum falſo me condemna,
Hum ímpio, huma inimiga,
Hum Pai: tudo he pezar.
Ao ſeu rigor violento
Os move tão ſómente
O ver-me innocente
Para me ver penar. *Vai-ſe.*

*Rey.* Olá, os paſſos de Filinto ſe examinem.

*Iren.* Eu ſerei, Senhor, quem obedeça aos teus decretos.

*Adaſt.* Ainda temes hum ingrato á viſta de tanto fidedigno?

*Rey.* Ainda o traidor eſtá incerto ao meu conhecimento.

*Iren.* Pódes duvidar da minha fé?

*Rey.* Não, amigo, antes da tua diligencia fio a exacção de tanta tyrannia: procura tu ſaber quem me pretende a morte.

*Iren.* Oh ſe ſoubeſſe, que eu ſou quem lhe ſolicita breves os inſtantes da ſua vida. *á part.* Ninguem com maior ancia ſerá executor dos teus preceitos. *Para El Rey.*

*Rey.* Não ſinto perder hum filho ingrato, a preço de alcançar hum ſubdito conſtante. *Vai-ſe.*

*Adaſt.* Pôde algum dia, Senhor, chegar á tua idéa a traição de Filinto? *Para Eſtel.*

*Eſtel.* Sempre da ſua ſoberba vaticinei eſte ſucceſſo. *Para Adaſtro.*

*Iren.* Suſpendei os écos, Adaſtro, mova-te ao ſilencio ver, que Filinto he teu irmão mais velho; e tu, Eſtella, conſidera que he teu Monarca.

*Adaſt.* Que piedade! *á part.*

*Eſtel.* Que defenſa! *á part.*

*Adaſt.* Não eras tu até agora quem lhe deſejava a morte?

*Eſtel.* Pois para que nos argues, quando tu foſte o exemplo das noſſas iras?

*Iren.* Eu poſſo dizello, e vós deveis callar-vos.

*Adaſt.* Parece que no teu peito ſó tem lugar a inconſtancia, pois apenas o ſuſpiravas morto, quando logo te empenhas para os ſeus auxilios.

*Iren.* Da voſſa fantazia he quimera a minha mudança, que eu ſempre ſou o meſmo Carpio.

*Eſtel.* O meſmo? Eu não te entendo.

*Adaſt.* Eſſas palavras não são verdadeiras imagens de hum ſó penſamento.

*Iren.* Se outro julgais que he, bem preſumis. *Vai-ſe.*

*Eſtel.* Grande myſterio inclue nas palavras que profere!

*Adaſt.* E tu dás credito ás ſuas vozes? Enigmas são as práticas dos validos, e quanto menos ſe explicão, mais applauſos logrão.

*Eſtel.* Eu confeſſo, que o não comprehendo; pois em hum ſó inſtante o vejo mudar de aſpecto, e penſamentos. Ai infeliz de mim, que temo o que ignoro, e ignoro o que eſpero!

ARIA.

ARIA.

Duvido o que eſpero,
E temo o que ignoro,
Alegro-me, e choro,
Sem ſaber por que.
O ſuſto me mata,
Mas neſta mudança
A minha eſperança
Me alenta o viver. *Vai-ſe.*

*Adaſt.* Coração, não deſmaies na empreza: grande gloria devo á ventura das minhas aſtucias: com eſte engano lograrei o Sceptro.

OITAVA RECITADA.

Suppra o engenho as faltas do deſtino,
Que nem ſempre a traição he vilania;
Nem devo ſupportar, ao que imagino,
Attento ao bem alheio, a ſorte impia.
Ao regio ſolio de que o fado indigno
Por menor me privou a tyrannia,
Hóje me eleve, e eſpero neſte empenho
*Riſque* a nota do vil o agudo engenho.

ARIA.

Não tema o peito
Já mais os damnos;
Se os meus enganos
Forem aſſim.
E quando ao goſto
Falte a victoria,
Ficar-me-há a gloria
Do intento em fim. *Vai-ſe.*

SCE-

## CSENA III.

*Vista de Camera. Sabe Pedemeira.*

*Pedern.* ORa já me vai tardando o Senhor Desenfado: elle depois que lhe eu pedi os brincos, as meias, os sinaes, anda fugindo de se encontrar comigo. Eu não vi melhor modo para a gente se livrar de amantes, do que he pedir-lhe, que elles por si só dão suspiros, e ais. Verdade he que tambem de nós só recebem parolas. Tomára que já me trouxera esta tolá para me pegar a outro; que nós somos como pessas de leilão, que vamos para quem dá mais. Cuidão estes basbaques que em nos dar muito, que logo nos cativão; mas não se enganão, que nós só nos vendemos, quando a poder de dinheiro somos compradas. *Batem dentro.* Mas alli sinto gente, supponho que será elle. Quem he?

*Vai abrir a porta, e sahe Macaco.*

*Mac.* Quem ha de ser, bella Pedemeira, de quem a minha cara de asso tira tantas faiscas, que cada hum *contempta magnum excitavit incendium.* Quem ha de ser, senão o teu Macaco, que prezo nas correntes de teus olhos anda sempre amarrado ao polido cepo do teu nariz.

*Pedern.* Ora, Senhor Macaco, vá bugiar, e não

não ſeja atrevido vir deſinquietar ao ſeu quarto huma donzella.

*Mac.* Ai menina, eu não cuidei que era deſcredito hir aos quartos em que morão as donzellas: ainda que niſto me parece que fallas com encarecimento: mas ſabe que eu vinha...

*Pedern.* Ao que vinha? Diga, ao que vinha ao meu quarto?

*Mac.* A fazer horas.

*Pedern.* Pois va-ſe andando, que não eſtou para ouvir as ſuas badaladas, e macaquices.

*Mac.* Ora vejão a bugia, tu cuidas que eu ſou algum mono.

*Pedern.* Senhor Nico, faça o que lhe digo, va-ſe andando, que eſtou eſperando por gente.

*Mac.* Já entendo: ſupponho que he algum ſalafrario, que vem peſcar em Pedemeira. *á p.* Pois Senhora, eu não me vou.

*Pedern.* Porque não?

*Mac.* Porque? Eu não ſou capaz de apparecer diante de gente?

*Pedern.* Eu eſtou em minha caſa, e poſſo levantar-me ás maiores com voſſê.

*Mac.* Eſpera não te levantes comigo. Ah Senhores tão máo ſou eu, ſe que levantão as pedras contra mim? E pergunto, eu não poſſo ſaber o que eſſe ſujeito cá vem fazer?

*Pedern.* Não, Senhor, que cada qual vem ao ſeu negocio.

*Mac.* Pois eu não ſó ſou capaz de fallar em negocios, mas de untar as mãos com humas boas luvas.

*Pedern.*

*Pedern.* Que ouço! Eſte ſim, que he bom para amante, que logo promette do pé para a mão. *á part.* Pois ſe v. m. quer ficar, eſta caſa eſtá muito ás ſuas ordens. Mas que me ha de v. m. dar de eſtar aqui?

*Mac.* Darte-hei quanto tu quizeres.

*Pedern.* Pois eu o que quero são huns brincos, humas meias, e huns ſinaes.

*Mac.* Ui! iſſo não he nada para quem tanto deſeja fazer-te a vontade. Mas eu tambem quero.....

*Pedern.* Que quer?

*Mac.* Eu quero fazer comtigo hum ajuſte.

*Pedern.* Primeiro me ha de paſſar para cá o ſinal.

*Mac.* Sim, no ſinal não haverá duvida.

*Pedern.* Ora diga, diga o que quer?

*Mac.* Eu quero fazer com voſſê hum ajuſte; quanto me dá, e prometto ſer ſeus amores?

*Chega Deſenfado ao baſtidor.*

*Deſ.* Parece-me que ouço cá fallar: antes que entre verei o que ſe diz. Mas ai, ai meus peccados, cá eſtá o Sevandija mór! Tomára ſaber que confiança tem para cá entrar eſte Sevandija? Vejamos o que diz. *á part.*

*Pedern.* He boa hiſtoria! Com que eu he que lhe hei de dar? V. m. pede como quem ſe deſpede.

*Mac.* Pois não diz o que me dá?

*Pedern.* Dar-lhe-hei muita pancada.

*Sá-*

*Sahe Deſenſado aos murros a Macaco.*

*Deſ.* Eu vou emparelhado neſſe ajuſte: mas que contratos são eſtes? *Dalhe.*

*Mac.* Ah que delRei. Ah Senhora, o Senhor he ſeu marido?

*Pedern.* Não, mas eſtamos ajuſtados.

*Mac.* Então viſto eſtarem ajuſtados, não os quero eſtorvar. *Faz que ſe vai.*

*Deſ.* Ah Senhor Sevandija, venha cá, a que entrou v. m. aqui?

*Mac.* Eu ſim.... fui.... e vim.... mais ella.... porém paciencia. *Faz que ſe vai.*

*Pedern.* Eſpere: Ui tão feio he eſte homem, que lhe mete medo? Não quero que Deſenfado deſconfie de mim, e ao depois me não dê os traſtes. *á part.* Diga ao que veio, e não ſe aſſuſte.

*Mac.* O que hei de eu dizer? mas já me occorre. *á part.* Eu, Senhor, tive noticia que eſta menina tinha neceſſidade de huns traſtes para ſeu uſo, vinha a trazer-lhos, e no tempo do ajuſte ſuccedeo v. m. vir á pancada.

*Deſ.* Iſto he verdade, porque ella me tinha a mim feito a meſma encommenda. *á part.* Mas diga-me; e como ſoube v. m. que eſta rapariga neceſſitava diſſo?

*Mac.* Cá por certos ſinaes.

*Deſ.* Não ha duvida que ella mos tinha pedido. *á part.* E diga-me traios ahi?

*Mac.* Aqui ſó tenho os ſinaes das pancadas que v. m. me deu.

*Deſ.*

*Def.* Ora pois vá buſcar eſſas couſas.

*Mac.* Sim, Senhor, mas por quem hei de perguntar quando cá vier?

*Def.* Porque? v. m. não me conhece que eſtivemos acolá no Templo?

*Mac.* Sim, mas não lhe ſei o ſeu nome.

*Def.* Olhe quando cá vier pergunte por Deſenfado Pederneiro. E ſe v. m. tardar, por quem hei de inquirir?

*Mac.* Se eu tardar, não tem mais que perguntar por mim.

*Def.* Pergunto, como he o ſeu epitheto?

*Mac.* O meu nome he que ſupponho quer ſaber?

*Def.* Sim, Senhor.

*Mac.* Pois eu chamo-me Bonecro.

*Def.* Aonde aſſiſte?

*Mac.* Aqui entre os baſtidores; porque v. m. não vê as luzes que eſtou eſpalhando?

*Def.* Deve de ſer alguma vela de ſebo.

*Mac.* Mas fallando como gente, com perdão de v. m. eu chamo-me Macaco Gonçalves Barulho, ſou aqui Criado delRei, e muito amigo do Senhor ſeu Amo, e de ſeu Pai, que eſtá gozando do inferno.

*Def.* Bom he ter amigos, que huns puxão pelos outros. Pois Senhor Macaco Gonçalves Barulho, aqui eſtou para lhe obedecer.

*Mac.* Aos pés do Senhor Deſenfado Pederneiro. *Vai-ſe.*

*Def.* Muito bons çapatos e muito boas meias! Ora minha Pederneira.....

*Pedreu.* Primeiro que tudo ſaibamos ſe me

traz ôs traſtes, quando não póde-ſe hir ſafando.

*Deſ.* Eis-ahi porque eu não trago comigo traſtes.

*Pedern.* Porque?

*Deſ.* Por me não ſafar.

*Pedern.* Pois não mos comprou?

*Deſ.* Não, mas andei traſhejando todo o dia para os achar.

*Pedern.* E então o que fez?

*Deſ.* Eu poſſo mais que fazer-me em pedaços por ti.

*Pedern.* Aſſim o ſupponho, que voſſê já quebrou comigo.

*Deſ.* Como quabrei, ſe nós ainda não fizemos os noſſos contratos?

*Pedern.* Diga, porque me não trouxe os brincos?

*Deſ.* Porque são difficultoſos a achar; ſe tu quizeres cadeados iſſo a cada porta.

*Pedern.* E as meias tambem as não achou?

*Deſ.* Eu ſim achei algumas meias feitas, mas quero deixallas acabar.

*Pedern.* Arre lá co'deſmazello! nada acha.

*Deſ.* Tomára-me eu achar, que ando bem perdido por ti.

*Pedern.* E os ſinaes? He capaz de dizer-me na minha cara, que os não ha.

*Deſ.* Não, nos ſinaes não foi o deſcuido, o diabo foi eſquecerem-me.

*Pedern.* Ora pois vá já, e logo buſcallos.

*Deſ.* Primeiro temos nós que fazer.

*Pedern.* O que?

*Deſ.* Quero buſcar hum pé de cantiga para ſe ſocegar.

*Pedern.*

*Pedern.* Agora que eſtou com preſſa he que ſe quer pôr de re, mi, fa, ſol?

*Def.* Ora faça alguma couſa, Senhora Iſabel Macáo.

*Pedern.* Lá vai, Senhor Joáõ Gomes.

DUETO.

*Def.* Se eu morrer enfeitiçado,
Choro, lambo, meu feitiço.

*Pedern.* Vá-ſe embora dezaſtrado,
Ha de ſer para mor diſſo.

*Def.* Iſſo meſmo, e porque?

*Pedern.* Ha de ſer para mor diſſo.

*Def.* Venha cá.

*Pedern.* Não, não quero.

*Ambos.* Ora vá, vá bugiar.

*Def.* Ai minha Iſabel não fujas.

*Pedern.* Paſſa fóra.

*Def.* Ai, ai, agora.

*Pedern.* Paſſa fóra.
Vá-ſe, vá-ſe.

*Def.* Não, não quero.

*Ambos.* Ora vá, vá bugiar

TAYLOR INSTITUTION UNIVERSITY OF OXFORD LIBRARY

ACTO

# ACTO II.

## SCENA I.

*Vista de Parque Real. Sabe Estella.*

*Estel.* OH que funesto allivio he o de huma vingança! e quantas vezes me tem assaltado o arrependimento, pois temo sinta Filinto com os meus enganos os seus estragos!

*Sabe Filinto.*

*Filint.* Em fim, tyranna Estella, estás satisfeita já com a minha ruina?

*Estel.* Amado Principe, Senhor.... O pejo me soffoca. *à part.*

*Filint.* Em fim tivestes coração para ultrajar-me?

*Estel.* O teu desprezo foi, Principe, o motivo do meu cego arrojo; porém agora aos teus pés satisfarei com as minhas lagrimas a tua offensa: perdoa-me o aggravo: eu direi a Policrates a minha culpa, e a tua innocencia: saberá que eu fui....

*Filint.* O meu estrago; e a tua ruina: nada executes, que poderá ser maior prova essa piedade: antes estimo a nota que padeço, do que ver em meu Pai a suspeita de que me adoras, e que da paixão movida nos disfarces da tua culpa queres amante eximir-me a hum precipicio.

*Estel.*

*Eſtel.* Quanto para o teu perdão me intimar o teu preceito, ſerá empenho da minha obediencia: manda, ordena quanto quizeres, que nunca em mim verás a repugnancia; porém has de eſquecer o meu delicto.

*Filint.* Se tanto queres obedecer-me, ſeja recompenſa do teu crime o não amar-me.

*Eſtel.* Tyrenna ſentença! Ai, e como hei de deixar de querer-te?

*Filint.* Eſta ſatisfação ſó peço á tua culpa.

ARIA.

*Eſtel.* Callando ſentirei
O meu deſtino avaro:
Mas que te não ame, oh caro,
Difficil me ſerá.
Em que te offende ingrato
O meu amante peito?
Não baſta eſtar ſujeito?
Pois que lhe queres mais? *Vai-ſe.*

*Filint.* Oh quem pudéra conſeguir em Irene a piedade, como em Eſtella logro os rendimentos. *Quer bir-ſe.*

*Sahe Irene.*

*Iren.* Suſpende o paſſo, infame.

*Filint.* Ainda me perſegues, falſa?

*Iren.* Ainda não eſtá ſatisfeita a minha ira?

*Filint.* Vás por ventura a duplicar infamias á minha innocencia?

*Iren.* Vens por ventura a decifrar naquelle papel o aggreſſor do crime?

*Filint.*

*Filint.* Em que te offendeo aquelle papel com o ſeu aviſo, ſe eu ſó conſegui os creditos de delinquente? Vê que me reporto, e baſte.

*Iren.* E eu em que te aggravei, ſe os meus exceſſos ſó forão para acreditar a minha lealdade?

*Filint.* Pois ſe ainda na tua lembrança conſervas alguns ſinaes do meu amor, ſó te peço, que a morte, que intentas contra meu Pai, a traslades compaſſiva para o meu peito.

*Iren.* Eu, Filinto, não ſei confundir aggravos com amores: eu amo ao filho, e aborreço ao Pai, e deſta ſórte ſatisfaço a meu Pai defunto.

*Filint.* Se tu procuras ſatisfação a hum inſulto commettido, eu pretendo os deſvios a hum golpe deſtinado, e mais razão tem a minha defenſa, do que a tua vingança.

*Iren.* Pois ingrato, já que he tão diminuto o teu affecto, que cedem as ſuas vehemencias a alheias deſgraças, ſegue os teus intentos, que os meus ſerão deſde hoje transferir em odio, quanto o carinho ſoube grangear affecto: deſde hoje ſerão os noſſos deſvelos ſómente para os males: tu dirás a ElRei, que eu ſou o traidor, e eu com as minhas aſtucias, esforçando o engano do teu crime, farei que as minhas induſtrias ſuperem as tuas verdades.

*Filint.* Meu bem, ſuſpende as iras.

*Iren.* Sofóca as vozes: não pertencem a quem te buſca os damnos, eſſes epithetos.

*Filint.* E o meu amor?

*Iren.*

*Iren.* Se queres que te escute, deixa o amor, e falla-me em vingança.

*Filint.* Pois eu devo.....

*Iren.* Esquecer-te de Irene.

*Filint.* Pois Irene adeos: e já que he tanta a tua tyrannia, hirei buscar na morte huma piedade: a ElRei direi que sou o réo, e acabarei na vingança, que de mim tome, a infeliz vida, que tanto me maltrata. *Faz que se vai.*

*Iren.* Espera, não te ausentes.

*Filint.* Deixa, Senhora, apressar os meus passos para a minha morte.

*Iren.* Ouve: esse arrojo que intentas, nem a ElRei exime da minha furia, nem a ti de huma ruina.

*Filin.* Basta-me para gloria huma innocencia; mas já que de outra sórte não cedem as tuas iras aos meus desgostos, saberá ElRei que tu és o traidor.

*Iren.* Vai falso, vai perjuro, solicita os meus damnos, que acharás em mim a mesma recompensa, e verás se a minha fé não te usurpa das veias o fementido sangue. *Faz que se vai.*

*Filint.* Espera ingrata: se o meu sangue intentas, victima aos teus olhos farei desta innocente vida.

*Tira de hum punhal para ferir-se, e sahe ElRey.*

*Rey.* Suspende traidor o arrojo.

*Iren.* Oh Deoses!

*Rey.* Ingrato contra hum amigo, que tanto quero, procuras nesse ferro a sua morte? Nega-

ago-

agora o teu crime, dize que he falſo, mas os meus olhos ſerão teſtemunhas do teu arrojo.

*Filint.* Verdade he, Senhor, o meu delicto; eu ſou quem te aggrava, e a Carpio offende, e ſó a minha morte ſatisfará tantas injurias.

*Iren.* Soberanos Deoſes, não deſampareis aquella innocente vida. *á part.*

*Rey.* Olá da minha guarda, levai a Filinto, e nunca da ſua preſença falteis hum ſó inſtante.

*Sahem alguns Soldados.*

*Iren.* Senhor, Filinto não queria a minha offenſa; cégo da ſua pena quiz fazer o proprio peito ſalvo dos ſeus ameaços.

*Rey.* Em vão intentas com piedoſo engano eximillo aos meus furores. Dize me pois, porque te retiravas?

*Iren.* Não era cobardia o meu deſvio.

*Filint.* Até na compaixão que moſtras indicas que me aborreces. Se intentas com eſſa piedade accumular inſtantes á minha vida, ſabe que he tyrannia eſtorvar a minha morte.

*Rey.* Satisfarás eſſe deſejo: poucos inſtantes terão os teus alentos falſos.

*Iren.* Ai infeliz! *á part.* Senhor, moderai a cólera, pois no ſeu caſtigo com mais vehemencia creſce a tua ruina. Filinto ainda não declarou o réo, e póde ſer que eſte não execute o golpe, por ver que Filinto o ſabe. Se a morte lhe dás, poderá com menos ſuſto executar o traidor os ſeus intentos.

*Rey.* Bem te occorreo o meu perigo. Oh quan-

to te devo! Nunca, querido amigo, te tires do meu lado.

*Filint.* Talvez que nessa vigilancia cumpras as leis ao fado. Dize-me, Senhor, não póde ser Carpio quem te offenda?

*Iren.* Eu traidor?

*Filint.* Em qualquer póde occultar-se o inimigo. Senhor, da tua cautella só fia a tua vida.

*Rey.* Calla-te, infame, e parte.

ARIA.

*Filint.* Infame me julgas?
Que pena tyranna!
Vê bem quem te engana
Que pena he callar!
Sou filho, e tu Pai,
Usurpa-me a vida;
Mas vê que a ferida
Na falta que faço
Te póde matar. *Vai-se com os Sold.*

*Iren.* Vacilame está ElRei, *á part.*

*Rey.* Muitas são as provas da traição de Filinto. *á parte.*

*Iren.* Se estará ElRei por ventura fazendo reflexão nas palavras daquelle ingrato. *á part.*

*Rey.* Carpio traidor? porque motivo? *á part.*

*Iren.* Se a sua desconfiança se encaminha á minha suspeita, perco todos os meios para os meus designios; porém agora que a occasião me segura a felicidade com não ter testemunhas do delicto. . . *á part. Tira a espada.*

*Rey.*

*Rey.* Filinto para ſe eximir da culpa, impõem a Carpio a nota. *á part.*

*Iren.* Seja a ſua vida victima nos altares da minha vingança. *á part.*

*Vai a ferir ElRey por detraz, e ſahe Adaſtro.*

*Adaſt.* Senhor.

*Iren.* Oh Deoſes, que infeliz acaſo! *á part.*

*Adaſt.* De que te ſervia, Carpio, o mortal inſtrumento, que na mão empunhavas?

*Iren.* Valha-me a induſtria. *á parte.* Para depollo como troféo ás plantas d'ElRei meu Senhor; que póde haver quem cavilóſo quiz manchar com eſcrupulos a minha fé; e primeiro eſtá a minha honra do que a minha vida. Eu traidor! oh Deoſes! Não podia o tyranno Filinto pôr mais injurioſa mácula á minha alma. Aos teus pés. (*ajoelha.*) Soberano Monarca, offerece Carpio a eſpada, e a liberdade, e ſó pede a reſtituição, quando no conhecimento do traidor fique deſperſuadida a ſuſpeita da ſua infidelidade.

*Rey.* Que fiel ofrenda! Levanta-te, e recebe a tua eſpada.

*Iren.* Soccorro aſtucias. *á part.* Senhor, a minha obediencia agora não he devida.

*Rey.* Eu to peço, e ElRei to manda.

*Iren.* Pois deſſa ſorte executo o teu gôſto, e cumpro o teu preceito, e já, Senhor, que a tua benevolencia procura reſtituir-me o credito, permitte ao menos que de Palacio me auſente, por eximir-me á inſolencia de que ſegunda vez me ultrajem.

*Rey.* Não, antes quero que tu sejas a escolta da minha vida.

*Iren.* Eu, Senhor?

*Rey.* Sim.

*Iren.* E quem me segura a fé de quatros se conjurão contra a tua vida? Se eu fosse só...

*Rey.* Tu só has de ser quem me assista: procura das minhas guardas as que mais fieis te forem, e busca o traidor.

*Iren.* A minha obediencia desempenhará o teu preceito. Alviçaras fortuna, he chegada a minha dita ao porto da minha esperança. *á parte. e Vai-se.*

*Adast.* Não he pouca ventura, Senhor, tanta fé em hum estrangeiro vassallo, mas repara que he preciza muita cautella contra o teu destino.

*Rey.* Hoje subirás comigo ao throno, e não se oppora tanta traição facilmente contra dous Monarcas.

*Adast.* Mais nesse intento ao traidor incitas. Alterado tem Filinto a plebe, e se a raiz não cortas a tantos damnos, crescerão os seus designios: o remedio he facil, posto que penoso; se Filinto deste tumulto he cabeça, cortada esta cessarão os membros.

*Rey.* Eu não me animo.

*Adast.* Dissimula, coração: até eu de imaginallo tremo. *á part.* Outro remedio tambem se fica: rende-lhe voluntariamente o solio, e de mim te esquece; e quando isto não baste para segurança da tua vida, aqui está o meu sangue; que feliz victoria alcanço, se a preço da minha vida te restituo a tua paz.

*Rey.*

*Rey.* Os parpados ſinto inundar de pranto: oh venturoſo Pai, que tal filho logras! *á part.* Não, a tua vida eſtimo ainda mais que os meus alentos.

ARIA.

*Adaſt.* Vivirei ſe a minha vida
For amparo á ſua ſorte:
Morrerei, ſe a minha morte
For allivio a tanto mal.
Em ſeguir os teus preceitos
Alcanço a melhor victoria,
Nem pretendo melhor gloria,
Que ſorte ſempre leal. *Vai-ſe.*

*Rey.* Não erão as minhas conjecturas, Filinto he o falſo; morra, ainda no meio de tanto aggravo me embaraça as iras o paternal affecto. *Vai ſe.*

SCENA II.

*Sala regia com cadeira, ſabe Irene.*

*Iren.* NO fogo da vingança, e nas chammas do affecto arde o meu coração: ai infauſto Filinto, deſculpa os meus exceſſos, que o amor os não dicta, quando a paixão ſómente os inſinúa; não he poſſivel deſpojar da vida ao barbaro Policrates, mas ſe a minha diligencia não conſeguir o intento, antes renderei á Parca a vida, que eſtar vendo o motor da minha injuria.

*Deſ.*

*Sahe Defenfado.*

*Def.* Graças a Deos, que já appareceo a menina perdida,

*Iren.* Defenfado.

*Def.* Tudo he Defenfado, e aſſim ſe paſſa o tempo: Senhora, que fazes que não he poſſivel achar-te; o certo he que tu andas muito perdida.

*Iren.* Que dizes, eſtás louco?

*Def.* Pois não he aſſim, huma Princeza, que não he lá muito feia, andar ſempre mettida entre homens.

*Iren.* Como ſempre ao lado de ElRei me obriga aſſiſtir á minha occupação, eſſe o motivo porque não me encontras.

*Def.* Eu, Senhora, não quero andar aos encontrões comtigo, baſta-me que tenhas a gloria de ſaber de mim.

*Iren.* Deixa loucuras, e dize-me, o que fazes?

*Def.* Sim, agora he que me perguntas o que faço, bem póde a gente morrer, e a ti daſſete bem diſſo; mas olha que ſe te morrer o Defenfado, que póde ſer que andes mais afflicta; mas tu fias-te de mim porque ſabes que homem morto não falla.

*Iren.* Pois tu que tens?

*Def.* Ai Senhora, huma couſa que não deixa a ninguem ter nada de ſeu; ſinão hum mal procedido de hum bem, tenho cá humas taes coſegas no coração, que parece hum rato que me eſtá ſempre a roer.

*Iren.*

*Iren.* Eu não te entendo.

*Deſ.* Verdade he, Senhora, que elle mal ſe entende, mas olha iſſo he huma couſa doce, que ao depois bem ſe amarga, he huma mania de tal ſorte, que choro tanto, que ás vezes me vem as lagrimas aos olhos: ora elle eſtá bem claro.

*Iren.* Eu não te comprehendo, vê bem o que dizes.

*Deſ.* Ai, Senhora, como hei de ver ſe eu anjo cego?

*Iren.* Que dizes, tu cego?

*Deſ.* Sim, Senhora, que me atirou a deſgraça com huma Pederneira á minha viſta, e como não deitava fogo, veio tirar-me o lume dos olhos.

*Iren.* Deixa-te de graças, e explica-te melhor.

*Deſ.* Ora eu digo o meu mal por enigma: he huma couſa que não ſe compra bem que ſe venda.

*Iren.* Iſſo he amor?

*Deſ.* Ah, eis-lo ahi, penetraſte o fino do meu coração.

*Iren.* Pois tu padeces eſſa goſtoſa pena?

*Deſ.* Sim, Senhora, ando meſmo penando de goſto.

*Iren.* Não póde ſer; amor como Rei ſó tem a ſua eſfera nos illuſtres peitos.

*Deſ.* Quem amor? o outro he huma criança, ſabe lá o que he brio.

*Iren.* No peito de hum humilde criado, não ſe encerra amor.

*Deſ.* Ui, eu cá ſempre fui criado com muito amor.

*Iren.*

*Iren.* Deixa loucuras, e adeos; que ElRei me espera. *Quer hir-se.*

*Def.* Ah Senhora, tenha mão da parte d'ElRei

*Iren.* Que me queres?

*Def.* Pois tu não, não desejas saber as minhas inclinações.

*Iren.* Não.

*Def.* Ora he a primeira mulher que vejo ser ser curiosa de saber as vidas alheias. *á par.* Pois não hei de dizer tas, senão olha que ao depois has de ouvir-me.

*Iren.* Não me permitte mais demora a minha occupação.

*Def.* Ora ouve, que não gasto mais tempo do que em quanto as digo. Ai Senhora, ai cada vez que fallo nisto de amor, arrepão-se-me as carnes. Has de saber que amo tão cego a huma Pedorneira, que ando feito outro Pigmalião adorando as pedras. Eu bem conheço que ella he muito amoruda, mas tambem me faz desconfiar o pedir-me humas trastes, que isso he o diabo.

*Iren.* Fica-te embora. *Quer hir-se.*

*Def.* Espere, que agora he o meu empenho.

*Iren.* Acaba, e mais me não dilates.

*Def.* Esta tal rapariga he criada ou para melhor dizer luzida estrella deste ceo de Palacio: não te descandalizes, que *nò és comparar bellezas, el referir perfeciones*: e pôr incurtar razões, quero que tu te empenhes com ElRei para que me faça Capitão, dando-me acompanhia da Pedorneira.

*Iren.*

*Iren.* Eſtás louco?

*Def.* E logo proteſto, que não quero mais augmento; porque de nenhuma ſorte quero ſer Coronel.

*Iren.* Tu não ſabes quem eu ſou, atrevido?

*Def.* Sei, que és huma grande pedreira para ElRei; e aſſim eſpero deſſa pedreira a minha Padeneira.

*Iren.* Pois ſabe, que a tua loucura te evita os ſupplicios da tua ouſadia.

*Def.* Não quer que caze com Pedeneira? Pois tambem Voſſa Alteza não ha de cazar com Filinto, que *ſolatium eſt miſeris ſocios habere penates.* Eu direi a Sua Mageſtade, que Voſſa Alteza he hermafrodito.

*Iren.* Infame, ás minhas mãos.... *Dá-lhe.*

*Def.* Ah que d'ElRei, que me mata o hermafrodito de meu Amo! *gritando.*

*Sahe Macaco.*

*Mac.* Que gritaria he eſta?

*Def.* Acudá-me, Senhor Macaco Gonçalves Barulho.

*Iren.* Calla-te, ou te matarei.

*Mac.* Aqui eſtou: que me quéres, homem?

*Def.* Ai Macaco, coca nelle, coca nelle.

*Iren.* Ai de mim! Se me declara eſte infame, finalizou a eſperança da minha idéa. Que farei? Mas lograrei com agrados o que não conſigo com violencia. *á part.* Deſenfado, fica-te embora, e farei por ſatisfazer ao teu empenho. *Vai-ſe.*

*Def.*

*Def.* Ora pois, ficamos nisso? Olhe, e veja se lhe póde sacar tambem o dote, que he o principal.

*Mac.* Que historia era cá esta do Irmão fradinho?

*Def.* Que ha de ser? He que eu queria fazer meu Amo terceiro cá de certa ordem e..... Eu não sei o que digo. *á part.*

*Mac.* E que?

*Def.* Então dizia-lhe que aceitasse, que lho havia agradecer muito meu Irmão fradinho.

*Mac.* Ah, cuidei, que era alguma cousa de importancia.

*Def.* E quando fosse, a v. m. que lhe importava?

*Mac.* A mim nada: mas vamos ao que importa: v. m. não me dará noticias daquella menina, que certamente, olhe certamente.....

*Def.* Certamente o que?

*Mac.* Certamente nada.

*Def.* Pois ella he peixe?

*Mac.* Não: antes pelas boas carnes he que eu o dizia.

*Def.* Não seja asno, e saiba que essa rapariga está para ser minha mulher.

*Mac.* Isso em v. m. he graça; mas olhe, se v. m. se quizesse desfazer della.....

*Def.* Ai meus peccados, que me vem pedir a mulher! Mas verei o que me diz. *á part.* Olhe, verdade he, que se não fora ter-lhe promettido de casar com ella, tambem a vontade não he grande.

*Mac.* Pois então deixe-a para mim, que tenho huma forte vontade.

*Def.*

*Def.* Meus ditos, e meus feitos: mas verei se posso tirar a este tolo alguma tolá para comprar os trastes de Pedreneira, senão ella pouco fará em se mudar para Macaco, e mandar-me a mim bugiar. *á part.*

*Mac.* Pois então em que ficamos?

*Def.* Que remedio tenho eu, senão ser paciente? Se eu achasse alguem que quizesse casar com ella em meu lugar....

*Mac.* Pois que duvida? Aqui está Macaco para supprir o seu lugar.

*Def.* Sim, hum Macaco lá póde servir de Desenfado; mas não está ahi toda a conta.

*Mac.* Não lhe faz conta?

*Def.* Se eu tivesse algum dinheiro com que rebatesse o escrito de casamento.....

*Mac.* Ui, essa he a duvida? Quanto quer?

*Def.* A mim bastava-me dez meias dobras.

*Mac.* Sim, eu lhas darei dobradas.

*Def.* Pois isso ha de ser depressa; se as não traz ahi, vá buscallas, ande, que o embarga.

*Mac.* Tenho medo, que v. m. me embargue o casamento. Mas eu vou, e quero pedir-lhe hum favor.

*Def.* Diga.

*Mac.* Quizera que v. m. me levasse hum escrito, para ver se Pedreneira com os meus incendios se desfazia em fogo, em ordem a pegar a mécha dos meus desejos.

*Def.* Ui! pois não? Primeiro te hei de eu comer a isca. *á part.*

*Mac.* Pois eu vou buscar o dinheiro: até logo

go; eſpero da mercê que me faz, que não falte a eſta honra. *Vai-ſe.*

*Deſ.* Vá certo, que cá o eſpero. Pois que vai? Eu feito terceiro de Macacos! Ora vejão com aquella cára de ſaguim, tambem quer cazar! Mas venha agora a laia, que depois lhe chegarei ao pelo.

ARIA.

*Deſ.* Senhores, caluda:
Deixem vir Macaco
Que, como tabaco,
A's ventas por brinco
Lhe quero chegar.
Depois que o dinheiro
Nas máos acolher,
Mandallo-hei beber
Daquillo, daquillo,
Etcetera callar.

*Sabe Pederneira.*

*Pedern.* Lindamente! lindamente!

*Deſ.* Ora eſtimo que tiveſſe eſta occaſião de me ouvir.

*Pedern.* V. m. cantando? iſſo he ſinal de alegria.

*Deſ.* Antes quem canta, he porque eſtá triſte.

*Pedern.* V. m. triſte? Não, quem não tem cuidados: . . . .

*Deſ.* A'gora não tenho cuidados: já eu hoje fui á rua dos ourives mercar huns brincos.

*Pedern.* Que diz? Voſſê brinca? E trouxe-os?

*Deſ.* Não, porque não levava dinheiro.

*Pedern.*

*Pedern.* Então que foi lá fazer?

*Deſ.* Fui ſaber-lhe o preço. Olha eſtavão lá huns bem baratos.

*Pedern.* Quanto querião por elles?

*Deſ.* Erão muito baratos.

*Pedern.* Pois por quanto os davão?

*Deſ.* Eu não ſei, porque não lhe fiz o preço.

*Pedern.* Ora vá-ſe embora, não ſeja deſavergonhado de me vir lograr outra vez: vá-ſe, vá-ſe. (*Sahe Macaco.*) Mas ahi vem Macaço, agora me vingarei, dando-lhe zelos. *á part.* Meu Macaco....

*Deſ.* Ai que ella prega-me o mono com Macaco! *á part.*

*Mac.* Eſpera, rapariga: bem ſei, que queres cazar comigo. *á part.* Senhor Deſenfado, aqui eſtá o dinheiro, e faça-me o favor de ſe retirar.

*Deſ.* Cahio na corriola: vou comprar os traſtes de Pedorneira, para lhe abrandar a raiva. *á part.* Ah Senhor, e o eſcrito?

*Mac.* Já não he precizo: como eu lhe poſſo fallar, a minha palavra he propria eſcritura.

*Pedern.* Meu Macaco, não me reſpondes?

*Mac.* Digo, que já cá tem feito com ella que ſeja minha amiga, que eu bem o vejo no modo de fallar.

*Deſ.* Iſſo ſim: pois eu havia deſcuidar-me? E ella eſtá ſegura em que v. m. lhe quer bem; he capaz de ſe fazer grave: fique-ſe com ella, e adeos *Vai-ſe.*

*Pedern.* Foi-ſe embora, ſem fazer caſo de mim.

Ago-

Agora se Macaco fora mais de meu gosto, tambem o caracol de Desenfado havia pollo ao sol; mas como he o meu odio, não quero com elle graças. *Faz que se vai.*

*Mac.* Ella ahi começa com desdens. *á p.* Oh, v. m. quer que a roguem?

*Pedern.* Que diz?

*Mac.* Já me disserão, que v. m. se havia fazer toda aquella de manso de seda.

*Pedern.* Ora não seja asno, vá-se embora.

*Mac.* Ah Senhores, olhem como se finge! *á part.* Vossê, como sabe que morro em a verdo, por isso he que aquillo...

*Pedern.* Ora está bem tolo!

*Mac.* Ora menina, compadece-te de mim.

*Pedern.* Tomára-o eu ver padecente.

*Mac.* Visto isso, mandas-me pôr em tres páos? Mas olha que já estou feito em pedaços.

*Pedern.* Pois eu não quero nada com quebrados.

*Mac.* Olha a tolla, tomáras tu cazar comigo, que nunca te havia faltar senão tudo, o que houvesses mister.

*Pedern.* Vá-se, Senhor quebrado, que não servé para marido inteiro.

*Mac.* Ora não te movem estes roquebrados amores?

*Pedern.* Senhor Macaco, vá-se embora, que já fede.

*Mac.* Não póde ser, que eu sou o teu Macaquinho de cheiro. Mas já que ella me despreza por bem, quero ver se a levo pôr mal *á part.* Oh desavergonhada, oh grandissima porcalhona!

*Pedern.*

*Pedern.* Hé baſtante atrevimento! tome, tome. *Dá-lhe.*

*Mac.* Ora graças a Deos, eſtava ahi ſem me dar nada. Não ha couſa como por mal: vejão logo como me deu pancadinhas de amor. *á part.* Ora vem cá minha eſpoſa conſorcia.

ARIA.

*Pedern.* Paſſa fóra Macaco,
Ai, ai que me come!
Se tu não és home,
Não tenhas amor.
Vai lá para o mato
Buſcar companhia;
Eu ſou cá bogia
Para ter de ti dó? *Vai ſe.*

*Mac.* He forte diſfarçar! Ella vai como hum raio, mas todo aquelle fuzilar vem a dar em calmaria: digo iſto, porque já me calmou. Aquelles enfados hé o meſmo que *reñir para mas querer.* Vou dar os agradecimentos a Defenſado, por eſte paſſatempo. *Vai-ſe*

*Sabem Filinto, e Alicandro.*

*Alic.* Quem recuſa hum amparo, juſtifica o rigor da ſua ſorte. Deſeſperação, e não valentria, Principe, hé criminar o zelo, que a minha amizade tem conquiſtado ao vulgo.

*Filint.* Só a tolerancia deſvanece o rigor do fado.

*Alic.* Sempre a ventura foi antipoda do merito;

to; não fies pois, Senhor, na tua innocencia a tua vida.

*Filint.* Bem que efflicta a minha alma, não sente o rigor da injuria, quando conserva os timbres da constancia.

*Alic.* Sim, mas quando a plebe examina hum supplicio, sempre conjectura antecedente o aggravo.

*Filint.* Eu satisfaço-me com saber que innocente morro.

*Alic.* Pois ainda a pezar desse esforço, farei que as mais fieis esquadras te usurpem as violencias de teu injusto Pai.

*Filint.* Sim; mas essa piedade, he mais traição do que fineza.

ARIA.

*Alic.* Se não pódes contender
Com o rigor do injusto fado,
Não pretendes desgraçado
Estorvar o meu valor.
Ao furor de hum Pai tyranno
Hei de oppor-me como amigo;
E verás neste perigo
Se he constante o meu amor.

*Vai-se.*

*Sahe Adalstro.*

*Adalst.* Que vejo! tu estás só?

*Filint.* Enganas-te, que sempre a desventura he minha companheira.

*Adalst.* Já está segura a tua felicidade: brevemente será ElRei o nuncio desta noticia.

*Filint.*

*Filint.* Oh que infeliz ſou! Pois na tua preſença me ha de fallar ElRei.

*Adaſt.* Pois que querias, ſoberbo? Que os meus ouvidos não teſtemunhaſſem os teus enganos? Querias dever ás tuas liſonjas o que nega a juſtiça á tua culpa?

*Filint.* He falſa a tua idéa, que não ſabe ter pejo quem vive izento de ter commettido o aggravo. A dor, que tenho de ver-te, he conſiderar, que o teu ſangue ha de ficar deſluzido com a minha nota.

*Adaſt.* Pouco ſinto eſſa pena, quando ella ha de ſer a coroa do meu merecimento, e o merito da tua Coroa.

*Sahem ElRey, e Irene, a qual fica ao baſtidor.*

*Rey.* Vigia, Carpio, a entrada deſta eſtancia, e neſſa mais proxima eſcute Eſtella os meus decretos.

*Iren.* Já te obedeço. *retira-ſe ao baſtidor.*

*Rey.* Adaſtro, parte deſte ſitio.

*Adaſt.* Que me auſente? E quem no meu retiro ſerá parte da minha razão?

*Rey.* Eu a defendo.

*Filint.* Fique, ſe quizer.

*Rey.* Não, comtigo quero eſtar ſómente.

*Adaſt.* E fias-te, Senhor, da ſua companhia?

*Rey.* Cumpra o que te ordeno, e cala-te.

*Adaſt.* Já te obedeço. Oh como temo que Filinto me entregue. *á part. e vai-ſe.*

*Rey.* Filinto, toma aſſento, e ouve-me. Juiz,

ou Pai venho á tua preſença: ſe Pai me eſtimas, verás aonde chega o meu affecto; e ſe Juiz me intentas, executarei comtigo o meu deçoro.

*Filint.* Não te temo Juiz, e Pai te idolatro. *aſſentão-ſe.*

*Rey.* Poſſo eſperar da tua obediencia deſempenhos a hum meu decreto?

*Filint.* Eu to prometto.

*Rey.* Pois em quanto fallo, attenda o teu ſilencio.

*Iren.* Que dirá? *á parte.*

*Rey.* Filinto, de mil crimes as minhas evidencias ſabem que tens ſido author. A obediencia negaſte a hum juramento: hum papel me entregarão, que me aviſa de huma traição; e no tempo em que a perplexidade me não diſſolvia a duvida, te vi no meu quarto occulto. Que mais indicio? O meſmo Adaſtro me diſſe que tu.....

*Filint.* E julgas ſer verdade?....

*Rey.* Satisfaze á promeſſa, ouve-me, e calla.

*Iren.* Infeliz Principe! *á parte.*

*Rey.* Simulacro és das queixas de Adaſtro; a Eſtella pretendes, e ameaças; a Carpio quaſi aos meus olhos quizeſte dar a morte: tudo te accuza, e por mais que os vaſſallos rebeldes.....

*Filint.* Vê, Senhor, que ſão falſos.....

*Rey.* Ouve-me, e calla-te. Vê pois quantos ultrajes me tens feito, e quantas obrigações me cercão para o teu caſtigo; mas trocando

em

em amor a ira, te perdo-o, e nos meus braços te rogo, que confeſſes o traidor. Não procura hum Pai offendido outra ſatisfação mais qua fé, e arrependimento.

*Iren.* Suſpenſo eſtá Filinto: oh queirão os Deoſes, que não declare os meus intentos. *á part.*

*Filint.* Fallar não poſſo.

*Rey.* Se o temes pela vida do réo, eu lhe perdo-o, e ſeja a minha mão o abono da minha palavra. *Dão as mãos.*

*Iren.* Ai de mim, que temo ſe declare! *á part.*

*Filint.* Pois Senhor, com eſſe ſeguro direi...

*Sabe Irene.*

*Iren.* Senhor, eſqueces-te de que eſpera Eſtella as tuas reſoluções?

*Filint.* Oh Deoſes! *á part.*

*Rey.* Não: bem me lembra; auſenta-te.

*Iren.* E no entanto que direi?

*Rey.* Dize o que quizeres.

*Iren.* Já te obedeço. Perfido, não falles.

*á part. para Filint. e retira-ſe.*

*Filint.* Oh quanto comigo he cruel Irene! *á part.*

*Rey.* Dize pois, reconcilia em mim aquelles affectos, que a offenſa tinha ſepultados: explica-te: porém de que te turbas?

*Filint.* Piedoſos Ceos! *á part.*

*Rey.* Já te penetro: não póde reſiſtir o affecto ao nome de Eſtella: tambem ſatisfarei a eſſe deſejo com a ſua poſſe: bem ſei que a adoro,

ro, mas será a resistencia propria imagem de Alexandre na mais rica oblação de huma Campanhe: tua esposa será Estella.

*Filint.* Ao dizer-te o réo talvez que tu não creias. . . . .

*Sahe Irene.*

*Iren.* Senhor, importuna Estella queria entrar nesta habitação, e por obstar-lhe o intento, fiz que se retiraſſe.

*Rey.* E ausentou-se?

*Iren.* Sim, Senhor.

*Rey.* Apressa-te, e procura obviar-lhe os passos.

*Iren.* Calla-te perjuro. *para Filint. Vai-se.*

*Rey.* Falla, pois já Estalla he tua, e tudo o que intentares: ainda te suspendes duvidoso?

*Filint.* A Estella aborreço, e fallar não posso.

*Rey.* Pois tyranno, morrerás infame, como viveste falso. Que mais queres de mim? O throno? a esposa? o perdão? nada te move? Mas já sei, que sómente aspiras á execução do voto que fizeste: a minha morte queres; aqui tens o meu peito; trasspassa-mo, tyranno, pois sem defensa o exponho ás tuas iras.

*Sahe Irene.*

*Iren.* Como sem defensa? se o meu braço ha de ser muro, que se exponha aos damnos?

*Rey.* Parte a conduzir Estella.

*Iren.* Já te obedeço. *Vai-se.*

*Filint.* Senhor, se a Estella adoro, permitta o Ceo. . . . .

*Rey.* Suspende, perjuro, os écos.

*Sa-*

*Sahem Irene, e Estella.*

*Estel.* Aqui me tens, Senhor, subordinada ao teu preceito.

*Rey.* Filinto escuta; esta he a ultima vez, que a minha piedade te offerece, ou a conservação, ou a ruina: se o réo declaras, Estella; é o meu throno serão premios, que te satisfação; e se ainda o encobres, o carcere, e a morte serão castigos da tua pertinacia. Eu me retiro, porque o meu respeito não prenda as tuas vozes: a Carpio o dize. Não desprezes a minha resolução; vê que te quer com vida, quem com desengano te falla.

*Filint.* Ai infeliz! Irresoluto me vejo *á part.*

ARIA A 4.

*Rey.* O que negas, filho ingrato,
Faz que eu creia que és traidor.

*Filint.* Se a traição não te recato,
Ser não posso aggressor.

*Estel.* Dize o réo, porque se saiba,
Que da culpa livre estás.

*Iren.* Falla, dize-nos qual seja
O traidor, que o crime faz.

*Filint.* Oh Deoses, quem me condemna,
O meu mesmo amor será;
Pois se o digo, he dura pena,
E se o callo, he forte mal.

*Rey.* Barbaro, traidor inhumano.

*Estel. e Iren.* Comtigo cruel serás.

*Filint.* Deixai-me, crueis tyrannos,

Dei-

Deixai-me Já respirar.

*Todos.* Oh Deoses, e que tormento

*Rey.* *Eſtel.* *Filint.* *Iren.* fomenta na ira / no peito / do zelo a dor!

*Rey.* Resolve, infiel perjuro,
Meu furor desenganar.

*Eſtel.* Attende do Pai a queixa,
E socega-lhe o seu mal.

*Iren.* Se o traidor lhe não revellas
Tu sem duvida o serás.

*Filin.* Para que, sorte inimiga,
Quiz a vida dilatar?

*Todos.* Oh que pena na alma sinto
Com tão perfido furor!

*Vai se ElRey.*

*Iren.* Venturosos amantes! Oh quanto o meu affecto estima os vossos jubilos! Em zelos ardo. *á part.*

*Filint.* Ainda te burlas da minha pena?

*Eſtel.* Parece que irresoluto vacilla? *á part.*

*Iren.* Falla: agora emmudeces?

*Filint.* Oh Deoses! Deixa-me.

*Iren.* ElRey me destinou para o exame da tua escolha, ou a Estella, ou a prizão.

*Eſtel.* Resolve pois no que determinas.

*Filint.* Carpio resolva: a minha vontade ha muito que he já sua: seguirei os dictames da sua resolução.

*Iren.* Ah falso, como de mim te vingas! *á p.*
Vê, Principe, que eu não sei.....

*Filint.*

*Filint.* Mais do que atormentar-me. *Vai-ſe.*

*Iren.* Deoſes, que lhe direi? *á part.*

*Eſtel.* Dos teus labios eſtá pendente toda a minha gloria.

*Iren.* Eu julgo, que Filinto, ſem algum reparo aceitaria o teu conſorcio.

*Eſtel.* Grande fora a ventura, ſe o meu amor o conſeguíra.

*Iren.* E tu o adoras?

*Eſtel.* Amante o idolatro.

*Iren.* E o pertendes eſpoſo?

*Eſtel.* Quando a tua fineza mo confirme.

*Iren.* Pois, he fruſtrada a tua eſperança.

*Eſtel.* Porque?

*Iren.* Valer-me-hei deſte engano para não perder a Filinto. *á part.* Poſſo, Senhora, communicar-te hum ſegredo?

*Eſtel.* Declara-o ſem receio.

*Iren.* Pois ſabe (perdoa-me o arrojo) que amante te idolatro.

*Eſtel.* A mim? que dizes?

*Iern.* Sim, Senhora, que fora deſcredito das luzes o não communicar incendios.

*Eſtel.* E dize-me, Carpio, que incentivo te obrigou a tanto exceſſo?

*Iren.* A gloria de adorar-te, naſceo em mim de ver-te.

*Eſtel.* Pois ſó de ver-me, chegaſte a idolatrar-me?

*Iren.* Sim, Senhora, que a tua viſta, e a tu formoſura não podem conceder demoras a idolatria.

*Eſtel.*

*Eſtel.* Em fim vio-me, e adorou-me tudo foi ao meſmo inſtante?

*Iren.* Pouco prazo preciſa amor para os triunfos, ſe com armas de fogo ſó executa os tiros. Ora attende.

## SONETO.

Da morte o Baſiliſco cega o raio;
Eſte na viſta, aquelle nos ardores;
Hum diſpende dos olhos os rigores,
Outro faz do rigor na viſta enſaio.
Para acabar da vida o verde maio
Qualquer tempo he baſtante a ſeus furores,
Pois hum n'um abrir de olhos, nos fulgores
Outro, tudo reduzem a deſmaio.
Baſiliſco he amor, porque da viſta
Me reſulta o eſtrago, a que me entrego;
He raio, porque cega quanto aviſta:
E ſe exemplo és de amor, querido emprego,
Foi preciſo ficar em tal conquiſta
Morto a teus olhos, e a teus raios cégo.

*Eſtel.* E para que até agora callaſte eſſe affecto?

*Irene.* Porque o reſpeito foi remora das minhas vozes.

*Eſtel.* Eſtimo eſſa fineza, mas já não poſſo correſponder aos teus extremos.

*Iren.* Para que, tyranna homicida, me alentas na eſtimação da minha fineza, ſe a morte me dás tambem no deſengano?

*Eſtel.* Carpio, repara que Filinto confiou da tua fé o reparo á ſua vida, e aſſim

*Iren.*

*Iren.* Em vão intentas, que não ſou tão barbaro, que haja de ſer verdugo do meu proprio goſto.

*Eſtel.* Conſidera, que a Filinto matas, ſe o contrario intentas.

*Iren.* He tutelar o Ceo das innocencias.

*Eſtel.* Pois em vão procuras na minha conſtancia mudança para os teus affectos.

*Iren.* E que te move a tanta tyrannia?

*Eſtel.* Eſſa cruel ſentença, que relatas.

*Iren* Paciencia.

*Eſtel.* Sempre ſerás o objecto dos meus odios.

*Iren.* Terei ao menos na tua companhia hum refrigerio.

RECITADO.

Ai de mim infeliz!
Na lida de amor, e odio vivo confuſa:
Se o odio me incita á morte de Policrates,
O ſer do meu Filinto Pai me embaraça as acções
Amo a Filinto, e me arrependo do perigo
Que lhe cauſo; Deoſes valei-me
Em tanta multidão de penas.

ARIA A DUO.

*Eſtel.* Ingrato, não me negues
O bem, que tanto adoro.
*Iren.* As lagrimas, que choro,
Tyranna não deſprezes.
*Eſtel.* Pois falſo?
*Iren.* Pois fiente? o meu peito
*Ambos.* Cruel acharás

*Iren.*

*Ireu.* Ai doce homicida,
Suſpende a eſquivança.
*Eſtel.* Se perco a eſperança,
A vida aborreço.
*Ambos* Que a vida ſem gloria
He duro penar.

# ACTO III.

## SCENA I.

*Jardim. Sahem Macaco, e Deſenfado.*

*Deſ.* ORa Senhor, dê-me noticia das ſuas fortunas.

*Mac.* Ai meu amigo, deixe beijar-lhe os pés em agradecimento do ſeu favor.

*Deſ.* Pois então o que lhe ſuccedeo?

*Mac.* O que havia de ſer? Começou a Senhora Pedemeira a fazer-ſe grave ao principio; mas ao depois foi dando de ſi.

*Deſ.* Pois fez-lhe algum favor?

*Mac.* Sim, Senhor, fez-me a fineza de me dar dous murros. Olhe, aquillo he que he dar de véras, tudo o mais he graça.

*Deſ.* Grande honra! E como ficaria v. m.ce contente!

*Mac.* Olá; póis não? baſtava-me ſer couſa da ſua mão.

*Deſ.*

*Def.* Sim, que *manos brancas nò offeden.* Ora ſempre he bem tolo o tal Macaco. *á part.*

*Mac.* Ora diga-me: ella tem-lhe fallado em mim?

*Def.* Iſſo a todo o inſtante.; hoje me deu ella os agradecimentos de lhe dar tão bom motivo.

*Mac.* Iſſo he liſonja.

*Def.* Não., não he.

*Mac.* Pois parecia-me: mas já vejo que tudo mereço.

*Def.* Tambem me diſſe, que morria por v. m. Olhe., ſabe agora o que ha de fazer? he deſprezalla, e não lhe dizer finezas; e verá como ella ſe desfaz toda em amores.

*Mac.* De veras? Oh meu Deſenfado, de veras? Iſſo he verdade? Ora v. m. ſaberá, como eu me faço grave.

*Def.* Em ordem a que me não perſiga a poquena, e ainda que ella já eſteja bem comigo pelos teſtes que lhe dei, com tudo mulheres são muito arriſcadas. *á part.*

*Mac.* Ainda não poſſo crer, que Pederneira eſtalla por mim.

*Def.* Sim: mas tu não te livras de alguns eſtouros. *á part.*

*Mac.* Ora adeos, que me não poſſo deter: veja ſe lhe preſto para alguma couſa, e não me poupe: bem ſabe.... mas adeos *Vai-ſe.*

*Def.* Bem ſei que he hum aſno. Ora vamos ver ſe o Senhor meu Amo pedio já a ElRei a minha Pederneira, que eſta noite faço tenção de a render; parece-me que a eſtou vendo feita minha marida &c. &c. *Vai-ſe.*

*Sa-*

*Sahem El-Rey, e Alicandro.*

*Rey.* Não, não quero que morra; dilatado privilegio lhe tem concedido a natureza.

*Alic.* Senhor, quem te segura, que o Povo alterado não procure ao depois punir a tua inclemencia na morte de Filinto?

*Rey.* Procura tu socegar o vulgo com a tua presença, mas seja dividida dos hombros a cabeça.

*Alic.* Vê, Senhor, se encontra a tua piedade outro remedio.

*Rey.* Outro não ha.

*Alic.* Pois, Senhor, eu devo...

*Rey.* Obedecer-me: parte; que he a minha vida precisa a sua morte.

*Alic.* Penando hirei cumprir os teus preceitos; mas em fim obedecerei aos teus decretos. Bem sei, que a Filinto adoro; mas tambem considero, que sou teu vassallo. Hirei conservar-lhe a vida. *á part.* O Ceo te guarde.

*Vai-se.*

*Rey.* Ai infeliz de mim! E quantos assaltos ferem meu triste peito! Em quanto a doce paz me sustentava o Reino, tudo era gloria; mas quando para reparo do meu susto ha de preceder de hum filho o estrago, tudo he martyrio; e..... mas as lagrimas, e a pena me usurpão as potencias para o acordo.

*Com o lenço nos olhos.*

*Sahem Estella, e Pederneira.*

*Estel.* Rei, e Senhor, que fazes? Em que te di-

dilatas que ao tumulto não corres? A plebe toda ao Palacio ſobe, e pelo ſeu Principe Filinto exclama.

*Pedern.* Ai Senhora, deixa-o aſſoar primeiro.

*Rey.* Não terá muita demora o deſpacho ás ſuas petições; ſem dilação lho entregarei, mas ſem alentos: de hum vaſſallo amigo a ſua morte fiei, e julgo, que já agora a ſua obediencia terá deſempenhado as minhas ordens.

*Eſtel.* Deoſes, que ouço! Senhor, o que fizeſte?

*Rey.* Vingar a Mageſtade, e o teu repudio.

*Pedern.* Logo a mim me cheirou a luto, quando vi a ElRei com choradeiras. *á part.*

*Eſtel.* Ai infeliz! *á part.* Senhor, revoga os teus decretos: Filinto não te offende: o meu engano, Senhor, he quem te ultraja.

*Rey.* Que dizes!

*Eſtel.* Eu, Senhor, ſou quem a Filinto amava; e por ſentir que os ſeus repudios naſcião do teu reſpeito, commovida da injuria de deixar-me, quiz impôr ao ſeu peito o meu delicto.

*Rey.* Que dizes? Tambem tu és traidora?

*Eſtel.* Eu ſou, Senhor, quem merece o caſtigo da tua indignação: obre na maldade o poder, não na innocencia: morra Eſtella, porque Filinto viva.

*Pedern.* Ora viva, e reviva. *á part.*

*Rey.* Pois não he culpa o ſolicito deſvélo de matar-me? Não he culpa o pretender-te, quando

do, sabe que eu vivo de adorar-te? Morrerá ainda a pezar dessa piedade.

*Estel.* Senhor, suspende as iras: olha que a hum pensamento he grande recompensa a vida de Filinto; e se aos meus rogos não cedes os furores, ficarei confirmando por adulação os teus affectos.

*Rey.* Como adular-te quem só fazia timbre de querer-te? Em doce hymenêo pertendia elevar-te ao throno; mas já que tambem és infiel, castigarei no meu vencimento as tuas tyrannias.

*Pedern.* Estou tremendo que se enfade comigo. *á part.*

*Estel.* Movão-te, Senhor, as minhas supplicas.

*Rey.* Parte, Estella, que augmentas nesses rogos mais incentivos para os seus estragos.

*Pedern.* Olhe o negro aquelle! *á part.*

ARIA.

*Estel.* Se a Tigre hyrcana
Vê que lhe morre
O filho amado,
Ligeira corre
A defendello
Do caçador.
Mas tu violento,
Barbaro exangue
Só no teu sangue
He que executas
O teu furor. *Vai se e Pedern. Rey.*

*Rey.* Piedoſos Ceos, como permittis tantos ultrajes!

*Sahem Irene, e Deſenfado.*

*Def.* Ou Pederneira, ou digo, que tu és mulher.

*Iren.* Calla-te infame. *para Deſenfado.* Senhor, não te dilates: corre diligente a ſatisfazer o Povo na entrega de Filinto, a cujo empenho correm innumeraveis turbas aclamando a tua vida em tumultuoſos écos.

*Def.* Iſſo não he o que nos importa: pois então? declaro, ou pede Pederneira para mim. *á Irene.*

*Iren.* Ha maior deſeſperação? *á part.*

*Rey.* Tanto amparo o ſoccorre? Pois ſe por hum breve eſpaço domar a ſua furia, pouco ſentirei os ſeus atrevimentos.

*Iren.* Porque?

*Def.* Vamos a iſto? *á Iren.*

*Rey.* Porque já entreguei a incumbencia da ſua morte ao braço de Alicandro.

*Iren.* Que dizes? Ai infeliz! Revoga, (oh Deoſes) revoga, Senhor, eſſe decreto, que eu ſerei o feliz nuncio deſſa piedade.

*Rey.* Em mim a não ſolicites, que já me ſerve o ſeu damno para o meu ſeguro.

*Def.* Palavra de Rei não torna a traz.

*Iren.* Como, Sobereno Monarca, queres em hum ſó inſtante offuſcar tanto applauſo á tua fama? Melhor luſtre he, Senhor, a piedade do que a tyrannia. Mudar em ventu-

ras

ras as felicidades, oſtentação he ſó de ſoberania; pois no que ſe faz, ſe indica o que póde. Maior applauſo conſeguio Tito na piedade, que Nero na inclemencia. Vê pois Senhor...

*Rey.* Que Filinto he traidor.

*Def.* Que meu Amo he mulher. *á part.*

*Iren.* Mas conſidera, que Filinto he aquelle amado filho, a quem a tua Coroa conſella tantos lauros: vê, que da tua alma he generoſa prenda; não tires inadvertido ao teu Imperio a melhor columna.

*Def.* Tambem tu és muito bom varão. *á part.*

*Iren.* Vê Senhor.....

*Rey.* Calla-te, Carpio: aí de mim!

*Def.* Ora pede-lhe já a Pederneira.

*Iren.* Como permittes que o mundo te afronte de tyranno? Ai, não ſei como a pena me não mata! *á part.*

*Def.* Iſſo he o que te eu digo? Pois agora verás, Senhor....

*Iren.* Ai de mim, que eſte infame me entrega! *á part.*

*Rey.* Que dizes?

*Def.* Saiba Voſſa Mageſtade.

*Iren.* Ai de mim! Deſenfado, calla-te, que eu te faço o que queres. Logo perderás a vida. *á part.*

*Def.* Pois então acabemos, ſe não.....

*Rey.* Que dizias?

*Def.* Iſſo que agora lhe dirá meu Amo.

*Iren.* Rei, e Senhor, ſe a fé que te conſagro, póde ſervir de merito.....

*Def.*

*Deſ.* Forte empenho! ElRei não tem mais remedio, que dar-me a Pederneira. *á part.*

*Iren.* Eſta te empenho na vida de Filinto: vou (reſolve Senhor) a dilatar-lhe a vida?

*Rey.* Sim, Carpio, apreſſa-te a embaraçar-lhe a morte.

*Deſ.* E Pederneira onde fica, Senhora minha Ama?

*Rey.* Que diz eſſe Criado? Porém Alicandro! oh Deoſes!

*Iren.* Ah que o aſpecto lhe vejo demudado.

*Sahe Alicandro.*

*Deſ.* Aqui vem o Sabaſtião do Principe, e cedo ſerá o Carraſco de minha Ama.

*Iren.* Vive o Principe? *a Alicand.*

*Alic.* Eſpolio he já da morte.

*Deſ.* Rezem-lhe hum minuete pela alma. *á p.*

*Rey.* Ah filho amado!

*Iren.* Ah infauſto Filinto!

*Alic.* Ao primeiro golpe rendeo aquella generoſa vida, e quaſi nos ultimos parociſmos balbuciantes articulou eſtas ultimas vozes: *Vai, e a meu Pai defende*; e ao proſeguir lhe embargou as vozes o mortal deſmaio.

*Deſ.* Tomára eu a alva para firoulas. *á part.*

*Rey.* Ai infeliz! Querido Carpio, ſoccorre-me em tanta magoa.

*Iren.* Tu barbaro, tu impio lamentas a ſua morte? A quem acumulas as queixas, ſe tu foſte o author da culpa? Vai, tyranno, e em quanto palpita intercadente aquelle cora-

ção, lho arranca. Que te demora, monstro das tyrannias? mais cruel que o mesmo Alecto, e mais barbaro ainda que Megera?

*Def.* E minha Ama parece-me na furia Tafunize. *á part.*

*Rey.* Dessa sorte se atreve ao meu decoro, Carpio? Enlouqueceo, ou dissimula com os fingimentos?

*Iren.* Não finjo, tyranno: até agora he que disfarcei, por ter a gloria de matar-te.

*Rey.* Em que te offendeo Policrates?

*Iren.* Ignoras os motivos? Pois sabe que ao meu bem mataste.

*Def.* Bem morto. *á part.*

*Iren.* E que a meu infeliz Pai a morte déste, hum Reino adquiriste, e em mim huma inimiga grangeaste. Sabe que sou Irene, que o teu estrago disfarçada busco.

*Rey.* Que escuto! *á part.*

*Alic.* Raro succesſo! *á part.*

*Def.* Pois que vai? Agora fico eu sem Pedorneira, e sem me poder vingar. Valha-te o diabo Defonfado de hum dardo, não podias tu ter ganhado as alviçaras? *á part.*

*Rey.* Já decifro as cautelas, que Filinto intimava á minha repugnancia.

*Iren.* E para que seja maior o teu tormento, sabe que Filinto só procurava a defensa á tua vida; elle te deu naquelle papel o aviso dos meus intentos; morreu innocente, e tu ficaste sem reparo ás minhas iras.

*Rey.* Louco estou!

*Def.*

*Deſ.* Não he porque deixaſſe de ſer bem aviſado. *á part.*

*Rey.* Olá da minha guarda, eſta ſoberba levai da minha viſta: e tu Alicandro....

*Alic.* Já te entendo. Irene rende-me eſſa eſpada.

*Sahem guardas.*

*Iren.* Eſta he, Alicandro. E tu, barbaro, muito te enganas, ſe atemorizar-me intentas.

*Deſ.* Antes que me mandem enforcar vou pedir o perdão a ElRey. *á part.* Senhor....

*Rey.* Quem és tu?

*Deſ.* Sou Criado da transfigurada Irene, que...

*Rey.* Pois ſeja tambem levado para o carcere, donde ſahirá a pagar no ſupplicio a ſua traição.

*Deſ* Ah que d'ElRei, que ſou mulher, e não quero hir lá para a enxovia.

*Alic.* Que dizes? Tu tambem não és homem?

*Deſ.* Pois não vê como ſou maricas, que tenho medo da morte?

*Alic.* Pois quem és?

*Deſ.* Eu ſou a conſtante Florinda, que ando disfarçada; e mais mande-me examinar, ſe duvida diſto.

*Rey.* Retiraivos da minha preſença, que me deſgoſta a ſua companhia.

*Iren.* Para vingar-me de que vivas triſte, baſta-me o teu delicto.

*Deſ.* E eu para vingar-me de ti, baſta-me a tua morte.

ARIA.

*Iren.* Como podeſte, oh Deoſes!
Ingrato, vil, traidor....
Mas ah, que a culpa he minha!
Sinto gelar-me o ſangue
No peito a forte dor.
Porque feriſte hum peito,
Sem culpa, infiel, porque?
Ah que o meu delicto he
Cauſa do teu furor!

*Vão-ſe Irene, Deſenſado, e os guardas.*

*Rey.* Ai de mim! Aonde eſtou, que não ſou da minha vida tragico deſpojo?

*Alic.* Socega-te, Senhor, e agora empenha ſómente o teu cuidado na quietação do teu Imperio.

*Rey.* Os deſcanços deſprézo, e ſó furioſo a morte ſolicito. Ai amado filho! *Vai-ſe.*

*Alic.* Olá guardas, trazei á minha preſença eſſes priſioneiros. Piedoſos Ceos, ſoccorrei os meus intentos. *á part.* Retirai-vos.

*Sahem os guardas, Irene, e Deſenſado.*

*Iren.* Que pertendes, barbaro Miniſtro do mais impio Rei?

*Deſ.* Eſtá já feita a forca?

*Alic.* Não te alteres, e ſabe, illuſtre Princeza, que o teu Filinto não eſtá morto.

*Iren.* Que dizes, Alicandro?

*Alic.* A incumbencia de matallo acceitei para defendello. *Deſ.*

*Deſ.* Certamente que não parece criado. *á p.*

*Iren.* E para que occultaſte eſſa fineza a ElRei, ſe o ſeu arrependimento te deſculpava a deſobediencia?

*Alic.* Não ſei ſe aquella piedade ſeria fingimento.

*Deſ.* Bella occaſião tenho para me livar! *á part.* Pois, Senhor Alicandro, ou me ſolte, ou conto a ElRei todas eſſas arengas.

*Iren.* Proſegues em outra teima? Calla-te, ou tē matarei.

*Deſ.* Mate-me, ſe puder, porque eu eſtou obrigado a acudir primeiro á minha vida, do que á minha morte.

*Alic.* Já eſtás livre: auſenta-te, e faze com que ElRei te não veja.

*Deſ.* Acceito: adeos meus Senhores. *Vai-ſe.*

*Iren.* E dize-me, Alicandro, aonde eſtá Filinto?

*Alic.* Ainda ignorante da minha fé vive no carcere aſperando a ſua morte.

*Iren.* Pois ainda o não livraſte?

*Alic.* Como eſtá ſeguro, ando congraçando os affectos do Povo para o ſubir ao Solio.

*Iren.* Vamos pois.... Mas ahi vem Adaſtro.

*Alic.* Pois eu me auſento; procura tu ſaber os ſeus intentos para ſegurarmos os noſſo deſignios: fia-te de mim, e não temas.

*Vai-ſe.*

*Sahe Adaſtro.*

*Iren.* Fico ſegura: diſſimula coração. *á part.* Senhor, que te moleſta? de que eſtás triſte?

*Adaſt.*

*Adaſt.* Se tudo neſte Palacio he confuſão queres que me alegre, Garpio?

*Iren.* Ainda não ſabe que ſou Irene. *á part.* Pois, Senhor, que eſperas que não vamos oppornos ao tumulto deſſes rebeldes?

*Adaſt.* Outro ſoccorro pede o meu perigo: Filinto vou buſcar.

*Iren.* Examinarei as ſuas idéas. *á part.* Senhor, a hum aggreſſor de tanto inſulto pretendes libertar?

*Adaſt.* Não: vou procurallo para dar-lhe a morte.

*Iren.* Apurarei a ſua traição. *á part.* Pois tu não ſabes, que Filinto he já morto?

*Adaſt.* Que dizes? e porque braço?

*Iren.* Não ſei: confuſa chegou eſta noticia aos meus ouvidos.

*Adaſt.* Ou vivo, ou morto, importa-me achar a Filinto.

*Iren.* Eu ſerei hum executor deſſa diligencia. Ah falſo como te penetro. *á part. e vai ſe.*

*Adaſt.* Se Filinto me embaraça os paſſos para o throno, morra: he tyrannia, porém he neceſſario á minha conveniencia. *Vai ſe.*

*Sabe Pederneira com huma caixa, na qual taz varios traſtes.*

*Pedern.* Ora já o Senhor Deſenfado ſe eſportulou com os traſtes, que lhe pedi: agora ſe eu tiveſſe outro a quem ſacar alguma tolá, não era máo. Ora vamos vendo o que vem na tal caixinha: cá vem as meias, e hum leque,

he da moda; agora fim que com iſto ſerei o chefe da francezia.

*Tira da caixa hum leque da moda, e abanando ſe canta o ſeguinte.*

MINUETE.

Ai que ventura
Logro ditoſa!
Chinella bordada,
E meia encarnada!
Com leque da moda!
Mui França hei de ſer.
Sinaes na carinha!
Com tantos caprichos
Que bichos, que bichos,
Me hão de fazer!

Mas cá vem Macaco, fingir-me-hei muito ſua amiga, por ver ſe cahe na corriola.

*Sahe Macaco.*

*Mac.* Oh cá eſtá Pederneira! Como ſei que me quer bem, fingir-me-hei muito grave, que aſſim me enſinou Defenſado. *á parte.*

*Pedern.* Meu riquinho Macaco.

*Mac.* Ella comigo, quero fazer-lhe hum deſprezo amante. *á parte.* Arre para lá, não ſeja tola. *á Ped.*

*Pedern.* He bem ſalvage! Mas vamos á noſſa con-

conveniencia. *á part.* Que tens contra mim? que te fiz eu, meu Macaquinho?

*com caricias para Macaco*

*Mac.* Não foi máo desdem; proseguirá na mesma fórma. Ah Senhores, muito devo áquelle Desenfado! Tambem se elle me não contasse tudo, cahia eu agora como hum tolo. *á part.*

*Pedern.* Não respondes á tua Pedemeira, que tanto te quer?

*Mac.* Pois que vai! Ah Senhores, muito devo a Desenfado. *á part.* Já lhe disse, que não fosse tola. *a Ped.*

*Pedern.* Elle está impertinente, mas hei de lograllo. *á part.* Pois estás mal comigo, meu Macaquinho?

*Mac.* Ella está-se desfazendo por instantes; mas a quem não renderão estes meus dengues? Quero-lhe fazer huma meiguice, dando lhe hum bofetão. *á part.* Para que não seja impertinente, tome, tome. *Dalhe.*

*Pedren.* Oh insolente, oh desavergonhado, calle-se, que vossê mo pagará. *Quer bir-se.*

*Mac.* Venha cá, que estes melindres forão para que vossê visse, que lhe quero a dar-lhe com hum páo.

*Pedern.* Vá-se embora, que o não quero ver mais.

*Mac.* Pois então vem cá, que eu te botarei os olhos fóra.

*Pedern.* Só se vossê me der o que lhe pedir.

*Mac.* Sim: pede, pede.

*Pedern.*

*Pedern.* Promette não faltar?

*Mac.* Se eu faltar, eu chegue a ſer teu marido.

*Pedern.* Deme cá a ſua mão.

*Mac.* Pois para iſſo eſtavas com vergonha? Ah Senhores, muito devo a Deſenfado, e vejão a brevidade com que fez que me déſſe a mão. *á part.* Ora aqui eſtá a minha mão.

*Pedern.* Pois quero que voſſé me compre hum afogador.

*Mac.* Ui, para iſſo aqui eſtou eu, que ſou notavel para Carraſco. Mas como nós já eſtamos cazados.....

*Pedern.* Que diz, cazados?

*Mac.* Sim; porque nós não demos as mãos?

*Pedern.* Ora he bem tolo; mas ſeguirei a ſua aſneira. *á part.* Ah, ſim, não me lembrava.

*Mac.* Ora pois, eu o que quero he muita fizudeza; e dize-me, queres o affogador do peſcoço, ou da garganta?

*Pedern.* Do peſcoço; porque, não he tudo o meſmo?

*Mac.* Não, que ha huns da garganta, outros do collo.

*Pedern.* Pois traga o que lhe parecer.

*Mac.* Em quanto ao meu parecer, o melhor era não trazer nenhum; mas por lhe fazer o goſto, eu vou buſcallo: ſer-mz muito fizuda, ſenão.... Ora adeos. *Quer bir-ſe.*

*Sabe Deſenfado.*

*Deſ.* Por onde andará Pederneira? Mas oh, ella cá eſtá com Mateaco. Ai que iſto me não cheira bem. *á part.* *Pedern.*

*Pedern.* Importa-me disfarçar, por não perder o affogador. *á part.*

*Mac.* Oh meu amigo, ſó voſſé ſabe enſinar: ella começou com muitos amores, eu dei-lhe hum bofetão, ella reguingou, eu chamei-a, ella retrocedeo, e agora eſtamos muito amiguinhos. *a Deſenfado.*

*Def.* Ai, eu eſtou perdido! Oh menina, v. m. não me conhece?

*Pedern.* Eu ſó para o ſervir.

*Mac.* Olhem aquelle propoſito: como he já mulher, vejão o reſpeito que me tem. *á p.* Ah Senhor Deſenfado!

*Def.* Deixe-me ſo tola. *Dalhe.*

*Mac.* Irra Senhor Deſenfado.

*Def.* Arre meu Macaco. *aos murros.*

*Pedern.* Vou-me eſgueirando, antes que aquelles carolos me venhão dar na cabeça. *Vai-ſe.*

*Mac.* Ah que d'ElRei, que me matão.

*Def.* Que he de Pederneira? Eſgueirou-ſe? *Olhando para todas as partes.*

*Mac.* Olhe, olhe, ella alli eſtá. Agora marcho, já que me tocárão a caixa. *Vai-ſe.*

*Def.* Eſpere maganão: foi-ſe? calle-ſe que eu o apanharei ás unhas, e a maganeta já ſe não lembra do que lhe dei? Pois tome.

ARIA.

*Def.* Eu feito Bezerro!
Arre meu Macaco,
Não cabe no faco
Já tanto aturar.

A gente em me vendo,
De medo tremendo,
Julgando me touro
De mim fugirá.
A moça he velha,
E em meu deſabono
Pregando-me o mono,
Hum touro me faz. *Vai-ſ.*

## SCENA II.

*Carcere, no qual eſtará Filinto, e Irene ao baſtidor ſem eſpada.*

*Iren.* NÃo mentio Alicandro, quando a eſte ſitio os paſſos me encaminha: ainda o meu bem vive ſem damnos, brevemente com a vinda de Alicandro ficará ſem ſuſtos. *á part.*

RECITADO.

*Filint.* Injuſtos Deoſes,
Deſeſperado me tem as voſſas iras:
De que me ſerve o não ter culpa?
Aſſim péza Aſtrea na balança
As injuſtiças?
Sem duvida conſegue a innocencia
Os meſmos effeitos, que o delicto.

*Iren.* Para evitar as traições de Adaſtro, venho ver a Filinto, em quanto para o ſeu ſoccorro não chega Alicandro. *á part. e ſabe.* *Filint.*

*Filint.* Rigoroſa Irene, ainda neſte carcere queres augmentar as tuas tyrannias?

*Iren.* Pois para que ſaibas quem he Irene....

*Sahe Adaſtro fallando para dentro.*

*Adaſt.* Não duvideis, Soldados, a minha entrada, que ElRei me envia.

*Iren.* Que vejo!

*Adaſt.* Carpio, tu aqui ſem eſpada para a minha defenſa?

*Iren.* Ao conceder-me faculdade os guardas, que de Alicandro são confidentes, não eſtivera ſem eſſa prevenção para os teus auxilios.

*Filint.* Até neſte lugar intentas, traidor, inſultar-me?

*Adaſt.* Suſpende as vozes, ou te matarei.

*Puxa a eſpada.*

*Iren.* Ai de mim! *á part.* Senhor, vê que he diminuto caſtigo eſſe golpe para o ſeu merecimento; pois a morte que ſente, ſuaviza na gloria do braço, que lha a meaça. Permitte, que as minhas queixas ſatisfação ás noſſas vinganças: bem ſabes que Filinto procurou tirar-me a vida, e aſſim me pertence a execução da ſua morte.

*Filint.* Deoſes, não baſta de tormentos! *á part.*

*Iren.* Ai Alicandro, como te demoras! *á part.*

*Filint.* Tambem Carpio he traidor?

*Adaſt.* Calla-te, ou perderás a vida.

*Filint.* Diſpara o golpe, infiel, uſurpa-me com a morte tantos motivos para o meu tormento.

*Adaſt.*

*Adaſt.* Morre, tyranno. (*ſuſpende-ſe*) Mas ai; que o valor me falta. *á part.*

*Iren.* Soccorro, ſoberanos Deoſes. *á part.*

*Filint.* Barbaro, que te ſuſpende?

*Iren.* Muito tarda Alicandro. *á part.*

*Adaſt.* Não ſei que razão me obriga a ſupportar as iras. *á part.*

*Iren.* Senhor, em que vacillas? Dáme eſſa eſpada, eu lhe arrancarei aquella falſa vida; eu ſó baſto para terror de hum inſolente.

*Adaſt.* Toma, Carpio, execute a tua vingança o que não podem conſeguir as minhas acções. *Dá a eſpada a Irene.*

*Iren.* Agora verás, traidor, ſe tens algum reparo.

*Filint.* Que intentas?

*Iren* Meu bem, toma eſta eſpada para a tua defenſa. *Da-lhe a eſpada.*

*Adaſt.* Que fazes? Tu contra mim, Carpio?

*Iren.* Já não ſou Carpio, agora ſou Irene.

*Adaſt.* Pois, traidores, acudirão obedientes as guardas ás minhas vozes, para caſtigar o voſſo atrevimento. Olá.

*Filent.* Suſpende os écos, ou te matarei.

*Sahem Alicandro, e os guardas.*

*Alic.* Filinto?

*Adaſt.* Ah defende, Alicandro, o teu Principe.

*Alic.* A Filinto defendo. Senhor, vem com a tua preſença ſatisfazer os alvoroços, com que te eſpera o vulgo: livre eſtás: aqui tens eſtes guardas para a tua defenſa, que eu me au-

auſento a procurar mais realces á minha conſtancia. *Vai-ſe.*

*Adaſt.* Piedoſos Ceos, tudo ſe conjura contra a minha ſorte.

*Iren.* Vem, amado bem, ſegue os meus paſſos, que ou hei de acabar a vida, ou levantar-te ao ſolio.

*Filint.* He poſſivel, querida prenda, que vejo na correſpondencia da tua fidelidade deſvanecidos os temores da minha ſuſpeita? Oh quanto me peza ter-te negado os creditos de firme.

*Iren.* E póde, Senhor, o teu receio preſumir infamias á minha fé conſtante?

*Filint.* Não me arguas, Senhora, deſſe delicto, quando ſó a minha deſgraça formava eſſas conjecturas.

ARIA.

Meu bem, não duvides
Da fé que te guardo;
Porque Fenix ardo
Na pyra de amor.
Deſterra o receio,
Se chegas a ouvir-me;
Vê bem que ſou firme,
E deixa o temor. *Vai-ſe.*

*Adaſt.* Oh quanto me affronta o meu delicto! *á parte.* Sobe, Senhor, ao Throno, que o fado te deſtina, e ſatisfaze no meu peito as minhas ambicioſas culpas: aqui me exponho a receber ſem reſiſtencia o golpe.

*Filint.*

*Filint.* Eſta he a tua eſpada: acceita-a, e vive; e nos meus braços te prometto eſquecer-me dos teus delictos.

*Dá Filinto a eſpada a Adaſtro, e depois de o abraçar vai-ſe com os guardas.*

*Adaſt.* Oh generoſo peito! Vejão agora os meus intentos os deſenganos: pouco importa a traição, quando a innocencia tem por patrona dos Deoſes a piedade. *Vai-ſe.*

## CSENA III.

*Perſpectiva de Praça á viſta de Palacio Real, com apparato magnifico para a coroação. Sahem alguns Soldados brigando com a guarda Real, a qual foge, e com ElRei, o qual cahindo ſahe Irene de mulher com hum punhal na mão.*

*Rey.* PErfidos, ainda não lograſtes o voſſo vencimento. *Cahe.*

*Iren.* Olá Soldados, deixai á minha ira a mais vingança.

*Quer ferir a ElRei, e ſahe Filinto.*

*Filint.* Suſpende-te, Senhora; Irene, que determinas? Pai, e Senhor, nada receies, quando tens ao teu lado proximo a Filinto.

*Iren.* Impios Ceos, até agora me eſtorvais as iras? *á part.*

*Rey.*

*Rey.* Que vejo! Filinto, he poſſivel que os meus olhos te vem ſem damno?

*Filint.* Graças aos Ceos, que vivo para tua defenſa.

*Rey.* E a quem devo a fineza da tua vida?

*Sabe Alicandro.*

*Alic.* Eu, Senhor, fui quem ſeguindo as leis da minha amizade, faltei aos teus decretos; e ſe te aggrava a innobediencia, a minha morte ſatisfará a culpa.

*Rey.* Que heroico delicto!

*Sabem Adaſtro, Eſtella, e Pederneira.*

*Adaſt.* Pai.....

*Eſtel.* Senhor.....

*Adaſt.* Compaſſivo ou juſticeiro te rogo do indulto o perdão, ou da morte a pena.

*Eſtel.* Eu, Senhor, com a meſma ſupplica te peço o eſquecimento da minha offenſa.

*Mac.* Ai, ai, quem me acode! *Dentro.*

*Pedern.* Que gritaria ſerá eſta?

*Mac.* Ah que d'ElRei. *Dentro.*

*Sahem Macaco, e Deſenfado aos murros.*

*Def.* Pois que cuida? que tudo he femea? Mas aqui eſtá ElRei macho.

*Rey.* Suſpendei-vos.

*Def.* Aqui eſtamos todos ſuſpenſos.

*Mac.* Ai, ai, que me derreou o palaio! He o que tem quem ſe mete com mulheres alheias. *á parte.*

*Adaſt.*

*Adaſt. e Eſtel.* Aos teus pés, Senhor... *a joelhão.*

*Rey.* Filinto, como aggravado, ſatisfará aos voſſos rogos.

*Filint.* De tudo ſe eſquece Filinto: e tu, Senhora, ou deixa o odio, ou perde-me o affecto. *a Iren.*

*Iren.* Já não póde reſiſtir o meu amor. A' viſta da generoſa liberdade, com que perdoas, quem haverá que aos teus exemplos fuja? Já da minha memoria a vingança excluo.

*Deſ.* Oh cá eſtá já minha Ama ſem calções, e eu livre de me ver em calças pardas.

*Rey.* Para que o meu Throno conſiga a maior gloria, ſóbe Filinto, e no conſorcio de Irene teça Hymenêos tão immortaes os laços, que nem a Parca poſſa dividir com a ſeparação as voſſas almas.

*Filint. e Iren.* Que ventura! *Dão as mãos.*

*Rey.* E tu, Adaſtro, dá a mão de eſpoſo a Eſtella, que deſta ſorte lhe ſatisfaço o muito que lhe quero.

*Adaſt. e Eſtel.* Venturoſo já obedeço. *Dão as mãos.*

*Mac.* Ah Senhor Deſenfado, v. m. quer alguma couſa deſta rapariga? ſenão peço-a a ElRei.

*Deſ.* Paſſa fóra Macaco. Ingentiſſimo Policrates, Rei dos Samios, a quem a fama celebra tão ditoſo, que morreo enforcado; não te admire, que em dia tão feſtivo aſſiſta na tua preſença o Deſenfado, e ſó te empenha em dar-me a Pederneira, para que aos toques

do meu amor tanto ſe accenda no ſympatico fogo, que no muito que arder, poſſa ſahir alguma couſa á luz.

*Rey.* Eu to concedo.

*Deſ.* Beijo eſſes fidalgos calcanhares.

*Levanta-ſe.*

*Mac.* Iſſo he zombação! Ah dinheiro, que me deixaſte vendido! *á part.*

*Pedern.* Vamos a iſſo, que eſtou já morrendo por eſſas couſas. Ora pois, eu por mim aqui eſtou.

*Deſ.* E eu não eſtou aqui, ſenão por amor de ti. Ora dame cá eſſa mão de vaca.

*Dão as mãos.*

*Mac.* Se v. m. caza com a vaca, certos são os touros.

*Deſ.* Sim; mas v. m. Senhor Macaco, nunca eſcapará de algum boléo, ainda que ſeja em pedrouços.

*Rey.* Sóbe, Filinto, ao merecido Solio.

*Sobem ao Throno Filinto, e Irene, e ſe faz a coroação.*

*Rey.* Invictos Perſianos, eſte he o voſſo Monarca, e eſta a minha Coroa, que a impulſos do goſto transfiro da minha para a ſua frente: applaudi com venturoſos cantos eſte diminuto premio dos ſeus merecimentos, e os deſejados júbilos dos voſſos affectos.

CORO.

Ao Throno ſe eleve
O Heroico Filinto,
Pois que offenſas premêa
Com beneficios.

FIM.

# OS ENCANTOS DE CIRCE,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico da Mouraria.

## ARGUMENTO.

*DEpois de abrazada Troia, naufragando Ulysses por diversos mares, chegou a aportar na Ilha Circea, que era dominada por Circe, grande Magica, a qual com encantos lhe transformou os companheiros em differentes animaes; porém Ulysses soccorrido da Deosa Juno os livrou; e não podendo resistir ao poderoso attractivo da formosura de Circe, se deixou ficar no seu Palacio, com discommodo grande da sua jornada, e de seus companheiros; e sendo por algumas vezes admoestado dos seus, nada o movia mais do que os amores de Circe; até que vendo em certa occasião aos seus pés as armas de Achilles, resoluto, e valoroso se ausenta. O mais constará do contexto da historia.*

INTER-

## INTERLOCUTORES.

Ulyſſes, *I. Galan.*
Lidoro, *II. Galan.*
Archelão,
Archia, *Gracioſo.*
Companheiros de Ulyſſes.
Cupido.
Muſica.
Juno.
Venus.
Circe.
Aſtrea.
Iris, *Gracioſa.*
Ninfas de Circe.

---

## SCENAS DO I. ACTO.

I. *Boſques com viſta de mar.*
II. *Campos ſem viſta de mar.*
III. *Campos, e viſta do Palacio de Circe.*
IV. *Sala.*
V. *Sala differente.*
VI. *Boſques.*
VII. *Sala.*
VIII. *Jardim como de noite.*

## SCENAS DO II ACTO.

I. *Campos.*
II. *Sala.*
III. *Campos.*
IV. *Ante-Camera.*
V. *Jardim.*
VI. *Boſques.*
VII. *Sala.*
VIII. *Camera.*
IX. *Boſques, e mar como no primeiro Acto.*

ACTO

# ACTO I.

## SCENA I.

*Boſques, e mar; a huma parte clamores de nauticos, e de outra parte Muſica.*

*Ulyſ.* JA' que tanto contra nós ſe moſtra o fado, ſeja a confuſão dos clamores triſte lenitivo da pena. *Dentro.*

*Circ.* Já que tão favoravel a ſorte ſe nos oſtenta, ſeja a conſonancia das vozes ſonoro iman da alegria. *Dentro.*

*Vozes no mar.* Irado Neptuno.

*Muſic.* Pacifico Phebo.

*Vozes no mar.* Ceſſem tuas iras.

*Muſic.* Brilhem teus luzeiros.

*Vozes no mar.* Abrandem clamores tão pouca piedade.

*Muſic.* Não manchem as nuvens tanto luzimento.

*Paſſa Circe, e as Ninfas á viſta, e torna a entrar dizendo:*

*Vozes no mar.* Piedade.

*Muſic.* Prazer.

*Vozes no mar.* Soccorro.

*Muſic.* Alegria.

*Vozes no mar.* Sem rumo, e ſem norte nos ſepulta o mar.

*Muſic.*

*Muſic.* Com gloria, e com goſto nos feſteja o dia.

*Aviſta-ſe á náo, e dizem.*

*Vozes no mar.* Hum monte á viſta ſe nos offrece, aonde arribados poderemos ſalvar as vidas.

*Circ.* Siga-me a Muſica ao Jardim, aonde alegres paſſemos a feſta. *Dentro.*

*Ulyſ.* Piedade, Deoſes immortaes.

*Arch.* Tem piedade de mim, Jupiter Tonante, pois me tem feito o temor extravagante de mim meſmo.

*Hum* Já mais pacifico o mar com o embate dos montes nos permitte ſeguro porto.

*Ulyſ.* Gozemos todos da deſejada terra.

*Saltão em terra Ulyſſes, Archia, Arqueláo, e mais companheiros de Ulyſſes.*

*Ulyſ.* Oh grata (ainda que deſconhecida) terra! recebe benigna a eſtes miſeros naufragantes.

*Arch.* Oh terra ingrata, e deſconhecida, que ha tanto tempo eſtás de mim auſente!

*Ulyſ.* Penetremos, fieis companheiros, o intrincado deſtes boſques, e o aſpero deſtes montes, até deſcubrirmos alguns veſtigios de ſerem habitados; pois no fragoſo parecem mais domicilio de feras, que habitação de creaturas humanas.

*Todos.* Todos te obedecemos. *Vão-ſe.*

*Arc.* E eu tambem, que em materias duvidoſas ſempre he bom ſeguir aos mais.

*Vai-ſe.*

*Ulyſ.*

*Ulyſ.* Que terra tão agreſte ſerá eſta, em cuja fragoſa aſpereza ſó ſe ouvem horridos bramidos de feras, e nas concavidades dos montes ſó ſe eſcutão triſtes écos de infame multidão de aves nocturnas? Não vi mais incultas ſalvas!

ARIA.

Onde eſtou, immortaes Deoſes?
Que incognita terra he eſta,
De tão aſpera floreſta
Inacceſſa á gente humana?
Só de feras domecilio,
Das ſombras palacio horrendo,
Onde julgo, e onde entendo,
Que ſó habita o fero horror.

*Sabe Lidoro.*

*Lid.* Incauto peregrino, ſe acaſo és companheiro dos outros, cuja innocente ignorancia injuſtamente caſtiga Circe, procura ſalvar a vida, ſe não os queres acompanhar na morte.

*Ulyſ.* Já que te mereci o aviſo, mereça-te mais clara noticia do que tão confuſo me dizes; pois nem ſei aonde eſtou, nem o como me poſſo livrar.

*Lid.* Sabe, pois, que eſtás no monte Circeo, aonde a Magica Circe tem o ſeu Palacio, ao qual chegando teus companheiros a pedir-lhe benigna hoſpedegem, logo os transformou em differentes animaes, e aſſim coſtuma fazer a quantos miſeros naufragantes o mar aqui arro-

arroja, como o publicão os triſtes gemidos das feras, e aves; e ainda a maior parte deſſe arvoredo, de que vês coroados os montes, são racionaes (ſe immoveis) creaturas, e vaſſallos de ſeu tyranno Imperio. Ai de mim, com que pena o relato!

*Ulyſ.* Como pois vives tu izento, aonde publícas haver tanta crueldade?

*Lid.* Não vivo izento, antes, como os mais, choro a minha pena: e ſaberás, que ſou Lidoro, que aportando, como tu neſta infauſta terra, vi a Aſtrea, que era huma Ninfa de Circe, e a amei com extremo, com a dita de huma licita correſpondencia; o que ſabendo-o a cruel Circe a transformou a ella em arvore, tão injuſtamente, pois que huma eſquiva, como Dafne, ſe converta em duro tronco, pouca mudança faz; porém que padeça o meſmo methamorphoſes, quem ſe compadece do tormento de amor? injuſto caſtigo! Porém julga maior a minha magoa, pois me permittio a liberdade para maior exceſſo da minha pena: e aſſim ando por eſtes rochedos acompanhado a Eco nas queixas, que ella tem de Narciſo, e eu de Circe.

*Ulyſ.* Muito ſinto, Lidoro, o teu tormento; e agradeço o teu aviſo; porém não tenho de me auſentar, porque ſe não ha de dizer, que Ulyſſes fugio do perigo, deixando nelle a ſeus companheiros.

*Lid.* Pois ſe eſtás deſſe parecer, fica-te embora, que eu vou continuando meu pranto.

ARIA.

ARIA.

*Respondendo o Eco.*

Na esperança desespero, espero.
Quando espero hum impossivel: possivel.
Se o penar he infallivel, fallivel.
E he falivel o alcançar, cançar.
Já me cansa o procurar curar.
Quem curar possa este ardor. dor.
A meu peito amante inflamma flamma.
Esta flamma, esta loucura: cura.
Cura não tem, porque dura, dura.
Outro tanto como a cauza, cauza.
Que me cauza este penar. penar.
*Vai-se.*

*Ulyss.* Lastimado me deixa seu triste pranto. Mas ai de mim, què farei em tanta confusão!

*Musica.* Não temas, heroico Grego,
Que Juno te ampara
De Circe, com tanto
Que venças de amor o encanto.

*Apparece Juno em huma nuvem com flores.*

*Jun.* Ulysses, guarda essas flores, que ellas te defenderão da venenosa magica de Circe.

*Vai repetindo a Musica o quarteto acima.*

*Ulyss.* Já que, ó soberana Deidade de Juno, te dignas amparar-me, nada temerá o meu va-

valor; nem permittirei tregoas ao deſcanço, ſem ver em liberdade a meus companheiros.

*Vai-ſe.*

*Muſic.* Contra Ulyſſes vem
A pedir favor
De amores a Deoſa
Ao Deos de amor.

*Apparece Venus, e Cupido em outra nuvem.*

*Venus.* Bem ſabes, Cupido, com quanta cauza devo perſeguir eſte tyranno Ulyſſes, porque foi hum dos que mais motivárão a ruina da infeliz Troia; e aſſim arma contra elle as tuas penetrantes ſettas; e já que Juno o defende dos encantos de Circe, tu o has de render ao cruel encanto de amor.

*Cupid.* Eu te ſeguro, querida Mãi, introduzir-lhe mais incendios em ſeu peito, do que elle cauſou em Troia.

*Venus.* Seja hum incendio caſtigo de outro incendio, e fiquem ſuas cinzas ſupultadas em tal eſquecimento,

Que nunca fique delle mais memoria,
E com elle ſe acabe o nome, e gloria.

*Vão-ſe.*

*Sahe Ulyſſes.*

*Ulyſ.* Aonde eſtarás, funeſto palacio, laſtimoſo mauſoléo de tantas vidas? Mas que vejo!

*Sahem Circe, e as Ninfas.*

*Circe.* Invicto Ulyſſes, ſejas bem vindo a eſta terra,

terra, aonde a minha hospedagem te suavise os trabalhos do mar.

*Ulyss.* Ballissima Circe, recebe compadecida a este misero peregrino, e ache em ti tanta piedade, como no mar achei rigores.

ARIA.

*Circ.* Terás valoroso Ulysses
Em meu generoso trato
O obsequio amante, e grato,
Que merece o teu valor.
Verás hoje em meu abrigo,
Que de meu peito hospedado,
Te suavisa o meu cuidado
Do mar o cruel rigor.

*Vai-se e as Ninfas.*

*Ulyss.* Oh nova especie de Crocodilo, pois cantas para matar!

## SCENA II.

*Campos sem vista de mar. Sahe Archia feito porco.*

*Arch.* QUè escapando eu de ser no mar cavallo marinho, me chegue a ver aqui porco montez! que podendo Circe fazer-me jumento de algum saloio (que só estes nascêrão para jumentos) me faça andar com o fucinho feito lavrador dos valles, e caboucheiro dos montes! Ora ninguem faz porcadas com mais limpeza. Que tal

tal para mulher de hum marchante? Mas ter acções tão porcas quem me parece ser tão senhora, que a julgo descendente da Imperatriz Porcina! Mas por certo tinha eu de me ver feito hum pai de leitões; porém aqui não ha mais remedio que paciencia que não gurinhate.

ARIA.

Senhor Archia Leitão,
Que fucinho he este seu?
Quem tal trombada lhe deu?
Quem o fez tão cabeçudo,
Tão trombudo, e cabeludo
Como o mais atroz javardo?
Todo o brio, e toda a força
Tem na ponta do nariz:
E da boca, o que me diz
Tão aberta, e tão resgada
E a dentada, e aqueixada
Maior que a de hum Tubarão? *Vai-se.*

## SCENA III.

*Campos, e vista do Palacio de Circe. Sahem Ulysses, Circe, Iris, e mais Ninfas.*

*Circe.* JA' que, ó valeroso Grego, és tão invencivel, que até soubeste vencer meus encantos, ainda que ajudado de divindades, te rogo me queiras dar alguma noticia dos teus successos.

*Ulys.*

*Ulyſ.* Dilatados tem ſido os progreſſos da minha vida, e depende de largo tempo a narração delles; mas por te obedecer os relatarei em ſumma, por ver que nunca o pouco moleſta, nem o breve cauſa enfado.

RECITADO.

Eu ſou Ulyſſes, minha patria Grecia,
Rendi a Troia, em chammas a abrazei,
E de Achilles as armas forte herdei,
Das Sereas venci o cantar ſereno;
E ao forte Gigante Polifemo;
Ao mar me entrego, mas Venus irada
Com ventos deſcompoz a minha armada.

ARIA.

Deſſe mar ha já ſeis annos,
Que navego as ondas frias,
Com tormentos, com fadigas,
Varios climas tolerando,
Já de Venus perſeguido,
Já dos ventos combatido.
E neſta terra apartado
Com encantos me perſegues,
Mas os Deoſes me defendem
De tão venenoſo mal.

*Iris.* Já vejo, que he decantada a vida deſte homem, pois cantando a foi contando.

*Circ.* Peço-te, famoſo Grego, deixes ſocegar mais os furioſos ventos, e refazer-te em meu Palacio das moleſtias do mar; que depois

pois mais seguramente poderás com teus companheiros seguir teu caminho.

*Ulyss.* Que efficazes são os rogos da belleza! *á part.* Não duvido obedecer-te, como veja hoje a meus companheiros restituidos á sua antiga fórma, e juntamente huma Ninfa tua, que por delictos de amor padece por prizão hum duro tronco.

*Iris.* Melhor era que estiveſſe em hum aljube, que he aonde se pagão de amor os delictos.

*Circ.* Como está á tua vista, nella começo a servir-te. Astrea perde a fórma de arvore, que Ulysses apadrinha teus erros.

*Sahe Astrea de huma arvore.*

*Astr.* Desejára ter tantas linguas, como as folhas em que estava transformada, para cabalmente agradecer-te, ó inclito Ulysses, tanto bem que de ti recebo.

*Sahe Lidoro.*

*Lid.* Ainda que estava occulto (vendo tanta ventura) não me permitte o amor, e o agradecimento demora em me prostrar a teus pés.

*Ulyss.* Trocai ambos o agradecimento em reciprocas finezas; pois como era injusto o castigo, vos era devido o beneficio.

*Circ.* Vai Ulysses com os mais para o meu palacio, em quanto te mando teus companheiros.

*Ulyss.* Obedecendo te sirvo.

*Iris.* Não são os Gregos tão feios como eu cuidava.

*Vão-se*

*Vão-se todos, e fica Circe suspensa.*

*Circ.* Que desinquieto cuidado será (oh Deoses) o que este naufrago Grego me custa? Será compaixão, ou será affecto?

*Arch.* Será. *Dentro.*

*Circ.* Quem me responde?

*Sahe Archia ainda feito porco.*

*Arch.* Será (dizia eu) tempo, Senhora, de se quebrar o fadario a este porquihomem?

*Circ.* Tu és dos companheiros de Ulysses? Prosegue, que bem te ouço, pois para mim he perceptivel a voz de qualquer animal.

*Arch.* Venho, Senhora, dizer-te, que desejo tornar ao meu antigo albernós de embreada lona; pois como sou tosco, não me dou bem com vestido de sedas.

*Circ.* Explica-te mais.

*Arch.* Digo, que se fora possivel não ser quem sou, quizera ser quem fui.

*Circ.* Tambem eu me vejo tão outra de mim mesma, que a mim me desconheço.

*Arch.* Ah que tu tornarás a ser quem eras de antes, e eu não sei se serei quem de antes era; porque receio fazer huma grande jornanada nesta porcatica fórma.

*Circ.* Que jornada he?

*Arch.* He, Senhora, hir da Porcalhota para o chão de Estira-corda; do chão de Estira-corda para o Mata-porcos; do Mata-porcos para a Chamusca; da Chamusca, para a Cutella-

tellaria ; da Cutellaria para a Certã ; e depois diſto andar em bocas do mundo , e tomarem-me entre dentes.

*Circ.* Queres dizer , que receias que te matem ?

*Arc.* Se vai a fallar verdade , o viver porcamente máo he ; porém o morrer , ahi torce a porca o rabo.

*Circ.* Vai deſcançado , que tu , e os mais companheiros de Ulyſſes daqui a pouco eſtareis com elle. *Vai ſe.*

*Arch.* Oh vivas como a Fenix , ainda que morras como ella , quando quer renaſcer. *Vai ſe.*

## SCENA IV.

*Sala. Sahem Lidoro , e Aſtrea.*

*Lid.* QUerida Aſtrea , ainda não creio que alcanço a gloria de te ver , poſto mo certifique a tua preſença.

*Aſtr.* Por mais que o teſtemunhem meus olhos , amado Lidoro , ainda duvido ſe he certa a ventura que logro.

ARIA A DUO.

*Lid.* Doce bem ,
*Aſtr.* Amado emprego ,
*Lid.* Que ventura tão goſtoſa !
*Aſtr.* Oh como ſou venturoſa ,
*Amb.* Pois ditoſa } a ver-te chego !
Pois ditoſo }

*Lid.* Eſta dita ,

*Aſtr.* Eſta gloria
*Lid.* Por empreza,
*Aſtr.* Por victoria
*Lid.* Publique amor por eſpanto
*Ambos.* A pezar de todo o encanto. *Vão-ſe.*

## SCENA V.

*Sala. Sahe de huma parte Archia, e de outra Iris juntamente.*

*Iris.* AI!
*Arch.* Ui!
*Iris.* Ai que medo que tomei!
*Arch.* Ui, que liberdade que perdi!
*Iris.* Eſtou ſem vida.
*Arch.* Eſtou ſem alma.
*Iris.* Fiquei ſem ſangue no corpo.
*Arch.* Fiquei ſem lume nos olhos.
*Iris.* Que medo que me metteo!
*Arch.* Que ſetta que me tirou!
*Iris.* Ainda não eſtou em mim!
*Arch.* Menina ſocegue-ſe, e diga-me ſe acaſo he da obrigação da Senhora Circe?
*Iris.* Sim ſou.
*Arch.* Como he bella! Diga-me mais, ainda que mal pergunte, ſabe tambem alguma couſa daquelles encantos-zinhos.
*Iris.* Porque o quer ſaber?
*Arch.* Porque depois que a vi, ſinto cá por dentro das veias huns formigueiros, cá pelo coração huns ſuſtos, olhe aſſim a modo de

que

que quero tornar a ser pai de leitões: não me explico bem; sinto cá hir-me inclinando mais ao animal, que ao racional, e assim lhe peço que se me quer converter em algum quadrupe, me faça seu cachorrinho de fralda.

*Iris.* Não o quero cão de fralda, que não tem mais prestimo que de ladrar; e como Circe partio para a caça por divertir a Ulysses, quero que seja podengo para que me traga alguns coelhos *Vai-se.*

*Arch.* Para que traga coelhos? Eu os tragarei. Ora eu cuidava que só as mulheres Gregas erão inclinadas ao verbo *do, das.* *Vai-se.*

## SCENA VI.

*Bosque, e estrondo de caça.*

*Ulyss.* VOarás remontada Garça mais ligeira com as penas, que te accrescentar esta seta. *Dentro.*

*Sahe Circe.*

*Circe.* Por ver que me vem seguindo Ulysses me retiro a este lugar, mais apartada das que me acompanhão. Oh nunca dos Troyanos incendios escaparás, cruel Ulysses, pois tens introduzido segunda Troya em meu peito. *retira-se.*

*Sahe Ulyſſes ſem ver a Circe.*

## SONETO.

Os magicos encantos que intentaſte,
Que pouco importa, ó Circe, o ter vencido;
Se tal belleza vendo, ſuſpendido,
Com tão doce veneno me encantaſte:
Tambem conheço, ó Juno, que amparaſte
Meu peito, como tinhas promettido;
Mas que importou então ſer ſoccorrido,
Se outro maior encanto me deixaſte?
Deſprezar póde, Circe, empenho tanto;
E ſe he melhor que a arte a natureza,
Ceſſe da magica o cruel eſpanto;
Pelo lindo transforma ſem defeza,
Nem preciſas uſares de outro encanto,
Tendo maior encanto na belleza.

*Circ.* Que te traz, Ulyſſes, tão ſuſpenſo, que deſconfia o meu cuidado ſe te acharás pouco ſatisfeito da minha hoſpedagem?

*Ulyſ.* Antes muito diverſa he a cauſa que tão diſtrahido me têm; pois he ſó o admirar o poderoſo effeito de tua formoſura, que tão eſquecido me traz de mim, que ſó de te adorar me lembro.

*Circ.* Aſſim o permitta amor. *á parte.* Como conheço que iſſo são hyperboles da tua eloquencia, te não reprehendo o arrojo de me fallares com menos reſpeito. Que mal reprehende quem o meſmo que reprehende deſeja! *á parte.*

*Ulyſ.*

*Ulyſ.* Se queres que mude de eſtilo, ſeja para te agradecer o concederes a meus companheiros a ſua racional liberdade, ainda que me parece que ma tiraſte a mim antes de lha dares a elles.

*Circ.* E iſſo he mudar de eſtilo, ou mudar para peior?

*Ulyſ.* Culpa a tua formoſura, que ella cauſa em mim o arrojo de que me criminas; e em ſer a tua belleza tão culpada, venho a ter a maior deſculpa.

*Circ.* Suſpende a voz que..... Mas para evitar eſſas temeridade, proſigamos a caça. Que mal me esforço! *á part.*

*Faz que ſe vai.*

## SONETO.

*Ulyſ.* Attende ó bella Circe. *Circ.* Que procuras?

*Ulyſ.* Que ſaibas que te adoro. *Circ.* Iſſo he engano;

*Ulyſ.* Aſſim permitta amor. *Circ.* Oh Deos tyranno! *á part.*

*Ulyſ.* Que teu deſdem ſe acabe. *Circ.* Oh que loucuras?

*Ulyſ.* Sempre firme ſerei. *Circ.* Como o aſſeguras?

*Ulyſ.* Com ſer amante eterno. *Circ.* E's inhumano.

*Ulyſ.* E meu amor tão fino. *Circ.* He lôuco inſano.

*Ulyſ.* Mil finezas fará. *Circ.* Não são ſeguras.

*Ulyſ.*

*Ulyſ.* Ceſſem já teus rigores. *Circ.* Não te creio;
*Ulyſ.* De ſer conſtante juro. *Circ.* Será dita *á part.*
*Ulyſ.* Nunca me mudarei. *Circ.* Ah que receio;
*Ulyſ.* Rendido me tem já. *Circ.* Gloria infinita. *á part.*
*Ulyſ.* Ai adorado bem! *Circ.* Ai doce enleio! *á part.*
*Ulyſ.* Amor me fará teu. *Circ.* Elle o permitta. *á part.*
*Vai-ſe Circe.*

ARIA.

*Ulyſ.* Eſpera, ingrata, eſpera,
Que poſto tyranna féra
Tua viſta me maltrata,
Mais o não te ver me mata.
Suſpende o ligeiro paſſo,
Das almas tyranno laço;
Mas ſe foges, cruel, tanto,
Eu te ſigo com meu pranto. *Vai-ſe.*

*Sahem Lidoro, e Aſtrea.*

*Lid.* Que eſcaſſa he a ſorte, querida Aſtrea, nos breves minutos que me concede para ver-te, quando tão liberal foi nos dilatados ſeculos que me deu de auſencia!

*Aſtr.* Mais me devo eu queixar de ſua crueldade, pois me negou com a tyrannia do encanto o ſenſivel, para mais tormento meu; porque o maior que me afflige he o não te amar o tempo que não ſenti.

*Lid.*

*Lid.* Eu me confeſſarei ditoſo, ſe não for mudavel o amor que publícas.

*Aſtr.* Eterna ſerá minha firmeza. Mas Circe torna a eſte ſitio; e como temo o ſeu rigor, tanto a meu pezar experimentado, eſta noite te fallarei no jardim de Palacio. Vai-te que lá te eſpero.

*Lid.* Seculos ſerão para mim os minutos que dura o dia. Oh que pouco dura huma gloria! *Vai-ſe.*

*Aſtr.* Oh que breve he o tempo de huma alegria!

*Sahe Circe.*

*Circ.* Aſtrea, de ti confio o maior cuidado de meu peito, que como experimentada me ſaberás valer. Para eſta parte vem Ulyſſes: eu me retiro em quanto lhe has de dizer, que eſta noite lhe queres fallar no meu jardim.

*Aſtr.* Senhora, ſe eu..... a Ulyſſes.....

*Circ.* Não tens que replicar, porque quero em teu nome dar deſafogo a meu coração.

*retira-ſe.*

*Aſtr.* Ai de mim! que farei em tanta confuſão de penas! pois no jardim me ha de eſperar Lidoro.

*Sahe Ulyſſes.*

*Ulyſ.* Gyrâſol amante das luzes de Circe, mal poderei guiar os paſſos, não ſendo em ſeu ſeguimento.

*Aſtr.* Ulyſſes, eſta noite vos eſpero no jardim de Palacio, que me importa fallar-vos.

*Ulyſ.*

*Ulyſ.* Não faltarei em ſervir-vos.

*Aſtr.* Oh permittão os Deoſes que não vás! *Vai-ſe.*

*Ulyſ.* Que ſó a Circe não encontre!

*Sabe Archia.*

*Arch.* Iſto de caça não entendo, mais que caſſa a eſcota.

*Ulyſ.* Não a diviſo em todo o boſque.

*Arch.* Ah Senhor, quero-te pedir hum favor; e he, que vás caçando, mas por eſte boſque não mates a nenhum porco.

*Ulyſ.* Porque o dizes?

*Arch.* Porque he a melhor gente de quantos animaes ha; e eu quando fui ſeu companheiro experimentei nelles a maior amizade, e amor que podia ſer.

*Ulyſ.* Deixa loucuras.

*Arch.* Digo-te, Senhor, a verdade, que os porcos deſta terra devião de ter boa criação, porque todos, ſem me conhecerem, me cortejavão grandemente.

*Ulyſ.* Pois pedirei a Circe que torne a mandarte acompanhallos.

*Arch.* Não he preciſo; agradeço o cuidado: porém ſe queres orar por mim, ſó lhe pede que faça porca a minha bolça, pois anda ſempre a couſa mais limpa que tenho viſto.

*Ulyſ* Eſtá bem; vamos para Palaço, que como nos perdemos na caça, ſupponho que Circe já ſe auſentaria.

*Arch.* Vai com Jupiter, que eu vou ver ſe en-

encontro algum final *ex inſtituto* de vinho venal. Ah Senhor, forte ſaudade tenho das tavernas da Grecia!

*Ulyſ.* Ai de mim! Ninguem me falle em Grecia. *Vai-ſe.*

*Arch.* Ai de mim! Ninguem me falle em tavernas. *Vai-ſe.*

## SCENA VII.

*Sala. Sabe Iris.*

*Iris.* ORa que ſeja poſſivel que ha tantos annos eſtamos aqui peior que Amazonas; (pois nem de anno em anno fallamos a homem algum) e que vindo agora eſte par delles, he como ſe não foſſe! Porque Ulyſſes vai-ſe adjectivando com Circe; os mais que tinhão algum geito, tanto que ſe apanhárão outra vez feitos gente, calcurriárão para o navio, ſem que ficaſſe hum Grego a quem me aggregar: ſó aqui ficou hum Archia, que he muito bom tacão: elle ſim me quer bem, mas como não tem que dar, nada de mim eſpere.

### ARIA.

Hum Grego me quer
A' Grecia levar;
Mas ſe eu for por mar
Grega ſeja eu,
Porque eu bem eſcuſo
Ser peixe mulher.

E mais ſendo elle
Hum tão boa peſſa,
Embora me deixe:
Por certo que nelle
Ganhava bom peixe.

*Sahe Archia.*

*Arch.* Em ditoſa hora, ó Iris, largo as vélas ao meu atrevimento; pois vejo que nas nuvens do teu canto eſtá eſſe arco prometendo bonança ao tímido beixel de meu amor, que tanto receia nevegar o cabo da tua belleza.

*Iris.* Na verdade tão cativo eſtás de mim?

*Arch.* E tão cativo que ſe me vieſſem reſgatar, me faria hum renegado de Grecia, ſó por eſtar na maſmorra da tua graça.

*Iris.* Tão bem te pareço?

*Arch.* Já que és Iris, por arcos te explico a tua belleza; porque comparo as tuas ſobrancelhas aos arcos da Capella; os teus olhos ao arco do Cégo; o nariz ao arco dos Prégos; a boca ao arco das Mentiras; o peſcoço ao arco do Eſpinho; o corpo ao arco do Garajão; e toda tu és hum arco da velha; e ſendo toda arco, não vi couſa mais deſarcada.

*Iris.* Não te pareça que menos agradada eſtou de ti; e por praças te retratarei: e aſſim he a tua teſta praça vaſia; os teus olhos praça do Remolares; o nariz praça do Caſtello; a boca praça da Palha; o peſcoço praça do

Pe-

Pelourinho; o corpo praça morta; e ſendo tu homem de tantas praças, não vi homem de menos praça. *Vai-ſe.*

*Arch.* Parece que lhe não agradou o retrato, ſe já não he que por ſer já noite, não deve apparecer eſte arco da velha. *Vai-ſe.*

## SCENA VIII.

*Jardim como de noite. Sahe Circe.*

*Circ.* QUe pouco deſcança quem padece os deſſaſocegos de amor! Ai Ulyſſes, que tanto contra mim converti o veneno, que em teu damno fabricava!

DECIMA.

Se o Baſiliſco homicida
Vê no eſpelho o ſeu retrato,
Ficando o chryſtal intato
A ſi proprio tira a vida.
Eu aſſim inadvertida
Dentro em ſeu peito me vi,
E indo apurar alli
Do maior veneno o effeito,
Ficando livre ſeu peito,
A mim propria me offendi.

*Sahe Ulyſſes.*

*Ulyſ.* Que pouco ſocega a quem deſpertão de amor os cuidados! Ai Circe, que por deſfazer teus encantos, nelles perdi a vida!

DE-

DECIMA.

Se a Maripoſa brilhar
Vê da luz a ardente flamma,
A vida perde na chamma,
Quando a procura apagar.
Aſſim vendo a Circe obrar
Os venenos que obſervei,
Desfazellos procurei;
Porém como erão tantos,
Hindo a desfazer encantos,
Nos encantos me abrazei.

*Fica Ulyſſes da parte de Circe, e ſahe da outra parte Aſtrea.*

*Aſtr.* Já Circe a meu parecer anda no jardim. Oh permittão os Deoſes não encontre com Lidoro!

*Sahe da outra parte Lidoro, e fica da parte de Aſtrea.*

*Lid.* Não te pareça obſcura noite, que, a pezar de tuas ſombras, deixarei de gozar os reflexos do aſtro que ſigo.

*Circ.* Porém ſe me não engano, hum vulto ſe me apropinqua. Oh queira amor ſeja Ulyſſes.

*Aſtr.* Hum vulto diviſo, ſupponho que Ulyſſes ſerá.

*Circ.* Sois Ulyſſes?

*Ulyſ.* A obedecer voſſos preceitos, bella Aſtrea, cuidadoſo venho.

*Circ.* Julgo não duvidareis ſer pequeno o arro-

jo

jo de confeſſar-ſe voſſa quem vos deve a liberdade.

*Ulyſ.* Eſta voz he de Circe: fingirei. *á part.* Ainda que no meu peito ſó aſſiſte Circe, ſempre deſejei fugir ás cenſuras de ingrato.

*Aſtr.* Sois Ulyſſes?

*Lid.* Não ſou, ingrata, ſenão Lidoro.

*Aſtr.* Ai de mim, que fui inadvertida!

*Lid.* Para iſto me chamaſte, ingrata? Oh caſtigue amor tanta falſidade.

*Aſtr.* Suſpende a voz, Lidoro.

*Ulyſ.* Mas que rumor he eſte?

*Circ.* Quem dá aqui vozes? Aſtrea, Nize, Laura.

*Sahem as Ninfas com luzes.*

*Circ.* Mas que vejo!

RECITADO.

*Circ.* Como, atrevidos, intentais aſſim.....

*Ulyſ.* Eu, Senhora.....

*Aſtr.* Se entrei fui.....

*Lid.* Ai de mim!

*Circ.* Meu rigor ſe verá, cruel, tyranno,

*Ulyſ.* O meu erro,

*Aſtr.* Rogada.

*Lid.* Cruel engano!

*Circ.* Caſtigar em todos com razão intento,

*Ulyſ.* Deſculpe amor

*Circ.* Tanto atrevimento.

ARIA A 4.

*Circ.* Se profana o voſſo arrojo
Deſte ſitio o Ceo ſagrado,
*Ulyſ.* Amante,
*Aſtr.* Humilde,
*Lid.* Proſtrado,
*Ulyſ.* Pedir,
*Aſtr.* Chorar,
*Lid.* Sentir,
*Circ.* Caſtigar,
*Todos* Será forçoſo,
*Circ.* Caſtigar } o intento { voſſo
*Todos* Deſculpar } { noſſo
*Circ.* Ide-vos já, antes que
O caſtigo em vós comece.
*Todos* Tal rigor, Senhora, ceſſe,
*Lid.* Que os crimes,
*Aſtr.* Que cauza
*Ulyſ.* Amor,
*Circ.* Bem merecem } tal rigor.
*Todos* Não merecem }

*Vão-ſe todos.*

ACTO

# ACTO II.

## SCENA I.

*Campos. Sabem Circe, e Aſtrea.*

*Cic.* AInda que ſegura eſteja no firme amor de Ulyſſes, como á maior ventura perſegue a maior emulação, quero aqui retirada ouvir o que os ſeus companheiros vem fallando.

*Aſtr.* Entre eſte arvoredo nos podemos occultar. *retirão-ſe.*

*Sabem Archia, Arqueláo, e os mais companheiros.*

*Arch.* Como digo: tanto me quizera elle a mim, como quer a Circe: tem-lhe hum amor que he huma couſa grande.

*Arq.* Se he aſſim, tarde hiremos a Grecia.

*Arch.* Ainda peior he, que hontem elle, e mais ella.... Mas não importa, não importa.

*Circ.* Ah traidor! *á part.*

*Arq.* Cruel deſgraça!

*Arch.* Outra couſa mais péſſima; que eſta noite os vi eu a ambos no jardim..... Mas nada, nada.

*Arq.* Fera deſdita!

*Arch.* Que ſeria ſe viſſem hir eu muito deſcul-

cuidado, e dar com elles..... Mas andar; andar.

*Arch.* Que tanto valor viva esquecido de si, e dos seus?

*Arch.* Tudo isto he nada; mas se soubessem perder-me eu em Palacio, e hir dar de repente no quarto de Circe, e..... Mas não quero fallar.

*Arq.* Que vencendo tantos perigos se deixasse vencer de huma mulher!

*Arch.* Senhores, estoura hum pelo outro.

*Circ.* Não sei como me reporto! *á part.*

*Arq.* Vamos, companheiros, tratar do remedio. *querem hir-se.*

*Arch.* Olhem, esperem; elles ambos cada vez que lhe parece.... Mas não quero dizer.

*Arq.* Vamo-nos. *Vão-se.*

*Arch.* Elles vão ardendo; e que seria se eu lhes disse que tambem vi em huma noite...

*Sahem Circe, e Astrea.*

*Circ.* O' que traidor?

*Arch.* Nada, Senhora; porque fazia escuro. Ai pobre Archia! *á part.*

*Astr.* Os Gregos, Senhora, são muito falsos; justo he que este atrevido pague semelhante traição.

*Arch.* Porque? a Senhora Circe emprestou-me alguma traição para haver de a pagar?

*Circ.* Hoje meu castigo será satisfação de sua aleivosia.

*Arch.* Desta vez porco *me fecit.* *á part.* Senhora,

ra, eu nada disse, porque tudo o que disse foi nada; não importa, não quero fallar, não quero dizer.

*Circ.* Nesse nada dizias muito; e porque outra te não aconteça, sahe ao campo acompanhar as féras. *Vão-se.*

*Arceb.* Rogo-te, Senhora.... mas foi-se: ai de mim, que já se me vai arrepiando a pelle; desta vez me transformo em algum porco espim, ou em algum ouriço cahceiro. *Vai-se.*

*Sahem Ulysses, e Astrea.*

*Ulys.* Bellissima Astrea, estimo a occasião de encontrar-vos, tanto pela gloria de vos ver, como por saber o que me ordenaveis no jardim; quando Circe me embaraçou o fallar-vos.

*Sahe Lidoro.*

*Lid.* Astrea fallando com Ulysses! Ah crueis zelos! *retirado.* *á part.*

*Astr.* Só Circe vos poderá dizer o que vos queria.

*Lid.* Ah cruel, ah falsa, que pouco duravel foi tua firmeza! *á part.*

*Ulys.* Não vos embarace o dizeres-mo receio algum, pois vede que estamos sós.

*Astr.* Só Circe vos póde dar resposta, que eu não vos quero nada.

*Lid.* Ah tyranna até lhe pedes zelos de Circe? *á part.*

*Astr.* E dai-me licença, que me importa ausentar-me. Ah Lidoro quem te vira! *á part.*

*Vai Aſtrea para bir-ſe, e encontra-ſe com Lidoro.*

*Aſtr.* Mas ai de mim! Meu bem.

*Lid.* Ai de ti que és falſa, e ai de mim que experimento os teus enganos, e os deſſe cruel peregrino, pois me deo huma vida para me dar mil mortes!

*Ulyſ.* Suſpendei a voſſa queixa, pois em nada vos offendi.

*Lid.* Negaes o que vi he ſegunda offenſa, e aſſim tirai-me de huma vez a vida, ficareis pago da que me déſtes, quando foſtes cauſa de que eſſa féra deixaſſe os boſques, para ſó fazer eſtragos no meu peito.

*Aſtr.* Ai triſte, infeliz!

*Empunhão as eſpadas, e ſahe Circe.*

*Circ.* Suſpendei-vos; que he iſto, Aſtrea?

*Aſtr.* Senhora, perſumindo Lidoro que eu amo a Ulyſſes.....

*Circ.* Baſta; e adverti Lidoro, que ſegunda vez não perturbeis a quieta hoſpedagem com que ſirvo a Ulyſſes, porque experimentareis o caſtigo.

*Lid.* Senhora, ſaberás que.....

*Circ.* Não tendes que me dizer, e ſó vos importa cuidar no que vos encommendo: vamos Ulyſſes, vem Aſtrea. *Vão-ſe.*

*Lid.* Que mais generos de tormentos (ai de mim!) ſe pódem inventar contra hum infeliz? Oh Deoſes, para que me permittis huma vida

vida ſujeita a tantas mortes? Que cobardes que ſois, oh deſgraças, pois ſempre me accommetteis juntas! Mas como eſtou coſtumado ao voſſo mal, por iſſo vivo com o voſſo veneno. Ah cruel Aſtrea! és falſa a quem te ama, por amares a hum falſo eſtrangeiro? Mudaſte de huma firmeza, para ſeres firme a quem aprendeo do mar a mudança? Ah tyranna, amor te caſtigue, já que tanto ao amor offendes.

ARIA.

Falſa, féra, ingrata, cruel,
Em que te offendeo meu peito?
Se em mim vês de amor o effeito,
Que mais quer teu deſamor?
Vou-me a queixar de ti
A's aves, penhas, e fontes,
Aos valles, e aos montes
Por tão tyranno rigor. *Vai-ſe.*

## SCENA II.

*Sala. Sahem Circe, e Ulyſſes.*

*Circ.* POr mais que me certifiques as véras do teu amor, nunca me poderás eximir de hum cuidado, que muito me affligе.

*Ulyſ.* Grande he o que me cauſas na demora de mo dizeres.

*Circ.* Mas temo de que o ſaibas, porque duvido da tua firmeza.

*Ulyſ.* Tem de meu amor toda a ſegurança, que nem todo o poder do fado me poderá fazer mudavel.

*Circ.* Neſſa confiança te manifeſto, que o meu temor naſce de que os teus procurem caminhos de me deixares.

*Ulyſ.* Perde o receio, idolatrado bem: como em ti vivo, ſó morto me poderáõ de ti auſentar.

*Circ.* Não são baſtantes eſſas promeſſas a izentar-me de ſuſto.

*Ulyſ.* De que modo, pois, te hei de ſegurar a minha firmeza? Se algum dia em mim hover mudança, permittáõ os Deoſes. . . . .

*Arq.* Não permittáõ os Deoſes. *Dentro.*

*Ulyſ.* Quem me contradiz?

*Sahem Arqueláo, e os mais companheiros.*

*Arq.* Não permittáõ os Deoſes, Senhores, que livrando-nos da rigoroſa guerra de Troya, do ſuave golfo das Sereas, do horrido rigor de Polifemo, das iras de Venus, e Neptuno, paſſando tantos climas, e mares, tormentas, e furioſos ventos, hoje torpemente amortecidos nos tenha o teu deſcuido, ſem eſperança de vermos a amada patria. Deſperta pois do lethargo em que te vês ſepultado, e vem a ſer immortal brazão da Fama, e ſenão permitte-nos licença, que ſem a tardança de huma hora havemos largar as vélas ao favoravel vento.

*Circ.* Quanto temo eſte conflicto!

*Ulyſ.*

*Ulyſ.* Fieis companheiros, e amigos (ai de mim!) eu vos acompanho. *quer bir-ſe.*
*Circ.* Não era iſſo o que pouco ha te ouvi dizer.
*Ulyſ.* Mas hi-de-vos ſem mim, ou não vos vades. *vem para Circe.*
*Arq.* O deixarmos de partir he impoſſivel.
*Ulyſ.* Vamos: porém como ſem Circe?
*Circ.* Attende, Ulyſſes, ás finezas que me deves.
*Ulyſ.* Ide-vos livres, já que amor me prende.
*Arq.* Lembre-te tua patria, eſpoſa, e fama.
*Ulyſ.* Eu vos ſigo, leaes amigos. *vai para elles.*
*Circ.* Já te eſqueces, ingrato, de tantas promeſſas, que a tua fingida firmeza me fazia?
*Ulyſ.* Razão tens Circe; largai as vélas, e gozai da doce liberdade. *vem para Circe.*
*Arq.* Pois fica-te ſem nós. *Vão-ſe.*
*Dentr.* Viva Grecia, viva Marte.
*Ulyſ.* Mas eſtas vozes..... Arqueláo eſpera, detente. *vai para elles.*
*Circ.* Pois queres deixar-me, cruel?
*Circ. e Ninf.* Viva Venus, viva amor.
*Arq.* Que ordenas? *Sahe.*
*Ulyſ.* Que vos vades, e pubiliqueis que mais poderoſos são os venenos de Venus, que os antidotos de Juno. *vem para Circe.*
*Arq.* Pois fica-te com Venus, que Marte nos ſeguirá. *Vai-ſe.*
*Dentr.* Viva Grecia, viva Marte.
*Ulyſ.* Eſta voz me arrebata.
*Circ. e Muſic.* Viva Venus, viva amor.
*Ulyſ.* Eſta me eleva, e ſuſpende.
*Dentr.* Viva Grecia, viva Marte.

*Circ.*

*Circ. e Muſic.* Viva Venus, viva amor.

SONETO.

*Ulyſ.* Em meu peito abrazado hoje ſe encerra
A mais dura peleija, e cruel contenda;
Marte ſe esforça para que me renda,
Amor para vencer-me me faz guerra:
Marte traz por eſcudo a patria terra,
Amor traz por brazão a doce offrenda;
Se procuro que hum de outro me defenda
Vejo que amor a Marte em fim deſterra:
Entrou no coração amor glorioſo,
E em teu nome de Marte defendeo-me,
Fazendo-o, ó Circe, tu mais poderoſo:
Marte em fim ſe auſentou, amor rendeo-me,
Sendo em meu coração mais victorioſo,
Pois a Marte venci, e amor venceo-me.

*Muſic.* Viva Venus, viva amor.

ARIA A DUO.

*Ulyſ.* De amor a doce victoria
Se decante por memoria.
*Circ.* E da fama por proeza
Seja a mais egregia empreza.
*Ulyſ.* E a ſeu poderoſo ardor
*Ambos.* Se ſiga eterno louvor.
*Ulyſ.* Contra o poder de Marte
Vença amor em toda a parte.
*Circ.* Se de Marte unico eſpanto,
Dos corações doce encanto.
*Ulyſ.* Se por timbre,

*Circ.*

*Circ.* Se por gloria
*Ambos.* De tudo alcança victoria. *Vão-se.*

## SCENA III.

*Campos. Sahe Archia feito mono.*

*Arch.* ORa a Senhora Circe pregou-ma de maço, e mona! Sem fazer outro mal algum, que dizer muito mal della, logo me pregou este mono; que não podia ser peior para mim o castigo, que ver-me com habito monacal, e andar com o cabello de monete. Oh Baco, que consintas que se chegue a ver ludibrio dos cepos, quem foi o maior venerador das cepas! Que o que foi sempre tão boa vasilha, se veja hoje tão macaco! Porém já me occorre, que Circe deve de ser do rancho da mangerona, e por isso me quiz fazer o seu anagrama mona negra.

*Sahe Circe.*

*Circ.* Seguro o meu amor na constancia de Ulysses, vendo que agora goza do brando somno, venho communicar ás flores a minha alegria.

*Arch.* Ai que ella lá vem! Se me ouvio faz-me hum certão de animaes, porém supponho que algum cuidado a traz divertida; quero-me queixar, por ver se se compadece de mim. Oh desgraçado mono, que posto tenhas criado callo aonde callo, o não tens ainda criado a paciencia! *Circ.*

*Circ.* Quem dá aqui vozes?

*Arch.* Eu, porque não tenho outra couſa que dar.

*Circ.* De que te queixas?

*Arch.* De que havendo hum Cicero, que orou por Archia poeta, não haja hum Cicero que ore por Archia mono.

*Circ.* He juſto caſtigo da tua lingua.

*Arch.* Senhora, ſe o confeſſar-me arrependido he baſtante deſculpa da minha culpa, te rogo, que aſſim como já me alimpaſte da porcaria em, que me vi, me alegre tambem para que deixe de eſtar ſempre feito hum mono.

*Circ.* Sim o farei, ſe me reſponderes ao que te perguntar, que ſe pela lingua foſte caſtigado, quero que por ella ſejas abſolvido.

*Arch.* A tudo o que quizeres me offereço.

*Circ.* A pergunta he, ſe há outro encantador maior do que eu?

*Arch.* Quando *fic quærit*, reſpondo que ſim ha, e eſte he o amor.

*Circ.* Eſpero pela prova.

*Arch.* Ainda que nunca o provei, eu me explico o melhor que poſſo, e a approvação ficará da tua parte. He pois Cupido o mais egregio encantador, pois vemos que a cada canto encanta, em quanto o diabo eſfrega hum olho; porque elle transforma os zelofos em tigres, os deſvanecidos em pavões &c. que niſto muito o aſſemelhas; porém o mais he que ſe converte a ſi em mas fórmas que

o

o meſmo Proteo, couſa em que muito te excede, não deſfazendo na tua peſſoa; porque elle he para os eſtudantes bicho eſcolaſtico; para os coſinheiros bicho da coſinha; para os carpinteiros bicho carpinteiro; ſendo para os do mar carangueijo, e para os da terra lagartixa; para os eſteireiros mono, *ſicut*, *& nos*, conforme o adagio *pregavit monum criancæ meæ*; he para os velhos caruncho; para os meninos leſma; para os valentes ſerpe; para os tímidos bico da toca; para os ſabios lagarto; para os neſcios grão beſta; para os admirados bicha de ſete cabeças; para os aleijados cobra; para os cegos toupeira; para os corcovados camello; para os poetas camelleão; para os.....

*Circ.* Não proſigas mais, que bem dizes ſer Cupido o mais famoſo encantador, como ſe vê em Ulyſſes, que vencendo os meus encantos, ſó os de amor não póde vencer: vaite, e torna a cobrar a tua primeira fórma.

*Arch.* Para a cobrar, como cobra vou mudar eſta pelle, que tem ſido para mim peior que a pelle de todos os diabos. *Vai ſe.*

*Circ.* Cupido, que poderoſo he o teu encanto, pois a magica ſó transforma os corpos, porém tu encantas as almas!

ARIA.

Amor, teu encanto activo
Cauſa mil transformações,
Deixando nos corações

Só

Só os timbres do adorar:
Quem padece o teu veneno,
Para tudo fica cego,
Não tendo maior emprego,
Que os empenhos do amar. *Vai-se.*

## SCENA IV.

*Sala. Sahe Ulyſſes.*

*Ulyſ.* AOnde eſtará Circe? ou para melhor dizer, aonde eſtarei eu? pois ſe aſſiſte em meu peito, nelle ſó a devo procurar. Porém ſe não ſei de mim, como em mim a acharei? E aſſim tão perdido ando, que igualmente me procuro a mim, e a Circe. Mas que portento vem meus olhos?

*Apparece Juno em huma nuvem, cantando a Muſica o ſeguinte quarteto.*

*Muſic.* Deſperta Ulyſſes,
Que o mundo te chama
A dares aſſumpto
Ao clarim da fama.

*Jun.* Ulyſſes, rompe os enganoſos laços deſſe confuſo labyrintho, que amor tecido tem em teu damno; e ſe amortecido te vês, deſperta, que o mundo te eſtá chamando para eternos applauſos. Não ſeja huma mulher remora de tanto valor.

*Vai-ſe,*

*Vai-se, repetindo a Muſica o quarto acima.*

*Ulyſ.* Dizes bem, ó ſuprema Deidade de Juno. Mas ai que Circe auſente..... Porém o valor viva, que ſó merece eternos altares na immortalidade, quem erige troféos ao valor.

*Muſic.* Ao amor.

*Ulyſ.* Mas quem me contradiz?

*Apparece Cupido em huma nuvem, cantando a Muſica o ſeguinte quarteto.*

*Muſic.* Amor ſegue Ulyſſes
Por troféo luzido,
Que he doce victoria
Ser de amor vencido.

*Cupid.* Segue-me Ulyſſes por troféo luzido,
Que he doce victoria ſer de amor vencido.

*Diſpara huma ſetta contra Ulyſſes, e vai ſe, repetindo a Muſica o quarteto.*

*Ulyſ.* Suſpende a crueldade, ó Deos tyranno, não executes tua ira em hum peito rendido; e ſe he indigna acção do valor repetir golpes em quem eſtá morto, para que diſparas tuas ſettas, não havendo em meu coração já lugar para novas feridas? Se eſtou rendido para que te armas contra mim? Se eſtou prezo, para que accumulas grilhões? E ſe eſtou morto para que repetes golpes? Oh não fulmines iras contra hum rendido, prezo, e morto.

ARIA.

ARIA.

Se rendido, e já ſem vida,
Mal reſpiro, e mal alento,
Porque com rigor violento
Flechas vibras Deos tyranno?
Ceſſe tanta crueldade,
Deos Cupido, cruel amor,
Baſte já tanto rigor. *Vai-ſe.*

*Sahe Archia.*

*Arch.* Graças a Jupiter que me torno a ver em Palacio como gente.

*Sahe Iris.*

*Iris.* Aonde eſtiveſte até agora, que tanto tempo ha que te não vejo!
*Arch.* A culpa teve Circe, que ma fez boa.
*Iris.* Pois o que te fez?
*Arch.* Fez me hir daqui ao beco do monete.
*Iris.* Não te entendo.
*Arch.* Fez-me andar dançando monoetes.
*Iris.* Ainda te não explicas?
*Arch.* Quiz que por todos os caminhos foſſe o meu nome monoſillabo.
*Iris.* Apoſtarei que eſtiveſte feito mona?
*Arch.* Advinhaſte; nem mais nem menos.
*Iris.* E já o não és? Oh daſgraçado homem!
*Arch.* Pois ſou deſgraçado em não ſer já mona?
*Iris.* Sim, porque ſendo mono, e Archia, vinhas a ter huma monarquia.
*Arch.* Ora não me mortifiques mais; e ſe iſſo

são

são arrufos do paſſado retrato, eu me retrato do que diſſe, e te peço queiras hum dia ſer ſó arco da Conſolação para eſte padecente de amor, que pelo grilhão da tua belleza o leva o carraſco do teu rigor a padecer na forca da tua tyrannia.

*Iris.* Se tu fores para mim arco do ouro, não ſó para ti ſerei arco da Conſolação; porém eſtarás ſempre no arco da minha graça.

*Arch.* Bem te entendo; mas ſe eu não tenho que dar-te mais què o meu coração?

*Iris.* Pois vai-te, que eu não ſou melro para me ſuſtentar de corações.

*Arch.* Pois que queres em fim?

*Iris.* Queria que foſſes rico como hum porco; já que és feio como hum mono. *Vai-ſe.*

ARIA.

*Arch.* Se eu ſou feio, carrancudo,
Corcovado, manco, e torto,
Cara de mono, fucinho de porco,
Mais me alegro de aſſim ſer.
Por iſſo eſtou mais contente,
Mais alegre, e ſatisfeito,
Que as mulheres por ſeu geito
Sempre querem o peior. *Vai-ſe.*

*Sahe Lidoro.*

*Lid.* Que não encontre a Ulyſſes, para que, ou tirando-lhe a vida me não cauſe tanto tormento, ou dando-me a morte não finta tantos rigores!

*Sa-*

*Sabe Archia ſem o ver Lidoro.*

*Arch.* Para aqui veio Lidoro. Oh cá eſtá. Aqui começo a vingar-me de Aſtrea ajudante mór dos encantos.

*Lid.* Oh cruel fado, que até me concedes a vida, porque a aborreço!

*Sabe de todo Archia, e anda como procurando.*

*Arch.* Para aqui não a vejo, nem para alli, nem para acolá, nem para cá.

*Lid.* Que he o que pertendes?

*Arch.* He cá certa couſa; já mais achei couſa que buſcaſſe!

*Lid.* A quem procuras?

*Arch.* Eu a alguem procuro, mas não he a v. m. Tomára que elle me puxaſſe pela lingoa. *á part.*

*Lid.* Pois vai-te procurar a quem buſcas.

*Arch.* Sim, Senhor: mas acaſo veria por aqui... Mas não. Que ſeja poſſivel que nada me pergunte? Máo era para enqueredor. *á part.*

*Lid.* A ninguem tenho aqui viſto.

*Arch.* Ora vou-me: valha-te a fortuna por Aſtrea.

*Lid.* Aſtrea? Que dizes? Eſpera, eſpera. Ai de mim! A quem vens buſcando?

*Arch.* He cá huma peſſoa a quem trago huma recadinho de importancia. Com licença. *faz que ſe vai.*

*Lid.* Eſpera, Archia, tu não nomeaſte a Aſtrea? A ella he que procuras?

*Arch.*

*Arcb.* Parece que pegou a iſca? pois vamos chegando-lhe a mécha. *á part.* A ella procuro da parte de Ulyſſes, e aſſim não me detenha, que importa muito.

*Lid.* Detem-te, dize-me (valhão-me os Deoſes! *á part.*) que lhe manda dizer Ulyſſes?

*Arcb.* He certa couſa que importa a ambos, e he de ſegredo: deixa me hir.

*Lid.* Muito agradecido te ficaria ſe me manifeſtaſſes eſſe particular.

*Arcb.* Vá ácerca dillo huma hiſtoria. Eſtando eu em Grecia, (que ainda que he região muito larga, he muito eſtreita a defluxos) deo-me tal eſquinencia, que não podia abrir a boca, e eſtando em tal conſternação, que nem huma ſó palavra podia dar, minha mulher que tinha já experiencia, e conhecimento da minha natureza, metteo-me huma colher de parta na boca, e logo ficou franca, e daſimpedida para tudo.

*Lid.* Já te entendo.

*Arcb.* Eſpere, não meta a hiſtoria a bulha, que falta applicalla. E aſſim, Senhor meu, o medo he eſquinencia, que não deixa paſſar a voz da garganta: *Vox faucibus hæſit*, e ſó a prata, e o ouro he remedio contra a eſquinencia do medo. Parece que já me entende?

*Lid.* Eſta cadeia ſupponho terá a preciſa virtude?

*Arcb.* Se não for de latão, ſim Senhor, mas ella peza muito baſtante.

*Lid.*

*Lid.* Relata-me pois, o que manda Ulyſſes dizer a Aſtrea.

*Arch.* Manda-lhe dizer, que no Jardim a eſpera para gozar dos ſeus favores.

*Lid.* Suſpende a voz, que com eſſas palavras me tiraſte á vida.

*Arch.* Pois então ſupponha que não lhe digo nada.

*Lid.* Vai-te, e deixa-me.

*Arch.* Como a cadeia eſtá recolhida, e Aſtrea encravada, obedeço. *á part. e vai ſe.*

*Lid.* Não te pareça, traidor Grego, que tão ſeguramente has de gozar os favores deſſa ingrata; dem-me os Ceos vingança. *Vai-ſe.*

## SCENA V.

*Jardim. Sahe Ulyſſes.*

*Ulyſ.* MUito tarda Circe em vir hoje a eſte jardim, ſe he que o amor me não faz parecerem horas os inſtantes.

*Da outra parte Lidoro retirado.*

*Lid.* Cá eſtá eſte cruel naufrago, a quem o mar arrojou de ſi, por não poder conſentir em ſeus puros chryſtaes o veneno de tão falſo peito: aqui retirado ſolicitarei a minha vingança.

*Sahe Aſtrea da parte de Ulyſſes.*

*Aſtr.* Aonde eſtarás, Lidoro querido, que te não encontro, por mais que te procuro.

*Lid.*

*Lid.* Certo he o meu mal, pois já a tyranna Aſtrea o vem buſcando. Oh rigoroſa pena!

*Ulyſ.* Na verdade, bella Aſtrea, que mais feſtejão eſtas flores a voſſa vinda que a da Aurora.

*Aſtr.* Que ſeja tão infeliz, que buſcando a Lidoro ſó encontre ſempre Ulyſſes! *á part.*

*Ulyſ.* Não vos merece o meu affecto reſpoſta?

*Lid.* Que melhor, que dar ouvidos ás tuas liſonjas. *á part.*

*Aſtr.* Ulyſſes, buſcai a quem vos ama, que eu a quem me ama buſco.

*Ulyſ.* Se buſcais a quem vos ama, ſó a mim podeis buſcar.

*Lid.* Mentes, traidor, que mais amo eu, ainda que menos ditoſo. *ſahe.*

*Aſtr.* Valha-me Jupiter!

*Sahe Circe.*

*Circ.* Procurando-te vinha, Ulyſſes, e eſtimo achar-te aqui: vem comigo, e tu tambem Aſtrea.

*Ulyſ.* Só obedecer-te intento. *Vão-ſe.*

*Lid.* Ah cruel fado, que nunca me concedes lugar para a vingança de hum deſeſperado peito!

ARIA.

Como vivo, como alento!
Como ſem mais embaraços
O coração a pedaços
Não exhala a minha dor?

Como ſem alma reſpiro
Neſte morrer inhumano?
Oh rigor o mais tyranno
De mais tyranno rigor! *Vai-ſe.*

## CSENA VI.

*Boſque. Sahe Arqueláo, e os mais companheiros.*

*Arq.* BEm ſabeis, amados companheiros, o como nos ſahio fruſtrada a fingida jornada que propozémos a Ulyſſes; que he certo não havia permittir a noſſa lealdade hirmo-nos ſem elle; e pois vemos quão pouco effeito reſultou do paſſado intento, outro ſe me offerece propor-vos, que me parece mais efficaz.

*Hum.* Saibamos o que intentas.

*Arq.* Que procuremos occaſião de o acharmos ſó, e lhe levemos as armas do valoroſo Achilles, que me parece que vendo-as, não ſoffrerá o ſeu valor o deſprezallas com o eſquecimento; antes lembrado de ſeu brio, e fama, talvez rompa os duros laços de tão cruel encanto.

*Todos* Todos te ſeguiremos.

*Arq.* Vamos pois a tratar do modo, e da melhor occaſião de ſe executar. Porém lá vem Archia, elle ajudará melhor o noſſo intento.

*Sahe Archia.*

*Arch.* Muito bem me vinguei de Aſtrea. Mas quem eſtá aqui? *Arq.*

*Arq.* Sejas bem vindo, Archia, que de ti esperamos saber.....

*Arch.* Se he cousa de Circe, e Ulysses, não me perguntem nada, que estou ameaçado a ser Elefante se fallar.

*Arq.* Deixa loucuras; e sabe, que nos has de introduzir em palacio, para com as armas de Achilles vencermos o descuido de Ulysses.

*Arch.* Dessa conta que vossés fazem, não quero ser addição.

*Arq.* Isto ha de ser, e tu nos has de guiar.

*Arch.* Eu ser guia? Não me metto em taes contradanças.

*Arq.* Pois para que não descubras o nosso segredo, hirás prezo ao navio. *pegão nelle.*

*Arch.* Isso he como quem diz, ou ser Elefante ou hir prezo; mas eu me defenderei assim. Ah que de Circe, ah que de Circe.

*Arq.* Calla-te, infame, ou morrerás.

*Arch.* Ah que de Circe, ah que de Circe.

*Sahe Circe.*

*Circ.* Quem se queixa aqui?

*Arq.* Perdidos somos.

*Arch.* Ah que de Circe.

*Circ.* Socega-te, e dize de que te queixas, que desejarei ter motivos para a minha vingança.

*Arq.* Oh que mal fiz em me declarar com elle! *á part.*

*Arch.* Ah que de.....

*Circ.* Relata-me o de que te queixas.

*Arch.* *Infandum R.ª ina jubes renovare dolorem.*

*Arq.* De hum fio pendem as noſſas vidas.
*á part.*

*Arch.* Ah que de.....

*Circ.* Adverti, que ſe he o que preſumo, que não vos hão de valer os contravenenos de Ulyſſes. Proſegue tu.

*Arch.* Senhora, bem deſcuidado de ſemelhante encontro cheguei a eſte lugar, aonde eſſes crueis Archicidas.

*Arq.* Ai de nós! *á part.*

*Arch.* Derão comigo, e apenas derão, eis-que derão em dizer, que eu havia hir com elles para Grecia, que eſtavão de partida; e tanto derão em ateimar, que derão em me começarem a dar; e de ſórte me davão, que darião reſto de mim, ſe não vieſſes a tempo de me valeres; e como não quero com elles dares, nem tomares, deixa-os hir para onde nunca mais dem comigo.

*Arq.* Melhorou-ſe o noſſo fado. Mais ſubtil he Archia do que eu cuidava. *á part.*

*Arch.* Ah que de.....

*Circ.* Outra couſa imaginava eu que ſeria; porém como os deſejo auſentes, eſtimo as noticias que me dás. E vós outros podeis hir-vos, que aſſim evitareis a mim deſgoſtos, e a vós algum caſtigo. *Vão-ſe.*

SCE-

## SCENA VII.

*Sala. Sahe Iris.*

*Iris.* QUe tenha eſte Grego Archia tomado á ſua conta quererme bem, quando não lhe baſtando ſer tão pobre, he de tão máo fuciuho! E quer que lhe moſtre boa cara, diſſo póde eſtar livre.

ARIA.

Negra cara hei de moſtra,
Se amarella a não tiver,
E boa cara farei
Se muitas caras trouxer.
Quando me trouxer mais cara,
Me ha de achar mais baratinha,
Se Archia tivér carinha,
O meu carinho achará.

*Sahe Archia.*

*Arch.* Em ditoſa hora venho, minha querida Iris, pois mereço eſtar na tua lembrança.

*Iris.* Será para maior eſquecimento, em quanto ſó tiveres eſſa cara.

*Arch.* Iſſo te merece, cruel, o meu amor?

*Iris.* Quem não dá para os gaſtos, não pede contas.

*Arch* Ora deixa de me atormentar.

*Iris.* Tanto te deixarei, que já me vou.

*Faz que ſe vai.*

SO-

## SONETO.

*Arch.* Eſpera mais hum pouco. *Iris.* Vou-me andando.
*Arch.* Não te auſentes, tyranna. *Iris.* Vou fugindo.
*Arch.* Tão feio te pareço? *Iris.* Es muito lindo.
*Arch.* Attende a meu amor. *Iris.* Eſtou ninando.
*Arch.* Suſpende a tyrannia. *Iris.* Eſtou zingando.
*Arch.* Vê que triſte padeço. *Iris.* Eſtou-me rindo.
*Arch.* Não ſejas tão cruel. *Iris.* Eſtou frigindo.
*Arch.* Olha que por ti morro. *Iris.* Eſtou ſornando.
*Arch.* Amor louco me tem. *Iris.* Ai que doudice!
*Arch.* Elle cego me faz! *Iris.* Ai que cegueira!
*Arch.* O juizo me tira. *Iris.* Ai que tolice!
*Arch.* Movão-te minhas ancias. *Iris.* Forte aſneira!
*Arch.* Meus ſuſpiros eſcuta. *Iris.* He parvoice.
*Arch.* Attende a meu chorar. *Iris.* Vai ri á feira. *Vai-ſe.*

### ARIA.

*Arch.* Ai de mim que ſe eſgueixou!
Cego, e louco me deixou:
Eſtou cego, eſtou tolo,
Já me deu volta o miolo.
Subio-me amor á cabeça,
E ma tomou com tal preſſa,

Que

Que me deu com a bóla á sola
E tola me fez a tóla. *Vai-se.*

## SCENA VIII.

*Gabinete. Apparecerão Circe, e Ulysses assentados, e as Ninfas.*

*Ulyſ.* PArece, ó bella Circe, que poz o amor toda a sua efficacia, e exhaurio todo o seu poder em me fazer ditoso; pois não póde chegar a mais a minha gloria, nem passar a maior auge a minha ventura.

*Circ.* Agora creio, querido Ulysses, que ha gloria que possa satisfázer o desejo humano; pois não he possivel desejar, mais bem que o que possuo, nem appetecer mais dita que a que logro.

*Muſic.* Amor não póde dar mais,
Nem eu mais appetecer,
Que o ser duravel tál gloria,
Que o ser eterno tal bem.

*Ulyſ.* O que bem o explica o doce de vossa melodia!

*Circ.* Oh que bem o expressa o sonoro de vosso accento!

*Ulyſ. e Muſic.* Amor não póde dar mais,
*Circ. e Muſic.* Nem eu mais appetecer,
*Ulyſ. e Muſic.* Que o ser duravel tal gloria,
*Circ. e Muſic.* Que o ser eterno tal bem.
*Muſic.* Que o ser duravel tal gloria,
Que o ser eterno tal bem.

*Ador-*

*Adormece Ulyſſes, e levanta-ſe Circe.*

*Circe.* Suſpendei a voſſa ſuave harmonia, que eſtá Ulyſſes pagando o devido tributo ao deſcanço; e em quanto o occupa o brando ſono, vinde comigo preparar-lhe novos recreios a ſeu goſto. *Vai ſe.*

*Sahem Arqueláo, Archia, e os mais que trazem o arnez de Achilles.*

*Arch.* Ei-lo ahi eſtá ſem tugir, nem mugir.

*Arq.* Opportuna occaſião nos offerece a ſorte para apurarmos o reſto da noſſa eſperança. Aqui ponho, Ulyſſes, a teus pés o forte arnez do valoroſo Achilles: permittão os Deoſes ſeja deſpertador de teu eſquecido brio.

*Põem Arqueláo o arnez aos pés de Ulyſſes.*

*Arq.* Vamos, amigos, eſperar o effeito deſta ultima experiencia. *Vão-ſe.*

*Ulyſ.* (*em ſonhos*) Que me quereis, Achilles? Deixa-me pallida ſombra, que affligir-me vens deſſes Elyſios campos: eu não deſprezo as tuas armas; não me ameaces, que em nada te offendo. *deſperta.* Ai de mim! que triſte illuſão do ſono, pois me parecia ver a Achilles queixoſo contra mim da ignavia, e frouxidão com que deſprezava as ſuas armas. Mas que vejo! O ſeu arnez proſtrado a meus pés? Iſto he mais que aſſombro: iſto não he ſó illuſão! Valha-me Jupiter. Ai Achilles, que baſtante razão tens de quei-

queixar-te, vendo a meus pés o gravado arnez de ouro, a' quem são pequeno throno as azas da Fama! Oh que rhetorico me reprehende, e que efficaz me persuade! Comtigo pertende a minha resolução defender-me (ai de mim!) dos suaves encantos de Circe.

## SONETO.

Chega a meus braços, oh arnez luzido,
Não estejas na terra assim prostrado,
Que se mereces ser tão sublimado,
Como te vejo estar tão abatido! *Levanta-o.*
Perdão te peço, de que entorpecido
Por mim te vejas em tão triste estado;
Se do clarim a Fama tão lembrado,
De hum lethargo de amor tão esquecido.
Vamos pois dar assumpto á egregia Fama,
Vencendo tu de amor a ardente pyra,
Pois só o ouro resiste á forte chamma.
Ausentemo-nos pois, porque se infira,
Que fugindo de amor venci a flamma
Porque só vence a amor quem se retira.

*Vai-se.*

*Sabe Circe.*

*Circ.* Aqui deixei a Ulysses. Como não está aqui? Porém talvez que a procurar-me o ausentasse amor. Oh que mal sofre meu peito este breve tempo, que sem elle estou!

RECITADO.

Aonde estás, doce emprego? Dize aonde
De meus olhos amor cruel te esconde?

Che-

Chega Ulyſſes, pois ſabes que os meus braços.
Não são duras prizões, ſim brandos laços
Vem onde alcances por glorioſa palma
Ancias do coração, ſuſpiros da alma.

ARIA.

Aonde eſtás, querido amor,
Sem huma alma, que te adora,
Que no pranto iguala a aurora,
E no ardente imita ao Sol?
Eſte pranto aplacar vem,
Eſte incendio apagar trata;
Pois com tua viſta grata
Para o pranto, e ceſſa o ardor.

Mas como não ouves, Ulyſſes, ás minhas vozes? Sem duvida que no Jardim eſtarás, qual Narciſo entre as flores. *Vai-ſe.*

## SCENA IX.

*Boſques com viſta de mar. Sahe Ulyſſes com o annez veſtido, e Arbia.*

*Ulyſ.* GRaças a Jupiter, que já eſtamos á viſta do eſcaler, que nos eſpera.
*Arch.* E graças a Baco, que já eſtamos ſem ver a Circe, que nos eſpanta.

*Sa-*

*Sahe Lidoro.*

*Lid.* Até aqui te venho, Ulyſſes, ſeguindo, para ſatisfazer minha vingança, ſem que poſſa facilmente ſervir-me Circe de embaraço.

*Arcb.* De embaraço nos vem v. m. ſervir agora.

*Ulyſ.* Lidoro, os voſſos zelos são injuſtos, pois eu nunca amei a Aſtrea, ſenão a Circe: tanto que agora me vou embarcar por fugir de ſeu bello encanto. Ah tyrannas lembranças! *á part.*

*Lid.* Por ſatisfeito me dera, vendo que te auſentas. Mas como pódes negar que amavas a Aſtrea, ſe por eſſe criado lhe mandaſte dizer que te fallaſſe no Jardim?

*Ulyſ.* Iſſo he falſo.

*Arcb.* Ahi entro eu agora. O que eu lhe diſſe, Senhor Lidoro, foi mentira? Pelo lago Eſtygio lhe juro que o fiz por me vingar de Aſtrea, que me accuſou a Circe, e juntamente adquirir aquella cadeia, que devia de ſer de ouro muito brando, pois já ſe derreteo toda; e porque vou embarcar, lha não reſtituo; porém em vindo a frota, eu pagarei a v. m. ſem falta.

*Ulyſ.* Pertendeis mais alguma couſa?

*Arcb.* Ora acabe, que ſe perde a maré.

*Lid.* Sempre fico ſatisfeito, ainda que me fica o eſcrupulo de não ſaber o que vos queria Aſtrea aquella noite, que vos mandou hir ao Jardim.

*Ulyſ.*

*Ulyſ* Nem o ſei, porque nunca mo diſſe; e vede que mais ſatisfação quereis.

*Arch.* He boa matraca!

*Lid.* Como do maior cuidado eſtou livre, não quero de vós mais, que a auſencia que pertendeis; porque nem morto vos quero preſente: ide-vos com Jupiter.

*Arch.* Ora acabe com iſſo.

*Ulyſ.* Os Deoſes vos guardem. *Vai-ſe.*

*Arch.* A's ſuas ordens, Senhor Lidoro. Em vindo a frota..... já ſe ſabe que a cadeia de v. m.....

*Lid.* Vai-te louco.

*Arch. Bolaverunt.* *Vai-ſe.*

*Lid.* Mais ſocegado ficaria de meus zelos, ſe não me faltaſſe ſaber a que eſperava Aſtrea a Ulyſſes aquella noite no Jardim, que nunca lhe explicou o que era.

*Sahem Circe, Aſtrea, e Ninfas.*

*Circ.* Ai Aſtrea, que não ſei o que me prognoſtica o coração em não achar a Ulyſſes!

*Iris* Nem do marabuto do Criado apparece fumo, nem raſtro.

*Aſtr.* Alli eſtá Lidoro: talvez ſaiba delle.

*Circ.* Dizes bem, Lidoro, viſte a Ulyſſes?

*Lid.* Pouco ha ſe foi embarcar com ſeus companheiros.

*Circ.* Que dizes? Ai de mim! Segui-me todos.

*Vão-ſe para a parte por onde entrou Ulyſſes, e apparece da meſma parte huma náo.*

*Dentros*

*Dentro.* Boa viagem, boa viagem.

*Torna a ſubir Circe, e todos.*

*Circ.* Eſpera, enganoſo Grego, falſo Ulyſſes, que eu me vingarei: eſſas ſalgadas ondas ſe transformem em vorazes chammas, e abrazem a eſſe ingrato.

*Começa o mar a arder.*

*Arch.* Oh Senhores, demos depreſſa com a bomba, que nos abrazamos. *Dentro.*

*Ulyſ.* As flores de Juno me valeráõ contra teus encantos. *Dentro.*

*Deita huma flor da náo ao mar, e apaga-ſe o fogo.*

*Arch.* Ah Senhor, muito nos quer Circe, pois vendo que intentámos fazer viagem, nos queria dar crena ao navio.

*Circ.* Ai de mim, que como te amparão tantas Deidades, de pouco ſerve a minha ira! E já que o fado, e os Deoſes tanto contra mim ſe conjurão, tomarei vingança com dar-me morte. E tu, Lidoro, vive feliz com Aſtrea, que ſempre te foi firme, pois ſe aquella infauſta noite chamou a eſſe ingrato ao Jardim, foi porque eu lho ordenei. Vivei vós, e morra Circe.

*Lid.* Mil vezes feliz, quem alcança tão ditoſo deſengano.

*Aſtr.* Ditoſa eu, pois ficás certo da minha firmeza.

*Muſic.*

*Muſic.* Soberano Neptuno, *no mar.*
*Circ.* Iracundo Boreas,
*Muſic.* Brando te moſtra,
*Circ.* Furioſo te oſtenta,
*Muſic.* Em favor de Ulyſſes,
*Circ.* Contra o falſo Ulyſſes,
*Muſic.* Com quietas ondas,
*Circ.* Com cruel tormenta. *Vai-ſe.*
*Muſic.* Benigno Zefiro,
Ampara os nauticos,
Que ſem ti miſeros
Se virão naufragos.

FIM.

# SEMIRAMIS
## EM BABYLONIA,

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico do Bairro alto no anno de 1741.

## ARGUMENTO.

*SEmiramis Rainha dos Aſſirios em huma batalha que deu aos Bactros, e Medos, libertou ao marido priſioneiro ElRei Atalo, e cativou a Zomira Princeza dos Bactros, e a Idaſpe Principe dos Medos, amante de Zomira, a qual vendo a Nino, Principe dos Aſſyrios, o ama, e o rende á ſua belleza. Semiramis pede a ſeu eſpoſo Atalo em premio da fineza de o livrar lhe permitta o reinar ella hum dia: elle o concede, e aſſim o jurão os Aſſyrios. Elevada ao Throno, manda logo prender a ElRei ſeu eſpoſo com intento de reinar ella toda a vida: dá liberdade a Idaſpe, e a Zomira, e por elles manda matar o marido para mais aſſegurar o Throno; o qual por induſtria de ſeu filho Nino he livre de todas as traições, e reſtituido ao Throno; o que tudo melhor conſtará do contexto da obra.*

IN-

## INTERLOCUTORES.

*Atalo*, Rei de Babylonia.
*Semiramis*, Rainha dos Aſſyrios, ſua mulher.
*Nino*, Principe ſeu filho, amante de Zomira.
*Idaſpe*, Principe dos Medos, amante de Zomira.
*Arbace*, General dos Aſſyrios.
*Zomira*, Princeza dos Bactros.
*Fanea*, Gracioſa ſua Criada.
*Veſugo*, Gracioſo Criado de Nino.
Soldados, e Povo.

*A Scena ſe figura em Babylonia.*

## SCENAS DO I. ACTO.

I. *Campina.*
II. *Apoſentos Reaes.*

## SCENAS DO II ACTO.

I. *Praça de Babylonia com frontaria de Palacio Real.*
II. *Sala Real.*
III. *Jardim com huma fonte com a eſtatua do Sol.*

## SCENAS DO III. ACTO.

I. *Parques de Palacio Real.*
II. *Carcere.*
III. *Galaria correſpondente ao Templo do Sol.*

# ACTO I.

## SCENA I.

*Campina raza semeada de cadaveres, carros de mato quebrados, tendas de campanha cahidas, Cidade de Babylonia ao longe com o rio Eufrates, e estará em habito guerreiro a Rainha Semiramis com a espada na mão, seguida de Soldados. atraz ElRei Atalo, Zomira, e Idaspe prisioneiros, e Arbace solto.*

*Semir.* HEróes valentes, já he nosso o campo; ao brilhante raio da minha espada se deve a victoria. Não vos dem sustos as inimigas tropas, e as contrarias fileiras. Já dellas meu braço triunfou, já Assyria livre se vê.

*Rey.* Oh minha esposa, oh gloria minha, e minha libertadora, mais te devo que a vida na liberdade, pois aquella sem esta, pouco ou nada se estima.

*Semir.* Atalo, Rei, esposo meu, em ti grilhões? De teus pés passaráõ hoje aos delles vencidos.

*Rey.* Não, Semiramis, não; já que venceo o teu braço, vença tambem o teu peito: menos generoso não faça o teu animo a vingança da minha injuria, que tanto mais te vingas, quanto mais perdoas. *Idasp.*

*Idaſp.* Não percas o coſtume da tua crueldade. Sabe que eu não ſou ſómente o General dos Bactros; em mim tambem vês d'ElRei dos Medos (que ás tuas mãos rendeo a vida) o unico de ſete filhos, que ao teu furor reſervou dos Deoſes a piedade. Eſte que falta de acabar, agora o pódes fazer: ſó com Zomira não ſejas cruel, é baſte para teu tormento a lembrança do nobre ſangue, que ha pouco em ſeu Pai derramaſte.

*Zomir.* Não, Idaſpe, não rogues por mim: piedade não buſca quem ſó a morte deſeja: ſiga a filha o infeliz deſtino do Pai.

*Rey.* Princeza, ainda nos meus pés ſuſtento o pezo dos grilhões: não imagines finjo em mim a piedade, para que execute em ti o martyrio. Teu Pai ſim morreo ás minhas mãos, mas da meſma ſorte que eu podia acabar ás ſuas. Os effeitos da guerra dá-os a fortuna, e não o valor. Não me glorejo do golpe, antes lamento o eſtrago. Neſtes braços (como amigo) o recebi moribundo. Nelles me diſſe: já que ficas vencedor, ſalva-me a filha; ſeja brazão da tua gloria o favor do ſeu amparo. Em mim (lhe diſſe eu) terá o amor de Pai, que em ti lhe roubou a fortuna: ſerá, não minha eſcrava, mas de meu filho eſpoſa. Pede-me juramento da palavra, dou-lho com a promeſſa, e eſpira contente.

*Zomir.* Se o amor de Zoroaſtro aſſim o queria, o meu o não quer. Depois da ſua morte não

póde haver para mim allivio, nem esposo. Tu com te mostrares benigno vencedor; pódes fazer o meu odio menos justo, mas não menos grande. Tirou-me com a victoria ó Ceo a vingança: esta só queria. Vê agora, ó Rei se temo a morte. O meu pensamento te descubro, porque mais te irrite.

*Semir.* Basta; póem já freio á tua ira. E tu o vem pôr ao furor dos Assyrios guerreiros.

*a Atalo.*

*Rey.* Vamos, e seja maior o dia no cumprimento do promettido. Quero que se vinculem os applausos da victoria, aos desposorios de Nino. Hoje esposa te festeja toda a Assyria; e já que por ti sé vê livre, por ti seja alegre. *Vai-se.*

*Semir.* Arbace, a Babylonia manda dar a noticia do triunfo, e entre tanto a Nino conduze. Esses prisioneiros no Palacio fiquem, e depois nos busca.

*Arbac.* Irei a obedecer aos vossos preceitos, e dar noticia das vossas glorias *Vai-se.*

ARIA.

*Sem.* Se hum espirito elevado
Inda em sexo menos forte
Nunca teme a dura morte
Nem a triunfos espirar.
O meu peito em que se alenta
De Mavorte o furibundo,
Com valor a todo o mundo
Inda espera conquistar. *Vai-se.*

*Zomir.*

*Zomir.* Quanto variou sobre nossas armas a fortuna! Morreo meu Pai, e tu ao matador vences, e prendes: e quando do barbaro Rei, e soberba Rainha entendiamos, que tomavamos a justa vingança, reduzindo com ferro, e fogo a lastimoso estrago todo o campo, então nos tira a fortuna outra vez a victoria das mãos, e nos tece os grilhões para os pés.

*Idasp.* As minhas prizões me não lastimão, só as tuas me atormentão. Mas para que he temellas, se eu terei o martyrio, e tu terás esposo?

*Zemir.* Não me accrescentes a dor; e lembre-te só que te amei. Mas tu, quem me assegura se depois de distante dos meus olhos serás constante, quanto eu serei fiel? Ah que esta triste duvida me fará á escravidão mais penosa!

*Idasp.* Com essa duvida offendes a minha constancia.

ARIA.

Sabe amor, que nem o fado,
Nem o infausto da ventura
De adorar tal formosura
Nunca me hão de apartar.
Firme amante hei de seguir
Esse aflombro de belleza,
E o exemplo da firmeza
No meu peito has de achar. *Vão-se.*

SCE-

## SCENA II.

*Aposentos Reaes. Sahem Nino, e Vesugo.*

*Nino.* CErta he já a victoria.

*Vesug.* Será; mas eu ainda me não dou por seguro.

*Nino.* He escusado o temor.

*Vesug.* Eu sim o escusára, mas elle he o que se mette comigo.

*Nino.* Ao primeiro, e repentino ossalto, que entre as sombras da noite lhe deu o nosso campo, fugirão os Bactros.

*Vesug.* Isso foi estremunhados com o sono.

*Nino.* Eu o vi ao romper da alva do alto dessa torre.

*Vesug.* Tambem eu, ainda que a essas horas estava a roncar.

*Nino.* Já he vão o temor.

*Vesug.* Em mim ainda não he vão, porque me apanhou muito em cheio.

*Nino.* Espalhe-se pela Cidade o alegre aviso, e torne a nós a esperança.

*Vesug.* Queira Baco não venha em seu lugar a caridade.

*Nino.* Acabe no povo o susto, e socegue a paz no Reino.

*Vesug.* Sim, Senhor; paz, e mais paz, que isto de guerras não gosto.

*Nino.* Sempre has de ser cobarde?

*Vesug.* Olhe V. Alteza, assim será, mas ambos vimos os touros de palanque.

*Nino.*

*Nino.* O preceito de minha mái me enclaustrou.

*Vesug.* E o medo da minha cabeça me prendeo. Mas ahi vem.....

*Nino.* Vê quem he, Vesugo.

*Vesug.* He o Senhor Arbaça.

*Nino.* Arbace?

*Sahem Arbace, Zomira, Idaspe, e Fanéca.*

*Arbac.* Por mim, ó Principe, fallem hoje estes grandes despojos.

*Nino.* Como?

*Arbac.* Vengeo, ó Nino, aquella heroica Mái, que o Ceo vos concedeo: vosso Pai se acha livre: esta he Zomira filha d'El-Rei Zoroastro morto na guerra, e este Idaspe filho d'El-Rei dos Medos; a sua prizão será esta galaria, em quanto eu torno ao campo. *Vaise.*

*Vesug.* E quem será aquelloutra Senhora? Puzlhe os olhos, e não sei que me estão dizendo aí tripas.

*Nino.* Não permittais, Senhora, que a vossa desgraça faça tão cruel impressão no vosso peito: menós grave he a infelicidade, se vos ficou toda a gentileza: socegai o coração, e observai o meu, que vos entrega a piedade, e reserva os suspiros.

*Zomir.* De ti a piedade? he cousa que não quero. Ainda não comprehendeste aonde chegão os limites da minha pena, e os excessos da minha ira? A meu Pai vejo morto ás máos do teu: eu lhe desejo a morte, e a ti,

por

por filho seu, tambem a desejo: não faça injusto o meu desejo a tua piedade.

*Nino.* Com essa narração de teus males os meus não evitas, porque mais os dobras. Eu só choro os teus damnos, porque vingallos não posso. Attende porém, Zomira! de meu Pai o sangue já o não posso render a teus pés, do meu posso fazer sacrificio ás tuas plantas.

*Zomir.* Hum, e outro desejo espalhar.

*Vesug.* A rapariga he bem caraiceira! *á part.*

*Zomir.* Mas o teu não busco da tua mão, com o meu proprio braço quero apagar este desejo da minha vingança. Ah coração meu, desarma-te do furor. *á part.*

*Vesug.* Fóra com a menina! Esta he de hum olho! Façamo-nos na volta; talvez por cá corra o vento mais favoravel.

*Chega-se para Faneca.*

*Nino.* Esses são os teus votos, estes os meus; que esperas? Tira-me a espada, satisfaze o teu, e meu desejo nessa vingança. Que te suspende?

*Vesug.* Está boa offerta! E se lhe dá na cabeça esfuracar-nos a todos? Apello eu por v. m. *para Faneca.*

*Fanec.* Eu não me assusto com tão pouco.

*Vesug.* Estará costumada a mais.

*Idasp.* Oh Zomira, ou lhe tira a vida, ou tira delle os olhos: não he elle merecedor do emprego da tua vista.

*Zomir.* Só irada o vejo.

*Idasp.*

*Idaſ.* Mas ſempre o vês.

*Veſug.* Tomára eu a v. m. tambem enfadada comigo.

*Fanec.* Para que?

*Veſug.* Para que eſſes dous olhos ſe peſpegaſſem em cima deſta cara.

*Fanec.* Teria que ver.

*Veſug.* Se não tinha que ver, teria que luzir.

*Fanec.* Em que?

*Veſug.* Em que ſe verião ſaltando entre eſtas grenhas de Polifemo eſſes dous cagalumes de Cupido.

*Nino.* Que mais tardas, Zomira? Não ſei que te ſuſpende, quando a vida te entrego.

*Zomir.* Ao meu furor não facía huma victima voluntaria. E tu não és aquella, que primeiro ſe deve á minha pena? Não me obrigues, em quanto priſioneira me lamento; faze que eu ſeja livre das cadeias, que eu deſafogarei, .... mas no meu pranto.

*Nino.* Em ti cadeias, Zomira? Eſta he a galaria Real: eſta ſerá a tua prizão, e tu a minha.

*Zomir.* Ah Nino! Oh Deoſes! Deixa-me, e vai-te, que eu mais ſinto o meu damno na tua viſta.

*Nino.* Belliſſima Princeza, aſſim pões a quem fino te adora, hum tão cruel preceito? Talvez o não fizeſſes, ſe quanto he cruel tu alcançáras. Mas já te entendo, ſó para principiares a vingar-te, me queres deſpedir.

*Cena*

*Canta Nino a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Sim, eu já me ausento, eu me retiro;
Bem que afflicto suspiro;
Mas sei que esta alma amante
Hei por ti obediente, e a ti constante.

ARIA.

Ah tyranna! ah bella ingrata!
Pois o queres, eu me ausento:
Mas attende ao meu tormento,
E ao continuo suspirar.
Nesta ausencia, e em tal retiro
Obediente por amante
Sempre a teu amor constante
O meu peito acharás. *Vai-se.*

*Zomir.* Ai de mim! que grande desasocego sente a alma! *á part.*
*Masp.* Não só o attendes, mas ainda com os olhos o segues?
*Zomir.* Ah que não só com os olhos o sigo, mas tambem com o coração o acompanho. *á part.*
*Vesug.* Tambem eu não tiro os olhos: mas...
*Fanec.* Mas que?
*Vesug.* V. m. desvia-me as sobrancelhas.
*Fanec.* Não lhe quero disparar os arcos.
*Vesug.* Não importa, que já cá tenho as settas; e mais meta-me a mão no seio, e verá a brecha que me abrio. *Masp.*

*Idaſp.* Em que imaginas, Zomira? que ſuſpensão he eſſa?

*Zomir.* No meu deſtino; que hei de querer para a vingança propria ſer algoz do ſangue alheio?

*Idaſp.* Mas não do de Nino.

*Zomir.* O de Nino tambem.

*Idaſp.* Que cuſtoſa o proferes!

*Zomir.* Crê embora, que o não aborreço, mas não que a morte lhe não quero.

*Idaſp.* Não, que o não creio: diſſe-te que te amava: aquellas doces palavras de bella, e amada não ſei que indicão: eu bem ouvi que das offenſas ſe lembrou o teu coração, mas em vão eſpera a morte de hum Pai a ſua vingança, ſe na tua mão a deixa. *Vai ſe.*

*Zomir.* Agora que eſtás livre, falla, coração meu. Aonde eſtá o amor de Idaſpe! O odio de Nino aonde eſtá? Oh como rendes os teus enfados áquella preſença! Muito te agrada, eu o ſinto: o vello te deſvéla, o fugir-lhe te martyriſa.

ARIA.

Ai de mim triſte cuidado
Fluctuando em tanta pena
Quando a ſorte te condemna
A hum contínuo ſuſpirar.
Entre o odio, e entre amor
Vive o peito em dura guerra,
E na duvida que encerra
Sempre amor quer triunfar. *Vão-ſe. Veſng.*

*Veſug.* V. m. vai depreſſa? *detendo a Fanec.*

*Fanec.* Sim, que vou acompanhando minha Ama.

*Veſug.* Não neceſſita diſſo, que já eſtá bem criada.

*Fanec.* Eu o ſou de v. m.

*Veſug.* Pois então retei a confiança de mandar o que queria pedir.

*Fanec.* O que?

*Veſug.* Que me ouça duas palavrinhas ahi pelo poſtigo da orelha.

*Fanec.* Não poſſo, que ſou ſurda.

*Veſug.* Pois ajuntarnos-hemos ambos, porque eu ſou cego.

*Fanec.* Pois buſque quem o guie.

*Veſug.* Por iſſo procuro eſſa cachorrinha.

*Fanec.* Não eſtá máo o deſcanço.

*Veſug.* Melhor ſeria, ſe ſeus braços ſerviſſem de encoſto aos meus.

*Fanec.* Os favores aſſim ſe coſtumão por cá pedir?

*Veſug.* Não, minha Senhora, mas aſſim ſe coſtumão fazer.

*Fanec.* Pois advirta.....

*Veſug.* O que?

*Fanec.* Que ás mulheres, como eu ſou, não ſe falla deſſa ſorte.

*Veſug.* V. m. perdoe; como ainda lhe não ſei o geito á lingua, errei a proza; mas ſe v. m. quizeſſe.....

*Fanec* O que havia de querer!

*Veſug.* Dar-me duas liçõcs para ficar meſtre.

*Fanec.*

*Fanec.* Tomára-lhe o desenfado.

*Vesug.* Pois ha mais que tello. Ora venha hum abraço.

*Fancc.* Ai não seja loueo, que vem gente.
*Vai se.*

*Vesug.* Qual gente? Eu a estas horas não conheço.....

*Sahem Semiramis, e Arbace com bastão.*

*Semir.* Que dizes?

*Vesug.* He cá huma cousa. Se não abalia tão depressa leva o abraço. *á part.*

*Semir.* Que buscas aqui?

*Vesug.* Huma cousa que trazia na mão, e me cahio por entre os dedos.

*Arbac.* Ratira-te.

*Vesug.* Sim, Senhor bigodes de sofrego. De boa escapou a moça: mas ella cahirá na ratoeira. *á part. e vai-se.*

*Semir.* Eu te tenho eleito General; e ainda que outro o pertende, só a ti o entrego. O superior governo das armas em ti terá a sua defeza: o meu voto te fez: não basta? A ti o bastão te entrego.

*Arbac.* Por mim o não empunho; já Assyria em mim culpa a escuza: eu só o recebo, para que por vós se reja: respeitavel o farei com o vosso mando.

*Semir.* No teu valor está a minha esperança: eu pedirei ajuda ao teu braço. Bem sei que injusto te parecerá o meu desejo, mas...

*Arbac.* Eu não devo imaginar qual seja o in-

ten-

tento, ſó me pertence executar a ordem: o voſſo goſto ſerá a minha obediencia. *Vai-ſe.*

*Semir.* Oh meu amado Menon, que foſte o primeiro, e ſó poſſo dizer o meu eſpoſo! Eu te vejo, eu te ſinto, ainda depois de tantos annos que Atalo te tirou de meus braços com a vida para me pôr nos ſeus como conſorte. Ah juſta vingança! Não me atormentes mais, ſombra adorada; eu o aborreço por ti, e o aborrecerei: mas deixa-me fingir amor, em quanto....

*Sabe El Rei.*

*Rey.* Por ti, bella Semiramis, ſe vê alegre toda a Aſſyria; vem a gozar dos teus triunfos, bella eſpoſa.

*Semir.* Em eſſe nome eſtão fundados todos os meus triunfos.

*Rey.* Eſtes louvores são devidos á tua gentileza, e á tua valentia: vem a empregar os olhos nos troféos deſſe invencivel braço.

*Semir.* Não; aqui fica, e comigo te ſenta; porque quero ſocegar com a tua viſta o meu coração. (*aſſentão-ſe.*) Ainda não ſinto ſegura a alegria em o teu livramento; porque ainda trago impreſſos em meus penſamentos os teus grilhões. Já eſtás livre, amado eſpoſo meu. Ainda o não creio.

*Rey.* Oh doces palavras! oh agradaveis viſtas! Livre eſtou; mas ao teu valor o devo: aſſim o contempla a minha liberdade, para que mais ſe glorie a tua victoria.

*Semir.*

***Semir.*** O meu triunfo he ſó o teu goſto, mas não te nego que ſe augmenta a minha gloria, em ver que te livrou a minha eſpada. Perdoa á minha ſoberba em tanta gloria.

***Rey.*** Com chamar-lhe ſoberbo não deſdouras o teu affecto. Vem ao teu triunfo, eſpoſa, vem para o meu ſolio.

***Semir.*** Ao teu ſolio eu?

***Rey.*** Sim, comigo has de reinar.

***Semir.*** Eu reinar comtigo? Oh Deoſes! Já chegou a hora da minha vingança. *á part.* O premio he maior que o merecimento: ao ſolio ſó ſe eleva a minha attenção, e não o meu penſamento: mas ſó quero, meu Rei, que quando nelle te aſſentares, eu aos teus pés eſteja.

***Rey.*** Não, ao meu lado has de eſtar.

***Semir.*** Quanto he grande o teu coração! Mas.....

***Rey.*** Não te opponhas ao meu goſto: generoſo te offereço, e te fallo amante: tudo deve o meu amor á tua valentia.

***Semir.*** Eſtou vencida; já não quero recuſar huma honra amante, que mais a ti me entrega: ſó em fazella menos grande, fazer mais juſta a tua mercê. Eu diminuo o teu poder, acceitando o teu favor: dividido em nós o mando, ſerá menor em ambos o imperio. Teu ſeja o ſuperior, e ſeja ſempre; mas porque queres que eu reine igualmente, faça-ſe o teu goſto, mas o teu poder ſe ſalve. Hum dia ſó quero mandar ſobre o teu thro-

throno como Senhora absoluta: se assim me concedes, assim o aceito, e se mais me queres conceder, obrigas-me a não acceitar.

*levantando-se.*

*Rey.* Attende. Teu louvor será, não culpa minha, o ser tão pouco: digno he o teu merecimento de maior premio. Não queres mais reinar que hum só dia? pois seja hoje: vem esposa, vem ao teu solio, e ao teu mando.

*Semir.* Já me verei vingada. *á part.*

ARIA.

*Rey.* Vem esposa muito amada
Rege, manda, e tudo impera,
Que eu amante já quizera
Todo o mundo a ti prostrar.
Se em meu peito já dominas,
Pouco faço em dar-te hum reino;
Que essas prendas peregrinas
Mais merecem alcançar. *Vão-se.*

*Sahem Nino, e Arbace.*

*Nino.* Arbace, ah fero Arbace! tu tiraste a esta innocente alma o seu descanço, e a sua paz.

*Arbac.* Que affrontas, ó Principe, são estas? De que delicto de mim ignorado me vejo réo? Quando mensageiro de huma victoria a ti venho, e te entrego os mais excellentes despojos, então me reprehendes?

*Nino.* Nestes despojos me roubaste o meu socego. Zomira. . . .

*Arbac.*

*Arbac.* Já te entendo; a viſta da tua priſioneira, e da tua inimiga te ferio o coração.

*Nino.* Eſte ſuſpirar to diga: ſim, Arbace, aquelle primeiro inſtante que vi dos ſeus olhos as luzes (oh que delicioſa lembrança!) perdi dos meus o ſocego.

*Sahe Faneca ao baſtidor.*

*Fanec.* Que fará minha Ama? Mas aqui eſtá o Principe.

*Arbac.* E que eſperas do favor de Zomira, que tem jurado de te tirar a vida, e a de teu Pai? Deixa, deixa.....

*Nino.* Arbace, ſe me queres aconſelhar, que não ame a Zomira, he vão o conſelho: deixa-me, deixa-me ſó com os meus penſamentos, que ao menos nelles ſerei feliz, quando em me não favorecer ſeja deſgraçado.

*Arbac.* Prompto te obedeço, e ſó te lembro, que o odio em mulher ou dura pouco, ou não ſe extingue. *Vai-ſe.*

*Sahe Veſugo ao baſtidor.*

*Veſug.* Se andará por aqui..... Mas não anda que eſtá parada.

*Nino.* Deſpreza-me embora, minha amada Zomira, e ajunta aos teus deſprezos os deſdens. *Vai-ſe.*

*Sahe Faneca.*

*Fanec.* Ai como me cheira a naſcerem alegres pazes de duras guerras! O Principe Nino confeſſa que morre por Zomira, e minha

Ama já lhe não vive deſinclinada; parece-me que teremos, em vez de fócos de Marte, ſopinhas de Hyménêo.

*Sahe Veſugo.*

*Veſug.* Viſto iſſo tambem poderei ter quinhão na vaca?

*Fanec.* Que ſempre eſte maldito me apareça a eſtas horas!

*Veſug.* Eu nunca falto a horas de comer.

*Fanec.* Diz bem, que he peior que farna.

*Veſug.* E tu és peior que tinha, pois não te poſſo pegar, nem por hum cabello.

*Fanec.* Voſſé por ſer diabo he que me parece hum tinhoſo.

*Veſug.* Olha: eu iſto de tinha ſim a tinha algum dia, mas agora já não tenho o que tinha.

*Fanec.* Pois ſe não tem já, não o quero.

*Veſug.* Porque razão?

*Fanec.* Porque ſó quem dá he bom para amante; voſſé como já não tem, não póde dar; porque ninguem póde dar o que não ſerve para amante.

*Veſug.* A rapariga he ſofiſtica em fórma! Pois adverte, que ainda que não tenha, ſempre te poſſo dar; porque não dá quem tem; ſenão quem quer bem.

*Fanec.* Comece já a fazer a experiencia, para que eu dê melhor credito ás ſuas palavras.

*Veſug.* Eu o que tenho aqui mais á mão são os meus braços: aqui os tens á tua ordem.

*Fanec.*

*Fanec.* Retire-ſe, que eu não os quero.
*Veſug.* Pois que mais queres de quem eſtá perdido?
*Fanec.* O que? Nada, couſa nenhuma.
*Veſug.* E até para maior deſgraça me roubárão hum coração que eu tinha, a quem queria muito.
*Fanec.* Pois buſque-o lá em quem lho roubou.

ARIA A DUO.

*Veſug.* Dá-me, ingrata, o coração
Pois, tyranna, mo roubaſte.
*Fanec.* Eu ſupponho te enganaſte,
Que eu não ſou quem to furtou.
*Veſug.* Eſſe dengue mo roubou.
*Fanec.* Tal não ha.
*Veſug.* Por vida minha.
*Fanec.* Oh aleivoſo!
*Veſug.* Oh cachorrinha!
*Fanec.* Tal não digas?
*Veſug.* Eu não minto } não ha taR
*Veſug.* Eu to dou de boa-mente,
Mas não ſejas tão ingrata.
*Fanec.* Tal comigo não ſe trata,
*Ambos.* Que eu não ſou para enganar.

*Vão-ſe.*

# ACTO II.

## SCENA I.

*Praça de Babylonia com viſta de Palacio Real. Arcos triunfaes erigidos em honra de Semiramis com throno mageſtoſo para a coroação da meſma. Povo, Soldados com bandeiras brancas. El Rei Atalo ſobre o throno, Semiramis ao lado direito, Nino ao eſquerdo, em degráos mais baixos. Arbace, e os Grandes do Reino em pé junto ao throno.*

*Rey.* VAſſallos, eis-aqui o voſſo Rei livre já dos ſeus contrarios: ſujeitos aos grilhões ſe vião meus pés. Vede: (*moſtra a cadêa*) eſta era a minha deſgraça, e peior ſeria a voſſa, vendo abrazar ás violencias do inimigo fogo todo o Reino. O invencivel braço de Semiramis reclamou a victoria. Eſta he a grande triunfadora, (*para Semiram.*) eſta a noſſa fortuna, e a noſſa gloria: livres, a deſempenho do ſeu valor, vos acclamais. A não ſer o ſeu braço, lamentarias, ó infeliz Cidade, o teu eſtrago, em mares de pranto, e em diluvios de ſangue: applaude a quem te ſalva, e hoje feſtiva repete, que Semiramis viva.

*Todos.*

*Todos.* Viva, viva.

*Rey.* Só com alegres vozes o beneficio ſe não paga. Neſte dia, por ſer de gloria para ella, e para nós de liberdade, Semiramis reine ſobre o meu throno, que com o Sceptro defendo: no dia do ſeu triunfo tenha abſoluto imperio: mande, e governe como Senhora.
Eſte, ó Principe, he o meu voto.
Do noſſo cativeiro hoje nos priva,
Hoje reine abſoluta, e ſempre viva.

*Todos.* Reine, e viva, viva.

*Rey.* Tu ſerás a noſſa Rainha; todos o approváõ, e obedecer-te jurão aos altos Deoſes. Zomira, e Idaſpe venhão; e para fazer mais alegre hum tão grande dia, ſe conceda a paz aos Bactrianos. Nino ſe deſpoſe com Zomira, e venha a taça nupcial.

*Chega hum Criado com huma taça, que dará a Semiramis a ſeu tempo.*

*Semir.* Já que te agrada que eu reine, e mande em eſte dia, deixa, que da minha mão venha neſſa taça a paz de Hymenêo.

*toma a taça.*

*Sahem Idaſpe, e Zomira.*

*Rey.* O teu goſto ſe cumpra, Principe: qual ſeja o voſſo deſtino ouvireis de Semiramis: hoje empunha o Sceptro, e o diadema cinge: eu já não ſou voſſo Rei.

*Deſe*

*Deſce ElRei do Throno, e coroa a Semiramis, a qual ſe aſſenta no lugar aonde elle eſtava, e canta-ſe o ſeguinte.*

CORO.

Ao Throno, ao Throno
A noſſa triunfante:
A noſſa reinante
Ao Throno, ao Throno.

*Semir.* Atalo, dizei-me quem em Aſſyria hoje reina?

*Rey.* Tu reinas, tu mandas: o noſſo deſtino eſtá no teu imperio.

*Semir.* Já que eu mando, toda a pompa triunfal ſe deite a terra: ao povo ſe eſpalhe ouro, e prata, para que aos humildes chegue tambem a liberalidade: os deſpojos inimigos ſe dividão entre os Soldados, e aos mais aſſignalados eſmaltem o peito precioſas joyas de finas pedras: levantem-ſe muito mais ſoberbos, e mais elevados os muros de Babylonia, para que o inimigo aſſalto não tire aos Cidadãos o ſeu deſcanço: ſeja minha pompa mais falicidade alheia, que propria.

*Rey.* Oh grande mulher!

*Nino.* Oh grande Mãi!

*Todos.* Oh grande Rainha!

*Semir.* Chega, Zomira: na minha mão eſtá a taça nupcial; eſpoſa de Nino te quer Atalo.

*Idaſp.*

*Idaſp.* Zomira, lembre-te que ſeu Pai ao teu matou.

*Zomir.* A ſombra paterna ſei que ainda ver-te ſangue das feridas, e ainda não acho vingança das offenſas.

*Rey.* Primeiro ſe conceda a paz, e depois do Hymenêo ſe trate.

*Semir.* Paz, e Hymenêo te agrada? Pois a taça ao chão, e as bandeiras a terra. Eſte he o Hymenêo, e eſta he a paz.

*Atira com a taça ao chão, abatem os Soldados as bandeiras, e deſce do Throno Semiramis.*

*Rey.* Oh feroz mulher!

*Nino.* Oh cruel Mãi!

*Semir.* Arbace, Atalo ſe prenda.

*Rey.* A mim, Semiramis? Ao teu Rei? Ao teu Eſpoſo?

*Semir.* A tua Rainha ſou eu, e prezo te quero.

*Rey.* Sonho eu, ou tu deliras?

*Semir.* General, obedece. *a Arbac.*

*Rey.* E tu és tão atrevido com o teu Rei?

*Arbac.* O meu Rei he aquella: a execução, e a fé hoje ſó devo guardar a quem o Sceptro vejo reger.

*Rey.* Aſſyrios, eu ſou o voſſo Rei.

*Semir.* A voſſa Rainha ſou eu; vós aſſim o juraſtes aos Deoſes.

*Rey.* Tu os deves reſpeitar em mim; vê que no ſemblante moſtro ainda fóra do ſolio dos altos Deoſes os ſoberanos raios: vê-me, e

treme

treme de mim: ainda que ſujeito ao ſolo, os Deoſes me fizerão teu Rei, e Rainha eu ſó te fiz. Cruel com elles, e comigo hoje, te vejo, teme o ſeu, e meu enfado

*Semir.* A' manhã o temerei, hoje reino.

*Rey.* He eſta a Aſſyria? He eſta a minha Rainha? Não, vós não ſois Aſſyrios; entre vós não eſtou, eſtou entre os Bactros á ſombra de Zoroaſtro, que hoje matei, eſte he o que rege o meu ſolio. *Vai ſe com Arbac.*

*Semir.* Tudo ao meu mando ſe obre. Hum dia não he breve para quem ſabe mandar. Guardas, a Zomira, e Idaſpe nos ſeus quartos reſervai. Nino, ſerá tua eſpoſa outra formoſura; os Soldados eſtejão ſobre as armas. Grandes, vós me ſegui, e ſeja a voſſa obediencia o meu preceito. Eu reino eſte dia, vós me fazeis voſſa Rainha: o juramento eſtá dado, o deſtino de Aſſyria hoje eſtá em mim, que hoje governo.

ARIA.

Hoje tudo a meu preceito
Se ſujeite humildemente,
Quando em ira o peito ardente
Tanto exhala o ſeu furor.
Se até agora a chamma occulta
Se enclauſtrou dentro no peito,
Moſtre agora o ſeu effeito
Reſpirando o forte ardor. *Vai-ſe.*

Sa-

*Sahe Veſugo.*

*Veſug.* Que alvoroço he eſte? huns para aqui, outros para alli? Não ſabem que as mulheres são vingativas: fez muito bem a Senhora Semiramis. ElRei Atalo matou-lhe o ſeu marido, e depois emnoivou-ſe com ella, e ella agora parece que quer emnoivar-ſe com outro. Se eu foſſe mulher havia fazer peior, já que elle foi tolo, que lhe vai entregar o governo a huma deſgovernada. Mas ahi vem a Senhora Faneca, que já lhe peſquei o vulto, e lhe fiſguei o nome: ſó o abraço não poſſo ver na rede. Mas aqui me eſcondo traz de deſte arco, para ver ſe acho modo de a metter na dança. *eſconde-ſe.*

*Sahe Faneca.*

*Fanec.* Eu venho tonta; não poſſo achar a minha Ama; o Principe Idaſpe não apparece; a Rainha eſtá huma polvora, e entendo que tudo parará em fogo. Em negra hora vim acompanhar a Princeza á guerra.

*Veſug.* Eu ſaio pé ante pé a ver ſe poſſo fiſgar o abraço. *vai ſahindo.*

*Fanec.* Mas quem eſtá aqui?

*Veſug.* Valha-te hum dardo, que logo peſcaſte eſte deſgraçado Veſugo, que no mar de amor ſe vai alentando com a iſca do teu deſdem.

*Fanec.* Nunca na rede do meu affecto ha de cahir eſſe Veſugo.

*Veſug.* Calla-te, que ainda te ha de eſcapar pela malha algum favor.

*Fanec.*

*Fanec.* Não ſe cance que de mim não ha de ver boia.

*Veſug.* Minha adorada Faneca,
Suſpende a tua aſpereza,
Quando no mar da firmeza
Por ti corro ſéca, e méca:
Valha-te menina, a bréca,
Já que aſſim de mim não goſtas:
Dize, por que me deſgoſtas
Com tão continuo rigor?
Pois, ou me faze hum favor,
Ou me deixa aqui em poſtas.

*Fanec.* Em poſtas merecia voſſé feito: mas deixemo-nos diſſo, diga-me: ſabe aonde eſtá minha Ama?

*Veſug.* De Amas não ſei, da Criada bem poſſo fallar quando eſtou tão cativo deſſes olhos.

*Fanec.* Deixe-ſe de comprimentos, que lhos não eſtimo.

*Veſug.* Ah tyranna, que aſſim me queres pôr á curta!

*Fanec.* Não eſtou para detenças; ſe me não dá noticias de minha Ama, vou buſcar quem mas dê.

*Veſug.* Porque, receas ficar deſaccomodada?

*Fanec.* Não o receio, mas ſempre me aſſeguro; e aſſim por aqui me ſirvo. *Vai-ſe.*

*Veſug.* Eſcuta, eſpera, ó Faneca ingrata. Ora com bem lhe amanheça, logrou-me no melhor tempo da noſſa pratica; callá-te que eu te

te andarei pelos alcances. Ora vamo-nos tambem por ella parte, que todos os rios vão dar ao mar. *Vai-se.*

## SCENA II.

*Sala Real. Sahem Semiramis, e Idaſpe metendo a eſpada na cinta.*

*Semir.* JA' concedi aos Bactros as pazes, e a vós a liberdade. Eſſa he a voſſa eſpada, cingi-a ao lado, Principe.

*Idaſp.* Senhora, huma mercê tão grande....

*Semir.* Não tendes que me agradecer; conveniencia minha he eſſa davida. Attendei, eu ſubi ao Throno, e delle não quero baixar: quererão os Aſſyrios que eu delle á manhã deſça, mas vós nelle me haveis de ſuſtentar; fazei que eu delle não ſeja expulſa. Vede agora ſe he conveniencia minha a voſſa eſpada.

*Idaſp.* E minha a gloria, que terei de ſervir-vos: eu farei que ſe ajunte o meu campo, e ao voſſo mando o terei prompto.

*Semir.* Semiramis vos ſerá agradecida.

*Idaſp.* A hum Principe fallais, que ſó obedecer-vos deſeja.

*Semir.* Tudo alcanço, e agradeço: a Zomira eu ſei que amais.

*Idaſp.* Tambem ſei que a ama Nino: ſua ſerá, pois lha quer dar Atalo.

*Semir.* Se Atalo torna a reinar, não a eſpereis; mas ſe eu fico reinando, ſerá voſſa: ella

por

por mim vos falla e vos diz: Idaſpe, amado bem, nem ſempre féra Eu comtigo ſerei, deſcança, eſpera.

ARIA.

*Idaſp.* Oh meu peito ſempre amante,
Neſta empreza toma alento;
Diminue o teu tormento,
Pois te deves alentar.
Se até agora entre receios
Sempre andavas ſuſpirando,
Bem pódes hir-te alentando
Neſſa gloria de eſperar. *Vai-ſe.*

*Sabe Nino.*

*Nino.* Livre eſtá Idaſpe?
*Semir.* Sim, Nino.
*Nino.* E meu Pai?
*Semir.* Ainda eſtá prezo.
*Nino.* Ai de mim!
*Semir.* Que temes?
*Nino.* Juſto he o temor: ingrato vos ſerá Idaſpe: contra vós deſpirá a eſpada; e quando ſeja hum traidor, e hum aleivoſo, terá a deſculpa no voſſo exemplo.
*Semir.* A quem fallas?
*Nino.* A huma Mãi.
*Semir.* E a humá Rainha tambem.
*Nino.* Sim; mas fallo por hum Pai, e por *vós* meſma fallo: reſoluto me faz a ſua deſgraça, e a voſſa gloria.
*Semir.* Sim; queres livre a teu Pai? Elle o ſerá:

ſerá: mas ceda-me para ſempre o Reino, e depois tenha a liberdade.

*Nino.* Toda a ſua eſperança deve ſer a liberdade; mas com tanto pezo iſſo he delicto....

*Semir.* Calla-te: com fazeres que eu o advirta, já o não pódes fazer que o não commetta.

*Nino.* Senhora, aſſim correſpondeis ao amor de hum marido, e.....

*Semir.* Eu ſei as razões que tenho: em me conceder dominio hum dia, me deu força para deſejallo em todos. Atalo aqui vem logo, eu quero-te ouvir falla com elle, ſem que elle me veja; fazer que elle conſinta com a minha vontade: o Throno já mo não póde tirar; elle mo deu, e tirarmo não deve: eterna prizão o eſpera, ſe elle não cede: deixa que elle falle claramente, e não faças movimento, que eu dalli te eſcuto, e vejo; e dos teus aviſos elle he que ha de pagar a pena; e primeiro que elle ſuba ao Throno, lhe hei de tirar a vida.

*Põem-ſe Semiramis ao baſtidor, e ſabe El Rei ſolto.*

*Rey.* Já, ó filho, me vejo em liberdade. Que furor accommette a Rainha? Eu te confeſſo que peior ſorte eſperava do ſeu delirio. Mas aſſim recebes tão triſte a hum Pai, a hum Rei?

*Nino.* Pai, que ſó eſte nome vos poſſo dar, que eſſe de Rei já o ignoro.

*Rey.* He porque hoje não mando? Por ventu-

ra

ra eu não sou Senhor? E não tornarei brevemente a reinar?

*Nino.* Pai.....

*Rey.* Falla, que me queres dizer?

*Nino.* Assim fallo por vós..... quer a Rainha.....

*Rey.* Continúa, não confundas humas palavras com outras.

*Nino.* Quer a Rainha, que hoje lhe cedaes para sempre o Imperio, ou que para sempre sejais prisioneiro.

*Rey.* Detem-te; aonde achaste essa lei tão cruel?

*Nino.* Ella me ordenou que assim vos fallasse.

*Rey.* E tu o podeste proferir? Ah barbara mulher!

*Nino.* Calai-vos, Senhor.

*Rey.* Ainda me dizes que me calle? Alegrão-te as suas crueldades? Della serás tu filho, porém meu já não. Queres ver a ella Rainha, e a mim vassallo, feito rizo do povo, e fabula do mundo? Não te faria envergonhar hum Pai tão vil? Ah mulher ingrata!

*Nino.* Ah Pai, e Senhor.

*Rey.* Não profiras hum nome, que augmenta o teu delicto, e o meu enfado; tu não queres que eu seja teu Rei, e eu não quero ser teu Pai.

*Nino.* Oh Deoses!

*Rey.* Mas serei Rei a teu pezar: eu me verei depressa sobre o mal concedido Throno: ao

rigor

rigor do ferro, e á violencia do veneno cahirá delle eſſa ingrata, eſſa falſa, eſſa tyranna.....

*Nino.* Eſcutai, eſcutai, Senhor.

*Semir.* Já me inteirei do ſeu deſignio. *Vai-ſe.*

*Rey.* Que queres que eſcute? O contrato da minha liberdade? Entregei primeiro a vida que o Reino: aſſim reſponderás a eſſa de quem és filho, e torna depois com os grilhões a ſeres tu meſmo quem mos lance aos pés.

*Nino.* Pai, e Senhor, juſta he a voſſa pena: deſafogue-ſe, e ſeja em mim: já vos eſcuto goſtoſo, porque já vos eſcuto ſó.

*Rey.* Não te entendo.

*Nino.* A Rainha tudo eſcutava; nem com hum aceno vos podia dar aviſo, porque era o voſſo perigo o meu final: já ſe auſentou: fallai, caſtigai-me, mas primeiro me chamai voſſo filho.

*Rey.* Oh amado filho! Oh mulher ingrata! Tens Nino de mim compaixão?

*Nino.* Aſſim tivera caminho de vos entregar o Sceptro: grandes, e pequenos tudo a Rainha tem em ſeu favor: a dinheiro os comprou; eu não ſei o modo.

*Rey.* Eu o ſei, porque a minha pena me deu induſtria. Eſtá prompto o veneno, cedo o beberá. Tem por coſtume hir todos os dias ao jardim a beber daquella fonte chamada do ſol; neſſa agoa levará o veneno.

*Nino.* Ai de mim, amada Mãi!

*Rey.*

*Rey.* Mái chamas a quem Reino, e liberdade me quer tirar? Adverte o teu perigo no meu eſtrago: para reinar me ha de tirar primeiro a vida, e depois a tua: eſte perigo te faça guardar ſegredo: ſe fallas, me perdes, e por ultimo te beijo, e te abraço. *abração-ſe.*

*Nino.* Oh Deoſes!

*Sahe Arbace.*

*Arbac.* Atalo, vinde outra vez á voſſa prizão: eu ſou o executor do preceito.

*Rey.* Pois cumpre-o.

*Arbac.* Aſſim o devo fazer: a Rainha vos eſpera no Jardim, para lá foi com Zomira. *para Nino.*

*Rey.* Nino, ſe te callas, reino; e ſe fallas, morro; ſalva-te entre nós.

*Nino.* E que tyranno lance he eſte meu entre vós! *Vai-ſe.*

*Rey.* Hoje ſerves a Rainha?

*Arbac.* Vós ſómente ſois o meu Rei.

*Rey.* Ajuntas a zombaria ao atrevimento?

*Arbac.* Não me faças réo deſſa culpa: he força, e não vontade: o cargo que a Rainha me entregou neſte baſtão, a voſſos pés o ponho.

*Rey.* Não, Arbace, obedece a quem reina.

*Arbac.* Vós não me credes? Moſtrarei com a minha morte a minha fidelidade. *vai a ferir ſe.*

*Rey.* Tanto não quero: faze que torne o teu Rei ao Throno, que a culpa já te perdo-o. *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA III.

*Jardim com huma fonte no meio com a eſtatua do Sol. Sabe Veſugo.*

*Veſug.* ATraz de peſcar Faneca, huma onda ſe me vai, e outra ſe me vem: ella para por aqui entrou, mas eu aqui a não vejo: por eſta rua não, por aquella menos; ella cá pela outra: ahi vem por entre roſeiras aquella papoula da India, cercada de malmequeres: tomara-me eſconder, para ver ſe a poſſo pilhar, que ſem fruto não ha pilhar hum abraço: atraz deſta meſma fonte me occulto.

*Eſconde-ſe atraz da fonte, e ſabe Faneca.*

*Fanec.* Divertida no Jardim me apartei da Princeza. Que dilicioſa eſtancia! E mais que delicioſa aquella fonte, que a beber me convida!

*Veſug.* Ai, que com eſſa bebedura me creſce a agoa na boca.

*Fanec.* Se ſerá eſta a fonte do Sol!

*Veſug.* Não, he a da Lua, porque tem enchentes. *á part.*

*Fanec.* Peza-me não trazer porque beba.

*Veſug.* Se o meu copo não eſtivera ſujo, tinha boa occaſião do offerecimento.

*Fanec.* Que bonita figura!

*Veſug.* He bonito como hum ſol.

*Fanec.* Ora já que não trago copo, beberei na bica.

*Veſug.* Anda que aqui tens a do çapato, porque já lhe metti hum pé dentro.

*Fanec.* A ella me chego. Mas quem eſtá aqui atraz?

*Veſug.* Sou eu, que me eſtou aquentando ao ſol. A maldita nunca lhe eſcapo. *á part.*

*Fanec.* Olhem o cara do demo!

*Veſug.* Pois querias que foſſe bonita ſervindo em hum chafariz?

*Fanec.* Calle-ſe, que eſtou danada.

*Veſug.* Iſſo vi eu logo, quando vieſte ás ondas.

*Fanec.* O maldito que me fez fugir a vontade de beber.

*Veſug.* Tambem tu me fizeſte eſcapar a occaſião de te pilhar hum abraço.

*Fanec.* E ainda não tem vergonha de o dizer?

*Veſug.* Nem de to dar aqui já, e logo.

*Vai Veſugo para dar-lhe hum abraço, ella o empurra, e o deita dentro na fonte.*

*Fanec.* Deſta ſorte ſe caſtigão atrevidos.

*Veſug.* Oh mulher de huma figa, já queres que eu corra os banhos?

*Fanec.* Peza-me a mim..... Mas ahi vem gente; não quero que me vejão. *Vai-ſe.*

*Veſug.* Quem me dá a mão, que me afogo.

*Sahe Nino.*

*Nino.* Que fazes, louco?

*Veſug.*

*Vesug.* Achei boa esta maré, e não a quiz perder. *sahe.*

*Nino.* Retira-te, que vem a Princeza.

*Vesug.* Sim, Senhor, que nem estou capaz de apparecer. *Vai-se.*

*Sahe Zomira.*

*Nino.* Princeza?

*Zomir.* Enfado, volta ao meu coração. *á part.*

*Nino.* Hoje vos torno a ver com mais alegria, pois vos vejo na liberdade.

*Zomir.* Se me vedes livre, a vosso Pai o não devo; e se o devesse, me daria pena, por lhe não ser ingrata não vir a ser sua inimiga: agora o sou, e o serei, sem me mostrar injusta.

*Nino.* Não bastará a applacar essa ira todo o meu amor, Zomira? Eu contra vós não tomei as armas, não despojei a vosso Pai da vida: eu vos amo com aquella fé, que se deve a esse reflexo do sol que em vós brilha; e assim mitigue o meu amor o vosso odio.

*Zomir.* Ah como sinto palpitar-me o coração! *á part.*

*Nino.* Se vós quereis, eu apagarei esse incendio com hum diluvio de sangue: verei morrer meu Pai ás vossas mãos, e depois eu pelas minhas farei que caia morto a vossos pés.

ARIA.

Se o rigor da tyrannia
Só com ſangue ſe mitiga,
Em meu peito o ferro abriga,
Satisfaze o teu rigor.
E ſe baſta a minha vida,
A teus pés hoje rendida
Ta dedica o meſmo amor. *Vai-ſe.*

*Sabe Idaſpe.*

*Zomir.* Que he iſto, coração? Com a preſença daquelle ſemblante morre o teu enfado?

*Idaſp.* Já começou Zomira a voſſa vingança; eu darei fim á obra: hum grande eſquadrão tenho prompto ao meu mando.

*Zomir.* Já alcancei tudo da Rainha: gloria noſſa he ver pedir o vencedor ſoccorro ao vencido.

*Idaſp.* O ſoccorro do vencido ſempre foi perigo do vencedor. Com as meſmas armas com que ſe conſerva, ſe arruina. Não ſó Atalo morra, morrerá Nino, e.....

*Zomir.* Nino eſtá innocente.

*Idaſp.* Não digas iſſo, dize que Nino he amante.

*Zomir.* Mais augmentaria o meu odio o ſeu amor, ſe elle foſſe réo.

*Idaſp.* Já deſcubro o teu peito; baſta.

*Zomir.* E iſto he dizer que o amo?

*Idaſp.* A tua piedade te deſcobre. Zomira, no teu coração ardem eſſas chammas de in-

juſto

justo amor: deixa de amar a quem só deves....

*Zomir.* Basta.

ARIA.

Oh que pena me consome,
Qual incendio, o meu peito,
Quasi o coração desfeito
Considero em tanto ardor.
Se o meu fado me não basta
A matar-me em tal tormento,
Venha o novo sentimento
Augmentar a minha dor. *Vai-se.*

*Sahe Semiramis.*

*Idasp.* Mal aconselhada mulher.

*Semir.* Idaspe?

*Idasp.* Senhora, já estão juntos os mais fortes soldados; falta só que se dê entrada na Cidade.

*Semir.* Eu darei aviso, antes que o Sol se sepulte.

*Idasp.* Vós sereis Rainha; mas Zomira já não ha de ser minha esposa.

*Semir.* Ainda temeis o amor de Nino?

*Idasp.* O de Zomira he que temo.

*Semir.* E quem vos disse que ella o amava?

*Idasp.* Ella propria.

*Semir.* E dais-lhe credito? Dama alguma disse nunca que era infiel? Só quando he mais firme, então confessa menos fé.

*Idasp.* Se me disseste, que o amava, talvez lhe não désse credito; porém confessou-se compassiva.

*Semir.*

*Semir.* Nino vem; retira-te, e desterra esse sentimento. Compassiva, e não amante está Zomira.

*Idasp.* O tempo o dirá. *Vai-se.*

*Sahe Nino.*

*Semir.* Vem, filho, declarar-me de teu Pai os pensamentos, que só bons accentos truncados pudérão chegar aos meus ouvidos.

*Nino.* Elle quer reinar; só isto vos não póde conceder o seu amor.

*Semir.* E ainda me ama: Não me chama cruel?

*Nino.* Cruel vos chama, mas he mais dor, do que ira. Senhora, elle vos ama.

*Semir.* E da prizão, que diz?

*Nino.* Espera antes a morte.

*Semir.* Nem falla de vingança?

*Nino.* Seria em vão a empreza: já não a póde tomar.

*Semir.* Nem tu me enganas?

*Nino.* Eu enganar-vos?

*Semir.* Basta: delle quero alcançar tudo.

*Sahe ElRei com guardas.*

*Semir.* Atalo, aqui está Semiramis; aqui está a tua Rainha: attende para esta obra do seu amor; gloria-te de me ver cingida do diadema. Pareço-te mais bella hoje que reino? Deixa que em ti repare; nessas cadeas que arrojas, comprehendo o grande poder que me déste. Em te fazer desgraçado exalto os teus merecimentos

merecimentos; de gloria tua te serve a tua desgraça; só por te ser agradavel, quero ser hoje cruel.

*Nino.* Mãi, e Senhora, não o irrites, nem o desprezes.

*Semir.* Vê me, falla Atalo, dize-me ao menos que sou traidora. Pouco he o meu poder, se te consente sofrer esse mal. Tu me ensinas nesse silencio, que não és tão infeliz, quanto eu queria.

*Rey.* Oh féra! oh tigre! oh monstro! *á part.*

*Semir.* Mas já finto por entre os beiços andarem as vozes: traga-se-me a costumada agoa desta fonte do Sol, mitigarei mais o incendio da minha ira nessa derretida neve.

*Assenta-se ao pé da fonte, e sahe hum soldado com huma taça.*

*Nino.* Senhora, aquelle silencio não he desprezo: quando os males são grandes, perturbão-se inteiramente os sentidos.

*Semir.* Dá-me, filho, aquella taça.

*Nino.* Oh Deoses! Em que risco me vejo. (*toma a taça.*) Oh Pai, e queres que não falle, e dê cruelmente a morte a minha Mãi? Ainda não basta o silencio? Eu mesmo lhe hei de dar o veneno? Se lho dou, morre Semiramis; se não lho dou, morre Atalo Que hei de fazer? Pai, e Senhor, vede a morte de huma Mãi na mão de hum filho; se buscais a vingança, executai-a em mim como réo da culpa: baste o meu silencio para me formar o delicto. *Rey.*

*Rey.* Ah filho de Semiramis, tu andas louco entre nós. Eſpalha por huma vez o veneno: ou mata o Pai, ou acaba a Mãi.

*Semir.* Filho, nem eſſa agoa quer Atalo, que me dês? Vem, amado filho, que me ſinto abrazar.

*Nino.* Oh Deoſes! que farei? Infeliz Mãi! *á parte.*

*Toma Nino a agoa na taça, e com paſſos vagarosos vai a dalla a Semiramis, voltando-ſe para ElRei.*

*Semir.* Que vagarosos moves os paſſos! Porque he eſſe receio? Tu para o Pai voltas os olhos, e elle os ſeus de ti não aparta com ira? Dá me eſſa agoa, filho.

*Põe Nino a taça na fonte.*

*Semir.* Nino, porque recuſas dar-me eſſa agoa? Teu Pai to prohibio? Deixa-me beber, que eu..... *quer beber.*

*Nino.* Mãi, e Senhora.....

*Semir.* Que me queres dizer? Continúa.

*Rey.* Ah louco! *á parte.*

*Semir.* Tu te callas, e te perturbas? e até a agoa vejo infecta? que he iſto?

*Rey.* Falla, para que emmudeces? Cumpre o teu deſejo, filho ingrato; dize que aquillo he veneno; dize, que antes queres a minha morte, do que a ſua. Tremeſte ao executar a minha juſta vingança? Pois executar a tua crueldade: dá-me a mim o veneno; e ſe

ainda

ainda não baſta, acabe a eſſes pés a vida de hum Pai á violencia de tuas mãos.

*Semir.* Se aſſim ſe executaſſe, que juſta ſeria a tua morte, querendo a minha? O querer-te tirar o thono não era delicto meu, era pena tua; tu dos braços me tiraſte, oh barbaro, o meu primeiro eſpoſo; vingallo queria tirando-te a ti o Reino: mas tu me abriſte para maior vingança o caminho. A mim o veneno me querias dar? Pois agora has de bebello. *Dá lhe a taça.*

*Rey.* Eu a tomo, mas não doures com eſſe nome de vingança a tua crueldade. Eu dei a morte ao teu Menon, aſſim foi; mas, infiel belleza, não foi gloria da tua formoſura eſſe delicto? Eu fui cruel por te querer, tu és cruel para reinar; o meu delicto, por ſer de amor, tinha deſculpa; o teu na meſma ambição já leva a pena. Reina, tyranna, que eu já quero com eſte veneno, que o meu cadaver ſeja a degrão por onde ſubas a eſſe ſolio. *quer beber.*

*Nino.* Suſpende, Pai. Mái, he injuſta aquella morte; acabe antes ás violencias do ferro o réo; e ſe todo o ſeu ſangue ha de pagar o ſeu delicto, o que tenho nas veias tambem he ſeu, tira-mo, ou eu o tiro. *quer ferir-ſe.*

*Semir.* Filho, ſuſpende.....

*Nino.* Não te apreſſes, porque eu ſó quero, que a minha morte acompanhe a ſua.

*Semir.* Vê, filho cruel, porque tu vivas, elle ſe ſalve.

*Deita*

*Deita Semiramis no chão a taça, que El Rei tem nas mãos.*

*Semir.* Tu espalhavas o meu sangue, derramando o teu. Olá, huma escura prizão seja de Atalo deposito. Vai, que lá verás o teu destino. *á part.*

ARIA.

*Rey.* Qual hyrcana, tigre, féra
Teu coração duro, e forte,
Determina dar a morte
A quem só quiz adorar.
Oh rigor do meu destino!
Oh pensão do injusto fado!
Quando chega a tal estado
O effeito de hum amar! *Vai-se.*

*Sahe Zomira.*

*Semir.* Chegas a bom tempo. Nino por livrar a Atalo se quer matar.

*Zomir.* Que ambos se percão he o meu voto.

*Semir.* Tão cruel te não busco, nem quero que o sejas; eu quero vivo a meu filho, Atalo quero que morra, livrallo não pódes. Mas se tu morres (*á Nino.*) ha de morrer Zomira; aqui vos deixo em conselho. Zomira tu has de morrer se Nino morre. *Vai-se.*

*Nino.* Oh Deoses! Haverá mais que me succeda? Da minha morte perco a gloria, e o fructo: não sirvo de reparo á de meu Pai, e hei de ser occasião da vossa?

*Zomir.*

*Zomir.* Deixa que eu morra, que assim tomas vingança por parte de teu Pai com a minha morte. Morto o desejo, e por me vingar na sua vida até na minha o fizera. Mas ouve Nino, a ti não chega este odio, o amor já me não dá alento para tratar da vida, pois sei que aos infelices não serve de bem. Não ostento esta piedade, por temer a minha morte; ostento-a sim por salvar a tua vida. Não és tu a causa da minha pena, e do meu incendio; sim, vive Nino, que Zomira assim o deseja.

*Nino.* Zomira, conheces o quanto te amo? Se alguma faisca deste incendio, em que me abrazo, se ateou em teu coração, não me encubras este troféo do meu amor: falla, meu bem, pois com esta confissão me farás gostosa a vida em tanta dor: dize, Senhora, se nessa pena, que tens da minha morte, tem parte o teu affecto?

*Zomir.* Deixa-te viver, que tu o saberás.

DUETO.

*Nino.* Não suspendas esse alento,
Pois delle depende a vida.
*Zomir.* Conservalla não duvida.
*Nino.* Para amar-te.
*Zomir.* Isso estimo.
*Nino.* De adorar-te só me animo,
*Ambos* { E só vivo de adorar
Vive embora no adorar.

*Nino.*

*Nino.* Não me occultes a esperança
Nesse amante desengano.
*Zomir.* Se meu peito he deshumano,
Como pódes esperar!
*Ambos* { Em teu peito soberano
Sempre amor hei de esperar.

# ACTO III.

## SCENA I.

*Pateo de Palacio Real. Sahem Semiramis, e Arbace.*

*Semir.* ARbace, o tempo he breve; não arrisquemos a empreza.
*Arbac.* Aos Grandes do Reino já dei as vossas ordens; em a sala os tereis juntos: as armas estão promptas. O tumulto popular em esta noite se não póde temer: o ouro, e a prata, que lhes mandaste espalhar, os encheo de alegria; tudo está socegado: a porta que cahe para o Oriente, está aberta aos Bactros; porém de outro soccorro não ha noticia. Por vós estão os Assyrios: o desejo que tendes de reinar hoje o haveis de conseguir.
*Semir.* Adianta-te, Arbace, e os Grandes do Reino dispõem em meu favor: em esta noite

noite se deve executar o juramento do meu imperio: em ti depesito a defensa, pois te confio a lealdade.

*Arbac.* A minha execução o dirá: fiel serei. Mas sómente a Atalo. *á part. e vai-se.*

*Semir.* Atalo ha de morrer: só este intento encobri a Arbace; porque sempre os vassallos amão a vida do seu Soberano. A mão de hum Bactro quero, que execute o golpe; e assim farei que se crea que foi industria de Zomira, e sobre ella cahirá o odio de Nino, e do Reino. Idaspe he só o sabedor deste intento, elle lhe dará o caminho.

*Sahe Zomira.*

*Zomir.* Nino vivirá, Senhora, Atalo morra: por minha mão executára o golpe naquelle tyranno, se eu tanto pudéra como vós.

*Semir.* Bem pódes, Zomira; vingue-se por ti teu Pai, e por mim o Esposo: prompto, e calado deve ser o golpe: hum Bactro o faça; eu dos Assyrios não fio que a seu Rei matem.

*Sahe Vesugo ao bastidor.*

*Vesug.* Para aqui vi entrar a Princeza, e como ando á pescaria de Fanéca, quero ver se a posso agarrar com o anzol da diligencia.

*Zomir.* Eu o executarei; fazei vós, Senhora, que eu possa entrar na prizão.

*Vesug.* Eu não a bispo; mas já que estão divertidas, darei mais hum passo para o meu desengano. *vai Jahindo.*

*Semir.*

*Semir* A guarda terá ſinal; mas.....

*Zomir.* Eu acompanharei os meus.....

*Semir.* Calla-te. (*para Zomir.*) Que andas tu buſcando? *para Veſug.*

*Veſug.* He huma galinha, que me coſtuma vir pôr fóra, e queria ver ſe lhe achava o ovo. Que ſempre hei de achar eſtes eſpantalhos! Má comichão te dê. *á part.*

*Semir.* Já te entendo, traidor. Tu feito eſpia? Tu ouvindo-me os meus ſegredos?

*Veſug.* Pois ſe Voſſa Excellencia mos não diſſéra, nunca eu lhos ouvíra.

*Semir.* Ainda confeſſas que os tens ouvido?

*Veſug.* Antes he couſa que eu nunca pude ter em ſegredo, porque nunca o ſoube guardar. Eu era capaz de me metter em couſas ſecretas? Eu? Eu?

*Semir.* Mas vieſte a ouvir?

*Veſug.* Eu não, Senhora, vinha a apalpar.

*Semir.* Olá, a eſte louco mettei na prizão para que não ouça.

*Sahem Soldados.*

*Veſug.* Ui, Senhora, ſé ſe prende por ter orelha, não faltará que fazer aos quadrilheiros na terra. Veja que eu não eſcutei.

*Semir.* Bem te entendo.

*Veſug.* Antes por voſſa inſolencia me não entender he que diz iſſo.

*Semir.* Levem-no.

*Veſug.* Não he preciſo que me levem; faça com que me ſoltem, que eu hirei pelo meu pé. *Semir.*

*Semir.* Tenho dito.

*Veſug.* Iſto he huma injuſtiça. Eu já ouvi dizer, que os Ouvidores he que prendião, e não que prendião aos Ouvidores.

*Semir.* Que eſperais?

*Veſug.* Que V. A. me mande ſoltar, que eu prometto não ouvir mais na minha vida ſe não aquillo, que me quizerem dizer.

*Semir.* Já me falta a paciencia.

*Veſug.* Ai, Senhora, não ſe enfade, que eu vou, e torno a hir, mas tambem logo torno a voltar.

*Zomir.* Vai, e não tenhas receio, que te não ha de ſucceder mal.

*Veſug.* Viſto iſſo vou: mas já que me faz tanto favor, vá V. A. por mim, que eu ficarei com o ſeu ſegredo.

*Semir.* Não me ouves?

*Veſug.* Se V. A. não quer que eu ouça, que quer que eu faça? Mas eu vou, que não tenho outro remedio, pois a vejo enfadar porque ouvi, e agora ſe enfada por que não ouço. *vai-ſe, e os Soldados.*

*Semir.* Falla, Zomira.

*Zomir.* Eu acompanharei aos meus, e com a minha voz alentarei o ſeu braço.

*Semir.* Bem ſe vê que naſceſte para reinar: o imperio dos Bactros te cedo, já que te não agrada a mão de Nino. Mas elle vem.

*Zomir.* O noſſo intento ſe lhe encubra.

*Semir.* O meu fallar no ſemblante o has de entender.

*Sa*

*Sabe Nino.*

*Semir.* Nino, por ti eſtava fallando: a Zomira entrego o Reino dos Bactros, e para ti lhe peço a mão de eſpoſa.

*Nino.* A pedir, e a eſperar me convidáis; pois tambem peço que entregueis o Reino a meu Pai.

*Zomir.* Eſte he ſó o deſejo de Nino: em mim não emprega o ſeu affecto.

*Nino.* Veja eu primeiro livre a meu Pai, e depois vereis ſe vos tenho amor.

*Semir.* Já eſtá quaſi viſinho o novo dia. Zomira, faze por te auſentar. Nino, falla de amor. *Vai-ſe.*

*Nino.* Bella Zomira, deſculpe-ſe a minha dor, e o meu deſacerto, ſe ainda de meu Pai fallo.

*Zomir.* Em voſſo Pai quereis fallar, Principe? Pois ſegui a voſſa Mãi. Nino para que comigo vos ſuſpendeis, ſe em amor não fallais?

*Nino.* Oh que afflicção me combate o peito! Zomira, meu Pai eſtá priſioneiro.

*Zomir.* E o meu eſtá morto, e ſerve de incentivo ao meu amor o voſſo affecto; vós me augmentais a dor com eſſa lembrança: vede, vede tornar as lagrimas aos meus olhos; mas logo.... ah penſamento.....

*Nino.* Já vos entendo. Ai de mim! Mais ſe não tarde, Zomira; mas ſó vos peço, que não choreis: deixai, que eſſe pranto em meus olhos ſe reparta, para que com elle acompanhe a hum Pai infeliz.

ARIA.

ARIA.

Qual chuveiro desatado,
Quando inunda o mar undoso,
Que com vento furioso
Tudo chega a perturbar.
Tal contemplo hoje o meu peito,
Quando em lagrimas desfeito
Tem de pranto hum grande mar. *Vai se.*

*Sabe Idaspe.*

*Idasp.* Zomira, o estar fallando a Nino, he dilatar a morte a Atalo; cresce a noite, e vejo que nessa tardança se perde o golpe; mas a presença de Nino vos póde esfriar para o fazer.; pois eu o farei.

*Zomir.* Idaspe, eu não quero ceder essa gloria do meu braço.

*Idasp.* Vós amais a Nino, e quereis matar a Atalo? Já mais não espero, que de seu Pai a morte, e de vós a vingança.

*Zomir.* Não me irriteis mais; eu quero dar a morte a Atalo, e tambem não quero fingir mais comvosco; porque tambem vos quero desenganar, que só quero a Nino.

*Idasp.* Visto isso, já me não amais? E ainda o podeis proferir?

*Zomir.* Sim; porque em o dizer vos vênho a desenganar.

*Idasp.* Se em mim sempre encontrastes amor; porque me não correspondeis com amor?

*Zomir.* Eu vos quero satisfazer o vosso desejo.

ARIA.

Em mim vive huma firmeza,
Eu sim amo, e sou constante;
Mas de Nino sempre amante
Só me hei de confessar.
Só a elle amor dedico,
E se amante me publico,
Que mais ha que publicar? *Vão-se.*

## SCENA II.

*Carcere. Sabe ElRei com cadeias.*

*Rey.* OH mulher soberba, e féra, que em estas horrendas sombras me sepultas, satisfaze já esse cruel desejo com a minha morte. Sei que o usurpado throno, e á minha liberdade cativa não basta a fazer-te alegre, e segurar-te o Reino: só eu o sinto: nelle te póde segurar o meu sangue. Espalha-o de huma vez, espósa ingrata, A ti segura o Reino, e a mim me mata.

Corre a matar-me, oh perfida: em meu sangue apaga a sede mais cruel; mas já sinto abrir do Carcere as duras portas. Como Rei não morro, como infeliz acabo, oh quanto o sinto!

*Sabe Nino.*

*Rey.* Oh tu quem quer que sejas, que da parte de Semiramis, ou mensageiro, ou ministro vens, suspende a sentença, embarga o golpe, que

que ainda fóra do ſolio não deixo de ſer Senhor do Reino: teu Rei ſou.....

*Nino.* Pai, e Senhor, eu ſou o voſſo filho.

*Rey.* Tu o meu filho? Agora lamento mais certa a minha morte. Tu por ordem de tua Mãi ma vens dar?

*Nino.* Eu dar-vos a morte? Eu quiz..... vós o ſabeis.....

*Rey.* Sei que a quizeſte livrar do veneno. Já de hoje em diante não ſerás meu filho, e não ſei ſe ſeu. Tu matar-me queres; mas ainda me lembro do que por mim obraſte. Coração para me ferires ſei que o não terás: dá-me eſte ferro: eu meſmo com elle me matarei. Ah cruel filho! tu és aquelle que me matas, eu ſou aquelle que ainda te amo, e te quero dar o ultimo abraço. *quer abraçallo.*

*Nino.* Pai, e Senhor, eſſe abraço ſó o reſervo para mo dares do ſolio; eu quero ficar por vós neſtas horroroſas trévas. Sahi, Senhor, ſahi dellas: o fiel Arbace alli vos eſpera para vos ſervir de guarda: a luz que ſahe do Carcere he pouca para o conhecimento: imaginaráõ os guardas, que eu que entrei com o General, ſou o que com elle ſaio. Para vos defender já tomáraõ os Grandes do Reino as armas; que no ſangue nobre ſempre ha lealdade: toda a demora ſerve de prejuizo. Ide, Senhor, eu fico, que aſſim vos quer matar o filho, que vos buſca.

*Rey.* Tu ficar aqui por mim? Oh filho da minha alma, e ſó a minha alegria, e a minha

ventura entre tantas desgraças! Tornarei a reinar, e de hum ímpio, e ingrato coração poderei fazer exemplo, se torno ao solio..... Mas vamos, que com o teu amor mitigarei a minha vingança.

*Nino.* Com Arbace só póde sahir hum de nós.

*Rey.* Não estimo a minha liberdade com o teu risco; se tu aqui ficas, temo que.....

*Nino.* Eu vos livro, e tornando vós a reinar, não tenho que temer.

*Rey.* Vou buscar a vida, e o Reino; mas primeiro que suba ao throno, aqui tornarei a buscar-te. Adeos.

*Nino.* Livrai-vos, e reinai; mas tambem vos peço, que deste filho livreis a Mái.

*Rey.* Ah! porque desse coração generoso não repartes com essa ingrata mulher? O ver em ti tanto amor, faz nella mais horrendo o odio. *Vai-se.*

*Nino.* Já livrei a meu Pai, oh Deoses! E que alegre estaria, se não temesse ainda a sorte de huma Mái? Apenas de hum mal fujo, quando em outro topo. Tão grande he a multidão de meus pezares.....

*Suspende se ao estrondo que se faz, e sahe Zomira com hum punhal na mão, e Soldados Bactros com espadas.*

*Zomir.* Despi o ferro: Atalo, eu sou Zomira, estes são os meus Bactros: isto basta para saberes o teu destino. Soldados, trasspassei aquelle peito, que o de meu Pai ferio. *Vão a ferillo.* *Nino.*

*Nino.* Zomira, se eu hei de acabar, sede vós, Senhora, a que me mateis.

*Zomir.* Suspendei-vos, Soldados. Que vozes são estas? Ai de mim! He Nino?

*Nino.* Sim, Nino sou, bella Zomira; mitigai os vossos enfados, extingui esse odio: quereis vingar o sangue de vosso Pai? Aqui tendes o meu peito, traspassai-o: mandai esses vossos Soldados contra mim: acabe ás suas mãos esta infeliz vida; caia desvanecida a vossos pés; por todas as partes me firão; mas só lhe mandai que reservem o meu coração para a vossa espada, que não será offensa da vossa imagem nelle esculpida, sendo vosso o golpe.

*Zomir.* Que vos espalhe o sangue? que vos traspasse o coração me dizeis? Nino, não era este o meu intento. Eu sim buscava nesta prizão hum sangue, mas não era o vosso; sómente em imaginar que o puz em risco de se derramar, o meo nas veias se gela.

*deixa cahir o punhal.*

*Nino.* Se quereis derramar o de meu Pai, he vá, Senhora, essa piedade: se havemos morrer ambos, deixai que eu morra só. Zomira, Senhora, reparai que vos entrego o ferro. *levanta-o, e da-lho.* Eu vos offereço o peito; matai-me, e socegai já de todo essa ira; pois sei que em espirar a vossos pés, terei a minha gloria: mas só vos peço, que ao traspassar-me o peito, me digais: Nino, eu perdo-o a teu Pai.

*ajoelha.*

*Zomir.*

*Zomir.* Baſta: levantai-vos, Nino, eſtou vencida, a minha vingança cede á minha dor, e ao meu affecto: o ſuſto de ter ſido a cauſa de te ver quaſi morto, me extingue o deſejo de acabar a teu Pai: apague ſe do meu penſamento de Zoroaſtro a ſombra: Atalo viva: a ſeus pés vou lançar eſte ferro, que lhe havia paſſar o peito; viva teu Pai, torne ao ſolio. Nino, eſcuta á Zomira: eu lhe perdoo.

*Nino.* Que ſemelhança tem o voſſo coração com a voſſa preſença? Zomira, agora daime a morte, que mais não quero.

*Zomir.* Eu dar-vos a morte? ah Nino! vós já de mim a não podeis temer, porque já ſabeis que vos chego a amar.

*Nino.* E he verdade, Senhora, que me amais?

ARIA.

*Zomir.* Já não póde o peito amante
Occultar o amor ardente:
Amo a ti Nino ſómente,
E a ti ſempre hei de adorar.
Já vencida me confeſſo,
E publico que te adoro:
Não te vendo, ſinto, e choro,
E me alegro em te aviſtar. *Vai-ſe.*

*Nino.* Socegada ſe vê a minha querida eſperança: em fim vejo já a ſua amada preſença depois de tanta tempeſtade: buſcarei a meu

meu Pai para de todo ſocegar o meu coração. *Vai-ſe.*

*Sahe Fanec.*

*Fanec.* Que deſgraçada mulher fui em vir a tal terra! Com ſuſtos na batalha, com ſuſtos no Palacio, e agora novo ſuſto com minha Ama, que ouço matára ElRei, e viera para aqui! Eu não ſei o que faço, nem aonde eſtou: entrei como louca pela cadea, quando até os guardas via della ſahir mais loucos do que eu; mas eu nem ſinto, nem vejo couſa alguma: os cabellos ſe me arrepião, as carnes me tremem. Ah Senhora, que ha de ſer de mim? Senhora?

*Sahe Veſug ao baſtidor com hum cobertor ás coſtas.*

*Veſug.* Iſto ſerá couſa de encanto? Mandou-me para aqui a Rainha, porque eſcutava quando nada ouvia, e entendendo que tiraria o ſuſto da prizão com o ſono, me não deixão dormir hum bocado? Apenas me deito, quando outro motim ſe ouve, e o peior he que ſe achão as portas abertas, e ſem guardas: ſó ouvi para aqui a modo de huns gritos de mulher que chora. Que ſerá iſto?

*Fanec.* Ah deſgraçada mulher! niſto vieſte a parar! *á part.*

*Veſug.* Tambem eu vim parar em eſtoutro. *á part.*

*Fanec.* Eu ſó, deſamparada, fóra da minha terra! *á part.*

*Veſug.*

*Veſug.* Tambem eu eſtou affim fóra de minha caſa. *á part.*

*Fanec.* Cativa, e preza ſem culpa. *á part.*

*Veſug.* Iſſo; eis-ahi o que eu padeço. Ui, quem ſerá eſta carpideira dos meus achaques? A rapariga deve ſaber da minha vida.

*Fanec.* Aqui morro ſem duvida.

*Veſug.* Iſſo agora he mais comprido, pois não quero que morra ſem luz: eu vou buſcalla depreſſa. *Vai-ſe.*

*Fanec.* Mas para eſta parte me parece que ſinto eſtrondo, hirei tenteando a ver ſe topo alguma peſſoa que me guie, e me ponha na porta por onde ſaia daqui, que eu já não ſei por onde vim, nem para onde vou. Mas ſe não me engano, para eſta parte me parece que vem huma luz. Sim para eſta parte.....

*Sahe Veſugo embrulhado no meſmo cobertor, e com huma candêa na mão.*

*Veſug.* Ora menina, não morra ſem candêa.

*Fanec.* Ai mofina de mim!

*Veſug.* Não ſe aſſuſte de me ver, que eu ſou já couſa do outro mundo.

*Fanec.* Ah Senhora Zomira, acuda-me.

*Veſug.* Eſta he Faneca, que já a peſquei ao candeio. *á parte.*

*Fanec.* Senhor defunto, deixe-me, que eu não lhe tirei a ſua vida.

*Veſug.* Não; mas és a cauſa da minha morte.

*Fanec.* Pois que quer?

*Veſug.* Que não me faças penar.

*Fanec.*

***Fanec.*** Eu o faço penar? Em que, Senhora alma?

***Veſug.*** Em não concederes alguns favores a eſte pobre Veſugo.

***Fanec.*** Ai negro mofino! voſſé era?

***Veſug.*** Negro me chamas? Tens razão, pois ſou teu eſcravo.

***Fanec.*** E porque eſtás aqui?

***Veſug.*** Por ouvir.

***Fanec.*** Só por iſſo?

***Veſug.*** Sim; mas agora tambem eſtarei por apalpar: venha eſſe abraço.

***Fanec.*** Como já vejo a porta, aſſim me auſentarei logando-o.

*Apaga-lhe Faneca a luz, e vai-ſe.*

***Veſug.*** Ah perra, que me deixaſte ás boas noites, e aſſim meſmo ás eſcuras me hei de queixar dos teus rigores.

ARIA.

Se são teus olhos
Quem me dá luzes,
Em te auſentando
Eſtou penando
Sem nada ver.
Foſte-te, ingrata?
Oh que impaciencia!
Pois neſta auſencia
Cego hei de ſer. *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA III.

*Galaria correſpondente ao templo do Sol com throno deſtinado para receber dos Grandes do Reino as honras dos Reis de Aſſyria. Sahem Semiramis, Arbace, Grandes do Reino, e Povo.*

*Semir.* GEneraes, poucos momentos reſtão ao meu Imperio, e primeiro que da cabeça me deſça a Coroa, quero que de vós ſe adore a Mageſtade. Depoſtas as armas, cada hum a mim ſe incline: eu reino, e devo receber as honras devidas aos Reis. *Nenhum ſe move.* Em que ſe tarda, em que ſe imagina? Arbace, rende a eſpada, e a mim ajoelha, que os mais te ſeguirão, pois com o teu exemplo os advertes.

*Arbac.* Não ſe deve tanta honra, a quem hum ſó dia reina; de nós ſó a deve ter aquelle, que naſceo para reinar: nada ſe deve a quem por morte, e por engano ſe quer fazer Rainha; aſſim depõem a eſpada Arbace, e aſſim ſe inclina.

*Deſpe Arbace a eſpada, e juntamente os mais.*

*Semir.* E contra quem, traidores, ſe deſpe o ferro? Contra mim? Contra a voſſa Rainha?

*Sahe Idaſpe.*

*Idaſp.* Aſſyrios, he morto o voſſo Rei, Zo-

mira

mira executou o golpe: eu a vi armada com os seus Soldados, entrar na prizão a dar-lhe morte; o Palacio está já cercado dos meus; a Rainha de Assyria sois vós, e assim.....

*Sabe El Rei.*

*Arbac.* Este he o vosso Rei, a seus pés ponho a espada. *ajoelha*

*Semir.* Tu me enganaste, Idaspe.

*Rey.* Semiramis, (que este he só o nome que te resta da tua desgraça) só tu tiveste a culpa: já minha esposa não serás: o que devia ser a tua gloria, se converteo em infelicidade.

*Semir.* Atalo, eu ainda sou a tua Rainha: por tal me reconhece: do Solio só quero descer morta, e não desprezada.

*Rey.* Eu te farei descer; mas primeiro se traga Nino da prizão donde me tirou.

*Semir.* Ah filho amado! oh triste Mãi, se o golpe se executou!

*Sabe Zomira.*

*Zomir.* Sim, executado está o golpe: a vós quiz dar a morte com os meus Bactros na prizão: entre aquellas trévas imaginei vos tirava a vida.

*Semir.* Morreo meu filho? Oh infeliz! que mais me falta? *Desce do throno.* Atalo, apressa a minha morte, agora he que de todo sou cumplice no delicto; não basta que o Ceo castigue o meu pensamento com o erro

do

do golpe. Para ti era a morte, e a meu filho se deu? O conselho da execução dei a Zomira, porque o fruto queria da tua morte, e não a culpa: agora te peço que espalhes o meu sangue junto ao do meu filho, e desta que a vida lhe roubou, eu ferei. . . . .

*vai a ferir Zomira.*

*Sabe Nino.*

*Nino.* Mãi, e Senhora, que fazeis? A morte quereis dar a quem a vida devo?

*Semir.* Ainda vivo te vejo? Oh filho amado!

*Rey.* Que he o que vejo?

*Zomir.* Desterre-se a vossa suspensão: quando entendi que desafogava a minha pena dando a morte a Atalo, vingando a que deu a meu Pai, em seu lugar encontrei a Nino: á sua presença suspendi o golpe: a ira, e o enfado se converteo em amor, por elle, e por ti.

*aos dous.*

*Rey.* No ser generosa te manifestas justa.

*Semir.* Bella Zomira, agora sei que foi comtigo injusto o meu odio; porém emende-se com huma dadiva o erro: se te he agradavel a mão de Nino, da minha a toma.

*Idasp.* Que fazeis, Senhora? A mão de Zomira não he minha? Cumpri a promessa, tereis o Reino. Em meu poder está o Palacio, pois o tenho cercado; Atalo ha de morrer, e vós reinar.

*Semir.* Não, Idaspe; sobre aquelle throno, que tanto desejei vi todos os meus infortunios,

e

e chorei todos os meus erros: obrou baſtantemente o meu furor: não quero o Reino, que he ſó de outro.

*Idaſp.* Se o não quereis reger, eu ſempre me quero vingar. Atalo ás minhas máos reſervou o Ceo o teu caſtigo. Olá Bactros, ſegui o meu mando, e ao que ſe oppuzer haveis de caſtigar.

*Rey.* A tanto ſe arroja hum priſioneiro?

*Nino.* Eu vos defendo, Senhor.

*Zomir* A gloria de vos livrar quero ſó para mim. Bactros, quem vos governa he Zomira. Idaſpe, deponde as armas, e fóra do cerco de Palacio guardai as minhas ordens. Eu ſou a voſſa Rainha, eu ſou a que vos mando.

*Idaſp.* Ah Zomira, e não baſtava deſprezar a fé de quem te adora, ſenão ainda buſcas eſta vingança! *Quer hir-ſe.*

*Rey.* Não o deixeis auſentar.

*Semir.* Já és Rei, Atalo, já eſtás livre, não demores mais o meu caſtigo.

*Nino.* Pai, e Senhor, ſe hum filho... *ajoelha.*

*Rey.* Levanta-te; não quero eſcutar os teus rogos. Tu com falſa caricia, com enganoſa arte, Semiramis, o throno me pediſte, e depois não ſó a liberdade, mas a vida tirar-me quizeſte?

*Semir.* Já ſei que ſou ré da morte; iſſo baſta, vinga-te na minha vida, que eu vou já eſperar firme o golpe. *quer irſe.*

*Rey.* Suſpendei-a. Não imagines que ſerei tão cruel

cruel comtigo, como tu comigo foste tyranna: lembra-me, que te amo, e te amei muito: esta memoria apaga aquella ira: esqueço me da offensa, e te perdoo o delicto.

*Semir.* Oh meu Rei, oh meu esposo, agora mais que nunca soubeste triunfar.

*Rey.* A vós, Idaspe, já que tanto vos agrada o meu sangue, eu vos entrego o Reino: esta he a minha vingança.

*Idasp.* Agora só a mim soubeste vencer.

*Nino.* Já que sois tão generoso, oh Pai, com o vosso inimigo, deixai que eu tambem o seja com o meu competidor. A mão de Rosana vossa filha, por esta de Zomira se dê a Idaspe.

*Rey.* Não lha quero negar, se elle a chega a querer.

*Idasp.* Mais que o meu throno estimo esposa tão nobre.

*Sahe de huma parte Faneca, e da outra Vesugo.*

*Vesug.* Estimo que hoje seja dia de despozorios, que tenho de pedir huma mercê.

*Rey.* Qual he?

*Vesug.* Queria que estes dous peixes se ajuntassem na selha da despozação.

*Rey.* Não te entendo.

*Vesug.* Queria ajuntar a mão deste Vesugo com a barbatana daquella Faneca a modo de quem casava.

*Rey.* Eu por mim to dispenso.

*Vesug.* Vossa Magestade muitos annos por este mal que me faz.

*Fanec.*

*Fanec.* Pois ſe não quer, ſaudades.

*Veſug.* Calla-te ahi tolla, que iſto he zombaria.

*Rey.* Ultimamente a vós, bella Zomira, por comprir o juramento, que dei a voſſo Pai, ſe quereis por eſpoſo a Nino, aqui o tendes: já ſois Rainha dos Bactros, eſte he o voſſo ſolio.

*Zomir.* Sigo o deſtino dos aſtros. Acceito a mão de Nino, com toda a alma.

CORO.

Vivão felices
No regio Throno;
Aſſiſta Hymenêo
A taes deſpoſorios.

FIM.

OS

# OS ENCANTOS DE MERLIM,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico da Mouraria no anno de 1741.

## INTERLOCUTORES.

Polidoro, *Principe de Polonia, amante de Rosimunda.*
Floriandro, *Sobrinho d'elRei, amante de Policena.*
ElRei de Ungria.
Rosimunda, *Princeza de Ungria.*
Policena, *Sobrinha d'elRei de Moscovia.*
Merlim, *Magico Criado de Polidoro.*
Bigorrilhas, *Sevandija de Palacio.*
Celestina, *Criada de Rosimunda.*
Musicos, Criados, e Soldados.

SCE-

## SCENAS DO I. ACTO.

I. *Montes, e mar.*
II. *Sala.*
III. *Jardim.*
IV. *Boſque.*

## SCENAS DO II ACTO.

I. *Sala.*
II. *Ante-Sala.*
III. *Quarto de Celeſtina.*
IV. *Sala.*
V. *Pomar com huma arvore.*
VI. *Montes.*
VII. *Campo de batalha.*
VIII. *Cidade, e janellas com luminarias.*
IX. *Pomar.*
X. *Sala.*
XI. *Beſques.*
XII. *Montes, e no fim hum poço.*
XIII. *Boſque.*
XIV. *Jardim com caniços, e dous Satyros.*
XV. *Sala de eſtatuas.*

# ACTO I.

## SCENA I.

*Esta primeira mutação he ametade Bosque, e ametade mar. Acabada a abertura dos instrumentos, correm a cortina, e no interior do Theatro se fingirá noite escura, e soará algum estrondo de tempestade, com trovões, e relampagos, e a huma parte se cantará o seguinte*

Horrivel tormenta
Dem injustos rigores
Padece entre ardores
Hum peito que amante
Se vê naufragante
Nos golfos de amor.

*Ao outro lado soaráõ confusas vozes de navegantes.*

*Dentr.* TErrivel tempestade; parece que contra nós outros, conjurados todos os quatro elementos, nos conduzem á ultima ruina.

*Outr.* Piedade Ceos Seberanos.

*Cresce a tempestade com maior estrondo, e horror, e tornão a cantar o seguinte*

CORO.

Mas tão animoso
No empenho amoroso,
Que não desalenta,
Nem sente desmaios,
Na furia dos raios,
No centro de horror.

*Dentr.* Perdidos somos: já a não sem governo, levada das furias das ondas, se encaminha áquella visinha rocha, para acabar despedaçada.

1. Ai de mim infeliz!
2. Ai que me afogo!

*Polid.* Favor piedosos Ceos.

*Vai serenando a tempestade algum tanto, e apparecendo alguma luz ainda de longe. Sabe Floriano, e Criados.*

*Flor.* Mal logrei o meu intento, pois com o horror da tempestade chegarão muito confusos os écos da minha queixa aos ouvidos da ingrata Policena.

1. Má noite para desfante.
2. Antes boa; porque o Ceo nos fez os baixos com trovões.
3. A função foi de estrondo.

*Flor.* Recolhemo-nos para a Cidade, antes que

a luz do dia nos ponha em publico o que só fei das sombras da noite. *Vai-se.*

1. Vamos, que em tres dias de bom sol não enxugo o meu vestido: tenho medo que alguem me coma, porque vou feito huma sopa. *Vai-se.*
2. Levas com tigo, Fileno, algum dinheiro?
3. Algum levo.
2. Pois eu amigo vou pingando. *Vão-se.*

*Hirá sabindo o Sol, e se executará hum amanhecer o melhor que for possivel, e sahe Merlim de caminho com alforjes ao hombro.*

*Merl.* Ora salve Deos a vossa mercês: aqui venho eu, tamanho, e tão gordo. Por certo que estou huma galante figura! Mas com quem fallo eu? nem que aqui estivera muita gente! Mal peccado, que isso assim fôra! Não, está isto muito dezerto! Grande trabalho he caminhar só, e a pé! A noite parece que vinha á posta comigo, porque correo tanto, que me apanhou neste sitio, e tambem me apanhára a chuva, e a tempestade, se não achára aqui á mão, ou ao pé esta concavidade, em que me hospedou a senhora nossa Mãi: alli achei huma cama que foi hum pasmo! não teria ella pulgas, nem porsavejos; mas quanto a ser mole, isso como hum calhão. Tanto que me vi recolhido quiz pegar no sono; mas não o pude agarrar, nem com quanta força tinha; e o que mais me

me escandalisou, foi entrar a enxurrada pela porta dentro a fazer-me huma visita, sem me dizer agoa vai. Eu quanto que vi a cova cheia, confesso que me deu a agoa pela barba; e como me vi tão frio, e tão molhado, eu não socegaria nada; mas dormi como pedra em poço. Ei-lo vai, eu dou tudo por bem empregado, só por não fazer pela manhã contas com a hospeda. Ora Senhor Merlim, isto he Sol fóra, quem se ha de hir já não chove, vamo-nos caminho de Buda, que he a Corte deste Reino da Ungria, a ver se achamos lá melhor fortuna que em Alva Real, que para mim foi Alva de Cão, pois me querião lá dar pão de perros. Verdade seja que não era premio indigno do meu merecimento; pois graças ao Senhor Pedro Bayalarde, que me fez a mim Pedro de Malas artes, ensinando-me em paga de serviço em Pariz, a magica branca, que para mim foi negra magica, pois não tem faltado quem pelas minhas travessuras me quizesse colher ás mãos, se agora me não escapasse por pés. Com que tal, sim Senhor, para cá, para lá, foi, e tornou, torna que deixa. (*ri-se.*) Ah Senhores! vêr como eu estou conversando comigo, nem que eu fora alguem! Sempre tive este costume de fallar só: mas ai, ai, ai, esperem vosses, cá está hum Palacio mui grandioso! não tinha reparado! Ora eu estou na Aldeia, e não vejo as casas.

*Polid.*

*Polid.* Não ha quem me soccorra neste aperto? *Dentro.*

*repara Merlim.*

*Merl.* Mas peior he esta; cá está hum miseravel homem por istantes navegando para o outro mundo, e deve de estar-se despedindo daquelle pão, porque lhe está dando hum abraço muito apertado. Coitadinho, elle está de sorte que huma onda se lhe vai, e outra se lhe vem: ora quero hir a soccorrelo, que em fazer bem nada se perde.

*Vai se, e pela outra parte sahe ElRei olhando para a parte por onde foi Merlim.*

*Rey.* Naufragante infeliz, a quem o rigor do fado já prepara sepulchro de chystal, não te desanime nesse extremo conflicto o adverso influxo da tua estrella, que a pezar de suas inclemencias o Ceo te prepara remedio a tanto damno, por meio da generosa promptidão, com que já te soccorre o peregrino valor desse estrangeiro caminhante. Oh galhardo espirito! quanta inveja causas a meu Real peito! Parece que as ondas lhe obedecem, suspendendo os impulsos da sua furia, para dar lugar aos arrojos de seu valor; já corta o argentado campo, já chega ao mísero fluctuante, já o toma em seus hombros, e já o conduz á seca praia. Conseguio hum trofeo da mesma morte, usurpando hum trunfo á Parca dura. Não ficará sem premio o seu valor. Já o infeliz navegante beija a amada

terra,

terra, já rende ao Ceo as graças; já abraça estreitamente o seu animoso benfeitor, e já com vagarosos passos se encaminhão ambos á minha presença.

*Sahem Merlim, e Polidoro.*

*Merl.* Venho feito hum frango ensopado.

*Polid.* Quem te deve a vida, em toda ella te saberá ser agradecido: não deixarei sem premio tanto beneficio.

*Merl.* Oh mal posso eu desconfiar da paga, se já cá tenho a molhadura. Mas olá, temos gente no campo? Quem será este cavalheiro tão circunspecto?

*Polid.* Rara presença do Ancião!

*Rey.* Não vos suspendais de ver-me, que em mim de admirar-vos são mais dignas as suspensões.

*Amb.* Qual he a razão que a isso vos move?

*Polid.* Hum naufrago infeliz.

*Merl.* Hum humilde caminhante.

*Rey.* Em ti me admirão as adversidades de huma infausta sorte, cujo porfiado rigor não para até offender os alentos da mesma vida. Em ti me suspenderão as ousadias de hum espirito bizarro, cujo elevado valor não descança até triunfar dos impulsos da mesma morte.

*Polid.* Antes, Senhor, vendo se apura mais o rigor de huma adversa fortuna, he em dilatar os passos da vida para repetir muitas vezes os trances da morte; pois quando o

viver

viver tudo he infortunio, pôr-lhe ao fim embaraços, he tirar-lhe os limites ao tormento.

*Merl.* Pois eu cá no que toca a mim nunca me tive por tão valente, como agora vos pareci. Eu arrenego do demonio! não me creou para isso minha Mãi: valente! salvo tal lugar, nunca ninguem tal me disse.

*Rey.* Chamar-vos valoroso he fazer-vos injuria?

*Merl.* E muito amor.

*Rey.* Novo estylo de modestia.

*Merl.* Pois ha cousa peiór que ter huma pessoa o fadario de valente? (que he peior que o de labisome?) Ter valor he andar continuamente com hum inimigo, que conduz aos perigos, e mete nos aperros; (ó por não andar em bocas do mundo se não póde ser valente, pois huns lhe chamão o bufão, outros o arrojado, outros o filho da velha, outros o filho da folha; e huns dizem que he tezo como huma alho, outros que não se rende a pão molle; e de mais que eu sempre ouvi chamar por desprezo, valente salvagem, valente esneirão, e quem he valente diz que parte com o dente huma cousa, a que me não chega a lingua. Não senhor, eu não quero ser valente, nem eu fiz acção de valor em livrar hum homem do poder de huma abobora.

*Rey.* Abobora chamas ao mar?

*Merl.* Sim, Senhor, que abobora he agoa.

*Rey.* Bom humor gastas.

*Merl.*

*Merl.* Enganais-vos, Senhor.

*Rey.* Porque?

*Merl.* Porque se eu o gastára, não o tivera.

*Rey.* Parece-me que encobres mais do que em si mostras. E vós quem sois, que a vossa galharda presença está dizendo em vós mais do que de vós espero ouvir?

*Polid.* Assim se me faz preciso. *á part.* Eu, Senhor, sou Polidoro, hum particular Cavalheiro de Polonia.

*Rey.* Que? De Polonia sois? Até o nome destas Provincias se escuta com horror nestas partes de Ungria, pelas ardentes, e contínuas guerras, que ha tantos annos existem; de que tem nascido a grande aversão que se conserva entre os Principes de hum, e outro Reinó.

*Polid.* Sorte inimiga! a Ungria me arrojastes! que bem fiz em encobrir meu Real nascimento. *á part.*

*Rey.* Continuai a narração dos vossos successos.

*Polid.* Supposto já tendes noticia da minha qualidade, e da minha patria, agora sabereis o motivo com que della sahi. Em dous lustros de idade perdi o abrigo materno, em cujo alento com intempestivo golpe, correu a Parca em poucos annos muitas primaveras. Com justissimos motivos se achou meu Pai obrigado, a reduzir segunda vez a liberdade aos estreitos laços de Hymenêo. Feita a eleição, e renovadas as luzes nupciaes, em companhia de quem havia substituir o lugar de pri-

primeira esposa, veio huma galharda Dama, sobrinha sua, a qual inclinada por influxos de astrella, ou movida por impulsos de amor, deu em querer me, crescendo nella a affeição com o trato, ao passo que em mim crescia a dureza com a porfia; que como huma vontade livre se não sujeita a pagar obrigações, quando amor o não inclina a corresponder com affectos; sempre em mim achou tibiezas, quanto mais em incendios se abrazava. Vivendo pois com amor, ainda que sem esperança, passeava huma tarde só, e pensativa, costumado exercicio de seu cuidado, pelas ribeiras do mar, de onde huns Corsarios, que emboscados estavão em o receptaculo de humas cavadas penhas, a roubarão, levando-a comsigo sem duvida a Regiões remotas. Publicou-se o rapto, e fiando só de mim o cuidado de tão importante diligencia, obrigado eu do preceito paterno, muitos mezes ha que infructiferamente a busco, vagando em huma bem artilhada náo, por visinhos, e distantes mares, com incessante diligencia, até que trocada a tranquillidade da ventura em horrivel borrasca de Neptuno, agitado da violencia dos mares o nadante lenho, veio a achar nessas visinhas rochas a ultima certeza do naufragio; do qual eu fora sem duvida miseravel despojo, a não valer-me a animosa piedade desse passageiro.

*Merl.* Elle he hum criadinho de vm.

Rey.

*Rey.* Compadecido de voſſos infortunios, vos offereço no meu Palacio abrigo, e reparo a tantos damnos. E tu quem és, como te chamas, e aonde caminhas?

*Merl.* Muito pergunta o Senhor Velho, elle não deve ſer ahi qualquer peſſoa. *á part.* Como me perguntas por junto, he neceſſario reſponder-te por partes, para que aſſim fiques mais ſatisfeito. Em quanto ao como me chamo, reſpondo: que eu não ſou o que me chamo: os outros he que me chamão a mim, e por iſſo ha varias opiniões; porque cada qual diz da feſta, como lhe vai nella: huns chamão-me bom homem, outros pedaço d'aſno, outros filho de hum bebado, outros filho de huma.....

*Rey* Baſta: não são eſſes nomes os que te pergunto, ſenão o teu proprio nome?

*Merl.* Sabe Deos qual delles me vem mais proprio; mas ſe pertendes ſaber o que meus Pais me pozerão, parece-me que he Merlim; porém dahi valha a verdade, que eu era tão criança que mal me lembra.

*Rey.* O nome eſtá adequando, porque tu me pareces mui fagaz.

*Merl.* Quem? eu? ágota (*ri-ſe.*) Oh lembre-me Deos em bem; a ſegunda pergunta he que te diga quem ſou; a iſſo te reſponderei eu bem depreſſa.

*Rey.* Dize pois quem ès?

*Merl.* Sou eu, não he aſſim?

*Rey.* Até ahi vejo eu; a qualidade de teus Pais he que quero ſaber.

*Merl.*

*Merl.* Isso agora he mais comprido, eu não me metto com as vidas alheas: ainda assim de minha Mãi poderei dizer, que era Angelica Godinha, mas de meu Pai advinhai lá.

*Rey.* Bem te acreditas.

*Merl.* Eu bem sei que faço mal em me gabar; mas não está mais na minha mão.

*Rey.* De que esféra erão teus Pais?

*Merl.* Meu Pai da quarta, e minha Mãi da quinta.

*Rey.* Como assim?

*Merl.* He que meu Pai era aguadeiro, e minha Mãi horteloa.

*Rey.* Falta agora que me satisfaças á terceira pergunta, que he para onde vás?

*Merl.* A essa os Anjos lhe respondão.

*Rey.* Tu não pódes?

*Merl.* Pois alguem neste mundo sabe para onde vai? Esta noite vinha eu para dormir, e não dormi nada. Mas ah sim: já sei para onde vou.

*Rey.* Dize.

*Merl.* Vou para quarenta annos, que já fiz os trinta e nove. Mas agora a fallar a verdade, o meu intento era hir viver para a Corte.

*Rey.* Pois ficarás em Palacio, porque gosto da tua galanteria; e para mudares de vestido, ahi tens essa bolça.

*Merl.* Vivais, Senhor, mil annos, que sem desembolçar dinheiro, me soubestes encher as medidas. Quem será este cavalheiro, que dá bolças, e offerece Palacios? *á part.*

Polid.

*Polid.* De Principe dá moſtras a generoſa gravidade deſte bizarro ſujeito. *á part.*

*Sahem dous Soldados.*

*Sold.* 1. Já, Senhor, eſtá prevenida, e junta a gente para a caçada, como V. Mageſtade ordenou.

*Polid.* Que he iſto adverſa ſorte! Nas mãos vim dar de meu inimigo. *á part.*

*Merl.* Pois que vai! Não he menos que ElRei todo inteiro. *á part.*

*Polid.* Senhor. *ajoelha.*

*Merl.* Senhor. *ajoelha.*

*Polid.* Perdoai-me o deſconhecer em vós a Mageſtade, ſuppoſto que ignorar-vos a ſoberanîa não foi ultrajar-vos o reſpeito.

*Merl.* Eu ſim conheci que V. Mageſtade era peſſoa Real; mas não lho diſſe logo na caſa, porque eu cá nunca fui amigo de deitar nada em roſto.

*Rey.* Em que o conheceſte?

*Merl.* Aſſim que me ſahio o trunfo de ouros, logo conheci a ElRei pela moeda.

*Rey.* Em Palacio vos eſpero achar a ambos, quando voltar da caçada. *Vai-ſe.*

*Amb.* Ambos levamos intereſſe na obediencia. *Vão-ſe.*

SCE-

## SCENA II.

*Sala. Sahe Policena.*

*Polic.* SAudosas memorias, instrumentos crueis de meus martyrios, que em successivo mal, de instante a instente me augmentais os pezares, negando-me até a esperança dos allivios. Oh como sois renazes! occasionando de noite os meus desvellos, motivando de dia os meus cuidados! Padeço noite, e dia. Só não acha o meu peito, nem na sombra o descanço, nem na luz a alegria. Ai Polonia, doce patria dos meus descanços! quanto sem ti padeço! Ai Polidoro, galhardo assumpto dos meus cuidados, quanto sem mim te alegrarás! No proprio domicilio deixei a quem adoro mal correspondida: na alheia terra achei a quem me adora desprezado. Ai Polidoro, ai Floriandro! se se trocasse em vossos peitos a dureza de hum, com a brandura de outro; nem sentiria as importunações que me affligem, nem choraria os desvios que me atormentão: mas já que a solidão me convida, e tenho assumpto em meus males, quero dar ao vento os écos de minhas vozes, unico allivio com que suavisso os meus pezares.

*Canta*

*Canta Policena a seguinte*

ARIA.

Ai doces lembraças,
Se a sorte em mudanças
Vos fez impiedades;
Matar-me a saudades
He duro rigor.
Dó mal he o matar-me
Pois a recordar-me
A perda das glorias,
He dar ás memorias,
As forças da dor.

*Sahem Rosimunda, e Celestina.*

*Rosim.* Que bem sentidas tristezas! Que farão as alegrias a quem se recrêa com os pezares?

*Polic.* Os meus, Senhora, são tão grandes, que só por excessivos produzem contrarios effeitos.

*Celest.* Eu sou bastantemente maviosa; mas confesso que me não peza com os teus males, só por te ouvir queixar cantando.

*Polid.* He, Celestina, tal a maslifonja, que me não escandalisa da tua impiedade.

*Rosim.* Não darás, Policena, alguma breve pausa ás tuas penas, se quer por mostrar-te agradecida aos carinhos com que te sabe tratar o meu amor!

*Polic.* Attenta a essa circumstancia, muitas vezes quero

reprimir as minhas afflicções ; mas vendo-se embaraçadas as ancias, he tal a força com que me affligem, que ás vezes temo morrer, mais que da mágoa, daviolencia.

*Celest.* Ai Senhora, não faças tal, padece á tua vontade, chora a teu gosto, que a Princeza minha Senhora não he de ceremonias.

*Rosim.* Bem sei que as saudades da Patria ( da qual, nem da tua qualidade nunca me quizeste informar ) são bastante motivo para os teus pezares ; mas a estimação grande com que te sabe tratar o meu cuidado, pudera causar-te algum allivio.

*Polic.* Pois conservo a vida, bem mostro o que devo ao teu favor ; pois nisso se reconhece mais poderoso o teu amparo, que o meu tormento.

*Rosim.* De hum amante de quem vivias mal correspondida, sentes excessivamente a separação ; nessa parte te não posso achar razão ; pois tendo aqui outro de quem te vês adorada com tal excesso, que sendo Primo meu, e ignorando a esféra do teu nascimento, te pretende esposa, attrahido das raras circumstancias com que te dotou a natureza ; choras por quem te despreza, e offendes a quem te idolatra ?

*Polic.* Bem reconheço a verdade com que me argues : mas não fora o amor cégo, a ter olhos para ver as circumstancias que me ponderas.

*Celest.* Ai Senhora, não sejas daquellas, que se querem levadas por mal.

*Rosim.*

*Roſim.* Ama a quem te buſca, que he pagar huma divida, e deixa a quem te foge, que he caſtigar huma offenſa.

*Celeſt.* Senhora, olha que ſe nos trocárão os papeis.

*Roſim.* Não te entendo.

*Celeſt.* Pois tu não eſtás perſuadindo a Policena, que queira a teu Primo Floriandro?

*Roſim.* Sim.

*Celeſt.* Pois iſſo na minha terra he ſer terceira, (por não dizer outra couſa que acaba tambem em eira) e eſſe officio he mais proprio das lacaias, que das Princezas!

*Polic.* Dá-me licença, Senhora, que me retire ao meu quarto, que aſſim o pede a minha indiſpoſição. *Vai-ſe.*

*Roſim.* Vai, Policena, que o meu goſto he o teu deſcanço.

*Celeſt.* Que te parece? E não deferio á tua propoſta.

*Roſim.* Quem he ião diſcreta diz mais com o ſilencio, que com as vozes. Notavel amor conſerva!

*Celeſt.* Por iſſo elle ſe lhe não tem perdido, porque o deitou de conſerva. A menina he firme como huma rocha.

*Roſim.* O tempo, e a diſtancia a farão mudar de parecer.

*Celeſt.* Para iſſo não he neceſſario tantas couſas, ainda que muitas couſas são neceſſarias.

*Roſim.* Explica-te.

*Celeſt.* Eu conheço mulheres, que por virtude de cer-

certos ingredientes tem huma cara pela manhã, e outra á tade: vê tu se há maior facilidade em mudar de parecer! Mas fallando a outro propoſito; viſtes, Senhora, eſte novo hoſpede, que o mar nos deitou a eſtas praias?

*Roſim.* Não o vi: mas já me gabárão a ſua preſença.

*Celeſt.* He bom enxergar; pois cuidei que era ſó eu quem o tinha viſto, e foi da janela da minha caſa; pois ſeguro-te que he bizarro, a pezar dos infortunios, e outro que com elle entrou em Palacio, que tem modo de grande maroto.

*Roſim.* E por iſſo te agrada?

*Celeſt.* Sim, Senhora, he couſa que ſe dá bem com o meu eſtomago.

*Roſim.* Ai amor; e que novo eſtylo de render com teu imperio o meu alvedrio he o que comigo uſaſte? He poſſivel que hum retrato mudo, huma pintura ſem alma (que acaſo achei entre os quadros de hum Jardim) foſſe Aſpid, que ſe occultou entre as flores para ferir-me com o ſeu venenoſo impulſo! á pá.

*Celeſt.* Não ſei que manía dá á menina de certos dias a eſta parte, que humas vezes fica paſmadinha, e outras ſe póem a roſnar por entre os dentes! Eu a não entendo, e receio que lhe entraſſe alguma couſa no corpo: ella eſtá divertida, quero deixalla ſó comſigo, e ver ſe poſſo ver aos meus toraſteiros. *Vai-ſe.*

*Roſim.*

*Roſim.* As letras que circulão a breve eſféra do retrato, manifeſtão ſer do Principe Polidoro. Eſte ſem duvida he o de Polonia, circunſtancias que impoſſibilitão mais o meu empenho amoroſo; por cauſa das inimizades que ha entre eſtes Reinos. Só me deixou Celeſtina, parece que me advinhou os penſamentos. Ora quero dar alimento aos olhos com o formoſo objecto das minhas idolatrias.

*tira o retrato.*

## SONETO.

Galhardo objecto, peregrino em tudo,
Em não fallar não perdes o animado:
De ver-me a ti rendida no admirado,
Antes mais vivo eſtás quanto mais mudo.
Quando a dmirar tanto primor acudo,
Acho que com aſſombro duplicado,
Se vê no original, e no traslado,
Da natureza, e da arte hum douto eſtudo.
O elegante pincel tanto procura
Expreſſar o eſplendor, que na viveza
Brilhão luzes ás ſombras da pintura.
Neſſa afronta feliz da natureza,
Não ſó eſtá com eſpirito a figura,
Toda a alma eſtá em ti da gentileza.

*Sahe Polidoro.*

*Polid.* Regiamente adornadas ſe admirão as ſalas deſte ſumptuoſo Palacio. Mas quem aqui! *ficão ambos ſuſpenſos.*

*Roſim.* Mas quem aqui, ſem reparar.....

*Polid.* Raro aſſombro da gentileza! *á parte.*
*Roſim.* Prodigioſo acaſo da ventura! *á part.*
*Polid.* Eſta deve ſer a Princeza Roſimunda! *á part.*
*Roſim.* Eſte não he o original deſte retrato? *á p.*
*Polid.* Não me atrevo a fallar de ſuſpenſo! *á part.*
*Roſim.* Não acerto a diſcorrer de admirada! *á p.*
*Polid.* Senhora, perdoai a hum Eſtrangeiro peregrino a ouſadia de chegar á voſſa real preſença, ſe póde a ignorancia deſculpar o atrevimento.
*Roſim.* Immovel me deixou eſta impenſada viſta. *á part.*
*Polid.* Já o voſſo ſilencio, Senhora, eſtá accuſando a minha inadvertencia; por não ſer alvo de voſſas iras, quero retirar-me dos voſſos olhos.
*Roſim.* Suſpendei o paſſo. Ai de mim! que dos meus olhos a culpa.... não ſei o que digo. *á part.*
*Polid.* Socagai, Senhora, a perturbação que a minha preſença vos cauſa; que ſuppoſto que do Reino de Neptuno me arrojou a fortuna a eſtas Regiões, não ſou nenhum monſtro marinho que vos intimide: alma racional me informa com que vos adore.
*Roſim.* Antes eſtais tão fóra de intimidar-me, que julgo ſegunda vez ſe origina amor das eſpumas do mar. Decóro não te percas. *á p.*
*Polid.* Em vós ſó devo contemplar a origem do amor; pois em vós ſó admiro a formoſura de Venus. Alma não te precipites. *á p.*

*Roſim.*

*Roſim.* Não vos toca a vós applaudir-me neſſa parte: ouſado me pareceis.

*Polid.* Eu, Senhora, ſe vós, de amor.... mal me explico. *á part.*

*Roſim.* Por mais que queira diſſimular eſta paixão, mal o conſigo. Eſtranha força de amor! *á part.*

*Polid.* Senhora, a humildade do meu ſujeito podeis perdoar eſta ſegunda inadvertencia. Move-ſe a lingua pelos effeitos da alma.

*Roſim.* He novo modo de deſculpar-vos. Aggravar de novo a culpa, affectos, ſignifica?

*Polid.* Ninguem póde reſiſtir-ſe aos impulſos ſoberanos. No humano peito produz os ſeus effeitos huma divina belleza. Quem chega a ver vos preciſamente ha de adorar-vos; pois antes fora ſacrilega deſattenção não render adorações, quem contempla divindades.

*Roſim.* Bem viſto eſtais nas frazes amantes; mas buſcai objecto mais proporcionado. Que embarace o meu decoro o que apperece o meu cuidado! *á part.*

*Polid.* Bem reconheço, Senhora, que he tanta a diſtancia, que vai da humildade da minha peſſoa, ao elevado da voſſa ſoberania; que ainda que ſe articalem na minha boca as expreſsões verdadeiras, chegarão aos voſſos oúvidos diminutas.

*Roſim.* Agora me offendeis mais por enganoſo, que por atrevido. Pois quereis negar cavilloſo a igualdade que comigo tendes?

*Polid.* Que eſcuro, temores? *á part.*

*Roſim.*

*Roſim.* Não ſois vós o Príncipe Polidoro?

*Polid.* Ainda que o queira negar a minha lingua, mal o diſſimulá o meu ſemblante. *á p.*

*Roſim.* Já a voſſa alteração me confeſſou, quanto pudera eſperar de voſſas palavras.

*Ao baſtidor por huma parte Celeſtina, e por outra Merlim.*

*Merl.* Oh, ei-lo cá eſtá. Graças a Deos que já achei o menino perdido!

*Celeſt.* Oh, ei-lo acolá vem. Depois de andar quebrando as pernas, olhem onde o vim achar!

*Polid.* Vede, Senhora, que me não vai menos que a vida, em occultar-vos o que de vós fio.

*Celeſt.* Oh elle he dos que fião, pois cedo ſe perderá.

*Roſim.* Se vós me fias a vida, muito ha que vos entreguei a alma.

*Merl.* Ui, Senhores, eſte homem ſerá o diabo?

*Vem ſahindo Celeſtina, e Merlim.*

*Roſim.* Gente vem, eu me retiro: adeos Polidoro.

*Polid.* Força he auſentar-me: o Ceo guarde a Voſſa Alteza.

*Roſim.* Alma, vamos a ſentir novos cuidados.

*Vai-ſe.*

*Polid.* Amor, vamos a intentar altas emprezas.

*Vai-ſe.*

*Merl.* Ora iſſo he ceremonia: ſe eu ſoubera que havia de vir á deſacommodar...

*Celeſt.*

*Celeſt.* Ora, iſſo para mim he eſcuſado: ſe eu ſoubera que havia vir a deſpejar a caſa. . . .

*Merl.* Mas já vejo que não vim de balde.

*Celeſt.* Mas quero finjir-me aſſuſtada. Ai, ai! quem he? apello eu!

*Merl.* Ai menina, não ſe aſſuſte, que não he nada; tão feio ſou eu que lhe meto medo?

*Celeſt.* Pois eu havia pôr os meus olhos na ſua cara para fazer exame.

*Merl.* Ouve, oh menina, ponha os ſeus olhos na minha cara, e verá como ſou bonito.

*Celeſt.* Bonito!

*Merl.* E tanto que lhe hei de levar os olhos.

*Celeſt.* Não levará por certo; antes cegue que tal veja. Ai, ai como he feio!

*Merl.* Iſſo são os olhos de v. m. Que he iſto? já me vio? que? eſcapou-lhe algum olho?

*Celeſt.* E diz bem, que hum olho he ſó o que lhe podia pôr.

*Merl.* Eu ſou ſervidor de v. m.

*Celeſt.* Eu aſſento niſſo.

*Merl.* Que lhe faça muito bom proveito; mas deſſa ſorte não ſei ſe a fará limpa.

*Celeſt.* Não, porque voſſé ſempre ha de ficar ſujo da contenda.

*Merl.* Fóra com a menina, que aſſim he trampoſa! Oh, dire-me de huma duvida; voſſé he privada cá em Palacio? Quero dizer, ſe tem valimento com a Princeza nas couſas ſecretas?

*Celeſt.* Cuida que o não entendo, porcalhão?

*Merl.*

*Merl.* Ah tal agrado! o modo he feiticeiro.
*Celest.* Deve ser algum basbaque.
*Merl.* O, carinhos renderáõ pedras.
*Celest.* Vá-se embora alforreca da praia.
*Merl.* Eu me vou rodilha da chaminé, esfregão da cosinha, eu me vou.

*Faz que se vai.*

*Celest.* Ai meus peccados, que se vai embora. *á parte.* Cio, ah Senhor, isso vai de veras?
*Merl.* Por isso estava eu morrendo. *á part.* Pois se vejo que me desprezas, que queres tu que eu mais espere? Se continúas, vou-me como hum passarinho.
*Celest.* Tanto me queres já, que pódes morrer por mim?
*Merl.* Ui? pois não, e tu amas-me?
*Celest.* Muito: morro por ti, como gato por castanhas.
*Merl.* Olhem o amor da bisbilhoteira!
*Celest.* Vejão a estimação com que me trata!
*Merl.* He bem tirada das canelas.
*Celest.* As finezas chovem.
*Merl.* Vá-se dahi palmilha suada.
*Celest.* Sim me hirei, fantasma com bigodes, visão com calças; sim me hirei.

*faz que se vai.*

*Merl.* Ai coitado de mim, que ella esgueira-se. *á part.* Cio; Senhora, ouve? pois adeos?
*Celest.* Por isso estava eu esperando. *á part.* Pois se vejo que me maltratas, que queres tu que eu faça? Se prosegues, adeos dinheiro.

*Merl.*

*Merl.* Ora Senhora, já que fomos iguaes, e semelhantes nos genios, tratemos de nos querer daqui em diante, e deixemos razões.

*Celest.* Eu venho nisso.

*Sahe Bigorrilhas ao bastidor.*

*Bigor.* Que estará aqui fazendo ha tanto tempo este passageiro intruso? Ai, ai, que cá está tambem Celestina! Ai, ai, ai, eu quero ver se a colho em algum gualdiperio.

*Celest.* Pois Merlim, lo dicho, dicho.

*Merl.* Pois Celestina, manos a la obra.

*Bigor.* Póde haver maior pouca vergonha! Ajustando-se estão: ella prega-me certamente. Oh zelos, que como cães danados me estais atrassalhando o coração: eu estou feito hum arenque de fumo; eu saio a embaraçar este damno, usando da minha jurisdição. Quem está aqui? *sahe.*

*Merl.* He boa pergunta essa, nem que fizera muito escuro: pois v. m. não enxerga?

*Celest.* Ai coitada de mim!

*Bigor.* E vós, Celestina, que fazeis aqui com este homem?

*Celest.* Eu não faço nada com elle, isso he fallar.

*Bigor.* Pois em que estavas fallando?

*Merl.* Ah Senhora, o Senhor he seu Pai?

*Celest.* Estava-mos fallando nas guerras do Turco.

*Bigor.* Que vos importão a vós as mortes alheas? E vós com que licença entrastes aqui nestas salas? *para Merlim.*

*Merl.*

*Merl.* Com huma que aqui trago na algibeira.
*Bigor.* Boa graça! moſtrai-ma cá.
*Merl.* Sim, Senhor, com muito boa vontade: eſpere, quéla ver?
*Bigor.* Quero.
*Merl.* Pois não a tenho aqui.
*Celeſt.* He deſcambado.
*Bigor.* Oh vollé atreve-ſe ao meu reſpeito? Não ſabe que ſou Porteiro de Palacio?
*Merl.* Coitadinho! ſinto muito vello por portas.
*Bigor.* Vá ſe logo embora.
*Merl.* Eu não me poſſo hir.
*Bigor.* Porque não.
*Merl.* Porque tenho hum pé dormente. Celebre figura he o tal Porteiro! Ora eu quero uſar com elle a primeira traveſſura. *á part.*
*Bigor.* Eu vou chamar guardas, e então veremos o que vai.
*Celeſt.* Bigorrilhas, ora não.
*Merl.* Celeſtina, não eſtranhes o que vires. Ora Senhor venha v. m. cá, não ſe enfade, que eu quero já fazer tudo o que v. m. quizer. *para Bigor.*
*Bigor.* Não ha que tratar.
*Celeſt.* Ora peço-lhe eu iſſo.
*Bigor.* Não ha que fazer.
*Celeſt. e Merl.* Suſpende o rigor.
*Bigor.* Eſtou arrematado.
*Merl.* Pois ſe eſtá arrematado, he neceſſario prendello.
*Bigor.* Prender-me a mim? boa graça!

*Vai*

*Vai ſubindo Bigorrilbas em huma columna, que ſe levanta do chão, e em eſtando no alto, virá de cima huma gaiola, e ficará mettido nella.*

*Bigor.* Mas ai, ai, ai, que me levão os diabos por eſſes ares, e ventos! Não ha quem me acuda?

*Celeſt.* Eu eſtou tolla de tal ver.

*Merl.* Ora veja; voſſé eſtava contra mim, e no cabo por minha cauſa ſe vê em tantas alturas.

*Bigor.* Tomára-me eu ver por terra antes do que ver-me neſtes augmentos.

*Celeſt.* Agora não te deſvaneças de teres ſubido tanto.

*Bigor.* O que a mim ſe me deſvanece he a cabeça: eu deito-me daqui abaixo, mais que quebre huma perna.

*Celeſt.* Então ficas ſem pés, nem cabeça.

*Merl.* Sou tanto teu amigo, que te hei de embaraçar eſſa deſgraça. *vem a gaiola.*

*Bigor.* Peior he eſta! Eu prezo, Senhores? Tirem-me daqui, que eu não goſto de gaiolas.

*Celeſt.* Pois do que eſtá dentro nellas? huma figa.

*Cantão Celeſtina, e Merlim a ſeguinte*

ARIA A DUO.

*Celeſt.* Senhor Bigorrilhas.
*Merl.* Senhor Farrobilhas.
*Celeſt.* Se ao ar as amola.
*Merl.* Se eſtá de gaiola.
*Amb.* Queremos ſaber
Que caſta de paſſaro he voſſé.
*Celeſt.* Eſtá de poleiro?
*Merl.* He gallo cazeiro?
*Celeſt.* Mas olha ao ſumaio.
*Merl.* Pois he Papagaio.
*Celeſt.* Meu lourinho.
*Merl.* Coitadinho.
*Celeſt.* Dá cá o pé.
*Merl.* O outro, perro.
*Celeſt.* Toma, ah
Quer morder?
*Amb.* Vejão eſta ave,
Que graças que tem
Morde, e dá couces
Pedindo-lhe o pé.

*Vão ſe, e em deſcendo a columna, voa a gaiola.*

*Bigor.* Ah que d'ElRei quem me acode, que eſtou já cançado de andar abaixo, e acima; iſto he feitiçaria: eſte Palacio eſtá endemoninhado.

Sabem

*Sahem dous Soldados.*

*Sold.* 1. Quem eſtá aqui dando tamanhos gritos?

*Bigor.* Quem ha de ſer? ſou eu: não me virão na gaiola? pois eu bem alto eſtive.

*Sold.* 2. Que gaiola?

*Bigor.* Aquella em que eu eſtive á dependura.

*Sold.* 1. Elle eſtá louco.

*Sold.* 2. Ora ande, tontarrão, não eſteja aqui amotinando o Palacio.

*Bigor.* Vamos, que elles hão de mo pagar á poderes que eu poſſa.

## SCENA III.

*Jardim. Sahem por huma parte Policena, e por outra Floriandro, ſem verem hum ao outro.*

*Flor.* FLorida Eſtancia, onde vive de Abril eterna a pompa!

*Polic.* Verde retiro, onde ſó permanece a Primavera.

*Flor.* A buſcar venho entre voſſas plantas huma flor animada, de quem eu ſou amante gyraſol.

*Polic.* A buſcar venho entre voſſos agradaveis labyrinthos allivio ao meu mal, já que nelles perdi a copia do meu bem.

*Ambos.* Colhei pois.

*Flor.* Oh Policena!

*Polic.* Oh Floriandro!

*Flor.*

*Flor.* Quanto devo á ventura o bem de ver-te!
*Polic.* Quanto me offende a ſorte no mal de encontrar-te!
*Flor.* Tanto te deſagrada a minha viſta?
*Polic.* Sim, que como te devo tantas finezas, ſempre a viſta do crédor ſe faz odioſa a quem ſe impoſſibilita de pagar as dividas. Tanto te alegra a minha preſença?
*Flor.* Sim, que como te contemplo tão divina, ſempre que te vejo ſe renova em mim o goſto de adorar-te.
*Polic.* Notavel he a ſua tyrannia. *á parte* Oh quem pudera achar meios para abrandar tantas durezas.
*Flor.* Em fim, meu bem, nem eſperança me pódes dar de que algum dia ſerei ditoſo com teu favor?
*Polic.* Não ſei; deixa-me, Floriandro.
*Flor.* Tanto te offendo em querer-te?
*Polic.* Sim, que as tuas perſuaſões augmentão os meus martyrios.

*Canta Floriandro a ſeguinte*

ARIA.

Banha o mar as rochas duras,
E ſe abrandão tarde, ou cedo
As durezas do rochedo
Aos combates do chyſtal.
Só nos mares de meu pranto,
Com que enternecer procuro,
Cada vez acho mais duro,
O teu peito, e o meu mal.

*Polic.*

*Polic.* Bem reconheço, Floriandro, o quanto te devo em querer, e o quanto deves ser querido pelas raras circumstancias com que te enriqueceo a natureza; mas he tanta a minha desgraça, que reconhecendo a divida, não posso pagar a obrigação.

*Sahe Rosimunda.*

*Flor.* Oh dura sorte! oh rigorosa estrella! Que esteja desattendido o merito, porque póde mais a força da minha desgraça, que o excesso do meu amor!

*Rosim.* Primo Floriandro, como vai de cuidados? Ainda ha razão para a queixa?

*Flor.* Ai Senhora, que viesse esta peregrina belleza sem se saber de donde, nem como, a ser inquietação do meu socego, a ser tyranna da minha vida! Sem duvida que o Deos de amor offendido, de que a izenção de meu peito negasse culto a seus altares, quiz mandar este appetecido castigo, a minha liberdade, esta doce prizão ao meu alvedrio.

*Rosim.* Como he appetecido o castigo, sempre será glorioza a pena; e como he doce a prizão, sempre será suave o cativeiro.

*Flor.* São taes os affectos de amor, que alimenta com o que mata, e attrahe com o que tyranniza.

*Rosim.* Pois para que se queixa quem ama, se acha gosto no que padece!

*Polido-*

*Polidoro ao baſtidor.*

*Polid.* Aqui eſtá Roſimunda, e Florindro; eſcutarei o que tratão.

*Flor.* Eu me explico melhor neſte

SONETO.

Ardo amante, e na chama appetecida,
Morro do alivio, vivo do tormento;
Se do mal, que me mata, me alimento,
Não me vai no morrer menos que a vida.
A buſcar eſte incendio me convida
No deſmaio mortal mais vivo alento:
Quando a morte he da vida hum novo augmento,
Solicitão-ſe os golpes do homicida.
He tudo extremo quanto a amar ſe ordena:
Sigo hum mal donde a vida eſtá notoria,
Hum bem deixo que a morte me condena.
No rendimento alcanço huma vitoria:
Que importa pois viver de amor na pena,
Se aſſim conſigo de morrer a gloria?

*Roſim.* Em quem ha tanta diſcrição deixará de render-ſe? Que dureza não abrandará tanta eloquencia!

*Polid.* Iſto não he outra couſa que perſuadir Floriandro, e render-ſe Roſimunda.

*Flor.* Ai amada Prima, ſe eu foſſe tão feliz, que aſſim me ſuccedeſſe.

*Roſim.* Não deſmaies na empreza, que não deixarás de alcançar o vencimento.

*Polid.*

*Polid.* Declarados estão os meus ciumes. Injustos fados, apenas me entreguei aos mares de amor, logo perigueí nas syrtes dos zelos. Mais terrivel naufragio he este segundo, que aquelle primeiro; pois em hum perigra a vida, e em outro fluctua a alma.

*Rosim.* He notavel o excesso, com que adoras.

*Flor.* Tambem he notavel o objecto que idolatro.

*Polid.* Quero sahir á sua presença para mostrar que sei a sua culpa.

*Sahe Bigorrilhas.*

*Bigor.* Sua Magestade, Senhor Florlandro, perguntou por vós.

*Flor.* Com licença de V. A. hirei saber o que me ordena. *Vai-se.*

*Sahe Polidoro.*

*Rosim.* Polidoro!

*Polid.* Já Polidoro não vive.

*Rosim.* Os meus olhos testemunhão o contrario.

*Polid.* Engana-se a nossa vista; porque não póde enganar-se o meu ouvido.

*Rosim.* Esse seria mais facil de enganar-se; mas não te entendo.

*Polid.* Não he muito, que eu a mim mesmo me ignoro.

*Rosim.* Declara-te mais.

*Polid.* Não sei; mas baste que se declare a minha offensa.

*Rosim.* Que dizes? que offensa? Notavel inquietação te altera!

*Polid.* Poderei, Senhora, pois de outro amor embaraçada se sentia a alma, não dar lugar a que.....

*Rosim.* Enigmas são quanto me propões: de quem te queixas?

*Polid.* Da minha injusta estrella.

*Canta Polidora o seguinte.*

RECITADO.

Naufragante infeliz, que derrotado
Das iras de Netuno combatido
Me vi quasi entre as ondas submergido,
Porém favorecendo-me advérso o fado;
Que da vida infeliz no beneficio
Se mostrou mais adverso, que propicio.

CANÇÃO.

Que importa que o mar irado
Que importa que o fero vento
Nesse liquido elemento
Me intentasse sepultar.
Oh mal haja o duro fado
Que a mais ancias me destina
Se em livrar-me da ruina
Me conduz a naufragar.

*Sahem por huma parte Merlim, e por outra Celestina apressados.*

*Merl.* Senhor.

*Celest.* Senhora.

*Merl.* Avisar-te venho de muitas novidades.

*Celest.*

*Celest.* A buſcar-te venho da parte d'ElRei.

*Merl.* O' Senhor, tem occaſião de brilhar.

*Polid.* Em que?

*Merl.* Não vê que levão preza a Roſimunda? pois uſa do teu valor, e tira-a das mãos á juſtiça.

*Polid.* Adeos Senhora, e juntamente me concede licença para retirar-me para a minha Patria, pois que ElRei meu Senhor me não impede a partida.

*Roſim.* Se meu Pai não quer impedilla, eu ſaberei embaraçalla. *Vai-ſe.*

*Celeſt.* Ora pegue-lhe lá com hum trapo quente.

*Merl.* Máo! Eſtás embaraçado na eſtalagem? Pois de veras vas-te? Para que he iſſo? Se tu eſtás prezo, como has de auſentar-te? Eu apoſtarei que te não vás, ainda que te deitem a páo.

*Polid.* Sempre, Merlim eſtás para graças? Oh ſe ſouberas quanto padece quem ama!

*Merl.* Boa graça! Pois tu cuidas que eu ſou tão papa pão, que não tenha o meu fataçaz de amor muito formoſo?

*Polid.* Como o amor he ſentimento, tu que te alegras, não deves ter amor.

*Merl.* Ai Senhor, ambos o temos; mas tu tens hum amor choramigas, e eu hum amor de rir, e folgar. Mas fallando ao ſerio, ſabe que ElRei chama ſua filha, e a Floriandro, para fazer huma conſulta ſobre o ſeu caſamento; porque varios Principes a pedem para eſpoſa; e como já entre nós não ha ſegre-

dos, pois tu já sabes as minhas manhas, e eu às tuas qualidades, eu me offereço a ajudar-te neste empenho.

*Polid.* Eu a dar-te o premio empenhado estou.

*Merl.* Eu terei industria para examinar tudo o que se passa, porque com huma prenda de meu mestre Pedro de Bayalarde, que he hum anel magico; que faz invisivel a quem o traz no dedo, posso entrar em qualquer parte seguro de ser visto.

*Polid.* Pois, Merlim, não gastes tempo; e pois essa luminosa causa dos despenhos Icareos, corre a boscar nas ondas refrigerio a seus ardores, na alameda espero a tua noticia. *Vai-se.*

*Merl.* Alli vem Celestina, supponho que me bisqou, e vem a mim direita como huma setta; mas eu não lhe posso por ora ser bom. Mas ai, ai, ai, cá vem por outra parte tambem o celebre Bigorrilhas, e vem-se a mim como hum raio: deixem-me tirar o anel, e fazer-lhe huma pessa, porque agora he preciso acudir a maior empenho.

*Sabem por huma parte Celestina, e por outra Bigorrilhas apressados, e ao chegar elle, se faz Merlim invisivel, e elles ficão admirados.*

*Bigor.* Senhor Merlim.

*Celest.* Senhor Merlim.

*Amb.* Aqui se pagão ellas.

*Merl.* Anel *me fecit.*

*Amb.* Mas que he isto!

*Bigor.* Ha caso semelhante!

*Celest.*

*Celeſt.* Ha caſo mais notavel!

*Merl.* Como ficárão tolinhos feitos figura de matachins! Eu venho já. *Vai-ſe.*

*Bigor.* Eu eſtou eſtupefacto.

*Celeſt.* Eu eſtou eſpavorida.

*Bigor.* Eu havia jurar que era Merlim.

*Celeſt.* Que era Merlim havia de affirmar.

*Bigor.* Aquelle homem he o diabo em carne humana.

*Celeſt.* Se elle não he feiticeiro, não ha verdade nas cartas.

*Bigor.* Ora Senhora Celeſtina, eu entendo que o fazella á v. m. Madre toca ao Senhor Merlim.

*Celeſt.* Veja como falla no meu credito.

*Bigor.* Que? arde-lhe? Voſſê quer moſtrar que quem ſe queima alhos come?

*Celeſt.* Alhos comerá elle para villão ruim.

*Bigor.* Cuida que lhe não entendo as ſuas alhadas?

*Celeſt.* Iſto he couſa que ſe crêa? Bom anda o meu credito.

*Bigor.* Bom? nunca eu o vi mais achacado, e peior ha de ſer em eu fazendo queixa a ElRei.

*Canta Celeſtina a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

Moſino, porco, ſujo, fedorento,
Cara de mono, orelha de jumento,
Oh permitta a fortuna em teus pezares,
Que

Que quando chocalhares,
Ao mover essa lingua mal dizente,
Cada palavra te estmigalhe hum dente,
E que acabes a historia descontado,
Porque fiques de todo desdentado.

ARIA.

Ai de mim que fui fazer!
Eu irada contra ti?
Mas se nisto te offendi,
Já te quero enternecer:
Promette de não fallar,
Se não vê que hei de chorar.
Ai, ai, ai, que não tem dó,
Se te chego a persuadir,
Não me dês mais que sentir,
Olha que to peço eu:
E tu serás sempre o meu
Macaquinho, quinho cá.

*Sahe Merlim ao bastidor.*

*Merl.* Ora cá estamos todos.

*Bigor.* Por certo que me tem lastimado as tuas lagrimas, ainda que me tem offendido as tuas iras.

*Celest.* Mas de fazer queixa de mim?

*Bigor.* Ai amor, que me tens feito o coração n'um crivo.

*Celest.* Muito me importa que elle não descubra de mim nada. *á part.* Não fallas? não respondes?

*Merl.*

*Merl.* Com muito carinho lhe falla, e muito se chega á rapariga.

*Bigor.* Só o não farei se vossê fizer huma cousa.

*Celest.* Eu, conforme ella for.

*Bigor.* Pois he.

*Merl.* Ora anda.

*Bigor.* Que tu.

*Merl.* Ora toma.

*Bigor.* Queres.

*Merl.* Aduba.

*Bigor.* Dár-me.

*Merl.* Dá-lhe, que dá-lhe.

*Celest.* Ai, acaba de declarar-te.

*Bigor.* Eu tenho muita vergonha.

*Merl.* Boa nova para o pai da criança.

*Celest.* Com isso te sahes agora?

*Bigor.* Pois quero que vossê me dê hum abraço muito apertado.

*Merl.* Isso he muito apertar com os amigos.

*Bigor.* Pois que dizes?

*Merl.* Quem calla parece que consente.

*Celest.* Eu que hei de dizer? Se tu queres, toma-o, mas não to hei de dar, que não tenho confiança para isso.

*Bigor.* Sou contente: ora eu vou lá.

*Merl.* Ah pobre Merlim.

*Celest.* Que? tenha mão para lá, ha de primeiro prometter.

*Bigor.* Ui, quanto tu quizeres.

*Celest.* De não dizer nada de mim, nem de Merlim.

*Merl.* Isto he defender-me, ou aggravar-me?

*Bigor.*

*Bigor.* Eu prometto.

*Celeſt.* Ora levante o dedo para o ar.

*Bigor.* Aqui eſtá levantado.

*Merl.* O homem tem dedo para a couſa; mas logo verá o que lhe ſuccede.

*Celeſt.* Ora vem já, antes que venha alguem.

*Bigor.* Eu vou meu bem; eſtá-me bailando o coração no peito.

*Ao querer chegar, no meio dos dous ſe levantarão muitas chammas, e Celeſtina ſe vai por huma parte, e Bigorrilhas quer hir para a outra.*

*Bigor.* Mas ai, ai, ai! que me abrazo! que me queimo! Os favores de Celeſtina, são fogo viſte lingoiça, e eu vou-me com o fogo no rabo!

*Sahe hum diabrete.*

*Diab.* Ora venha cá eſſe abraço.

*Bigor.* Peior he eſta, Senhor diabo deixe-me, aſſim noſſo Senhor lhe dê ſaude. Ai que me faz deitar o bofe pela boca fóra; olhe que ſe me matar, que não havemos ſer mais amigos.

*Vai-ſe o diabrete, e continúa Bigorrilhas.*

*Bigor.* Vai-te com dous mil demonios, que eu me vou por eſta parte.

*Sahe hum touro.*

*Bigor.* Ai que encontro tão terrivel! Quem me acode,

acode, que morro nas pontas de hum touro. Lá vão quatro coſtellas dentro; confiſsão.

*Sahe Merlim.*

*Merl.* Que he iſto, Bigorrilhas?

*Bigor.* Que ha de ſer? hum touro, que me tratou deſta ſorte.

*Merl.* Eſſa ſorte foi azar.

*Bigor.* Ai, ai, ai.

*Merl.* Coitadinho!

*Bigor.* No diabo não fallo eu.

*Merl.* Nem iſſo he couſa em que ſe falle. Se quererá elle mais abraços? *á part.*

*Bigor.* Ajuda me, Merlim, que em ſarando, eu deixarei o Palacio, que aqui andão os diabos ſoltos. Ai!

*Merl.* Não chores, que iſſo não he nada.

## SCENA IV.

*Boſque. Sahem Policena, e Celeſtina.*

*Celeſt.* NEſte ſitio, Senhora, onde o Zefiro brandamente reſpira, cauſando hum ſuave rumor nas folhas que move, pódes hum pouco divertir-te, em quanto para o meſmo effeito vou conduzir a Roſimunda.

*Polic.* Agradavel retiro para o meu cuidado: aqui o ſilencio apenas interrompido do brando movimento deſtes verdes ramos, eſtá convidando a contemplações amantes: aqui parece tem a ſua propria habitação a ſaude.

*Celeſt.*

*Celest.* Folgo muito que te agrade. E no entanto vou aviſar a Floriandro, que já me pagou de antemão o encontro, que aqui deſeja ter ſó com ella. *á part.* Fica pois dando allivio ao teu cuidado, e não te auſentes até que eu não torne com a Princeza. *Vai ſe.*

*Polic.* Aqui eſpero. Notavel inquietação me tem cauſado a perda do retrato de Polidoro; pois ſendo achado, preciſamente ſerei conhecida: deſgraças minhas são, e novas ingratidões ſuas: ouvi boſques as minhas queixas.

## SONETO.

Já paſſa a ſer verdade o fingimento
De hum cruel, de hum ingrato na figura;
Pois dar não quiz nos longes da pintura,
Nem por ſombras allivio ao meu tormento.
Deixou-me, e não ſó da arte no portento,
O inanimado daſmentir procura;
As ſemelhanças que o pincel apura
Lhe acreditão vital o movimento
Não ſómente no engano colorido
Com vida o contemplei; mas do ſeu trato
Hum traslado fiel foi o fingido:
Pois na copia que imita o termo ingrato,
Se oſtenta o exemplar mais parecido
Quanto mais de mim foge o ſeu retrato.

Mas que digo, que novidade he fugir-me hum ingrato a quem amo, hum tyranno a quem buſco, ſe nelle ſempre reconheceo tibiezas o meu cuidado? Oh duro rigor!

Quem

Quem ſempre ha de deſprezar hum amoroſo effeito?

*Merl.* Polidoro. *Dentro.*

*Polic.* Mas que eſcuto! O nome não ouvi de Polidoro? Ou eſta voz foi oraculo do deſengano, ou fantazia do deſejo. Admirada me tem neſte novo acaſo. Amor ſem duvida toma por ſua conta o affligir-me com maior eſpecialidade, talvez caſtigando com as certezas da ingratidão que ſinto, as que injuſtamente moſtro, quando reconheço, que ſómente ſabe adorar-me.

*Rey.* Floriandro. *Dentro.*

*Polic.* Já não póde enganar-me o meu ouvido; pois ſegunda vez me reſponde o verdadeiro oraculo deſtas ſelvas. Em rara ſuſpensão me vejo!

*Sahe Polidoro.*

*Polid.* A voz de Merlim ouvi, que ſem duvida anda buſcando-me; mas como não tornou a chamar-me, perdi o tino, ſem ſaber aonde. Porém que eſtão vendo meus olhos? He ſonho, ou verdade o que experimento?

*Polic.* Que prodigioſo acaſo! Darei credito á viſta, ou ſerá illuſão da fantazia?

*Polid.* Policena, he poſſivel que a ventura me depare, quando menos o eſperava, o que ha tanto tempo buſco?

*Polic.* He poſſivel que venha a encontrar depois de tantos déſveios, o que tanto tenho deſejado?

*Sa-*

*Sabe Roſimunda ao baſtidor.*

*Roſim.* Aqui encoberta deſtes verdes ramos verei o que paſſa Floriandro com Policena. Mas que vejo, penas! Polidoro he o que em lugar de Floriandro ſe acha!

*Polic.* Não ſei como agradeça á ſorte o goſto de ver-te: ainda não creio a minha ventura.

*Polid.* Feliz foi a minha daſgraça, ſe o naufragio que padeci neſſas rochas foi caminho para chegar a eſta fortuna. Ai Roſimunda adorada! *á parte.*

*Roſim.* Ah traidor! Ah falſo! E para iſto affectaſte ciumes, acumulando aggravos a quem ſó deves finezas?

*Polid.* Oh quanto ha que te buſco para allivio de tantos cuidados que te eſperão.

*Polic.* Bem me tira a duvida, de que são os cuidados ſeus.

*Sabe ao outro lado Floriandro.*

*Flor.* ElRei me anda buſcando, pois a ſua voz ouvi; porém quero primeiro ver ſe poſſo neſte ſitio ver a cauſa de meus tormentos. Porêm que he iſto, pezares! o meu lugar ſe acha ſubſtituido de hum eſtrangeiro peregrino?

*Polid.* Socega pois o peito, que já a ventura ſe nos moſtra favoravel.

*Polic.* Já com a tua viſta ſe allivião as memorias, e ſaudades que me affligem o coração. Ai Polidoro ſe me amáras! *á part.*

*Flor.*

*Flor.* Ah cruel! ah tyranna! Para iſto me moſtravas rigores, deſprezando o meu nobre amor, ſe tão depreſſa te rendes a hum pobre, e derrotado peregrino?

*Polid.* Socega pois Policena, e diſſimula até que eu execute o que tu verás.

*Sahe Roſimunda irada.*

*Roſim.* Não verás, infiel, que primeiro verás tu os eſtragos do meu furor.

*Polid.* Ha mais infortunios, amor!

*Polic.* Não tenhas, Senhora, por infidelidade ao meu proceder até que eu o contrario te moſtre.

*Sahe Floriandro.*

*Flor.* Não me moſtrarás, tyranna, antes moſtrarei reduzida a cinzas a cauſa de tanto ardor.

*Polic.* Não julgues, Senhor, que..... ſem vida alento. *á part.*

*Polid.* Não imagines, Senhora, que.... ſem alma reſpiro. *á part.*

*Cantão Roſimunda, Floriandro, Polidoro, e Policena o ſeguinte*

RECITADO A 4.

*Roſim.* Oh mal haja quem fia na lealdade
De quem na fé de amor vive ſuſpeito.

*Flor.* Oh mal haja o que rende hum firme peito,
A quem tem por firmeza a variedade.

*Polid.* Oh não tenhas de falſo em vil conceito

A quem só se alimenta da verdade.
*Polic.* Oh não supponhas da inconstancia effeito
O bem que o peito alcança
Que amar a vida nunca foi mudança.

ARIA.

*Flor. e Rosim.* Oh tyrano Deos Cupido,
Que apurando o teu rigor,
A quem mais se vê tendido
Es injusto, infiel traidor.
*Polic.* Que feitiços me tens feito
O' Cupido superior
Que sinto abrazar-me o peito,
E appetêço mais o ardor.
*Polid.* Leve á vida o sentimento
Que em tal pena, oh Deos de amor,
Será eterno o meu tormento
Se não morro a tanta dor.
*Flor.* Oh tyranno Deos Cupido
*Polic.* Que feitiços me tens feito!
*Rosim.* Es injusto, infiel traidor.
*Polic.* O' Cupido superior.
*Polid.* Leve a vida o sentimento
*Flor.* Es injusto
*Polid.* Oh Deos de amor.
*Polic.* Que feitiços me tens feito
*Rosim.* Es injusto, infiel traidor.

*Sahem Merlim ao bastidor.*

*Merl.* Grande rumor aqui se escuta, que será?

*Sabe*

*Sahe ElRei ao outro lado.*

*Rey.* Não ſei que vozes confuzas aqui ouço, o motivo ſaber quero.

*Já o Theatro eſtará com pouca luz.*

*Roſim.* Não ſei como tenho ſoffrimento para não vingar-me deſta aleivoſa.

*Flor.* Não ſei como não ſatisfaço a minha cólera neſte tyranno.

*Sahe ElRei.*

*Rey.* Suſpendei os furores, e dizei-me a cauſa de tanto exceſſo.

*Merl.* Aqui he preciſſo valer-me das minhas habilidades, e tomar differente fórma para livrar a Polidoro. *Vai-ſe.*

*Rey.* Floriandro, quem póde ſer motivo deſta confuſão?

*Flor.* Eſſe aleivoſo que..... Mas diga-o Roſimunda, que a cólera me não deixa expreſſões para relatallo, quando mais me embaraça o teu reſpeito. *Vai-ſe.*

*Rey.* De ti, Roſimunda, eſpero a noticia do que cada vez mais ignoro.

*Roſim.* Eſſe monſtro de traições..... Mas a tua ſoberana preſença me perturba. Diga-o Policena, que ella melhor que todos o ſabe. *Vai-ſe.*

*Rey.* Declara tu, Policena, eſte enigma.

*Polic.* Pois de ambos he huma a cauſa, diga-o o Principe Polidoro. *Vai-ſe.*

*Sahe Merlim junto a Polidoro veſtido de galego, e diz para Polidoro.*

*Merl.* Com eſte anel te pódes encobrir, vai-te.

*Vai-ſe.*

*Rey.* Que he o que eſcuto! O Principe Polidoro! Alguma traição receio. Olá guardas, tragão aqui luzes.

*Sahem dous Soldados.*

*Sold.* 1. Que nos manda V. Mageſtade?

*Rey.* Segurai-me eſſe traidor.

*Sahe do chão huma vela acezá.*

*Merl.* Não he neceſſario mandar buſcar luzes mais longe.

*Sahem por huma parte Bigorrilbas, e Celeſtina por outra.*

*Celeſt.* Que bulha ſerá eſta?

*Bigor.* Que motim ſerá eſte?

*Rey.* Chegai me eſſa luz, que aqui tudo são prodigios.

*Vai Bigorrilbas a pegar na vela, e dá-lhe hum tremor.*

*Bigor.* Ai! que he iſto! Eu eſtou tremendo por mim.

*Rey.* Cheguem-me eſſa luz.

*Bigor.* Eu não poſſo; ajudai-me, que eſtou azougado.

*Merl.* Eſtá galante bule bule.

*Rey.*

*Rey.* Já a minha impaciencia me ſuffoca.
*Celeſt.* Moſtra cá eſſa luz, e vai-te abafar que eſtás com a ſezão.
*Bigor.* Ahi a tens.
*Celeſt.* Ai coitadinha de mim que me pegou o mal; e eu eſtou com convulsões.
*Merl.* Ella ahi em tremuras.
*Celeſt.* Quem me tira iſto da mão, que já não poſſo eſtar mais tempo da-lhe que darás.
*Rey.* Dai-me eſſa luz, barbaros. *pega na véla.*
*Celeſt.* Ora vejão, e ficou-me a mão toda pingada.
*Bigor.* Olá, ſó ElRei não ficou tremulo.

*Vai ElRei chegar a Merlim, e voa-lhe a véla.*

*Rey.* Raro aſſombro! Aqui ha grande traição.
*Merl.* Adeos luzes.
*Bigor. Bolaverunt.*
*Celeſt.* Deixou voar a véla; mas não eſtá mais na ſua mão.

*Sahem dous guardas com luzes.*

*Rey.* Mas maior aſſombro he o que admiro, e vejo. Que differente objecto he eſte do que até aqui imaginava!
*Merl.* Ora olhem de que ſe admira.
*Bigor.* Ui, Senhores; donde veio eſte pinto calçudo?
*Celeſt.* Galante badameco.
*Rey.* Homem, ou aborto vil deſtes boſques, dize quem és?
*Merl.* Eu num eſtou aborco neſtes broſques

capot porque hum me bem eſtar em pé? Ai Senhores num me façáo mal ai, ai.

*Rey.* Sem mim eſtou! Como eſtás neſta Região?

*Merl.* Avijám? nome de ſoventa hora! Eu num ſum avijam nem coiza do oitro mundo.

*Rey.* Digo quem aqui te conduzio?

*Merl.* Aqui ninguem me conſumio, ſómente voſſas merces agora he que o faram ſe quigerem ſer ſerbidos.

*Rey.* Já perco a paciencia: homem falla verdade, e reſponde ao que te pergunto.

*Merl.* Se eu ſoibet, eu fallarei a berdade; mas canto ao mais, eu num ſom tão mal enſinado, que reſponda a boſſa remerencia.

*Rey.* Quem te mandou a eſte ſitio?

*Merl.* Nós biemos eu a mais oitros oito camaradas da noſſa terrinha pelegrinando ſe boſſa remerencia nos déſſe huma eſmólinha muito bem á máo, ſe num paciencia.

*Rey.* E com que intento vierão.

*Merl.* Nós num trouvemos jumento nenhum.

*Bigor.* Eu eſtou eſtalando pelas ilharges.

*Celeſt.* Se ElRei não eſtivera tão enfadado, eu já tinha ſoltado a gargalhada.

*Sold.* 1. Homem vê o que fazes, não te finjas, e ſe és o que pareces, dize quem aqui te mandou.

*Sold.* 2. Se não vê que ElRei te mandará tirar a vida.

*Merl.* O Senhor he ElRei? Ora loibado ſeja Deos, eu cuidaba que ElRei era oitra coiſa:

elle

elle tem o meſmo que eu tenho, e tambem anda com as pernas.

*Sold.* 1. Reſponde ao que te perguntão, e tem reſpeito á Sua Mageſtade. *da-lhe.*

*Merl.* Ai, ai, ai. A' del Rei num ha juſtiça, num ha quem me acuda, lá bai o mei braço.

*Rey.* Não chores; vem cá, dize que terra he a tua?

*Merl.* Eu ſom nacidiço de Monfon, e lá me bem huma Abó das partes de Lugo, num ai num falo eu, que num he para falare: em canto cabidal num hei bergonha de nenhum; porque mei Pai me deixou humas coirelas de binhas, e mais catro bicos muito bons com que paſſaba muito bem remediado: mas famicas doi ao demo huns amoricos, que tuve com huma cachopa, que ſe chamaba Madanela, porque por amor della me fahi, e para mor della me derreárão o palaio, e antanees. . . . .

*Rey.* Baſta, baſta, que já não ha ſoffrimento para ouvir-te. Ai de mim! grande mal receio! Soldados, levai eſſe homem, e prendei-o na torre de Palacio, que á manhã confeſſará no tormento, o que hoje nega cauteloſo. *Vai-ſe.*

*Bigor.* Ora criado Senhor Galego, voſſé não quer reſponder a propoſito; pois á manhã lho perguntaráõ. *Vai-ſe.*

*Merl.* Num, num hão de fazer mal, má oxa.

*Celeſt.* Lá verás quando te chegarem a roupa ao couro. *Vai-ſe.*

*Merl.* Boce num ſave com quem falla.

*Sold.* 1. Ora ande não dè ralhos.

*Merl.* Digo que num quero.

*Sold.* 2. O' magano he atrevido?

*Merl.* Bá lá dar no diabo; cuida que num ha juſtiça, tome, tome. *dá-lhe.*

*Sold.* 1. O' inſolente, reſiſte, venha amarrado, que ha de ficar prezo a huma corrente.

*Merl.* Num me corro com iſſo (á manhã o vereis.) *á part.*

*Sold.* 2. Ande prezo.

*Merl.* Ora eſcuitem, que ſe me recordou agora huma coiſa na minha memoria: querem boces ouvir como ſe canta na minha terra, ora lá bai.

*Canta Merlim a ſeguinte*

ARIA.

Mei diamante d'azabiche,
Minha pelora encarnada,
Minha pedra de abada
Minha rica Madanela
Mais vella ca num ſei que
Num me leixes da linbranſa,
Porque eu leixar-te num hei.
He, he, he, faſta moreno,
He, he, he, faſta bragado:
Se nunca havedes probado
D'amor o dulce beneno,
Por frexa neſſe coſtado
O aguilhon bos chantarei.

*Sold.* 1.

*Sold.* 1. Isso está muito bom, mas vossé chorará á manhá pelo que hoje cantou.

*Sold.* 2. Venha prezo.

*Merl.* Se eu hei de hir prezo, lebem-me boces, que eu pélo mei pé num bou.

*Sold.* 1. Venha seja como for.

*Sold.* 2. Vamos.

*Merl.* Eu som o que bou agora, mas á manhá boces betão o que bai.

# ACTO II.

## SCENA I.

*Sala. Sahem Rosimunda, e Policena.*

*Rosim.* AQui pódes, Policena, proseguir a narração dos teus successos, por não perder a occasião de fallar a ElRei meu Pai, que por este sitio ha de passar á torre de Palacio. Ai Polidoro, que hoje me lastimas prezo, se hontem me offendeste livre! *á parte.*

*Polic.* Roubada pois que fui, bella Rosimunda, dos Estrangeiros Piratas, fazendo azas das inchadas vélas a inimiga não, mais ligeira voava que o mesmo vento que a conduzia. Quem duvida que os effeitos da minha pena fazião apressar mais a minha désgraça? pois com

com os meus olhos dava ao mar novas correntes, e com meus suspiros novo impulso aos ares. Depois de tantos seculos de tormento, quantos elles contavão dias de viagem, no espaço de hum mez, entre varios accidentes, que não relato, chegámos a avistar huma dezerta Ilha, aonde para fazer agoa, tomámos terra. Desembarcárão alguns, e com elles para divertir-me, quiz o Capitão (o qual para maior martyrio meu se mostrava inclinado á causa da minha desgraça) que eu tambem o fizesse, o que foi motivo da minha ventura; pois divertido elle no exercicio da caça, deixando a mesma solidão por segura guarda da minha pessoa, se apartou de meus olhos: e como eu dos seus só desejava ausentar-me eternamente, deparando-me a sorte huma profunda concavidade, cuja horrivel boca cobrio a natureza de emmaranhadas ramas, antepondo os horrores da morte aos trabalhos de hûma penosa vida, entrei nella penetrando os mais intimos seios daquella lûbrega estancia. Perdida pois com o meu retiro nos Piratas a esperança de achar-me, porque a providencia do Ceo lhe encobrio a elles, o que a mim só quiz manifestar-me, se forão, entendendo sem duvida, que a minha desesperação me tinha precipitado no mar. Sahi daquella escura habitação de noite, e no ultimo de tres dias, em que a vida se conservou alimentada de frutos silvestres, dei vozes á huma pequena

quena embarcação, que não longe da terra passava: acolherão-me piedosos os navegantes, e como erão vassallos teus, me trasladárão desde os braços da minha instavel fortuna, ao seguro asylo de teus pés, aonde até aqui tinha vivido mais animada dos teus favores, que dos meus alentos, e aonde o Principe Polidoro, mais a impulsos de obediente, que a impulsos de amante me achou impensadamente, sendo o seu naufragio indicio da minha vida; pois quem vive entre desgraças, só se acha pelo caminho dos infortunios.

*Rosim.* Supposta, Senhora, a verdade dos teus successos (a qual não duvido) acompanhando o credito que se te deve, circunstancias particulares, que pondero; duas vezes te peço perdão, huma de não ser até aqui o teu trato medido pelo teu merecimento, e outra pela indignação que contra ti mostrei no passado successo; pois ignorante das causas que me relatas, vendo-te com Polidoro naquelle sitio julguei excesso indecoroso, o que foi natural affecto.

*Polic.* Ai Polidoro, que, quando por ti suspiro, só sinto o que por mim padeces!

*á part.*

*Rosim.* Não te affliias pois, Senhora, que ambas pediremos a ElRei meu Pai, a libardade de Polidoro, o qual será preciso digas que he irmão teu, emendando de algum modo o que dizes chegaste a declarar. Ai Polidoro,

que

que ao mesmo tempo me tens zelosa, e lastimada! *á part.*

*Sabe ElRei, e dous guardas, e passa sem reparar.*

*Rey.* Hide adiante a franquear-me a entrada da torre, que eu mesmo quero ser o que faça este exame.

*Rosim.* Divertido passa ElRei, he preciso atalhar-lhe os passos. *Vão-se os Soldados.*

*Rosimunda, e Policena se põem de joelhos aos pés d'ElRei, huma de huma parte, e outra da outra.*

*Polic.* Rei Soberano.

*Rosim.* Pai, e Senhor.

*Polic.* Se he próprio em hum animo generoso.

*Rosim.* Se he natural em hum Real peito.

*Polic.* A clemencia.

*Rosim.* A piedade.

*Polic.* Tem, Senhor, compaixão.

*Rosim.* Tem lastima, Senhor.

*Ambas.* De huma innocencia opprimida.....

*Rey.* Levantai-vos, e dizei-me qual he o motivo que a tanto empenho vos move? E tu Rosimunda, como com tal efficacia me rogas? He possivel que haja cousa que a tanto te obrigue? Confuso estou. *á part.*

*Rosim.* Ai se souberas o que minha alma sente! *á part.*

*Polic.* Ai se tu viras quanto meu coração padece! *á part.*

*Rey*

*Rey.* Falla, Roſimunda, acaba.

*Roſim.* A rogar com tanto empenho me obriga, Senhor, o grande affecto que Policena tem grangeado em meu peito; e como a amizade nos tem igualado tanto, ſendo ſua a cauſa, tambem he minha. Minto que ella he mais minha do que ſua. *á part.*

*Rey.* Com tão poderoſa interceſsão, bem póde Policena pretender animoſa.

*Polic.* Pois que tanto me anima o teu favor, mais alentada profigo. Eſſe infeliz Eſtrangeiro, que opprimido dos laços da tua ira, eſtá para ſer objecto dos teus olhos, he irmão meu, que a eſtas Regiões chegou por hum acaſo da ventura; acha-ſe prezo ſem culpa, pois nem huma acção obrou, que lhe tiraſſe a innocencia.

*Rey.* Eſpera, não profigas. Notavel engano! *á part.* Pois affirmas ſer irmão teu eſſe infeliz?

*Polic.* Huma, e mil vezes o affirmarei.

*Roſim.* Já de toda a verdade de ſeus ſucceſſos eſtou informada; e como tudo condiz com o que deſſe Eſtrangeiro já ſe me contou, não acho nenhuma razão em que funde a minha incredulidade.

*Rey.* Grave damno receio; pois já eſcrupuliſo até da verdade de Roſimunda. *á part.* Sujeito tão indigno he impoſſivel ſer irmão de Policena.

*Roſim.* ElRei na ſua ſuſpensão ſe moſtra vacilante. *á part.*

*Rey.*

*Rey.* Quero deixar-me enganar para assim descobrir novos enganos. *á part.* Pois qual foi, Rosimunda, a causa que te obrigou a tanto enfado a ti, e a Floriandro, contra elle?

*Rosim.* Como ignorava, Senhor, o que já Policena tem declarado, estranhava que ella, e esse que agora reconhecemos irmão seu, estiverão em tal sitio sós, e a tal hora; pois nelle julguei algum atrevimento indecoroso ás paredes de teu Real Palacio. Levados pois deste motivo, rompemos eu, e Floriandro no excesso que ouviste.

*Rey.* E tu como nomeaste em tal occasião ao Principe de Polonia, meu inimigo?

*Polic.* A natureza, Senhor, formou em meu irmão hum tão vivo retrato do Principe Polidoro; que era na Corte pasmosa admiração de quantos a ambos os admiravão; pois não só erão na fysionomia semelhantes, mas até parece que hum mesmo espirito os anima. Vendo eu em fim que todos contra elle irados se mostravão, quiz defendello com o que mais o arrisquei, dizendo que elle era o Principe Polidoro; mas já vejo que sahio errado o meu discurso, e castigado o meu engano.

*Rey.* Cada vez vou reconhecendo maior o que me querem fazer. *á part.* Sempre do Principe de Polonia ouvi exaggerar a bizarria, e agora me querem persuadir o que tem semelhanças com hum pobre mendigo.

*Rosim.* Modéra pois a ira, que contra elle mos-

moſtras; e ſeja a ſua innocencia motivo da tua piedade.

*Polic.* Eſpera, que o teu peito mais ſe enternece, e rende ás minhas vozes.

*Canta Policena a ſeguinte*

ARIA.

Vive izenta a planta humilde,
Pois dos raios a violencia
Só onde acha reſiſtencia,
Executa o ſeu furor.
Aſſim pois no heroico peito
Não conſentirá a piedade,
Que a innocencia, que a humildade
Seja objecto do rigor.

*Rey.* Quero já expôr aos ſeus olhos na couſa de minhas duvidas, o motivo do meu receio. Olá, trazei á minha preſença livre das prizões que o opprimem, a eſſe infeliz Eſtrangeiro.

*Sahem dous Guardas.*

*Guard.* 1. Não ſerá poſſivel, invicto Monarca, cumprir o que nos ordenas; porque com a ſombra notavel de quantos a admirão, abrindo-ſe as portas da ſegura prizão que o guardava, não ſe acha, nem raſto por onde eſcapar pudeſſe.

*Guard.* 2. E o que mais digno ſe faz de admiração, he que ſe ſoltaſſe de huma groſſa cor-

corrente em que foi posto, deixando-a dividida em miudos padaços.

*Rey.* Raro assombro! *fica suspenso.*

*Polic.* Dura pena! *á part.*

*Rosim.* Mortal ancia! *á part.*

*Rey.* Sobrenatural parece quanto succede neste Palacio: em notavel confuzão me sinto. Vós outros parti logo acompanhados de maior numero dos da minha guardà, a ver por diversos caminhos se achais esse traidor fugitivo.

*Vão-se os guardas.*

*Polic.* Sem duvida que com a ancia de livrar-se da morte, rompeo difficuldades por ir-se aonde meus olhos o choraßem sem remedio ausente. *á part.*

*Rosim.* Sem duvida que com o temor de perder a vida, rompeo impossiveis por escapar-se de donde nunca mais seja objecto dos meus olhos. *á part.*

*Sahe Celestina por junto de Rosimunda, e fica ao bastidor.*

*Celest.* A dar parte á Princeza venho, de que não he Polidoro o prezo.

*Sahe Merlim por junto de Policena, e fica ao bastidor.*

*Merl.* A dar aviso venho a Policena, que não descubra ao Principe, emendando de algum modo o passado erro.

*Sahe*

*Sahe Bigorrilhas pela parte de fóra, e faz o meſmo.*

*Bigor.* Seja como for, eu hei de dizer a ElRei, que Merlim he hum fino feiticeiro.
*Rey.* Tão confuſo, e receoſo me vejo, que não ſei em que hei de determinar-me. *á p.*
*Roſim.* Sem alma eſtou, quando conſidero a Polidoro auſente. *á part.*
*Polic.* Sem vida eſtou, quando auſente de Polidoro me conſidero. *á part.*

*Celeſtina chega junto de Roſimunda, e logo ſe retira.*

*Celeſt.* Senhora.
*Roſim.* Póde haver maior infelicidade, que ſer eu com a minha indignação cauſa do meu tormento! *á part.*
*Celeſt.* Senhora..... *a Polic.*
*Polic.* Póde haver maior deſventura, que pronunciar a minha voz a ſentença da minha morte! *á part.*
*Méri.* Ella eſtá deſpachando.

*Bigorrilhas chega junto a ElRei, e ſe retira.*

*Bigor.* Saberá V. Mageſtade, que lhe quero fallar em ſegredo.
*Rey.* Aquellas couſas me dicta o receio de futuros damnos. *á part.*
*Bigor.* ElRei faz ouvidos de mercador.

*Chega*

*Chega Celeſtina a Roſimunda, a qual na acção de quexar-ſe lhe dá no roſto.*

*Celeſt.* Bella Roſimunda.
*Roſim.* Deixa-me, moleſta fantaſia.
*Celeſt.* Ai apello eu! Oh boca que tal diſſeſte Senhora, e não ſei que diabo de nome me chamou.

*A Merlim ſuccede o meſmo.*

*Merl.* Policena.
*Polic.* Vai-te penſamento importuno.
*Merl.* Penſamento importuno ſe-lo ha ella: fóra com o talho! Ora he a primeira vez que em Palacio me chegárão aos narizes.
*Roſim.* Vamos a batalhar, cuidados. *Vai-ſe.*
*Celeſt.* Pois não irá ſó, que ſerão muitos os contrarios. *Vai-ſe.*
*Polic.* Vamos a morrer, deſvelos. *Vai-ſe.*
*Merl.* Pois eu te vou metter a véla na mão. *Vai-ſe.*

*Chega Bigorrilhas a ElRei, o qual falla entre ſi.*

*Bigor.* Senhor, eu quero fallar ao ſereniſſimo ouvido de Voſſa Realiſſima Mageſtade.
*Rey.* Que me dizes, coração?
*Bigor.* Notavel agrado tem eſte Rei de Ungria: olhem o carinho com que me trata! parece que me namora.
*Rey.* Falla, falla, vaticinà-me os meus males.

Olha

*Olha Bigorrilhas para todas as partes a ver se he com outrem.*

*Bigor.* Comigo he: eu chego animoso, pois elle meſmo a fallar me convida. Ora eu cuidei que iſto de fallar a ElRei era alguma bicha de ſete cabeças.

*Chega ao ouvido d'ElRei, e elle torna em ſi, e ſe enfada.*

*Bigor.* Senhor, eu.

*Rey.* Que intentas, atrevido? que ouſadia he eſta?

*Bigor.* Digo, que quando, como, já, logo, ao depois, mas eu não ſei o que digo: quero dizer, que ſe acaſo.... mas iſto não quer dizer nada.

*Rey.* Falla, ou te mandarei tirar a vida.

*Bigor.* Oh quem nunca naſcêra! Em negra hora me pario minha Mãi! Soltárão-ſe-me as prezas, e os calções já não pódem com a carga. Digo que ſe voſſa como ſe chama queira ſaber as aquellas do aquelle: como he a ſua graça?

*Rey.* Que dizes?

*Bigor.* Digo, que Merlim, e Celeſtina, mais eu, mais Celeſtina, mais Merlim, mais ella, mais elle, mais eu: eſta he a pura verdade.

*Rey.* Não te confundas.

*Bigor.* Sim Senhor, he feiticeiro.

*Rey.* Quem.

*Bigor.* Não Senhor, foi hontem.

*Rey.*

*Rey.* O que?

*Bigor.* Sim Senhor, eu o vi.

*Rey.* O medo o confunde.

*Bigor.* Eu já não eſtou capaz de eſtar aqui, porque de neceſſidade hei de eſtar dando máo cheiro ao Real nariz de Voſſa Mageſtade.

*Vai-ſe.*

*Rey.* Até iſſo que tão mal percebi, me conduz a maiores ſuſpeitas. Ai de mim! grande mal receio!

*Sahe Floriandro.*

*Flor.* Senhor.

*Rey.* Floriandro, que tens de alegria?

*Flor.* O que a ti te póde dar o maior goſto. Agora junto do Boſque encontrei a elle Eſtrangeiro a quem deſejas achar.

*Sahe Polidoro, e ajoelha.*

*Polid.* Senhor, não ſei porque culpas me condemnão!

*Rey.* Dize, Floriandro, em que delinquio Polidoro?

*Flor.* Pois eſte não he, Senhor, o que ſe achou no jardim com Policena?

*Merl.* Pois ſua irmã era alguma peſſoa eſtranha? Não, diſſo não tinha ella nada, que mui bem ſe chegava para elle. *á part.*

*Rey.* Ha maiores confuzões! Com que tu és irmão de Policena?

*Polid.* Ella, Senhor, confirmará eſſa verdade, que hontem a vi, quando mais fóra eſtava de a conſiderar em Ungria.

*Flor.*

*Flor.* Já o meu mal he menor do que cuidava. *á part.*

*Merl.* Aquelle Galego, que alli hontem appareceo, devia de ser algum grandissimo feiticeiro, pois fez taes enredos. Polidoro, Senhor, diz que quando vio o negocio mal assombrado, se fez desentendido, ou se metteo no escuro, que he o mesmo, e valendo-se das sombras, poz arvores em meio para escapar de tanto rigor.

*Rey.* Agora com mais razão pódes viver em Palacio, pois nelle se acha tua irmã, e nelle de novo te offereço amparo. Vem, Florindro. *Vai-se.*

*Flor.* Já te sigo: tu em mim terás o maior amigo. *Vai-se.*

*Polid.* Favor he que estimo quanto devo.

*Merl.* Ora fique-te nas horas de Deos, que desta já está livre: ahi vem Rosimunda, e eu vou a casa de Celestina. *Vai-se.*

*Sahe. Rosimunda.*

*Rosim.* Polidoro, Senhor, he certo que estou logrando o bem de tua vista?

*Polid.* Rosimunda, Senhora, he verdade que estás sendo objecto dos meus olhos?

*Rosim.* Que já sem sobresaltos te vejo?

*Polid.* Que já sem embaraços te admiro?

*Rosim.* Já satisfeita estou do que contra ti julgava, pois fei da boca de Policena, que nenhuma inclinação te deve.

*Polid.* E eu fóra estou do meu ciume, pois



sei

ſei que Floriandro a Policena dedica os ſeus obſequios.

*Roſim.* Oh que feliz he quem merece os teus affectos!

*Polid.* Oh que ditoſo he quem ſabe idolatrar-te!

ARIA A DUO.

*Roſim.* Caro bem, gloria de huma alma,
Que por ti vive entre ardores.

*Polid.* Meu feitiço, meus amores,
Por quem ſinto huma auſencia ardente.

*Roſim.* Serás firme?

*Polid.* Eternamente } te hei de adorar.

*Roſim.* E eu tambem } até eſpirar. *Amb.*
Pois em fé de tal promeſſa.

*Polid.* Pois em fé deſſa lealdade.

*Roſim.* Deſte mal na ſaudade.

*Polid.* Deſte bem no ſentimento.

*Amb.* O viver ſerá violento,
Será doce o acabar. *Vão ſe.*

## SCENA II.

*Ante-Sala. Sahe Merlim, e pouco depois Bigorrilhas ao baſtidor.*

*Merl.* SEnhores, onde poderei eſcapar deſte duendo, deſte demonio de Bigorrilhas, que com preſumpções de ſer minha ſombra, a todas as horas me ſegue, e me perſegue a todos os inſtantes. Se elle fora di-

nheiro,

nheiro, que mais queria eu, se o trazia sempre comigo. Tenho ajustado com Celestina hir vella ao seu quarto, e não sei se o poderei conseguir, porque por não hir á vinha de amor, me poz este trambolho a minha desgraça; se não foi pregar-me o mono andar sempre amarrado a este cepo.

*Sahe Bigorrilhas.*

*Bigor.* Hei de vigiar este feiticeiro não me faça algum maleficio a Celestina, se he que ella, e elle me não fez já algum beneficio.

*Sahe Celestina.*

*Celest.* Merlim, já não posso passar com saudades; assim venho a buscar-te correndo. Que fazes? por onde andas?

*Merl.* Pergunta-o a Bigorrilhas, que elle o sabe tambem como eu.

*Celest.* A esse monstro queres que o pergunte? Esse he o amor que me tens? Tão mal me queres, que me mandas fallar com elle?

*Bigor.* Tomai lá.

*Merl.* Porque? elle está escommungado? Ora não o achava vossê tão máo, quando lhe queria dar hum abraço.

*Celest.* Abra... que? antes eu fora a baraço pregão pelas suas publicas.

*Bigor.* Olhem a patifona.

*Merl.* Não he o diabo tão feio como o pintão; porque Bigorrilhas he alguma cousa do outro mundo?

*Celest.* Sim, porque he cousa má.

*Merl.* Pois olha não te vá arrastar alguma noite.

*Bigor.* Arrastar-lhe-hei eu a aza, que he o que posso fazer.

*Celest.* Ai, não me metas medo. Apello eu!

*Merl.* Tu não pódes negar-me que elle he airoso.

*Celest.* Elle sim tem ar no corpo, mas he depois que lhe deu hum estupor.

*Bigor.* E não te dá a ti huma paralysia na lingoa?

*Merl.* Ora elle não he feio de cara.

*Celest.* O rosto he huma panella velha com dous olhos de gordura.

*Bigor.* Ah quem te chegára com hum chicote!

*Celest.* Agora do nariz cá para traz, que haja algum que lhe chegue á ponta do pé; pois as ventas de proposito as inventou a natureza para elle; porque são taes como os seus narizes.

*Bigor.* Ah quem te chegára aos reus!

*Merl.* Tu vas-me puxando pela lingoa; pois sabe que he a boca da noite, e em se pondo nella o Sol da india, faz hum escuro nos dentes, que he metter o dedo pelo olho; e disso deve de nascer o máo cheiro, que della sahe, que he tão valente, que a todos chega aos narizes.

*Bigor.* Eu estou desvanecido de ouvir estes louvores.

Merl.

*Merl.* Que tal estará a sua alma a estas horas!

*á part.* E as mãos?

*Celest.* São duas mãos de papel pardo, que pelo grande, bem podião ser duas resmas.

*Bigor.* Oh más balas te passem; já não ha quem tanto soffra. Basta, Celestina, que desta sorte pondes a boca em mim por detraz, assim na minha ausencia tomais na boca a minha pessoa? *sabe.*

*Celest.* Ui, Deos me livre! Eu havia fazer tal porquidade? antes comer murrões de candêas.

*Merl.* Meu amigo, quem escuta de si ouve.

*Bigor.* Desta vez eu farei queixa á Princeza minha Senhora, e ella saberá quem vós sois.

*Celest.* Basta, Bigorrilhas, que entendias que aquillo era de veras? Não foi senão huma peça, que te quiz fazer, por te ver escondido.

*Bigor.* Pois eu cá..... he boa historia!

*Merl.* Andai que não sois capaz de gracejar comvosco.

*Bigor.* Ora espere: pois eu cá.....

*Merl.* Por teu respeito me não faz ella mais favor.

*Bigor.* Ora minha Celestina, aqui para nós, ainda tem valimento para comtigo o teu amor?

*Celest.* Porque nenhum de vossês se queixe, hei de dar o premio do seu amor a quem para isso me mostrar o maior merito.

*Bigor.* Pois tenha mão, que eu digo primeiro as minhas boas prendas. Eu sou muito bem nascido.

*Merl.* Tambem eu nasci muito bem, sem me ficar nenhum pedaço na barriga de minha Mãi: e de mais eu sou muito bem criado.

*Bigor.*

*Bigor.* Tambem eu, graças a Deos, eſtou muito bem nutrido: e ſobre tudo tenho tantas forças, que me atrevo a levantar hum falſo teſtemunho por mais pezado que ſeja.

*Merl.* Eu não fallando nas forças, ſou tão galante, que tenho dado cutiladas ſem numero, e em gente de bigode. Iſto he quando fui barbeiro. *á part.*

*Bigor.* Eu ainda fiz mais; porque tenho feito mais mortes que cabellos tenho na cabeça. Iſto he quando me cato. *á part.*

*Merl.* Vá bugiar mentiroſo.

*Bigor.* Vá elle.

*Merl.* Não ſeja atrevido, que me diga a mim iſſo

*Bigor.* Não ſeja inſolente, que me diga a mim elloutro.

*Merl.* Olhe que lhe hei de dar hum couce nas canellas.

*Bigor.* Olhe que lhe hei de dar huma cabeçada nos dentes.

*Celeſt.* Bom! hum tem marradas de boi, e outro manhas de beſtas: boas circunſtancias são as que nelles deſcobri.

*Ambos.* Pois qual te parece melhor?

*Celeſt.* Antes beſta, que do mal o menos; mas deixemos iſſo, em que parará a pendencia, vamos a prendas to cantes.

*Merl.* Eu ſou hum Orfeo de obra groſſa.

*Celeſt.* E tu?

*Bigor.* Eu alguma couſa faço por mim, ſem que ninguem me enſinaſſe.

*Celeſt.*

*Celest.* Ora vá, Merlim.
*Merl.* Lá vai.

MINUETE.

Por te dar gosto
Já vou cantando,
E entoando
Fa, re, sol, do,
Vai para lá
Vem tu cá sol
Fa, re, sol, do.
Quem tanto afina
Sabe ser fino,
Mas do mofino
Não tenhas dó.
Oh quem me déra
Ser de teu gosto,
Porque bem posto
Só eu o sou.

*Celest.* Agora tu.
*Bigor.* Lá vou eu.

MINUETE.

Eu tambem quero
Dar-te hum desfante,
Ainda que cante
Sem tom, nem som.
Que eu em cantando
Já desafino,
E só dou fino
Pontos de amor,

Pois

Pois nelle estou
Sempre de ut,
Re, mi, fa, sol.

*Celest.* Merlim, quando canta espanta os males, tu espantas á gente.

*Bigor.* A mofina em tudo lhe acha geito.

*Celest.* Vá de versos: lá vai

MOTE.

Eu vou de cá para lá

GLOSA.

*Merl.* A dama a quem quero bem,
Me foge, e andamos ahi,
Ella dalli para aqui,
E eu cá daqui para álem:
Persigo-a; e ella tambem
Me faz andar doudo já:
A mim sempre á posta está
Passa para lá conforme,
Se eu estou de cá; mas se aporme
Eu vou de cá para lá.

*Celest.* Que? viva, viva. Agora tu.

MOTE.

Amores se tu quizeres.

GLOSA.

*Bigor.* Aqui perco a opinião, que eu não sou para repentes; mas lá vai.

Filis

Filis ſe queres, verás
Hum, e dous, e argolinha,
Fica pé de papoulinha,
E o rapaz que jogo faz,
Paſſarás, ſim paſſarás
Bello páo para colheres
Mal me queres, bem me queres
Tu que vais, e tu que vens
Dá-me cá os meus vintens
Amores ſe tu quizeres.

*Ambos.* Qual he melhor obra?

*Celeſt.* Direi. Merlim faz melhor os verſos; mas tu pareces mais Poeta. Ora lá vai a ſentença poſta por ſolfa.

ARIA.

Vai-te, vai-te ramelóſo,
Não te moſtres tão teimoſo,
Que he tolice:
Eu comtigo deſeſpero,
Vai-te embora, não te quero,
Já to diſſe.
Vem tu cá minha doudice,
Que naſceſtes para mim
Tu namoras? bom arrocho.
Ai que goſto! ai que nojo!
Eu vomito,
Eſte ſim que he mais bonito,
Goſto muito delle ſim.

Lá te eſpero. *para Merlim Bigor.*

*Bigor.* Mui bem deſpachado fiquei dos meus ſerviços.

*Merl.* Os ſeus ſerviços não cheirão bem, ninguem dará real e meio por elles.

*Bigor.* Por amor de ti me vejo deſvalido.

*Merl.* A'gora homem, elle em caſa te ha de cahir, que mulheres ſempre eſcolhem o peior. *Vai-ſe.*

*Bigor.* Sim vai-te eſgueirando, que eu não vou já nas tuas ancas, e aſſim ha de ſer até te apanhar em alguma diabrura. *Vai-ſe.*

*Mutação de apoſento de Celeſtina, e junto ao eſcotilhão huma arca, e ſabe Celeſtina.*

*Celeſt.* Muito tarda Merlim! Elle não devia de poder eſcapar de Bigorrilhas: mas ei-lo que chega.

*Sabe Merlim, e depois vem Bigorrilhas.*

*Merl.* Se eſcaparei aqui daquelle maldito? Ora baſta, Celeſtina, que te são bem aceitos os meus rendimentos?

*Celeſt.* Primeiro quero ſaber a quanto chegão cada anno os teus rendimentos.

*Merl.* Ah não foras tu lacaia, logo não ſerias intereſſeira.

*Celeſt.* Ora porque tu não entendas que eu ſou das que querem, porque querem muito; eu te vou buſcar hum mimo de doces, que tenho guardado.

*Faz que ſe vai, e diz Policena.*

*Merl.* Para mim?

*Bigor.*

*Bigor.* Aquillo.
*Polic.* Celeſtina. *Dentro.*
*Celeſt.* Ai meus peccados! Ahi vem Policena: que dirá ſe aqui te vê? Coitada de mim! Eſconde-te neſta arca.
*Merl.* Eu não hei de eſconder-me.
*Celeſt.* E a minha honra?
*Merl.* E o meu valor?
*Celeſt.* Faze iſſo por mim.
*Merl.* Iſſo, e tudo o mais farei eu.
*Celeſt.* Pois não; iſto foi arremedar hum bocadinho de paſſo de Comedia.

*Mette-ſe Merlim na arca, e ſabe Bigorrilhas depreſſa, e aſſenta-ſe na arca.*

*Bigor.* Ah velhacos, iſto queria eu ver; agora não me levantarei daqui, ainda que venha ElRei, ſem vir alguem que veja as voſſas tratadas.
*Celeſt.* Ai pobre de mim!

*Sahe Policena.*

*Polic.* Celeſtina.
*Celeſt.* Senhora. Tantas mercês!
*Polic.* Que faz aqui o Porteiro?
*Bigor.* Eu bem ſei o que faço; agora eſtá elle debaixo.
*Celeſt.* Senhora, he hum louco.
*Bigor.* Cahio o rato na ratoeira.
*Polic.* Que dizes?
*Bigor.* Eu bem ſei o que digo. Agora hei de pôr em publico a ſua tratada.

*Polic.*

*Polic.* Levanta-te, e vai-te. Eu farei, insolente, com que te castiguem.

*Bigor.* Eu me vou; mas eu tornarei logo. Ora o diabo não tem sono. *Vai rosnando.*

*Celest.* Ora graças a Deos.

*Polic.* Celestina, eu quero valer-me de ti para neste teu quarto fallar a meu irmão em cousa particular, por ser parte mais retirada.

*Celest.* Já elle, Senhora, o sabe?

*Polic.* Tambem queria que tu o avisasses, e eu ficarei aqui esperando.

*Celest.* Vou, Senhora, a obedecer-te.

*Faz Celestina que se vai, e sabe Bigorrilhas, e Floriandro.*

*Bigor.* Senhor, aqui está nesta arca escondido: eu cá não quero arcas encoiradas: abra-se, e ver-se-ha a minha verdade. Eu mesmo vi esconder a Merlim.

*Celest* Ai desgraçada de mim, que agora se sabe tudo! *á part.* Póde haver maior falsidade! Aqui está alguem? *chora.*

*Flor.* Não te affiijas, Celestina, que já conheço devia de ser engano o que elle tanto affirma; pois de ti se não deve escrupulisar; e mais estando nesta casa o sol de Policena, cuja luz he efficaz para desterrar a menor sombra de duvida.

*Bigor.* Senhor, aqui está. Protesto que se abra a caixa.

*Celest.* Primeiro a ti te hão de abrir a cabeça.

*Polic.* Não haverá ninguem, que ponha a menor

menor duvida na tua verdade; porém para seu castigo faça se o exame, que em se achando o contrario do que elle affirma, por minha conta fica a remuneração do testemunho.

*Bigor.* Sim, Senhor, eu tomo sobre mim toda a carga.

*Celest.* Senhora.

*Flor.* Diz bem Policena, em teu abono, e seu prejuizo he toda a diligencia; abre tu, Bigorrilhas.

*Celest.* Desgraçada mulher!

*Bigor.* Sim, Senhor. Vou como hum Gamo: ora saia cá para fóra, se he homem.

*Abre a caixa, e sahe de dentro huma mulher com manto, e toalha.*

*Merl.* Ai se estou mais hum moimento abafo na arca; já me hião dando os meus fratros menencorios.

*Bigor* Senhores, eu estou fóra de minha Mãi.

*Celest.* Senhores, eu estou admirada de tal ver.

*Flor.* Que mulher he esta?

*Polic.* Este era o homem que viste?

*Bigor.* Eu não sei o que digo. Este Merlim, não he Merlim, he o diabo.

*Celest.* Senhora, eu se agora.

*Merl.* Senhores, eu nunca fui amiga de fantasiegas, nem de esquimeras, porque ao ser prove tira o creto; proveza não he vileza, eramos de pescaria. Eu sou Avó desta moça ha muitos annos; e como quiz a pertinencia

cia Divina, que ella viesse servir ao Paço de inRei meu Senhor, enche-se toda de vergonha cada vez que me vê tão despresivili, e agora vendo que vinhão Suas Senhórias me escondeo nesta arca, porque me não vissem.

*Celest.* Aquelle escommungado quiz que eu tivesse agora esta afronta.

*Polic.* Antes deves agradecer-lhe o pezar, pelo gosto de se conhecer a tua innocencia, e a sua maldade.

*Flor.* Eu me alegro, Celestina, de que fique mentiroso, quem vos fez a vós mais verdadeira.

*Bigor.* Eu havia de jurar em cem pares do que quizerem, que he verdade o que disse. Ainda agora me está parecendo esta mulher ser Merlim.

*Polic.* Que simplicidade!

*Merl.* Que diz o Senhor? que eu pareço jorzelim? Ai filho não faça escarne das velhas, olhe não o castigue Deos, que ainda póde vir a ser mais velho do que eu sou.

*Bigor.* Sim, essa praga me caia.

*Merl.* Ai Deos dê o Ceo a Marta Fragoza, minha Mãi; na grolia esteja a sua alma, que foi mulher muito grossa, tinha hum patrocinio de dinheiro, era tão amiga de todos, que nunca negou o seu a ninguem, e por isso se vio tantas vezes arrastrada; mas o que mais a destruio, foi mei Pai, que pagou grande tributo á mocidade, gastando todo o cabidal com tanta giribitancia, que

todos

todos ficárão atolicos de tal ver; mas depois que vió huma noite huma avanteſma ficou intimidado; mas deſde que iſſo lha foncedeo, compeçou a ſer hum eſprital de miſerias, teve huma manica de achaques; porque elle teve gota armeniça, teve dores eſferas, teve refeição de oirinas; e quando diſto melhorava, tinha na cabeça humas dores de cachaquetas, que andava a tombos, e ſendo elle bem carnudo, e bem repoſto, veio a pôr-ſe tão acabado, que parecia hum eſcarleto vivo, huma eſcapula de morto: por eſta cauſa não precipitei eu dos ſeus cabedeis, que vim a tanta proveza, que bem diz lá o ditado, que onde has de hir, não has dementir.

*Polic.* Divertida me tem a eſquiſita fraze deſta velha.

*Flor.* Boa occaſião perdi de fallar a Policena com algum deſcanço.

*Bigor.* E v. m. foi caſada?

*Merl.* Eu fui caſada com hum homem marinho, e muito altoriſado, porque era Gardião de huma náo; antes de me areceber andava feito hum cambalião, bebendo os ares por mim, e era de tanto reſpeito na peſſoa, que cada vez que me paſſeava arodiado de todos os ſeus marujos, parecia o Rei de divina marca com toda a ſua comeſtiva.

*Bigor.* A mulher he divertida.

*Merl.* Ai filho, iſto eſtá acabado, no meu tem-

tempo ninguem me punha o pé adiante; mas depois que tive os meus flaros vitorinos, que he a maior pinsão do ſexo femilino, nunca mais pude bailar, nem cantar.

*Bigor.* Oh, pela ſua vida, vá alguma couſinha.

*Celeſt.* Olhe agora o que diz! minha Avó já não eſtá para iſſo.

*Merl.* Ora por dar goſto a eſtes Senhores quero cantar hum bocadinho.

*Bigor.* Abençoada ſejas.

*Canta Merlim a ſeguinte*

ARIA.

Ai! já eſtou muito acabada,
Não ha mal que me não ſiga,
Cando eu era rapariga
Era muito folgazona:
Antances bailava, aytona
Dous são dous, e tres são tres:
Ai os frautos, ai, hum ai; *arrota.*
Ahi tem voſſas mercês.
Eis-aqui todo o meu mal.
Pois que vai? eu não o diſſe;
Eſte frauto eſcommungado
Em tudo ſe quer meter,
Como he tão entremetido,
Não me deixa bem fallar.

*Flor.* Notavel he o genio da velha, eu prometto favorecer-te por cauſa de Celeſtina e

e agora vai tu mesmo, Bigorrilhas, a conduzilla.

*Merl.* Nosso Senhor lhe pague essa caridade. Ora entrementes, meus Senhores: adeos minha Senhora, nosso Senhor lhe dê huma fortuna muito formosa. Celestina, adeos menina, observai-vos com estes Senhores, não desacrediteis a vossa recendencia.

*Bigor.* Vamos, Senhora Velha. *Vão-se.*

*Celest.* De boa me livrou Merlim com suas prodigiosas artes. *á part. e vai-se.*

*Flor.* Meu bem, Senhora, he possivel que seja competidora a minha fineza da tua tyrannia? He possivel que seja tal a tua dureza, que ostente igualdades com a minha constancia? o que a tudo leva excesso, só ache exemplares o meu damno?

*Polic.* Não ignoro, Floriandro, as circunstancias que concorrem para fazer attendiveis os teus obsequios: este conhecimento seja allivio aos teus pezares. Da minha parte faço o que devo em reconhecer tanto as minhas obrigações, como as tuas perrogativas; se não pago os teus extremos, não me culpes a mim, que te não sou adversa; culpa ás estrellas, que te não são propicias.

*Flor.* Para mim não ha mais estrellas que as dos teus divinos olhos: e já que essas influem sempre em meu damno, sem que bastem excessos amantes a merecellos propicios a meus decentes obsequios, trocado o soffrimento decoroso em furiosa indignação,

conseguirá a força o que não póde a brandura, acabará a violencia o que não conseguio a suavidade.

*Canta Florindro a seguinte*

ARIA.

Oh bellissima tyranna,
Quem he esse que te engana?
Oh cruel, que me mataste
Desprezando a minha fé!
Se conheces o meu trato,
E esse amante he sempre ingrato,
Ultrajas-te para que?

## SCENA III.

*Sala. Sahem ElRei, e Rosimunda.*

*Rey.* HE preciso, Rosimunda, que para sustentar o pezo da Coroa, se applique mais hombros; pois como o reinar he tão pezado, que quanto mais dura, mais fatiga, já os meus se sentem enfraquecidos; e se lhe não duplico as forças para a segurança, os que hoje se vem opprimidos, cedo se verão prostrados. Já huma vez te dei noticia de que varios Principes te pretendem para esposa; ficaste de resolver-te na eleição, que o carinho anteposz ás leis do teu gosto ás razões do meu estado; e como até aqui me não tenhas respondido, agora te mando

vomes

tomeis a resolução ultima, para o que te concedo sómente o termo de dous dias. Nisto interesso não só o allivio de tanto pezo que me opprime, mas o descanço de tantos cuidados que me desvelão; depois que ouvi nomear o Principe Polidoro, a quem tenho natural aversão.

*Rosim.* Pai, e Senhor, bem reconheço a especial mercê, que me fazes, em permittir que se execute pela minha escolha o que só depende de tua resolução; porém quizera, que me concedesses mais dilatado tempo, para a eleição do que ha de durar toda huma vida. Não sei como embarace a sua resolução, pois a brevidade he tanto contra os meus intentos. *á part.*

*Rey.* O que tenho dito se execute sem mais demora. Não sei que receia a alma desta repugnancia. *á part.*

*Rosim.* A' tua disposição responderá a minha obediencia. Toda a alma se enche de sentimento. *á part. e vai-se.*

*Rey.* A semelhança que me dizem tem este estrangeiro com o Principe Polidoro, me trás inquieto, pois só a sua imagem me offende; e tanto que agora do natural amor que me devia, se tornou em natural aversão que já lhe tenho.

*Sahe Merlim pela mesma parte por onde entrou Rosimunde.*

*Merl.* Aonde achasti Polidoro, para lhe dar

o recado que agora me deu Rosmunda? Mas cá está Sua Magestade. Senhor.

*Rey.* Merlim como te vai em Palacio?

*Merl.* Entre mal, e bem: ha muito comer, mas ha muito que trabalhar.

*Rey.* Pois tu tens trabalho? Que occupação he a tua?

*Merl.* A minha occupação he estar ocioso.

*Rey.* Isso he descanço.

*Merl.* Não he tal, que o meu officio he o mais trabalhoso, que ha na casa Real.

*Rey.* Que officio he o teu?

*Merl.* Eu, Senhor, sou Sevandija de Palacio: o meu exercicio he fazer rir a todos: vê tu se ha maior trabalho, que viver de graça, aonde o melhor que me succede he rirem-se todos de mim.

*Rey.* Ha maior fortuna, que ter o dom de fazer rir a todos? Para ti o riso he applauso, não he ludibrio.

*Merl.* Eu, bem sei que bom he ter esse dom, mas eu antes quizera ter huma Senhoria, que mais me havião de estimar.

*Rey.* A estimação melhor he a que adquirem as prendas. *Vai-se.*

*Merl.* Não pegou a labia. Grandes applausos, Senhor Merlim! ElRei favorece-me muito; mas eu não me animo muito diante delle, alguma cousa devo de dever-lhe.

*Sahe Polidoro.*

*Merl.* Polidoro, se tu tardavas, a Princeza Rosi-

Roſimunda me diſſe tinha couſas muito importantes que communicar-te, e que para eſſe effeito te conduziſſe ao pomar, por ſer parte mais retirada.

*Polid.* Pois Merlim, que eſperamos? não dilatemos a occaſião de fallar-lhe; vamos.

*Merl.* Segue-me. *Vão-ſe.*

*Mutação de pomar, e huma arvore eſtará junto aos baſtidores de ſorte que não embarace a viſta do fundo, e ſahem ambos por outra parte.*

*Merl.* Aqui eſperar póde, em quanto eu vou fazer certa diligencia de goſto.

*Vai-ſe pela banda da arvore.*

*Polid.* Ainda cá não eſtá Roſimunda: couſas devem ſer de grande cuidado as que quer communicar-me, pois a obrigão a tal excesſo.

*Sahe Merlim com huma cadeira, que põem atraz da arvore.*

*Merl.* Deixa-te eſtar ahi, que a ſeu tempo ſervirás.

*Polid.* A que effeito conduzes, Merlim, para eſte ſitio eſſa cadeira?

*Merl.* Has de ſaber, que ſegundo a força do meu genio fiz eſta cadeira, com tal arte, que quem lhe pozer a mão ficará immovel, e quem nella ſe aſſentar adormecerá com hum ſomno tão profundo, que não acordará, ſem que eu lhe toque com a pedra deſte annel:

annel: e tudo isto se encaminha a fazer huma notavel peça a Bigorrilhas.

*Polid.* Notavel he a tua travessura.

*Sahe Rosmunda apressada.*

*Rosm.* Ai Polidosa, morta venho!

*Merl.* Pois retira te, que nós não gostamos de cousas do outro mundo.

*Polid.* Que he, Senhora? o que tanto te afflige?

*Merl.* Alguma restituição, que deixou de fazer.

*Rosm.* Tormentos que hei de sentir eternamente.

*Merl.* Se a pena he eterna, condemnada está a tua alma.

*Polid.* Declara-te já, não me dês o veneno com pausas: que quando aos seus impulsos se ha de perder a vida, na brevidade da morte se transforma o rigor em beneficio. Dize, que a tudo o que for allivio teu, acharás disposto o meu animo.

*Merl.* Es grande devoto das almas do inferno: não vês que já lhe não aproveitão os suffragios?

*Rosm.* Has de saber, que ElRei meu Pai com rigor inhumano me deu sómente dous dias de prazo, para dentro delles me resolver na eleição de esposo: bem sabes que sendo isto contra o nosso amor, he para mim occasião de maior sentimento.

*Merl.* Ah! esta padece por cazar: muitas companheiras tem.

*Polid.*

*Polid.* Pois, Senhora, agora não he tempo de ponderar o mal, senão de remediar o damno.

*Sabe El Rei por junto da arvore, e detraz della se põem junto á cadeira.*

*Rey.* Para aqui vi entrar a Roſimunda apreſſadamente, e como de tudo tira cuidado o meu receio, quero examinar a cauſa. Mas aqui Polidoro! Não foi em vão o meu receio. *á part.*

*Roſim.* Não he neceſſario, amado Polidoro, certificar eſte exceſſo da fineza com que te amo; pois as peſſoas como eu, em materias de amor, baſta confeſſallo para encarecello.

*Rey.* Que he o que eſcuto, pezares!

*Polid.* Pois ſuppoſta eſſa verdade, he preciſo dar a grande mal, grande remedio. Farás pelo meu amor huma fineza?

*Roſim.* A' tua diſpoſição eſtão os meus exceſſos.

*Merl.* Ella eſtá por tudo. Não he tão má alma como eu cuidava.

*Rey.* He certo o que vejo, penas!

*Polid.* Pois ſerás minha, a pezar de todo o mundo que te embarace!

*Roſim.* Palavra te dou de não admittir para conſorte meu outro, que não ſeja o Principe Polidoro, mais que niſto aventure a propria vida.

*Rey.* Darei credito aos olhos? darei fé aos ouvidos?

*Polid.* Pois meu bem, já que logro tanta ventura

tura na tua promeſſa, ſeja a tua nevada mão, não ſó fiança da tua palavra, mas principio ditoſo de minhas felicidades.

*Rey.* A cólera me ſuffoca; pagará com a vida a ſua altivoſia, e a minha offenſa.

*Quer mover-ſe, e não póde.*

Mas que he iſto! immovel eſtou! O ſuſto me embaraça o movimento.

*Merl.* Ora que lhe ha de fazer, ſe lha offereceſte de eſpoſa, que importa que agora lha dês de antemão? Iſto são máos perdidas, ſendo ventura que elle ganha por máo.

*Roſim.* Seria tão impoſſivel, que em mim houveſſe acção menos modeſta, como tornar-ſe em deſertos montes o ameno deſtricto deſtes pomares.

*Merl.* Pois não ſeja eſſa a duvida, que já eſtão na ſolidão dos montes.

*Mutação de montes, e cortendo-ſe a arvore fica ElRei patente.*

*Roſim.* Notavel prodigio!

*Rey.* Raro aſſombro!

*Eplid.* Já não pódes negar o favor que ſolicito.

*Roſim.* Admirada eſtou!

*Merl.* Ai meus peccados! Não te admires diſſo ſó; ſe queres admirar-te mais, olha para teu Pai ElRei.

*Rey.* Não tenho mais ſinal, que de vivo ſentimento que me irrita.

*Roſim.* Ai de mim! Sem alma eſtou!

*Cahe deſmaiada.*

*Polid.*

*Polid.* Desmaiada está Rosimunda! Merlim, que hei de fazer?

*Merl.* Não te affijas, que ElRei está immovel, e eu vou buscar agoa para o desmaio. *Vai-se.*

*Rey.* Já desta contínua luta me sinto tão prostrado, que faltão forças para sustentar-me em pé. Aqui tomarei algum descanço. *assenta-se.* Mas que nova effuscação de sentidos me opprime! Já vai sepultando-se a luz do dia em negras sombras, se não he que a horrivel parca me cerra os olhos em sempiterna noite. *adormece.*

*Canta Pelidoro a seguinte*

ARIA.

Ai de mim!
O rigor de meu destino
A tal ancia me condemna:
Se he verdade o que examino,
Basta o susto, basta a pena
Para ser da morte ensaio.
Ai meu bem, no teu desmaio
Meu alento ha de acabar!
Torna em ti
Doce prenda, não me efeuta
Bello encanto a triste sorte:
Já o rigor da dura morte
No meu peito se executa;
E acha a parca enfurecida,
Quando em ti me tira a vida,
Novo modo de matar. *Sabe*

*Sabe Merlim com huma quarta de agua, e torna em ſi Roſimunda.*

*Roſim.* Ai de mim!

*Polid.* Torna, meu bem, a dar vida a quem de ſentimento eſpira.

*Merl.* Ora com o favor de Deos não ha de ſer nada: aqui lhe trago huma bilha; mas ella não tem agoa, nem me parece que a teve nunca, porque eſtá ſeca como hum pão; mas já não ſerá neceſſario. Ainda bem.

*Roſim.* He poſſivel, que ElRei meu Pai, foi teſtemunha dos meus occultos ſegredos!

*Polid.* Ao ſomno parece que o vejo rendido.

*Merl.* Aſſentou-ſe na cadeira? pois bem pódem deitar-ſe a dormir, deſcancem que elle não acordará, ainda que lhe toquem tambores aos ouvidos.

*Polid.* Que havemos de fazer?

*Merl.* Eu darei remedio a tudo. Agora quero divertillos hum pouco, moſtrando-lhe o que vai pelo mundo. Queres, bella Roſimunda, ver a batalha que ſe eſtá dando entre o exercito Ungaro, e o de Polidoro teu eſpoſo? pois inclina a viſta.

*Mutação de campo de batalha, e dentro ſe ouve eſtrondo de armas.*

*Roſim.* Admiração, e horror me cauſa ao meſmo tempo eſta prodigioſa viſta.

*Polid* Eu eſtimarei, Senhora, ſer o vencido, porque ſejão voſſos todos os triunfos.

*Merl.*

*Merl.* Pois desta vez não será assim, porque já os teus Soldados acclamão victoria.

*Dentro.* Viva Polonia.

*Outros.* Rendidos somos.

*Rosim.* Venceste, Polidoro, mas não he novo achares em Ungria rendimentos.

*Merl.* Ora veião agora anticipadamente o luzido applauso, com que na Corte se ha de celebrar a victoria as primeiras noites das noticias.

*Mutação de Cidade, e as janellas cheias de luminarias.*

*Rosim.* Oh quam plausiveis me são os teus triunfos!

*Polid.* He porque todos são trofeos de tuas plantas.

*Merl.* Digão o que quizerem, elle sempre está huma galante perspectiva. Quem vir tantas luzes, não ha de dizer senão que são janellas com luminarias. Vem todos esse apparato luzido, pois proveito dos ratos.

*Polid.* Porque?

*Merl.* Porque das propinas destas luminarias, elles he que hão de lamber a torcida. Oh Senhores, tem vossas mercês visto? pois adeos luzes.

*Corre-se a mutação, e fica de pomar.*

*Polid.* Pois, Rosimunda, já que me prometteste obrar por mim quanto eu dispozesse, tenho determinado levar-te para Polonia roubada

bada, já que eu comtigo não posso ficar em Ungria; para o que tenho disposto, que huma pequena fragata ao cahir das sombras nos venha a este sitio esperar, para conduzir-nos a huma forte náo, que no mar nos espera. Que respondes, meu bem?

*Rosim.* A tudo se offerece quem a amar se sujeita. Goze eu da tua companhia, ainda que seja á custa dos maiores perigos.

*Polid.* Pois, Senhora, com o seguro de tanta felicidade começa a alentar o meu coração. Vamos; que de tarde eu te avisarei por Merlim.

*Rosim.* Ai amor, a quanto obrigas! *Vão-se.*

*Merl.* Já lá havião de estar, que tenho aqui que fazer. Ora vamos acordar ElRei, fazendo pedra de toque deste annel. Agora por aqui me sirvo. *Vai-se.*

*Rey.* Que pezado he este somno! Que sonho tão tervival!

*Canta ElRei a seguinte*

ARIA.

Triste suspiro,
Louco delirio,
Sem ter socego
Neste pezar.
Ai filha ingrata
Aonde estás?
Sinto, padeço,
Louco, endoudeço.

De-

Deſeſperado
Com tanto mal.

*Rey.* Olá, Floriandro, Roſimunda, Criados.

*Sahem Floriandro, Roſimunda, Celeſtina, e Bigorrilhas.*

*Flor.* Senhor, de que dás vozes?
*Roſim.* Que he, Senhor, o que te affligе?
*Celeſt.* Que he iſto?
*Bigor.* ElRei devia ver alguma couſa má.
*Rey.* Floriandro, não viſte mudar-ſe o agreſte dos montes para eſte ſitio, trocando a agradavel verdura deſtas ramas em toſcas aſperezas dos ſeus penhaſcos?
*Flor.* Não te entendo; mitiga, Senhor, o ſentimento.
*Rey.* Não viſte que em offenſa da minha Real peſſoa, em parte mais ſenſivel que a meſma vida, executou os golpes ſua aleivoſia, o meu maior inimigo.
*Roſim.* Que dizes, Senhor? Mitiga hum pouco a paixão.
*Celeſt.* Elle eſtá louco.
*Bigor.* Queira Deos não andaſſe por aqui Merlim.
*Rey.* Ai de mim! hide-vos todos, hide-vos da minha preſença.
*Flor.* Já, Senhor, te deixamos. *Vão-ſe.*
*Rey.* Eſpera tu, Floriandro,
*Flor.* Que he, Senhor; o que me mandas?
*Rey.* Floriandro amigo, eu eſtou mortal. Metido

do eſtive até agora em hum profundo lethargo: eu vi que eſtas arvores ſe transformárão em montes: eu vi, ai infeliz! que o Principe de Polonia eſtava com minha filha Roſimunda, e que em minha offenſa lhe dava ella a mão de eſpoſa, e em meio de tantos pezares me vi ſem forças para caſtigar a injuria, e ſem alento para ſuſtentar a vida.

*Flor.* Notavel força de melancolia! Senhor, eu me perſuado a que foi ſonho, e não realidade quanto me referes; porque tão difficil he mudar-ſe os montes, como faltar na Princeza os pundonores de filha tua. Socega, Senhor, a vaga imaginação, e diſcorre com melhor acordo.

*Rey.* Já concedo, que ſeria ſonhada a cauſa do meu ſentimento; mas porque eſte ſonho não ſeja prognoſtico da minha deſgraça, eu quero pôr todo o cuidado em evitar a cauſa de tantos ſobreſaltos; e aſſim, Florſandro, eſta tarde quero que diſponhas hum caçada, aonde vá toda a familia de Palacio, e nella determino tirar a vida a Polidoro, aſtribuindo a erro de algum monteiro a ſua infelicidade. Iſto ha de ſer, de ti me fio, e logo quero que executes as minhas ordens.

*Flor.* Senhor, a tua vontade he lei da minha obediencia.

*Rey.* Vamos pois. Ai Roſimunda, quantos deſvelos me cauſas!

*Flor.* Ai Policena, quanto a tua pena me aflige! *Vão ſe.*

SCE-

## SCENA IV.

*Sala. Sahem Policena, e Merlim.*

*Merl.* QUeres, Policena, que te torne a dizer o recado para que te não esqueça? Ora lá vai.

*Polic.* Não, Merlim, não te canses, que já estou muito bem advertida.

*Merl.* Saiba que na descida dos Aciprestres, junto á fonte que tem cara de Leão de pedra, has de esperar alli á boca da noite; mas não lhe metas o dedo, que te póde morder, ahi te hiremos buscar, não para pôr pés em polvorosa, que em te metendo no mar, não has de ver palmo de terra, mas para metter pé em barco com Polidoro.

*Polic.* Em fim tornaste a dizer tudo; és teimoso.

*Merl.* Tenho dado o meu recado: adeos até á tarde. *Vai se.*

*Polic.* Ainda não creio a minha ventura. He possivel que me hei de tornar a ver em Polonia, e que hei de hir na doce companhia de Polidoro! Oh se quizesse amor, que eu tivesse abrigo em seu peito, para ser completa a minha felicidade!

*Sahe Bigorrilhas.*

*Bigor.* ElRei me chama; grande mercê! Eu estou que não caibo na pelle, e isto deve ser porque trago a ElRei na barriga.

*Polic.*

*Polic.* Mui divertido vás.

*Bigor.* Eu já não fallo a todos.

*Polic.* Porque? estás com alguns augmentos?

*Bigor.* Sim, Senhora, não vês como estou gordo.

*Polic.* Da mesma sorte te vejo.

*Bigor.* He que me não vês com bons olhos: senão estou gordo, estou inchado.

*Polic.* Inchado, com que?

*Bigor.* Com o favor de ElRei.

*Polic.* Es agora valido?

*Bigor.* Antes elle he que se quer valer de mim, pois me chama: eu supponho que isto resultou destes novos namorados.

*Polic.* De quem?

*Bigor.* He cá hum certo rum rum, que anda em Palacio.

*Polic.* Dize-me o que he isso.

*Bigor.* Ora essa he boa, pois eu havia ser tal, que disfesse huma cousa de tanto segredo? eu havia declarar-te que Polidoro namora a Rosimunda? Boa graça! apello eu por mim!

*Polic.* Que escuto, adversos fados! Ainda me faltava este tormento que sentir. E dize, como se sabe isso?

*Bigor.* Ai Senhora, a muito má porta vens bater: da minha boca havia saber-se cousa que defamasse ninguem? isso não; outro fora eu que disera que ElRei se esbravejou muito, e que disse que vira a Polidoro com a Princeza fallando de amores; que havia fazer, e acontecer, mas eu... Deixa-me lixe. Senhora, fica-te embora, e de mim não esperes saber nada. *Vai-se.*

*Polic.*

*Polic.* Ai de mim! Se haverá mais penas a que me condemne a minha infausta sorte? Polidoro desprezando os meus affectos, me obrigou a sentir ingratidões: o fado desterrando-me de Polonia me condemnou a chorar ausencias, e agora amor apurando os seus rigores me mata com ciumes. Se haverá quem nascesse com menos ventura? Porém se Polidoro me determina levar de Ungria, e elle se ausenta para Polonia, como póde ser certo o que sinto? Piedosos Ceos, dai algum allivio a meus pezares.

*Sahe Floriandro.*

*Flor.* Galharda Policena, ainda que o teu rigor faz em mim inutil o merito, hão de competir com as tuas tyrannias as minhas finezas, e receebe por huma das maiores o aviso de que ha quem determina dar morte a teu irmão Polidoro: supposto que esta declaração ponha em grande risco a minha pessoa, quero antes perder por ti a vida, que ver derramado o teu sangue: avisa-o pois que logo se ausente.

*Polic.* Deitou a fortuna o resto, este he o maior de todos os pezares. *á part.* Sem duvida he certo o que se me disse. Ah ingrato, tyranno, que te expões a morrer, só por tirar-me com a pena a vida.

*Flor.* Faze o que te digo com todo o segredo, e fica-te embora, que mais me não posso dilatar. Esta tarde serás roubada na mon-

tanha, que já para isso não consegue o rogo. *á part. e vai-se.*

*Polic.* Vou avisar a Polidoro, e será o conservar-lhe a vida fazer maior a sua ingratidão. Oh quanto te devo, Floriandro! Se forem certos os meus aggravos, protesto corresponder ás tuas finezas.

*Mutação de bosque. Sahem ElRei, e Bigorrilhas.*

*Rey.* Vê o que te encarrego, tem cuidado, e tem segredo.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Não percas de vista os Soldados.

*Bigor.* Não Senhor.

*Rey.* Se se executar a morte da pessoa que eu disser, vai tu publicando, que por erro matárão os monteiros a Polidoro, hindo a atirar a huma féra.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* E vê que em isto se executando, senão deixe passar ninguem para fóra da montanha.

*Bigor.* Não Senhor.

*Rey.* Disto darás logo aviso aos Soldados.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Nada te esqueça.

*Bigor.* Não Senhor.

*Rey.* Vai agora ver se sahio já a familia de Palacio para a caçada.

*Bigor.* Sim Senhor. *Faz que se vai.*

*Rey.* Mas espera.

*Bigor.* Não Senhor.

*Rey.*

*Rey.* Que dizes?
*Bigor.* Sim Senhor.
*Rey.* Homem eſtás fóra de ti?
*Bigor.* Não Senhor
*Rey.* Faze o que primeiro te ordenei. *Vai-ſe.*
*Bigor.* Sim Senhor. Ora Senhores, tenha hum homem juizo, ainda que ſeja hum aſno. El-Rei havia dizer que eu ſou homem de poucas palavras; pois ſó duas lhe diſſe em todo o tempo que lhe fallei.

*Sahem dous Soldados.*

*Sold.* 1. São horas de hirmos ao ſitio que ſe nos ordena.
*Sold.* 2. A' ſua ordem vimos.
*Bigor.* Não he nada, eſtou feito official de ordens, ainda que melhor fora de matrimonios: já me luzio o valimento. Vamos, Senhores Soldados.
*Sold.* Vamos. *Vão-ſe.*

*Sahem Polidoro, e Merlim,*

*Polid.* Se me favorece a fortuna, como o pede o meu atrevimento, hoje terá principio a minha felicidade.
*Merl.* Grande mal nos eſpera.
*Polid.* Que dizes?
*Merl.* Não he quaſi nada, não te aſſuſtes, que não he mais que eſtarmos ambos condemnados á morte: eſta montaria não he mais que para nos caçarem.
*Polid.* Há mais adverſa fortuna!

*Merl.* Vindo agora em buſca de ti encontrei toda a comitiva de Palacio, que acompanhava a Princeza, e paſſando por junto a mim Policena, me diſſe com grande diſſimulação, que eſta tarde eſtava determinado o tirar-te a vida, que logo te retiraſſes para a náo, e que eu a conduzitia a ſeu tempo. Pois que te parece?

*Polid.* He a maior infelicidade que a ſorte me tinha guardado. Ai de mim!

*Merl.* Ora ei-lo vai, não comeces a fazer choradeiras, tu bem pódes hir para a tua terra.

*Polid.* Antes quero perder a vida, que perder a Roſimunda, que he a alma que me anima.

*Merl.* Pois eu antes queria hir para Polonia deſalmado, que ficar eſtripado em Ungria.

*Polid.* Ai amada Roſimunda!

*Merl.* Coitadinho! Ora não chores, que a tudo te hei de dar remedio.

*Polid.* Oh Merlim, quanto me tens obrigado! já he pouca a vida para pagar-te, pois tantas vezes ta devo.

*Merl.* Ora deixa-te de comprimentos, que não eſtamos agora para iſſo, toma ſentido: para tu paſſares pelas guardas tens o meu annel que te fará inviſivel, e eu, porque ſerá lá preciſa a minha aſſiſtencia, hirei diſſimulado com a fórma de rapaz pequeno, que ninguem me impedirá a paſſagem.

*Polid.* Dáme os braços, Merlim, por tão bem diſpoſta traça.

*Merl.* Irra! guarde para lá: com que eu ſou o que lhe faço os beneficios, e eu ſou o que

lhe

lhe hei de dar de mais a mais os braços; dou-te hum pé para escapares dos perigos, e tu queres ser como o villão, que lhe dão o pé, e toma a mão. Mas espera que alli vem ElRei escondido atraz daquellas matas, espera que não quero que me veja comtigo. *Vai-se.*

*Sahe ElRei, e hum Soldado.*

*Rey.* Aqui vai Polidoro, ediantar-me-hei a dar aviso aos Soldados; e tu torna para traz, e em vendo que este Estrangeiro terá passado pelos guardas, que estão junto ao poço, vai dar-me aviso do que succeder.

*Vai ElRei para outra parte, e o Soldado vai para onde veio.*

*Polid.* Agora que ElRei passou, hirei buscar a Merlim, que escondido me espera. *Vai-se.*

*Apparece o fundo de montes, e junto ao escotilhão hum bocal de poço, e sahe Bigorrilhas, e os Soldados com espingardas, e põem-se Bigorrilhas da parte esquerda, e os Soldados da direita.*

*Bigor.* Ora Senhores Soldados, ponhão-se á terra, que se cação o tal coelho, esta vez pelos nossos serviços ficaremos com o habito; mas será de algum vicio.

*Sold.* 1. Em mim não haverá descuido.

*Sold.* 2. Eu de tudo estou advertido.

*Sabe ElRei por junto de Bigorrilhas.*

*Rey.* Em ſe executando o que ordenei, vai logo publicar o que te diſſe.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Ao primeiro homem, que depois de mim paſſar, atirareis, e depois o precipitareis na profundidade deſte poço.

*para os Soldados, e vai-ſe*

*Sold.* Tudo ſe executará como ordenas.

*Sahem Polidoro, e Merlim de rapaz.*

*Merl.* Vás aqui, Senhor.

*Polid.* Aqui vou.

*Merl.* Pois vai afouto, que ſendo hum tão grande Principe, me pareces hum ninguem.

*Paſſa Polidoro por Bigorrilhas, e pelos Soldados, e ſe vai.*

*Merl* Ora vamos debicar hum pouco com Bigorrilhas.

*Bigor.* Oh pequeno, aonde vás?

*Merl.* Eu?

*Bigor.* Pois quem? tu.

*Merl.* Vou, vou... eu bem ſei para onde vou.

*Bigor.* Guarda-te para lá.

*Merl.* Apoſtemos nós; que não ſabe v. m. para onde eu vou?

*Bigor.* Pois dize para onde.

*Merl.* Eu vou aquillo.... vou a.... como ſe chama? Oh, já ſei; vou ver caçar.

*Sold.* 1. Olhem a curioſidade do rapaz.

*Sold.* 2. Eſte não póde ſer o que ElRei nos diſſe.

*Sold.* 1.

*Sold.* 1. Porque? elle he Herodes, que mande matar innocentes.

*Bigor.* Rapaz, vai-te embora para tua caſa, não queiras levar alguma dentada de algum porco montez.

*Merl.* Ora v. m. ha de me deixar hir; que ha de fazer?

*Bigor.* Guarte lá; que diabo he iſto?

*Merl.* V. m. tem a fralda fóra, ſurriada, ſurriada. á, á, á, á. *ri-ſe.*

*Bigor.* Vem voſſés o rapaz dando-me vaias.

*Sold.* 1. O maroto he deſcambado.

*Merl.* Ora deixe me paſſar, que eu lhe cantarei huma cantiga bem bonita.

*Bigor.* Canta lá.

*Merl.* Ai ſam farram ſam ſam. *ri ſe.*

*Sold.* O rapaz parece que nos logra.

*Bigor.* Tu andas na eſcóla?

*Merl.* Sim Senhor.

*Bigor.* E que dás?

*Merl.* Eu dou beliſcões nos rapazes.

*Bigor.* Soletra lá alguma couſa.

*Merl.* S. P. qto. cartaxo, f. x. me le o máo de gral.

*Bigor.* Ora o rapaz he ſolemne! *ri ſe.*

*Merl.* Quer v. m. que eu lhe cuſpa na cara?

*Bigor.* Não, não, eſtá quieto: que mais ſabes fazer?

*Merl.* Eu ſei fazer, e mais ſei muitos jogos, e pois? Eu ſei fazer o ſom da caixa, ſei a roda dos altos couces, ſei a corneta lá vai Luzina, ſei o páo manda, o páo fica, e...

*Bigor.*

*Bigor.* Baſta, baſta, rapaz, de não ſei que diga.

*Merl.* Sei dizer ſeſta bareſta; ſei dizer ferrolho, ferrolho, o diabo te quebre hum olho; taramella, taramella, o diabo te quebre huma perna.

*Bigor.* Baſta, homem, baſta.

*Merl.* Sei fazer pocinhas de mijo na praia, ſei fazer caca por mim, e mais por v. m. e ſei fazer aſſim.

*Sold.* 1. Oh ſim, he bonito!

*Merl.* Ora deixe-me paſſar, que eu lhe contarei huma hiſtoria.

*Bigor.* Ora dize lá.

*Merl.* Era huma vez hum corujo de penedo, que tinha ſeis cornos tamanhos, e hum rabo tão comprido; com que, Senhor, foi elle, hia paſſando por huma rua, ouvio chorar hum menino, vai elle que faz? ſubio pela eſcada acima para pegar no menino, vai o menino, vai elle, e antance o corujo, vai, e toma o corujo, e o menino: e não ſei mais. Ora deixe-me paſſar.

*Bigor.* Ora vai-te já com não ſei que diga.

*Merl.* E v. m. deixa-me paſſar?

*Sold.* Paſſa, avia.

*Merl.* Surriada, que os logrei. *Vai-ſe.*

*Bigor.* Ver o deſaforo do rapaz!

*Sabe hum Soldado.*

*Sold.* Supponho que já terá paſſado o ſujeito, que ElRei diſſe. Senhores Soldados.

*Vai aos Soldados.*

*Sold.* 1. Este he sem duvida o que esperamos.
*Sold.* 2. Pois morra. *Atirão-lhe, e cahe no chão.*
*Sold.* Morto sou. Ai de mim, triste!
*Sold.* 1. No poço o precipitemos.
*Bigor.* Ai que medo! os cabellos se me arrepião! Que tivessem valor dous bonecros para matar hum homem! eu me vou depressa deste sitio. *Vai gritando.* Matárão ao Estrangeiro Polidoro huns monteiros, que hindo matar hum porco, matárão ao moço mais asseado que havia. *Vão-se.*

*Corre-se a corrediça do poço, e sahe Celestina.*

*Celest.* Que diacho he isto, que anda neste bosque! Não ouço mais que vozes desconcertadas, tiros horrorosos, e todos em ranchos cochichando huns com outros, Policena assustada, Rosmunda pensativa, ElRei jogando os segredos, eu arrenegada entre tanta confuzão!

*Sahe Rosmunda.*

*Rosm.* Ouvi dizer que he morto Polidoro: se isto he certo, que espera a dura parca, que não executa o mesmo rigor!
*Celest.* Peior he esta!

*Canta Rosmunda a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Oh parca mais cruel, em não matar-me,
Que na gloria que chegas a usurpa-me
Acaba já comigo

Que

Que de huma eterna auſencia na dor ſorre
A vida he maior mal que a meſma morte.

ARIA.

Mas pois na mortal pena
Sinto as ancias com que aſpiro,
Parte eſta alma em hum ſuſpiro
A buſcar o amado bem.

*Sabe Polidoro, e canta a meia Aria.*

*Roſim.* Eu falleço.
*Polid.* Ai doce gloria
Não me mates.
*Roſim.* Que he o que vejo!
He illuzão do meu deſejo?
*Polid.* Não meu bem, he realidade
*Amb.* Ha maior felicidade!
A lograr eſta ventura
Não eſtá a vida mais ſegura,
Pois mata o goſto tambem.

*Polid.* Segue-me amade Roſimunda. *Vai-ſe.*
*Roſim.* Vem Celeſtina. *Vai-ſe.*
*Celeſt.* Já te ſigo. Queira Deos que pare em bem eſte enredo. *Vai-ſe.*

*Sabe Policena.*

*Polic.* Aqui me mandou eſperar Polidoro, verei ſe Merlim me vem conduzir aonde diſſe, e ſe eſtará já em ſeguro a vida deſte ingrato, que ainda que offende a minha, e deſeja defender a ſua.....

*Sahem*

*Sahem dous Soldados, e a tomão no meio, e detraz birá Floriandro.*

*Sold.* A buſcar-vos vimos com ordem de quem póde mandar-vos: vinde voluntariamente, não ſeja preciſo que com a violencia ſe profane o decoro.

*Polic.* Para que he levar por força, a quem vos ſégue por vontade? Eſta he ſem duvida a traça de Merlim, e a ordem de Polidoro. *á p.*

*Levão-na no meio, e detraz vai Floriandro.*

*Flor.* Admirado me tem a pouca repugnancia, com que ſe houve Policena: bem me ſuccede nos meus amoroſos empenhos. *Vai-ſe.*

*Sahem, Polidoro, Roſimunda, Celeſtina, e Merlim.*

*Polid.* Merlim, como havemos vencer eſta grande difficuldade? Tomadas eſtão todas as ſahidas do boſque. Como nos havemos de eſcapar deſte perigo? Não fellas? não reparas? não reſpondes?

*Roſim.* Merlim, já que nos metteſte no empenho, não nos deixes padecer ſem remedio. Eſtás mudo?

*Celeſt.* Merlim, meu menino, tira-nos deſta ratoeira, mais que ſeja com a mão do gato. Eſtás ſurdo? não me ouves?

*Merl.* Eu ſei cá diſſo? Deixem-me aqui: eu cá pari-os? agora me eſtão debaixo da mão, todos me rogão, tudo são conſumiçõs, daqui

daqui á manhã hão de me dar dous couces na boca do eſtomago.

*Polid.* Que reſolves?

*Roſim.* Que determinas?

*Celeſt.* Que intentas?

*Todos 3.* Merlim.

*Merl.* Outra vez, Merlim, o diabo da gente hão de me furrar o nome, e eu hei de ficar ſem elle. Ora não ſe deſconſolem, que tudo tem remedio.

*Celeſt.* Boas novas te dê Deos.

*Merl.* Já o boſque ſe vai cobrindo de huma tão cerrada nevoa, que todos hão de andar ás apalpadellas; e para que aqui não eſtejão dous Principes deſaccomodados, já minhas artes fabricão hum delicioſo jardim, aonde nos recebão dous Satyros amigos, que habitão neſtas ſalvas.

*Mutação de Jardim de caniços, e dous Satyros.*

*Roſim.* Que formoſa eſtancia!

*Polid.* Bello emprego do meu cuidado, á medida do meu deſejo ſe diſpõem tudo o que he agradavel.

*Celeſt.* A habitação he boa, mas os hoſpedes são horrendos.

*Merl.* Ora Senhores Pés de Cabra da Fonſeca, cantem voſſas mercês alguma couſa triſte, que nos alegre.

Canção

*Cantão os Satyros.*

Reſôe em doce clamor. amor.
Que levando em tudo a palma alma.
Infunde aos troncos que eleva leva.
A gloria mais ſuperior:
E no encanto apetecido,
Sendo paſmo do ſentido,
Doce leva á alma amor.

*Diz dentro ElRei.*

*Rey* Entre o grande horror de que ſe cobre a ſelva, ſerve de norte ao ouvido a harmonioſa voz, que a eſta parte ſe eſcuta.

*Roſim.* Eſte he ElRei, que aqui ſe encaminha.

*Polic.* A eſta parte ſe percebe claridade; e pois fluctuamos em golfos de ſombras, tomemos porto aonde ſe nos offereça luzes. *Dentro.*

*Polid.* Eſta he Policena, que ſe nos aviſinha.

*Merl.* Pois he juſto que a recebamos em caſa, e não em o jardim.

*Mutação de Sala de eſtatuas.*

*Polid.* Que admiração!

*Roſim.* Que pordigio!

*Merl.* Agora Polidoro ſe eſconda, que eu quero tornar a ſer criança.

*Celeſt.* Outra vez?

*Merl.* Não vês que duas vezes ſomos meninos.

*Retira-se Polidoro, e Merlim para sahir de menino, e sahe por huma parte ElRei, e Bigorrilhas, e por outra Policena, e Floriandro.*

*Rey.* He sonho, ou verdade o que admiro?
*Bigor.* Eu estou tolo!
*Flor.* He engano da vista o que contemplo?
*Polic.* Que nova admiração he esta? Mas que vejo! Floriandro he o meu condutor? Engano foi da sombra. Ai de mim!
*Rey.* Filha Rosimunda, que prodigio he este?
*Rosim.* Eu, Senhor, na mesma duvida estou.
*Rey.* Aqui anda impulso sobrenatural. Policena, muito sinto dar-vos a noticia de que vosso irmão he morto, e que hum monteiro o matára por engano, indo a atirar a huma féra; e visto este engano, e ficar impossivel o remedio, quando queirais assistir neste Reino, sereis tratada com grande estimação no meu Palacio; e quando não, me obrigo a mandar-vos conduzir com maior decencia á vossa Patria.
*Polic.* Ai infeliz, que nasci para representar na minha vida huma continuada tragedia! Pois, Soberano Monarca, já que a fortuna com o maior infortunio quiz apurar a minha desgraça, agora com a maior dita, quero dar principio á minha ventura: e assim com tua licença darei a mão de esposa a Floriandro, de tantas finezas como lhe devo.
*Flor.* Toda a ventura será minha, se amor...
*Rey.* Floriandro, repara que o meu sangue enche

de

de eſpirito o teu peito, e ſe desluſtra na deſigualdade.

*Roſim.* Grande amor!

*Polic.* Não julgues, Senhor, que com eſte conſorcio fica desluſtrada a tua Soberania; e aſſim ſabe, que o meu naſcimento he Real: ſobrinha ſou de Iſar de Moſcovia, que com huma irmãa ſua vim ao Reino de Polonia, aonde vivendo no Palacio d'ElRei ſeu eſpoſo, amei ao Principe Polidoro, ao qual hoje em Ungria deráo morte os teus vaſſallos, fazendo mais ſenſivel o meu pezar, ſer eu a cauſa da ſua deſgraça; pois vindo em buſca minha, achou a morte neſte Reino.

*Rey.* Notavel deſgraça!

*Flor.* Infeliz tragedia!

*Meri.* Deixallos lamentar, que elle logo ha de reſuſcitar. *á part.*

*Rey.* Grande laſtima me couſa a morte do Principe.

*Bigor.* Eu eſtou arrebentando por dizer, que não era elle o que matárão.

*Rey.* Se imprudente fui na minha reſolução; mas pois ao effeito não ha remedio, daqui não hei de hir, Roſimunda, ſem que tu elejas eſpoſo, para logo reſponder aos Embaixadores dos Principes, que te procurão; e ſuppoſto que o de Polonia já he falecido, os demais deixo á tua reſolução.

*Roſim.* Boa occaſião. Pois Pai, e Senhor, ſuppoſto que o Principe de Polonia he morto...

*Meri.* Toda a ſuppoſição he falſa.

*Roſim.*

*Roſim.* Poſſo eleger o que quizer ?
*Rey.* Já eſtá empenhada a minha Real palavra.
*Roſim.* Pois fiada neſſe ſeguro elejo eſte.
*Vai buſcar a Polidoro.*
*Merl.* A rapariga tem juízo.
*Rey.* Logo elle não he morto : que pena !
*Flor.* Que alegria me cauſa eſte ſucceſſo !
*Polic.* Que novo extremo de goſto , e pezares !

*Sahem Polidoro , e Roſimunda.*

*Polid.* Eſta he , Senhora , a minha mão , e eſta , Senhor , a minha garganta : ſe te offende a minha ouſadia , tira-me a vida que alento ; pois já me não pódes tirarar a gloria que conſigo. *ajoelha.*
*Roſim.* Senhor.
*Rey.* Levantai-vos a meus braços , que já trocado o rancor em agrado , elles meſmos duplicaráõ os laços com que vos unio o amor.
*Flor.* Mereça eu , Policena , a tua divina mão por premio de minhas finezas.
*Polic.* Com ella recebe huma alma , que já ſe empenha a adorar-te.
*Celeſt.* Todos cazão , ſó eu não ſei qual he o meu ?
*Bigor.* Eu eſtou para hir pedir a ElRei a Celeſtina , mas tenho tamanha vergonha , como hoje , e á manhã.
*Celeſt.* Eu não tenho com quem cazar. Oh menino , quereis vós cazar comigo ?
*Merl.* Ai v. m. eſtá feita a carouxinha , *dizendo* quem

quem quer cazer com a carouxinha, que he bonita, e formoſinha.

*Celeſt.* Pois queres?

*Merl.* Eu não ſei cazar; mas ſe v. m. me enſinar, aqui eſtou.

*Bigor.* Ha, maior deſamparo! Iſſo he huma criança: ſe queres cazar, aqui eſtou eu, dá cá eſſa mão.

*Eſconde-ſe o rapaz, e ſahe Merlim.*

*Merl.* Tenha mão para lá, que cá eſtou eu primeiro.

*Bigor.* Eu te arrenego, já eu eſtava admirado de tu aqui não fazeres das tuas.

*Merl.* Rei invicto, Soberano Monarca, com razão vos admirão as couſas ſobrenaturaes, que no voſſo Palacio, e neſtes boſques tem ſuccedido, e agora ſe eſtá vendo; e aſſim declaro, que eu tenho ſido o author de todas, uſando da magica branca, que Pedro de Bayalarde me enſinou em Pariz; porém ſe diſſo te dás por offendido, ſuppoſto nunca foi eſſe o meu intento, todos por mim já intercedem.

*Todos.* Senhor.....

*Rey.* Baſta, perdoado eſtás.

*Merl.* Pois na fé deſte ſeguro, repitão-ſe alegres vozes, e todos conformes digamos.

*Canião, e representão.*

Nobre auditorio, se o affecto allentar
Nestes obsequios, que sabe fazer,
O vosso agrado chegue a merecer,
Pois nunca erra quem quer agradar.

FIM.

---

# INDICE

## DAS OPERAS, QUE CONTÉM este quarto Tomo.

*Filinto Perseguido, e Exaltado*, pag. 3.
*Os Encantos de Circe*, pag. 100.
*Semiramis em Babylonia*, pag. 159.
*Os Encantos de Merlim*, pag. 224.

# CATALOGO

*De alguns Livros que se vendem na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, ao Bairro Alto, na rua da Atalaia.*

---

*Operas Portuguezas*, que se representárão nos Theatros públicos do Bairro Alto e Mouraria. 4 vol. em 8.º

*Hiſtoria do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França*, 3 Partes em 1 vol. de 8.

*Adão Remido por Jeſu Chriſto*, Poema Evangelico, em 8. 1 vol.

*A Conversão miraculoſa da Felice Egypcia penitente Santa Maria*, ſua Vida e Morte compoſta em Redondilhas por Leonel da Coſta, 1. vol. em 12.

*Exercicio Devoto* para pedir o Amor de Deos, e outras Virtudes, pelo Veneravel Padre Fr. Luiz de Granada, 1 vol. em 12.

*Luz e Methodo facil para todos os que quizerem praticar o importante exercicio da Oração Mental.* Pelo P. Fr. Manoel de Deos Miſſionario do Varatojo, 1 vol. em 24.

*Taboada Geral*, ou Noções preliminares da Arithmetica de novo recopilada pelo methodo Socratico, ou Dialogiſtico, para inſtrucção da Mocidade Portugueza, com o accreſcentamento do valor, e ſubdivisão de todas as moeda-

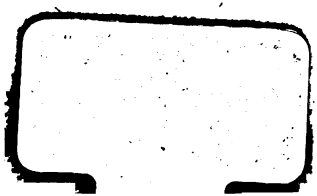
de cambio das principaes Praças da Europa, declarando-se a real correspondencia que as mesmas moedas tem com o curzado velho de Portugal, 1 folheto em 8.

*Elementos da Arithmetica*, ou Regras da Numeração, e das quatro operações fundamentaes da Arithmetica, para uso das primeiras Escólas, 1 folheto em 8.

*Orações para assistir ao Santo Sacrificio da Missa*, conforme o Missal Romano, e para antes e depois da Confissão e Communhão; e accrescentado novamente com a *Magnificat* de N. Senhora em Portuguez, 1 vol. em 16.

*Taboada Exacta* em folha para uso de Meninos, principiantes das Escólas.

*Cartilha da Doutrina Christã*, ordenada á maneira de Dialogo para instrucção dos Meninos 1 vol. em 16.

*Breve Compendio da Doutrina Christã*, por methodo claro, e accommodado aos meninos que aprendem. No fim se ensina o modo de ajudar á Missa, conforme o uso Romano, do Carmo, e de S. Domingos.

*Manual Devoto* para assistir á Missa, accrescentado com varias Orações offerecido a todo o Fiel Christão, para se encomendar cada hum a Deos N. Senhor. Ultima Impressão mais accrescentada, e com estampas.